

**CARLOS GUILLERMO ROJAS NIÑO**

**CRIATIVIDADE DO HOMEM COMUM: ESTÉTICA,  
EDUCAÇÃO, COTIDIANO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
UNICAMP  
CAMPINAS, 1997**

9208925



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	R638c
V. Es.	
INDIC. BC/	31144
PROG.	281/97
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	24/07/97
N.º CPD	

CM-00099296-6

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

R638c Rojas Niño, Carlos Guillermo  
Criatividade do Homem comum: estética, educação,  
cotidiano / Carlos Guillermo Rojas Niño. - Campinas, SP :  
[ s. n.], 1997.

Orientador: Silvio Ancízar Sánchez Gamboa.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Faculdade de Educação.

1. Criatividade 2. Democracia 3. Educação. 4. Es-  
tética. I. Sanchez, Gamboa, Silvio. II Universidade  
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III Título.

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção de título de DOUTOR em EDUCAÇÃO na Área de Concentração: **Filosofia da Educação** à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do professor Silvio Sánchez Gamboa.

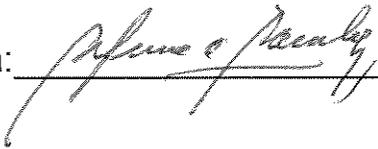
Este exemplar corresponde à redação

final de Tese defendida por:

25.02.97

e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 25.02.97

Assinatura: 

Comissão Julgadora:

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

## INDICE

INTRODUÇÃO	1
Capítulo I A BUSCA DAS CATEGORIAS DA CRIATIVIDADE DO COMUM	5
I. 1 Divindade e Cultura	10
I. 2 O homem como criador	12
I. 3 Cultura popular	18
I. 4 Ética e domínio	23
I. 5 O projeto	26
I. 6 Ideologia e luta cultural	30
I. 7 Níveis da criatividade	36
I. 8 Política e cotidianidade	41
I. 9 Sociedade civil e globalização	48
I. 10 Consciência política popular	56
I. 11 A construção social do símbolo	59
I. 12 O global popular e a cultura popular	64
Capítulo II A CRIATIVIDADE E A HISTÓRIA	75
II.1 O ser e suas possibilidades de mediação	86
II.2 A razão de ser do ser humano	90
II.3 Níveis de certeza de uma razão objetiva	95
II.4 O poder é a palavra	100
II.5 Modernismo e Cotidianidade	109
II.6 O lugar da criatividade comum na pós-indústria	116
Capítulo III DESCONSTRUÇÃO DA DUALIDADE SUJEITO - OBJETO	130
III. 1 Critica do relacionamento com a razão	138
III. 2 A criatividade como objeto da ciência	141
III. 3 Bases éticas da criatividade	145

III. 4 Psicologia, educação e criatividade	149
III. 5 História, objetividade e poder	155
III. 6 O mito da objetividade	162

#### Capítulo IV UMA POSSÍVEL METODOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO CRIATIVO

IV. 1 Consciência para si e imaginação	171
IV. 2 Os caminhos para a mudança	174
IV. 3 Princípios metodológicos	179
IV. 4 O espírito lúdico	183
IV. 5 Os fracionamentos históricos	187
IV. 6 Aceleração e ritmo humano	195
IV. 7 Latinoamerica	198
IV. 8 O primeiro objetivo	202
IV. 9 Descentração Husserliana	208
IV.10 Permissividade e liberdade	212
IV.11 Política, cotidianidade e cultura	217
IV.12 Imaginação e consciência para si	223
IV.13 A luta pela simbolização	230

#### Capítulo V CRIATIVIDADE COMUM E DEMOCRACIA

V. 1 Representatividade e futuro	252
V. 2 Ciber-espço e democracia	255
V. 3 Lutas populares e ideologia	258
V. 4 Democracia real e utopia	261
V. 5 Representatividade e democracia	265
V. 6 Pós-capitalismo	269
V. 7 Mudança estrutural da sociedade	274
V. 8 Opinião e cultura	277
V. 9 Novas formas do político	280
V. 10 Globalização, criatividade e democracia real	285

#### CONCLUSÕES

285



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende chamar a atenção dos estudiosos das ciências humanas para a criatividade do homem comum, sendo esta uma área do comportamento humano pouco atendida e que hoje, por razões históricas, passa a ser de importância vital.

A criatividade do homem comum tem sido ignorada e quando reconhecida é tida de maneira pejorativa, o que reflete, a carga de preconceitos não superados com que a sociedade a concebe.

De outra parte a criatividade em geral pela sua natureza subversiva tem sido colocada no lugar social da marginalidade, permitindo a sociedade em momentos estratégicos de seu devir, que esta se manifeste dentro do marco rígido das necessidades histórico-sociais conjunturais e fazendo que somente a partir desses parâmetros a criatividade mesma, mostre o rumo, o sentido pelo qual a sociedade e o projeto social deverão ser corrigidos.

A Filosofia tem passado por alto a importância da criatividade; somente na descontração dos diferentes discursos e entre linhas, é que podemos encontrar certos espaços nos quais ver como a criatividade tem sido colocada e dentro de que tipo de relações tende a aparecer uma concepção específica sobre a criatividade, a Psicologia é a que mais tem trabalhado sobre a criatividade, mas de uma maneira empírica, desenvolvendo testes para a localização de um tipo de criatividade genial ubicável nas personalidades criativas e a partir de princípios como o da divergência, do êxito social, a reafirmação pessoal, o aquele da produção de idéias e de coisas (inovadoras), princípios estes que desconhecem

ou tentam desconhecer metodologicamente (ideologicamente), a natureza especificamente criativa de todo ser humano.

Este tipo de concepção científica, evidência em princípio uma ideologia que tenta situar certos atributos da espécie, somente em determinados indivíduos, ou em determinados grupos da sociedade o qual nos diz tudo acerca dos níveis de objetividade desta ciência, pois com certeza seu nível científico se encontra inevitavelmente poluído pela ideologia. A educação à saga da Psicologia deriva destes princípios, seus próprios princípios ordenadores, pelo que diz respeito à criatividade, esta é medida dentro das aulas desenvolvendo-se nas escolas, acurados meios de classificação, desclassificação, estigmatização e sinalização.

Destas psicotécnicas, a indústria e o capital tem sabido tirar bom proveito, pois elas e os poderes do Estado tentam mostrar desde a infância, quem irá às escolas de capacitação obreira e quem às universidades; eles, os industriais, e seus serviçais pretendem determinar em quem desenvolver inclinações de obediência e respeito às hierarquias e em quais desenvolver capacidades de mando, de autonomia de gerenciamento e de criatividade.

Neste contexto histórico, a criatividade do comum tem surgido como um ente inesperado e do qual tudo está por dizer e muito mais tratando-se de uma metodologia para seu desenvolvimento. Assim, o primeiro obstáculo que encontramos é o de que a idéia de metodologia traz consigo a de limitação da liberdade inerente à criatividade.

No primeiro capítulo tratamos deste tema, procurando encontrar as categorias próprias à criatividade, de maneira que dentre essas categorias, a liberdade seja incluída e nas quais a definição da criatividade não seja equiparada à de liberdade, preconceito, que tem inibido o desenvolvimento e o

desempenho de um método para o desenvolvimento criativo.

Neste primeiro capítulo tentamos delimitar a criatividade do homem comum e da capacidade crítica inerente, a partir de um trabalho anterior do mesmo autor, sobre a criatividade.<sup>1</sup>

No segundo capítulo pretendemos fazer uma análise da relação entre a Filosofia e a criatividade desde um enfoque histórico; também tentamos ver como a criatividade do homem comum se vem manifestando por fora de uma razão propriamente objetiva e sim dentro de uma dinâmica dada pelo cotidiano onde o mais importante é a ambivalência do sujeito e do objeto, perdendo as fronteiras com que se pretende - na objetividade ou na subjetividade - separar o objeto do sujeito e vice-versa.

No terceiro capítulo aprofundamos na problemática da relação sujeito objeto, indicamos alguns parâmetros da desconstrução da chamada razão objetiva, e da possibilidade existencial de uma outra razão que considere a gratuidade como categoria própria da criatividade. A partir de alguns dos referenciais dos Sofistas, passando por Hegel e Spinoza pretendemos afiançar a legitimidade da criatividade como fator comum ao homem, inserida ela no projeto futuro da sociedade, por quanto no desenrolar criativo, na alegria da vida e na harmonia com a natureza é que o homem encontrara seu lugar próprio.

No quarto capítulo, enfocamos a possibilidade do desenvolver criativo a partir de considerações tais como a da relação dialética entre percepção e razão,

---

<sup>1</sup> Trabalho correspondente à dissertação de mestrado, defendida na Faculdade de Educação em 1994 sob o título: "Uma aproximação à criatividade e a criticidade do comum".

entre fantasia e objetividade. Este capítulo expressa a busca utópica de uma Metodologia.

A busca de uma metodologia para o desenvolvimento da criatividade somente é possível no contexto do exercício de uma democracia real, mediante a mobilização crítica e criativa dos homens comuns somando-se a isto a possibilidade inédita na história da utilização por eles e pelos diferentes movimentos populares, das tecnologias da comunicação e da expressão em função das novas possibilidades do exercício democrático.

Esperamos que esta tentativa de colocar a problemática da criatividade do homem comum no quadro da reflexão acadêmica, contribua com a criação de novas formas de conceber a educação da cidadania.

A pretensão inovadora deste estudo, dadas suas limitações relativas à falta de fontes e referências na tradição acadêmica exigiu a ousadia de um vôo sobre o terreno complexo das referências filosóficas e científicas, colhendo contribuições esparsas que a maneira dos galhos e folhas secas tornam-se matéria prima para a construção de um ninho para novas e fecundas reflexões sobre a criatividade do homem comum. Entretanto a síntese que permite a construção do tecido desse ninho, tornou-se mais um desafio que remetemos ao leitor.

"Às ciências em via de formação têm o privilégio, mediocremente invejável, de servir de abrigo provisório a todos os problemas que pairam no ar, ainda sem haver encontrado seu verdadeiro lugar. Pela indeterminação e pelo fácil acesso de suas fronteiras, elas atraem todos os "apátridas" da ciência, até que haja contraído suficientemente força para repelir de si todos esses elementos estranhos; a operação é as vezes, cruel ; contudo poupa bastantes decepções no futuro." ( Simmel :1983, p, 46 )

## **CAPITULO I**

### **A BUSCA DAS CATEGORIAS DA CRIATIVIDADE DO HOMEM COMUM**

Iniciamos este capítulo com a análise da dinâmica que contextualiza o fenômeno da criatividade, para intentar chegar à sua interioridade e ao conhecimento de seus principais elementos, isto porque não é de nosso interesse defender uma tese sobre este aspecto da natureza humana e, sim, tentar abrir um caminho - entre outros igualmente possíveis - para o entendimento da criatividade e para seu incentivo e seu desenvolvimento.

Temos optado por esta maneira expositiva, por acreditar que esta área do conhecimento é um campo de recente construção que marca um encontro da filosofia, da psicologia, da antropologia cultural, da sociologia e da política, dentre outras, e para a qual não tem ainda se criado uma linguagem e uma categorização apropriadas, que permita firmeza necessária para entender seu caráter interdisciplinar.

Para a Antropologia Cultural, por exemplo, a criatividade humana é uma categoria totalizante, enquanto para a Psicologia é o contrário, um processo

individual, característico de certos indivíduos, assinalado por medidas e testes.

Para a Sociologia - à saga da Psicologia - este fenômeno da criatividade será remitido ao subconsciente social, alheio por natureza aos indivíduos em particular.

Para a Antropologia Social, a criatividade do comum será vista desde o ângulo da dinâmica entre sociedade e indivíduo, entre projeto social e projeto individual, entre reprodução do indivíduo ajustado a papéis dados e indivíduos divergentes, entre consenso e dissenso, entre norma e permissividade, etc.

A criatividade, e mais ainda a criatividade do homem comum, conformam áreas do conhecimento humano sobre o próprio homem, que se encontram em construção e que são pontos de convergência interdisciplinar, pelo simples fato de que a criatividade é, indiscutivelmente, um princípio basicamente humano, de cuja ação nascem o resto das características humanas: a crítica, a razão, a palavra, a cultura, a arte, a ética, a política, a filosofia, as ciências, a história e a tecnologia.

Implícitos na criatividade originária do homem encontra-se sua percepção com relação ao suposto caos inicial do qual surgiu uma imagem de si mesmo como segmento ordenador desse caos. Essa imagem sensível entrava pelos olhos, ouvidos, nariz, pele, tato, foi elaborada criativamente, quando, nomeada, classificada e integrada a outras imagens.

Nesse processo especificamente humano surge a linguagem, a cultura e a episteme.

Sendo a criatividade uma só, nos corresponde aqui e, para efeitos de entendê-la, fazer uma divisão entre o que poderíamos chamar criatividade do

indivíduo, da qual se tem preocupado tradicionalmente a Psicologia e que trata dos processos do sujeito-social isolado, em cuja obscura interioridade se gestam os processos da percepção, da crítica, da expressão, isto é, da criatividade.

Deste tipo de criatividade individual não trataremos aqui especificamente, posto que, sem negar a aparição espontânea dos escassos gênios da humanidade, a psicologia, com suas medidas sobre as aptidões inatas como, inteligência diferenciada, capacidade de liderança, e de mando etc., tem contribuído para racionalizar o processo de fracionamento e elitização próprio do processo capitalista de produção.

De outra parte, essas medições psicológicas dentro do âmbito escolar, tão só, tem permitido a desclassificação institucionalizando práticas discriminatórias e acostumando os escolares com a justificativa pseudo-científica dos desníveis sociais, e afastando-os das possibilidades reais do exercício democrático nas escolas, impedindo assim a educação para a democracia. Essas psicometrias dentro da chamada psicologia industrial, prestam um serviço significativo, enquanto elas são um filtro para o recrutamento de indivíduos com características apropriadas para cada um dos estamentos da produção e da gestão empresarial.

As psicometrias, raras vezes, são utilizadas como elementos que permitam um diagnóstico do grupo escolar em questão, com vistas à correção de políticas ou currículos para elevar o nível de crescimento do grupo e, se são utilizadas, o são para discriminar e assinalar dentro do grupo os portadores de supostas deficiências, que lhes acarretará um tratamento diferenciado e excludente, e aos afortunados da pontuação maior ou perfil mais aproximado ao idealizado pela psicologia, um tratamento simetricamente oposto.

A Psicologia em geral, tem colocado a criatividade como uma capacidade superior, exclusiva de um determinado numero de pessoas mais ou menos geniais, ubíquas nas artes, nas ciências, na tecnologia e na produção de protótipos industriais e de design para a comunicação. Essa capacidade é privilegio de poucos indivíduos, não é elemento constitutivo do comum da humanidade.

No entanto, para nós, a criatividade é própria do ser humano, e, esta, não se mede necessariamente através da produção concreta de coisas novas e singulares em contextos culturais específicos, e sim como um atributo de os sujeitos humanos.

Assim, a criatividade comum ou do homem comum, como a faculdade básica para a projeção humana na cotidianidade e seus diferentes níveis, será objeto deste trabalho, sem esquecer de que a criatividade, qualquer que seja sua aplicação e sua nivelção, é um processo que se desenvolve na interioridade do indivíduo e que, portanto, os princípios metodológicos que propomos devem abarcar as diversas fases da criatividade.

O corte que temos feito, ao tratar dos marcos da criatividade comum, tem sido feito com o objetivo de distinguir a criatividade do homem comum da criatividade individual e assim poder encontrar elementos e categorias contextualizantes, tais como as relacionadas com o político, o cultural e o social; como arena do conflito entre os projetos do social e os projetos do individual, campo no qual germina tanto o consenso como o dissentimento, a inconformidade, as ilusões, as esperanças e as frustrações do sujeito social e também dos triunfos e resultados exitosos no campo da imediatez cotidiana.

Ao longo deste ensaio, certamente irão surgindo as categorias que

distinguem o fenômeno da criatividade do comum e a dinâmica de suas interrelações. No que diz respeito ao método, o caminho proposto para incentivar e desenvolver a criatividade comum, este será o tema do capítulo IV.

## I. I DIVINIDADE E CULTURA

Voltando ao tema deste capítulo, se faz necessário esclarecer que, sem tentar desconhecer os princípios universais da antropologia, da sociologia e da filosofia, trataremos de dar alguma ênfase ao caso concreto de América Latina, e ao atual fenômeno social da insurgência de grupos e corpúsculos sociais de diversa natureza e nos quais se sente a presença da criatividade comum, e de seus diferentes graus.

No caso da América Latina, no período da conquista, chega-nos, por exemplo, a imposição de uma nova relação com o sagrado e com o divino, que vinha da Europa em pleno processo de expansão, mercê à ampliação necessária de seus mercados; neste processo de domínio o homem europeu logra uma cisão real entre a sociedade civil e os poderes divinos representados pela Igreja; a filosofia, a arte e o conhecimento das ciências parecem reforçar os poderes estabelecidos e a racionalização das crenças.

Esta posição chega a América, ficando nas periferias ilustradas, mas não chega ao coração das massas indígenas e mestiças; essa modernidade, assim inaugurada esta longe de se realizar na América Latina.

Na América Latina, a passagem do mundo do sagrado ao mundo humano, não implicou uma renúncia total ao divino, pelo contrário, aqui, essa passagem se deu reforçando os conteúdos divinos no humano, pois esse estereotipo, consumido e repetido pela "Inteligência", não alcançou ao grosso das populações "incultas", nas quais o laço com a divindade continua fortalecido.

Os avanços tecnológicos e os níveis de civilização e progresso não chegaram como triunfos sobre a natureza, e sim como formas européias de ser e de viver, superpondo-se - em alguns casos - às crenças nas divindades nativas e constituindo uma ferramenta que, muitas comunidades utilizam para explicar os mistérios da natureza e da vida humana.

Isto coloca a cotidianidade nossa em um plano diferente por princípio, da cotidianidade tipicamente ocidental, moderna ou industrial.

Para o caso, da América Latina as potencialidades humanas estão colocadas a meio caminho entre a esfera divina e a esfera da natureza, tomadas como o lugar de convergência do natural e do divino, espaço possível para viver a transcendência.

No entanto na Europa, aparece uma ruptura com a esfera do divino que implicou uma mudança de rumo norteada pela razão e a objetividade, ainda que essa virada tenha acontecido lentamente; nesse sentido, lembremos a referência que Descartes faz de Deus, como razão última de seu método racional e de seu "cogito".

Não se pretende negar aqui que esta ruptura implicou um passo decisivo na história da humanidade; mesmo que esse passo não signifique um progresso real para a humanidade como um todo.

Na atualidade parece que vivemos uma fase de retorno do homem à esfera do divino, volta-se os olhos em direção ao infinito do espaço sideral e da matéria, em procura de uma divindade, da qual se sente parte integrante.

Esse sentir-se parte do divino é uma percepção que vem do poder criador do homem, de sentir-se gestor da sua existência, de saber-se parte volitiva do processo da vida, refletida não somente nos manejos da bio-engenharia, na produção de coisas e de artigos para o consumo, senão particularmente no desenvolvimento de seus projetos individuais na cotidianidade.

Daí a importância de abrir os espaços nos quais a criatividade humana comum pode se manifestar, pois nessa projeção estão implicados os nossos anseios de projeção imediata no fazer do dia a dia, e também as possibilidades de compartilhar a transcendência do mundo.

## **I.2 O HOMEM COMO CRIADOR**

O sentir-se parte da criação em caráter de criador vai além do simples divórcio e afastamento do divino, com o que se tem acreditado se inaugura a modernidade, pois sempre a espécie humana se soube diferente do resto dos seres, por suas capacidades criadoras; assim, em momentos como o do Renascimento, a criatividade fizera uma presença social mais evidente; é possível que em épocas remotas, em que a racionalidade como tal houvesse sido evidenciada, a criatividade já estava marcando sua presença, sendo geradora da racionalidade mesma, e das subseqüentes mudanças nesse ser que se veio auto nomear homem.

Da criatividade se gera o senso racional como uma ferramenta a mais,

de vital importância para o desenvolvimento humano sem ser a única; pois também a imaginação apresenta-se nos processos do crescimento criativo. Esta irá nutrir tanto a razão, a capacidade crítica e os processos da expressão, abrindo caminhos à aparição de linguagens com suas próprias sintaxes e gramáticas, com seus próprios manejos técnicos; nasce, assim, a técnica como expressão articulada da realidade - Nesse sentido Mauss (1974) refere-se à magia como a primeira técnica para o manejo dessa mesma realidade.

Desta gênese cultural deriva a ciência como produto direto da criatividade, da imaginação, da crítica e da razão e não como ela se tem colocado, como um produto direto do método empírico e da razão pragmática.

De igual maneira, a permanência do caráter teleológico do homem radica em seu espírito criativo e na razão mesma da criatividade, posto que esta é a forma de o homem se situar frente a si mesmo, frente à natureza, frente ao cosmos e frente aos interrogantes existenciais básicos -a vida, a morte e a projeção futura no tempo e na atemporalidade.

Outro indicador do caráter teleológico do homem e da importância da estruturação de uma esfera divina é a permanência social do poder das castas sacerdotais, poder que vem de épocas remotas, em que o confronto com a magia fez surgir as divindades específicas, as hierarquias de interesses, os ritos, as regras e leis de comportamento.

A presença sacerdotal nas estruturas de poder tem sido mais ou menos permanente nos altos e baixos históricos das diferentes sociedades e no específico de cada cultura. Para o caso da sociedade ocidental, o poder omnímoto da Igreja, antes da chamada modernidade, é um dos fatos marcantes, assim, dentro desta nova situação, os manejos de poder por parte dela ganharam

em sutileza e refinamento o que perderam em presença evidente.

Na América Latina esse processo de modernização e de des-sacralização - que se deu na Europa - não se tem efetuado, e é para ver que, em muitas regiões, nem sequer se tem iniciado. Povos há, em todos os nossos países, em que a máxima autoridade continua a ser o vigário, assim mesmo até ali chegaram os apelos da globalização e do consumo através das ondas tele-transportadas por satélite, e ali mesmo convivam os estereótipos da decadência europeia com a atávica ironia e descrença indígena.

A pesar dos avanços na tecnologia da comunicação, da pretensa globalização e da rapidez nos transportes, à América Latina chegam os usos e as modas europeias e norte-americanas, de uma maneira que poderíamos dizer residual, enquanto que lá são "demodé" e absoletos aqui tornam-se moda ; e como de uma certa forma vivemos em função dos modelos culturais da Europa e Estados Unidos, nossos modos, aos olhos do império, não passam de cafonice; neste carnaval de ilusões também sentimo-nos caricaturas de nós mesmos, pela inautenticidade com que temos que viver e pela impossibilidade de sermos partícipes de nossa própria construção; por trás desta forma de ser e de atuar "cultos" esta a realidade e a cotidianidade latino-americana, plena de riqueza e de variáveis culturais, como o era quando chegaram os conquistadores europeus, a explicar, com sua presença e com todas as desgraças que trouxeram, a ira das divindades.

"O lado humano dos espanhóis é a sede que tem de bens terrestres: ouro, como vimos desde o início e, em seguida, as mulheres. Nas palavras de um índio, relatadas por Colombo: "um dos índios que vinham com o almirante falou com o rei, dizendo-lhe que os cristãos vinham do céu e andavam à procura do ouro ( Diário, 16, 12, 1492). Esta frase é verdadeira em mais um sentido. Pode-se dizer, simplificando até a caricatura, que os conquistadores espanhóis pertencem, historicamente, à época de transição

entre a Idade Média dominada pela religião e a época moderna, que coloca os bens materiais no topo de sua escala de valores. Também na prática, a conquista terá estes dois aspectos essenciais: os cristãos vêm ao Novo Mundo imbuídos de religião, e levam, em troca, ouro e riquezas" (Todorov:1983, p. 40 )

A presença do divino e o não usufruto do poder de domínio sobre a natureza, base da razão moderna, nos exclue, até certo ponto, do chamado processo de modernização, o qual chega nas formas de uma civilização com arranjos aos fins da exploração colonial e, posteriormente, netamente capitalista e que, por somar-se uma à outra, passa a ser mais brutal ainda que aquelas de uso nos lugares de onde se origina.

Às formas escravistas de exploração somam-se os modos e relacionamentos entre as classes e grupos sociais, à maneira feudal, - a América tem uma natureza propriamente agrária - e mais ainda, ao anterior se sobrepõe - em regiões onde se dá a exploração capitalista - em países como Brasil, Argentina e México - as formas de exploração capitalista, tendo por resultado um panorama heterogêneo, em que convivem todas as formas de produção; não esquecemos por exemplo, o crescimento do trabalho escravo no Brasil em regiões como as do Pará, Roraima, Amazonas e a instituição da "Dívida" como forma de recrutar trabalhadores e de mantê-los indefinidamente "pagando" uma suposta soma, na maioria das vezes desconhecida, convivendo com fenômenos tão atuais próprios da terceira revolução industrial, como é o desemprego estrutural, produto último do desenvolvimento capitalista.

De igual maneira, no político, as lutas populares refletem essa realidade heterogênea; a luta pela democracia passa por essa soma de horizontes e anseios particulares. Se, para o caso dos indígenas, a democracia passa necessariamente pelo respeito à sua etnia, à sua cultura, às suas

manifestações e à sua relação com o geo-cosmos, para o cidadão esta luta pode passar pelo direito ao uso das calçadas, praças e lugares públicos de maneira indiscriminada: para outros, os eixos da luta democrática serão os de sua relação com o poder; outros mais ainda, o direito ao voto.

Lugares há em que a luta democrática se resume no direito ao respeito à vida humana, em considerações de igualdade, de aplicação da justiça ou de justiça para todos; estas lutas, possivelmente, remeteram o observador europeu às lutas contra os senhores feudais da alta Idade Média, mas são os aspectos pelos quais passa, hoje, a luta pela democracia em América Latina.

A luta pela democracia, aqui, resume as aspirações populares às possibilidades reais de projeção humana na construção da realidade, isto nos diferentes níveis e variados horizontes próprios de nossa natureza heterogênea; este tipo de aspirações provavelmente já se cumpriram na Europa, e na atualidade os anseios populares passam por outros lugares.

Na América Latina, vemos que os movimentos populares, armados ou não, pedem direito à vida como uma prioridade, respeito à dignidade humana dos povos, acesso à educação e aos serviços da saúde, direito ao trabalho, direito a uma moradia digna, à não exploração do trabalho infantil, ao respeito à condição feminina nos processos do trabalho nas indústrias, direitos mínimos à representação popular frente aos poderes do Estado, direito ao voto universal, honestidade nos processos eleitorais, participação popular no desígnio das riquezas locais etc.

Estas aspirações populares, pelas quais se luta na América Latina, representam um passado político da Europa. Hoje, com a modernidade, com a globalização e com os processos da transnacionalização, convivem as figuras dos

coronéis e dos senhores da terra com ás dos executivos das transnacionais.

Nesta modernidade emprestada que nos tem tocado viver, neste caminho para o "progresso", as coisas nos tem chegado elaboradas e prontas; temos colocado a camisa de força da modernidade, sem termos tirado as vestes de nossas origens e assim a levamos, até hoje, vivendo o passado paradisíaco que pressentimos nos restos da cultura indígena e da qual também nós somos depositários.

Diz Tzevan Todorov:

"...é possível estabelecer um critério ético para julgar a forma das influências: o essencial, eu diria, é saber se são impostas ou propostas. A cristianização, como a exportação de toda e qualquer ideologia ou técnica, é condenável a partir do momento em que é imposta, pelas armas ou de outro modo. Há traços de uma civilização que podem ser considerados superiores ou inferiores; mas isso não justifica sua imposição a outros. É mais, impor sua própria vontade a outros implica não considerá-lo parte da mesma humanidade de que se faz parte, o que é precisamente um traço de civilização inferior."(Todorov:1983, p. 172 ).

E se a modernidade é o triunfo da razão nos têm chegado desta maneira tão pouco autêntica, e através principalmente de estereótipos, também e da mesma maneira nos chega o fracasso da razão, como uma modalidade, mas que ao fim e ao cabo também não nos toca no profundo, porque temos sentido que uma é a verdade que nos chega pela moda, pela via servil das classes dominantes, e outra é a verdade da realidade, em que a razão, a intuição e a fé se misturam, conformando a magia da vida.

### I. 3 CULTURA POPULAR

Esta forma de ser evidencia-se na cotidianidade popular ou vulgar e na chamada cultura popular, divisão que não parece ter sido uma invenção da modernidade, já que, desde que a palavra escrita foi inventada, esta divisão entre o conhecimento e a cultura das elites e a cultura e o conhecimento do comum se institucionalizou.

Para a antropologia cultural os níveis culturais não existem, existem, sim, as diferentes culturas - cremos que este seja o caso - já que a chamada cultura erudita é apenas uma forma de cultura que baseia seu interesse principal na palavra escrita e nas obras de arte legitimadas pelo poder.

"A cultura erudita assenta-se, em toda parte, no respeito à regra estabilizadora e funda-se na repetição e no esforço de auto-repressão do artista na formulação de sua obra. A individualidade do autor, do consumidor e das suas próprias experiências estéticas eleva-se ao máximo grau. A cultura popular, ao contrário, como bem ressalta Gabriel García Márquez, constitui-se 'das imortais tradições de humorística do povo, hostil a todos os cânones e normas, opostas a todas as noções de povo, hostil a todos os cânones e normas, opostas a todas as noções definitivas e petrificadas sobre o mundo; o que um homem não pode fazer, as comunidades o fazem.' Lázaro Barreto e Luís de Câmara Cascudo apontam, com razão, suas quatro características essenciais: - antigüidade, anonimato, divulgação e persistência - pois a cultura popular mantém-se por muito tempo, nasce já sem autor ou torna-se domínio público desde cedo, vulgariza-se e persiste até mesmo como uma segunda natureza," (FUNARI:1989, p. 14 )

A erudição, por desgraça, em nosso caso baseia-se na repetição das formas eruditas de Europa, descuidando-se, por parte do mundo dos intelectuais,

da Inteligência - a realidade própria, elocubrando e trabalhando sobre as realidades européias, tendo-as como próprias, sem nenhuma manifestação de possível estranhamento

Não são raros, sem embargo os intelectuais que prescindiram do espelho europeu para a análise de sua realidade, entre eles poderemos nomear, José Carlos Mariategui, José Martí, José Maria Vargas Vila e muitos, que andando na trilha de Simón Bolívar se atreveram a pensar, atuar e escrever contra o imperialismo, mostrando de passo a que medida somos e não somos parte do chamado mundo moderno.

Essa divisão que se faz na cultura, é uma fragmentação a mais dentro do marco da racionalidade pragmática, que presa do método empírico analisa, desmembra, observa, quantifica e abstrai, esquecendo-se da unidade do ser, construindo uma imagem da realidade alheia ao homem, produto de um suposto diálogo entre razão e objeto e de que este (o objeto) se constrói na projeção que faz no sujeito, é dizer, o método empírico ignora, que a relação entre sujeito e objeto é mais importante que a primazia de um ou de outro.

Esta relação da realidade com o homem, é atendida de maneira intuitiva pelo homem comum, quem no devenir de sua cotidianidade permite que o mundo e sua magia a permeiem, à vez que se sentindo parte do mundo, incide em seu desenvolvimento desde esta sua escala, compartilhando a gratuidade da criação, construindo a história, porque a mais dos fatos históricos extraordinários construídos pelos historiadores, é na cotidianidade nos fatos comuns, que se faz a história .

Nesta pequenez do imediato, é que se exercita o desenvolvimento cultural e que se reforçam os valores sociais, para o interior da comunidade, da

família e do indivíduo. No comum do povo, uns tem sido os valores e as condutas para o "afora civilizado e culto" e outros são os valores para a intimidade cotidiana, onde as redes do poder local não aparecem aos olhos do poder estatal, passando despercebida sua existência.

Essas redes do poder do comum, cujos nódulos são os centros de poder real e imediato que, bem podem ser dadas pela capacidade de serviço, pela sua proximidade às instituições oficiais, pela sabedoria, pela velhice, por habilidades na arte e na música, pela posse de qualidades exóticas, pela capacidade contestaria, pelas capacidades na curação de males, pela capacidade do exercício do controle social (fofoca), pela capacidade da feitiçaria, pela capacidade de preceder o futuro e em fim, pela grande gama de possibilidades centradoras de atenção, de temor, de obediência, de amor, de gratidão, etc., essas redes, se escondem à ação oficial, evidenciando-se ante estos poderes institucionais, tão somente parte externa das estruturas do poder local, que é para mostrar e de uma ordem mais descartável - si se quer, e que é representada pêlos líderes locais.

Eles, os líderes populares são em um principio os mediadores naturais entre as instituições estatais locais e o grupo social; depois, no processo de seu enfrentamento e de sua luta, irão sofrer a prova de fogo de sua inevitável tendência à burocratização, na qual eles ficarão como alvo de dois fogos, um o do Estado e suas instituições e, outro, de seu próprio grupo social, porque sua legitimação por parte do Estado como líder e vocero popular quase sempre coloca em dúvida a legitimidade que o povo depositou nele. Por outro lado, se não existem mecanismos populares de crítica e de controle para os líderes, estes, em uso do poder que sua condição gera, irão a seguir o caminho dos políticos tradicionais: o da busca pela ampliação de seu poder pessoal e de maiores benefícios para si e para os indivíduos de seu afeto pessoal.

A ética na política, tem demonstrado uma precária existência. Existem sim os controles e os mecanismos de controle dos representantes partidários, mas estes geram mais burocracia e, por sua vez, maiores afãs pelo poder burocrático dentro dos mecanismos políticos populares e de partido, pelo que parecera impossível a democracia.

Estão situadas assim as possibilidades do poder e do exercício do poder. Uma, a da sociedade política, à qual chegam também os líderes populares e, outra, a possibilidade de exercício do poder a través das redes populares no micro-social e na imediatez cotidiana.

Esta segunda possibilidade, a do exercício real do poder local, tem uma grande potencialidade pedagógica e de desenvolvimento criativo, em tanto que se fazem os descentramentos necessários para poder trabalhar lúdicamente esta realidade, para sua transformação racional.

Este ponto corresponde precisamente a uma das questões próprias da criatividade popular o comum- ou seja: que a questão política da luta pela hegemonia passa necessariamente pela conformação de faculdades críticas construídas a partir do jogo criativo ou se se quer, do desenvolvimento criativo, e não, como supõem alguns autores, que se chega ao espírito crítico através do simples exercício da razão e do confronto teórico, tratando eles que ao interior dos movimentos populares se leve ao cabo a discussão teórico-política e de análises da realidade a partir de construtos teórico- críticas supostamente produzidas pela mesma comunidade nos processos de construção do conhecimento popular.

É necessário, para poder chegar ao espírito crítico, romper com o

caminho primário e evidente do exercício da razão e entrar no patamar mais íntimo dos jogos construtivos da crítica, da imaginação, da intuição e da percepção fenomenológica da realidade. Em resumo, é preciso acostumarmos a contemplar a realidade sob o prisma das essências, no jogo que vai do concreto ao abstrato e do abstrato ao concreto para a possibilidade de integração da realidade.

Esta forma integral de perceber a realidade, implica uma visão descentrada do objeto e uma descentração do sujeito, tornam o eixo da relação objeto-sujeito, a relação mesma.

Essa é a maneira natural do homem estar no mundo, similar ao estar no mundo dos animais, com a diferença da direção crítica do acionar humano, que permite o caminho criativo dessa mesma realidade.

A futilidade desta relação com a realidade é a que permite e faz necessária a criatividade, já que esta é por natureza dinâmica e por esta, sua dinâmica, pode acompanhar o devenir do mundo.

No método empírico a realidade tem que ser parada e segmentada para poder ser analisada, o que implica considerar o devenir como um fato próprio de outra realidade, a realidade do homem. Por esta consideração é que a razão pragmática não resolve nem pode resolver a problemática humana, ainda que sim resolva aspectos da produção, de utilização, de consumo, de benefícios e de lucros.

Essa magia que a realidade tem somente pode ser sentida e vivida na gratuidade da praxes criadora, em que o homem, sentindo-se parte da natureza, flui e exerce sua ação dentro dos ritmos que a mesma realidade lhe mostra. Esse

estar dentro da natureza, no caso de nossa América e, mais especificamente do homem comum, nos mostra como essa convivência passa necessariamente pela unificação do divino com o profano.

Daí que, apesar de todas as tragédias e desgraças, o povo insiste em conservar sua força espiritual, incompreensível aos europeus, os quais, graças ao estilo pragmático de uma razão ordenada à fins, exerceram em sua interioridade todas as ordens da fragmentação.

O êxito da razão, foi tido como elemento legitimador da imposição cultural, e colocado como base de uma nova ética, à qual se sujeitam as razões divinas e assim, com este pressuposto, se chega à obrigação ética da imposição - como única via para a civilização a cultura e o progresso- do exercício da razão objetiva e do pragmatismo como únicas formas de ser.

#### **I.4 ÉTICA E DOMÍNIO**

O anterior conleva também a uma ética do dominado, na qual, o primeiro é reconhecer-se como depositário de um processo cultural alheio, colocando em um segundo plano suas próprias formas de ver o mundo, suas raízes e sua cultura, e na qual o segundo é reconhecer-se como um produto desse processo de aculturação, esquecendo-se de sua própria história e retomando, para si e como própria, a memória dos colonizadores.

Assim, - para o caso de que nos ocupamos- passam a ser de vital importância, para nós, os nomes e os fatos que forjaram a história européia, o renascimento, a modernidade, esquecendo nossa real condição, na que se bem está presente o europeio, também o está o indígena, seus logros tecnológicos,

sua forma de ver o mundo, e sua condição própria de ator frente à natureza, sua rebeldia e sua história.

Para se dar o processo de colonização foram necessários dois atores: um que coloniza e o colonizado. O primeiro, possuído de seu papel, exercitou o poder de domínio com todas as suas ferramentas - a religião, os soldados, as armas, a ideologia - o segundo, o colonizado, sabendo-se subjugado, prescindindo de sua identidade de rebelde. Daquele que se opôs, fica a história escrita que se fez, e também o esquecimento total: cinzas que o vento espalha depois do incêndio.

Este processo homogeneizador, que já leva vários séculos, é o que hoje, na chamada globalização tende a eliminar as diferenças culturais das diferentes sociedades e dos diferentes e diversos grupos humanos que surgem e desaparecem, para voltar a surgir na multiplicação dos motivos.

Da globalização e de seus processos homogenizadores existem aspectos que na luta popular, devem ser utilizados: as possibilidades da comunicação instantânea, o encurtamento das distâncias físicas entre um e outro lugar distante, o conhecimento de nossa realidade global que enriquece nossa visão e nossa cultura, a conformação de redes de interesse a nível global, a obtenção de legitimidade da existência de grupos humanos e de seus apelos reivindicatorios pelo apoio global, etc.

A diversidade cultural na atualidade, tende por um lado, a atender os apelos homogenizadores do mercado, do consumismo e da comunicação global e, por outro, propende pela afirmação nas características culturais próprias dentro do mapa atual onde são determinantes a luta étnica e o surgimento esporádico de grupos humanos com os mais diversos interesses e projetos, por fora das

tradicionais fronteiras e demarcações entre países.

Conformam-se regiões também por fora das condições geográficas e geopolíticas usuais e sim por uma regionalização dada pelos interesses, isto tanto a nível dos países como a nível de todo tipo de sociedades humanas, começando logicamente pelas que têm como prioridade o lucro.

Se por um lado temos as tendências globalizantes, não esqueçamos que a heterogeneidade é necessária, uma vez que a diferença, o contraste, como tal estão presentes em todas as formas da percepção humana, assim como também estão presentes em sua expressão, sua ação e sua criatividade.

É através da contrastação que logramos construir a realidade e construirmos humanamente. É provável que estas duas tendências, a homogeneizante e a diferenciadora o contrastante, existam em todos os níveis das formas vivas; ou seja, que a maiores níveis de globalização e de homogeneização, maiores níveis de heterogeneidade irão surgindo.

A cultura, por exemplo, tem dentro de si, aspectos homogeneizantes, tradicionais, para o interior social e tendências globalizantes e de imposição cultural, para o fora social, - tendências estas de carácter conservador- também ela considera dentro de sua estrutura as possibilidades heterogenizantes da liberdade criativa, a partir das quais a cultura se desenvolve e acompanha o devenir da realidade.

Se hoje, a história está dando uma certa ênfase aos fenômenos da globalização dentro das prioridades da economia atual, também essa mesma história não pode desconhecer a inusitada aparição de grupos sociais, de tendências e de projetos de toda natureza que vão em contra da homogeneização

cultural e econômica.

Essa "inusitada" reviravolta para a globalização é parte de um processo globalizante que se gestou há vários séculos com as guerras de expansão no Oriente e com o uso da cavalaria e do estribo, os quais iniciaram o processo de encurtamento das distâncias, e que depois iria passar pela invenção da navegação e da vela, da bússola e dos carros, aviões, telégrafo, comunicação via satélite, e a atual comunicação eletrônica instantânea, tudo isto, baseado nas necessidades homogeneizantes do ser humano, explicadas precisamente pela heterogeneidade como fato próprio de ser humano, já que pelo contraste e pela alteridade, o homem consegue situar-se frente a si e frente ao mundo, como um primeiro nível do acionar criativo

## **I.5 O PROJETO**

Depois vêm outros níveis da criatividade com processos de maior complexidade que o anterior, nos quais se inserem categorias como a imaginação, a expressão, a audácia, as técnicas e as linguagens com suas diferentes gramáticas e sínteses, percepção, os aspectos relativos à cultura e os seus dois ângulos, o conservador tradicional, o permissivo, o criativo e o libertador. Tais ângulos irão permitir, primeiramente, a conservação do comprovadamente bom e útil para o projeto social e para a sociedade em si, e irão propiciar, em segundo lugar, a irreverência subversiva, a agressividade do novo, sabendo-se que esta abertura da permissividade é mais ou menos ampla, segundo sejam as necessidades da mudança do projeto social, e segundo sejam, também, as ansias e urgências do projeto individual e os graus modificadores, de subordinação de um projeto a outro.

"As minhas emoções estão ligadas, são matéria-prima e, de certa forma,

constituem o meu projeto. Há sentimentos e emoções valorizados, tolerados ou condenados dentro de um grupo, de uma sociedade. Há, portanto, maiores ou menores possibilidades de viabilizá-los, efetivá-los. Desejos são "pecaminosos", emoções, "inconvenientes", sentimentos "impróprios" são limitados e balizados pelas sanções e normas vigentes ou dominantes. Os padrões de normalidade legitimarão ou não dentro de uma situação particular as condutas e ações individuais. Um código ético-moral definirá o errado, inadequado, incestuoso, impróprio, sujo, poluído, perigoso que possa haver nos corações e mentes dos homens e nas suas condutas e interações." (VELHO: 1987, p. 28)

"De qualquer forma, o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades circunscrito histórica e culturalmente tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes. Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes. Há uma linguagem, um código através dos quais os projetos podem ser verbalizados com maior ou menor potencial de comunicação." ( ibidem, p. 27)

"O projeto, sendo consciente, envolve algum tipo de cálculo e planejamento, não do tipo homo economicus, mas alguma noção, culturalmente situada, de riscos e perdas quer em termos estritamente individuais, quer em termos grupais". (Ibidem, p. 29)

Neste espaço cultural entre o projeto social e o projeto individual, o político exerce sua função reguladora, daí que a política, afastada temporariamente do cultural, frente aos novos paradigmas sociais, procure, na elaboração de novos espaços e formas políticas, suas raízes culturais.

Falando de convivência de projetos sociais nas sociedades complexas, Velho (1987, p. 29) diz:

"A interdependência dos mundos e a fluidez de suas fronteiras faz com que um código de emoções, um ethos e um estilo de vida fortemente ancorados em um domínio exclusivo possam se constituir em terríveis armadilhas. Nesse sentido poder-se-ia até dizer que os projetos mais eficazes seriam aqueles que apresentassem um mínimo de plasticidade simbólica, uma certa capacidade de se apoiar em domínios diferentes, um razoável potencial de metamorfose. Os projetos constituem, portanto, uma dimensão da cultura, na medida em que sempre são expressão simbólica. Sendo conscientes, e potencialmente públicos, estão diretamente ligados à organização social e aos processos de mudança social. Assim, implicando relações de poder, são sempre políticos."

É por tudo o que foi dito, que à categorias específicas da criatividade individual - estudadas pela psicologia da criatividade - somamos as categorias próprias da criatividade do comum, as quais têm a ver também com a política da

sociologia, da antropologia, da luta e da estratégia populares; o acionar dessas categorias se expressa em função do manejo do poder, nas lutas pela participação democrática, nos avanços da conscientização popular e na ascensão no conhecimento da ciência e da tecnologia e, enfim, em todos os processos coletivos que procurem e propendam pela liberação e pela dignidade humana.

Esta reação popular é produto da soma dos projetos individuais expressada em um projeto social de mudança de troca, de transformação.

"Logo, a possibilidade da existência de projetos individuais está vinculada a como em contextos sócio-culturais específicos, se lida com a ambigüidade fragmentação - totalização. Quando, como e até onde são legitimados os projetos específicos individuais, são perguntas fundamentais para possibilitar um diálogo entre cientistas sociais, psicólogos, psicanalistas, etc." (VELHO, 1987, p. 26)

Essas lutas por mudanças favoráveis a determinados projetos sociais emergentes, que em alguns casos são encabeçadas por indivíduos iluminados, são levadas a cabo sem medir sacrifícios nem perigos, enfrentando as estruturas do poder, na inexorável procura de melhores formas de vida para o total do grupo social.

Aqui, priorizamos estas categorias político-culturais, que distinguem a criatividade individual dentro das artes e ciências, da criatividade comum; as categorias da criatividade individual correspondem, tão só, a uma parte do trabalho ideológico das classes burguesas, para marcar e justificar sua suposta superioridade.

É preciso levar em conta que esta categorização está sujeita, inexoravelmente, a mudanças, assim como também elas próprias são cambiantes, bem como as formas da simbolização ideológica.

Uma vez que isto seja levado em conta, devemos ter presente que

estas são categorias que tem a ver diretamente com a criatividade comum, com a democracia real e participativa, a cotidianidade, a cultura, a política, o desenvolvimento individual e social, a educação formal e informal e, principalmente, a possibilidade de expressão e o respeito do chamado projeto individual em seu enfrentamento com o projeto social totalizado, sacralizado e considerado único por sua provada utilidade e eficácia.

Isto pareceria ser o habitat natural em que a democracia possível se desenvolve, dentro de uma legitimidade precária baseada no voto universal, e em uma representatividade marcada por compromissos de índole burocrática, esta última admitida por eleitores populares, também corrompidos por escassas prebendas ou pela participação na manipulação de fios de poder, com que são comprados ou recrutados como clientes.

Este tipo de democracia representativa, aleijada do exercício real da participação democrática, é o cultivo ideal para os interesses imperialistas de posse e de domínio, dentro dos aspectos particulares de cada um dos países latino-americanos. Uma mostra significativa, a temos no documento de Santa-fé II, no qual o conceito de democracia se restringe exclusivamente ao exercício eleitoral, dentro da precariedade que conhecemos do tipo de representatividade, reforçando as estruturas e instituições burocráticas do Estado, delimitando ainda mais a sociedade civil da sociedade política.

Esta proposta de reforçar as instituições públicas e a burocracia do Estado é como parte permanente do poder público consegue somente estabelecer democracias restritas, dentro das quais a voz das camadas mais desprotegidas não consegue chegar aos níveis decisórios do poder, ficando a defesa de seus interesses em bandeiras levantadas pelas agrupações de esquerda e pêlos grupos religiosos, que ficam no imediato das reclamações e no

exercício de uma caridade estereotipada, sem compromissos com a luta por mudanças reais na estrutura social, na conformação desigual da sociedade, e na distribuição da riqueza.

"Esta riqueza es completamente exclusiva, y cada día tiende a ser más, al concentrarse en un número cada vez menor de personas y al rechazar las camadas inferiores de la clase media, la pequeña burguesía, para juntarla al proletariado, de tal manera que el aumento de esa riqueza es directamente proporcional a la creciente miseria de las masas operárias". (MORIYÓN: 1989, p. 27)

## **I.6 IDEOLOGIA E LUTA CULTURAL**

A luta democrática na América começa com a própria conquista, com a resistência dos heróis indígenas e ali também começa a construção do conhecimento e da educação das elites para o manejo do povo, de sua exploração e da manipulação de seu inconformismo, em especial, nos manejos políticos de índole maquiavélica; o conquistador Hernán Cortés dá-nos boa conta disto em seu diário, onde relata como além das espadas, canhões, cavalos, armaduras, arcabuzes, bergantins e cães, contavam a seu favor com a ação devastadora de vírus desconhecidos para os indígenas, e de uma lógica e uma ética pragmáticas.

Esse comportamento de Cortés faz pensar, irresistivelmente, no ensinamento quase contemporâneo de Maquiavel. Não se trata, evidentemente, de uma influência direta, mas do espírito de uma época, que se manifesta nos escritos de um e nos atos do outro; de resto, o rei católico Fernando, cujo exemplo Cortés não podia ignorar, é citado por Maquiavel como modelo de "novo príncipe". Como deixar de fazer a aproximação entre os estratagemas de Cortés e os preceitos de Maquiavel que erigem a reputação e o faz-de-conta ao topo dos novos valores?

"Não é preciso que um príncipe tenha todas as qualidades supracitadas, mas é preciso que pareça tê-las. Ousaria até dizer que se ele as tiver e as usar sempre, elas o prejudicarão; mas, fingindo tê-las, elas serão proveitosas"( TODOROV: 1983, p. 113 )

Estas "qualidades" políticas foram herdadas, em linha direta, pelas classes políticas não só na América Latina senão no mundo, e assim, até nossos dias, é que o exercício político da democracia continua a se dar.

A busca do consenso por parte dos políticos dentro do poder, é certo que tem sido obtida dentro dos projetos paternalistas e demagógicos já clássicos dentro de nossa história, (Getúlio Vargas, Perón, Perez Jimenez, Rojas Pinilla) tanto que chegaram a estruturar partidos políticos, a movimentar massas e a deixar como herança um exemplo do manejo populista, que depois deles não conseguiu ser igualado, ainda que se pretenda sua imitação.

A contestação social foi dada em toda a escala de suas possibilidades, e vai desde as revoltas indígenas contra a conquista européia, que foi uma reação imediata, e que se dá ao longo de toda a América e em todos os tempos. Impossível colocar aqui a longa lista de mártires indígenas; lembremos tão somente os nomes de Contestado, Canudos para nosso caso.

Uma ligeira análise destas experiências de luta popular mostra-nos, de maneira clara, os laços e os compromissos que unem aos diferentes estamentos do poder: o poder econômico, o poder político, o poder estatal, o poder eclesiástico, e mostra como, frente a este fato real, vão se dando respostas, por parte do povo, que permitem homogeneizar no possível as diferenças entre as classes sociais. Com o ânimo de amenizar sua própria exploração dentro destas respostas populares, podemos ver as diferentes opções da ação cívica, da arte popular, da expressão lúdica teatral, musical, da cotidianidade e, em suma, da capacidade popular para zombar e rir da tragicomédia da vida e zombar também das imposições do poder, exercendo a desobediência pacífica, ou em aberta

rebeldia.

Estas formas, que podemos chamar de convivência entre as diferentes classes, dão-se também na apropriação que fazem as classes burguesas de formas da arte popular, da tecnologia, dos hábitos alimentares e de expressões, como também o povo, consumindo a imposição de estereótipos, acolhe aquilo que mais lhe convém das classes altas, dando-se uma troca simbólica, trasladando-se ao discurso mediado pelos meios massivos de comunicação, o lugar predileto para a luta ideológica.

"El discurso es poder, lugar de una lucha específica por el poder y esa lucha forma parte de sus condiciones de producción y de circulación. De manera que estudiar las reglas de engendramiento de lo discursivo es estudiar reglas y relaciones de poder. Es decir, no se trata solo de que el poder utilice el discurso como arma, como sofisma, como chantaje, sino de que el discurso forma parte constitutiva de esa trama de violencia, de control y de lucha que constituye la práctica del poder. A cualquier nivel, desde el dominio familiar y el de la escuela hasta el nivel del poder del Estado. La mejor prueba de ello es que el poder ha reclamado siempre el control del lenguaje y de los discursos."(MARTIN-BARBERO: 1987, p. 43)

Esta luta ideológica é uma luta feita através das potencialidades do silêncio. É pela negação da palavra que o poder tem se exercido de maneira direta contra o povo, permitindo-lhes escassos espaços, onde a expressão "vulgar" não alcance senão àqueles a quem melhor lhes convém. Estes espaços, ainda hoje, continuam a ser as praças de mercado, as ruas e as praças dos bairros dos pobres, os lugares malditos como as zonas de prostituição e lugares vizinhos a cemitérios, matadouros, cárceres e hospícios.

Existem exceções para o anteriormente dito, mas estas marcadas pelas possibilidades de gozo e usufruto por parte das classes no poder, vale dizer, por exemplo, as festas patrióticas, nas quais a presença popular é a garantia para o poder enquanto afirmação dos próprios símbolos do poder estatal, o hino pátrio, a bandeira, a soberania representada pelas forças militares e pelos demais

estamentos do poder. Ali, o povo é o espectador, o convidado principal.

Outra exceção seriam as festas religiosas, para as quais também o povo é o convidado principal. Nelas, outra simbologia necessária ao poder se afirma e confirma as categorias divinas correlativas ao poder estatal, da moral, da ética e das condutas compulsórias esperadas do povo e sobre as quais se baseiam, supostamente, a ética, a moral e a justiça do poder do Estado. Nos estados modernos, a divisão real entre o político e o religioso é um projeto inacabado e, mesmo que esta separação se apregoe, veremos como uma determinada ideologia religiosa sempre está presente nos diferentes modos de gestão do Estado.

A relação entre Estado e religião sempre tem sido problemática, posto que se trata, no fundo, da luta de duas burocracias com interesses próprios, opostos e irreconciliáveis, que se enfrentam com diferentes níveis de legitimidade. Uma é a legitimidade do Estado Democrático, baseada na representatividade do voto popular e a outra é a religiosa, baseada na tradição e na representatividade divina (Karl Marx - A Questão Judia) .

Outro lugar de exceção, permitido à expressão popular, é o carnaval:

"El carnaval es aquel tiempo en que el lenguaje de la plaza alcanza el paroxismo, o sea, su plenitud, la afirmación del cuerpo del pueblo, del cuerpo-pueblo y su humor. (.....) Con sus dos dispositivos claves en la risa y en la máscara. La risa no en cuanto gesto expresivo de lo divertido, de la diversión, sino en cuanto oposición y reto, desafío..." ( MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 65)

É ali, na euforia, na alegria e na expressão satírica, onde, ao mesmo tempo, se podem pulsar os níveis de satisfação ou insatisfação populares e os níveis do consenso, e também se pode permitir a convivência momentânea entre as classes sociais. E na medida em que o carnaval é expressão popular, passa a

se converter em uma empresa de diversão - no raptó que faz o consumismo da arte popular - este, o carnaval, deixa de ter conteúdos populares e passa a ser a expressão estereotipada do popular, que é o que acontece por exemplo no carnaval do Rio de Janeiro.

Outros espaços da permissividade são os mercados artesanais e as festas populares e da religiosidade não oficial, onde os valores éticos e morais que se exercitam são aqueles produtos da mescla de tradições religiosas, cuja legitimidade ainda é precária entre nós, pela sua origem indígena, negra ou mestiça.

Na atualidade, a emergência de novos grupos sociais e de modos de ser e de viver o mundo diversamente suscita uma nova maneira de encarar o cultural, o político e o educativo; assim como novos espaços se abrem para a presença popular diversa, novas possibilidades no manejo dos fios do poder começam a se gestar. Por isso é necessário encarar a tarefa de construir modelos generalizadores novos para o desenvolvimento de aptidões críticas e criativas, que permitam o uso adequado dos instrumentos tecnológicos, que cedo ou tarde passarão a fazer parte da cotidianidade popular.

Desta maneira vemos como novas realidades políticas se gestam, exigindo novas posturas educativas para atender o surgimento de novas relações entre as classes, novas opções da presença cívica, cultural e popular, que se dão à margem dos velhos caminhos da representatividade e da democracia formal.

Dentro deste âmbito emergente do popular é que pretendemos que este projeto de desenvolvimento da criatividade comum fique marcado, negligenciando o político tradicional, para alcançar novas formas da gestão política, em uma democracia mais próxima do exercício real da construção do

projeto popular e do controle do uso das riquezas e de tecnologias.

Deste modo, uma educação permanente dentro e fora da aula, baseada no desenvolvimento das aptidões críticas e criativas, será o eixo de uma educação para a democracia, na qual os direitos populares serão a base dos direitos da sociedade civil, já que estas duas formas de expressão do social não são antagônicas, senão que se baseiam uma na outra.

Uma transformação social e cultural sustentada no respeito aos direitos das maiorias - hoje denominadas minorias, pelo escasso som que às suas vozes o poder permitiu - e nos seus anseios, expressados no mosaico das forças emergentes e tidas não como formas alternativas, e sim como nova forma da estrutura social, permitirão a construção de um Estado com tendências reais para a democracia.

Essa mudança social e cultural não exclui necessariamente uma crítica aplicada ao uso crítico dos velhos mecanismos da representatividade partidária, posto que estes, no lapso de sua transformação política, continuarão a exercitar suas já provadas práticas burocráticas, com a intenção de perpetuá-las, e que ante a pressão popular, e o ceticismo das massas teriam que mudar. A atual educação para a democracia baseia seus objetivos na conscientização do uso do direito ao voto, e não na crítica aos mecanismos obsoletos da representatividade, nas cargas de individualismo, de burocratização, de clientelismo e corrupção que historicamente têm acompanhado todas as expressões da democracia, com vistas a encontrar um caminho, no qual a democracia seja o real controle popular do poder.

Na atualidade, as novas formas do fazer político trazem, necessariamente, as novas possibilidades populares e as novas urgências, entre

as quais, prioritariamente, estão as da capacitação popular, as da construção de parâmetros para a eleição de líderes e, basicamente, a estruturação de mecanismos de controle dos poderes locais.

Uma democracia baseada nas novas alternativas para o exercício do poder, baseada na diferença, na tolerância, no respeito aos direitos do outro, na crítica e autocrítica e no controle crítico da representatividade e da liderança, será o espaço próprio para o exercício da criatividade popular, no crescimento contínuo do cultural-político, posto que um é produto do outro.

O exercício da criatividade social, por sua vez, integra as possibilidades da dissidência, do inconformismo e da contestação, como partes fundamentais do projeto político e social, com cujo aporte a cultura e o complexo social vêm a ser no espaço e no tempo sócio-culturais. Sem estas forças dissidentes e sua expressão, um projeto de criatividade popular seria inviável, posto que elas permitem, com sua ação, o contínuo reajuste e crescimento social.

## **1.7 NÍVEIS DA CRIATIVIDADE**

Para chegar à superação dos níveis atuais da criatividade popular e a seu crescimento estancado pelos processos alienantes do capitalismo, a educação é fundamental como instrumento para desenvolver essas aptidões. Esta educação deverá estar baseada metodologicamente no desenvolvimento da percepção integral - fenomênica, da expressão sinestésica, da exploração de técnicas expressivas, no desenvolvimento de novas gramáticas e sintaxes e, principalmente, no exercício da imaginação e da crítica.

"Foi a imaginação que ensinou ao homem o sentido moral da cor, do contorno, do som e do perfume. Ela criou, no início do mundo, a analogia e a metáfora. Ela compõe toda a criação, e, com os materiais acumulados e dispostos conforme regras das

quais não podemos encontrar a origem senão no mais profundo. "Ela, (a imaginação) é a análise, ela é a síntese; (.....) ela é isso, e ela não é exatamente isso. (.....) no fundo da alma, ela cria um mundo novo, produz a sensação do novo." (BAUDELAIRE: 1993, p. 50)

Daí a urgência de encontrar um caminho, de desenvolver uma metodologia para o desenvolvimento da criatividade e de tomar consciência de sua importância no posto em cena, do projeto humano, em especial nos atuais momentos, nos quais se faz preciso estudar esse espaço de interseção entre política e cultura.

A formação de uma cultura e a entrada em um autêntico processo de democratização baseia-se neste tipo de educação, para adultos e para jovens, centrada nas condições geo-sócio-culturais particulares, e que tenha aplicações imediatas, como as da aquisição de tecnologias, conhecimentos, melhores níveis de vida, arte, participação política, etc.

A reinvenção do poder, da política, da luta, da sociedade e da cultura são os objetivos de uma educação para a democracia real.

O vazio político que vivemos precisa ser preenchido e coberto. Pelo cenário da política tradicional sopram novos ventos; os velhos atores declamam ainda - é certo - seus consabidos discursos; os partidos políticos, as velhas raposas da politicagem, os coronéis, os amaciadores de votos, todos mantendo apenas a aparência de seu poder. As redes empoeiradas do poder e as maquinarias eleitorais, obsoletas e corruptas, sucumbem ante a intempérie da história. As estruturas burocráticas contemplam ainda suas imagens, no espelho ilusório de sua mesquinhez e de sua aparente grandeza. O próprio Estado perde, como já está perdendo, o manejo do poder e da soberania pátria, em mãos de gerentes e diretores internacionais de bancos e de mega-indústrias, dentro dos atuais processos, -legitimados pelos próprios princípios mercantis - da chamada globalização, nos quais a única soberania é a do lucro e o único princípio,

respeitável por si mesmo, é o da competitividade.

Essa orfandade política, deverá ser preenchida pelo exercício político que nasce dos movimentos populares, não somente a partir do inconformismo, mas a partir da construção de uma opinião crítica própria, que por sua vez controle as tendências burocratizantes no interior dos próprios movimentos, já que, como se tem visto, são estas tendências burocratizantes as que se manifestam no exercício do poder e levam ao fracasso qualquer projeto político e social, por melhores que sejam suas intenções.

É sabido como os partidos políticos -dentro de seu natural processo de burocratização - equivalente a um câncer no político- transformam-se em aliados mais ou menos explícitos das classes no poder, e das classes mais poderosas economicamente. Este fenômeno se deve à psicologia individual, que confunde o poder de que se é depositário de confiança com o poder próprio e pessoal, aproximando-se, assim, dos diferentes escalões da megalomania, dentro dos quais, e em função de mais poder para si, sacrificam-se ideais e companheiros. Dentro desses escalões do poder encontram seus verdadeiros patrões e sócios, tanto na burocracia política instalada no poder, como nos chamados políticos de carreira, igualmente corruptos, lutando por maiores quotas de poder para si e para seus incondicionais companheiros. Desta maneira também tendem a se anular as lideranças populares. Embora Weber tenha acreditado em uma casta de políticos incorruptíveis, dedicados ao exercício político como a uma arte, à qual dedicarão sua vida, honra, bens e produtos, eles, no exercício do jogo político parlamentar, única possibilidade política Weberiana para o exercício da democracia.

A presença popular, através da nova opinião pública, começa a se fazer evidente por fora da Mass-mídia, representando uma nova maneira de exercitar a cidadania, alheia aos ditados da classe dirigente, surgindo assim, uma

nova razão de ser da política, longe da representatividade tradicional, conformando-se uma outra forma da presença popular.

"Desde el inicio de la Reforma, y de manera explícita en los Discorsi de Maquiavelo, vemos organizarse en torno a la figura del pueblo la búsqueda de un nuevo sistema de legitimación del poder político que, en los tratados de Erasmo, de Victoria y Las Casas se ligará incluso a la defena pionera de ciertos derechos y valores populares que andando en el tiempo se llamarían anticolonialistas. Pero una ambivalencia fundamental atraviesa ese discurso. Maquiavelo alcanza ya a pensar que "buenas leyes surgen en los tumultos" y que "aunque ignorante el pueblo sabe distinguir la verdad"; pero al mismo tiempo, ve en el pueblo la amenaza mas insidiosa y permanente contra las instituciones políticas. Y es precisamente esa amenaza constante de desorden civil que viene de la multitud, u la tentación totalitaria que ese desorden provoca, lo que Hobbes convierte en el centro de su reflexión sobre el Estado moderno. ( MARTIN-BARBERO: 1987, p. 115 )

O povo já não se contenta com seu papel dividido de legitimador do poder, por um lado, e por outro de uma entidade desprezível por sua condição de vulgaridade e insanidade. Ele, através de manifestações populares e da conformação de movimentos em torno de todas as reivindicações possíveis, imagináveis e inimagináveis, postula a entrada histórica em um outro período da história, no qual quer ser reconhecido como autor principal, como em verdade o tem sido, apesar do silêncio metódico da história oficial e dos historiadores.

Frente a estes fatos o Status reage violentamente, e como "um peixe que se debate ao sol sobre a areia"; são ditas leis de urgência e são tomados todos os tipos de providências para reprimir as lutas sociais metodicamente e, para castigar e causar terror entre as populações, são violados os mínimos direitos humanos, com o ânimo de impedir o surgimento dessas novas forças sociais. O direito a divergir é abolido - as democracias endurecem sua fisionomia - e o discurso monológico do poder cresce e, em seu furor, são militarizados os estratos civis no poder e por fora dele também, em virtude da salvaguarda de bens, riquezas, tranqüilidade e segurança. As verdades eternas também adquirem nova e imoderada legitimidade em apoio às estruturas da democracia representativa. Os grupos defensores dos valores tradicionais crescem em seu

furor classista, étnico e racial, no mundo inteiro.

Essas forças sociais emergentes, por sua vez, começam a ter consciência de sua própria existência como fenômeno global e também começam a realizar as primeiras aproximações através das redes das organizações não governamentais, que serão uma das pontes entre os diferentes estamentos e atores sociais do momento; estas forças sociais começam a se sentir partes de um todo global, apesar de suas problemáticas particulares.

Os sentimentos comuns vêm homogeneizando as circunstanciais diferenças dos diversos movimentos populares, que neste momento emergem na construção histórica, e que se integram na busca e na construção de generalidades que os unifiquem, por cima das fronteiras e das divisões políticas, sociais, raciais, de gênero e geográficas; assim, a emergência social que se dá procura uma globalização dentro da diferença, dentro do respeito às singularidades culturais e para a construção de parâmetros novos no ético e no moral, que incluam a convivência pacífica, a cooperação e o respeito particular.

Esta nova realidade do auto-conhecimento fundamentada no reconhecimento do outro, é um fenômeno, permitido em boa parte pelos mesmos meios massivos de comunicação, com os quais se pretende a homogeneização desrespeitosa das culturas e que, de fato, são propriedades das classes poderosas, e instrumentos preferidos do domínio, do doutrinamento e da ideologização populares.

Estes instrumentos da comunicação e da informação eletrônica vêm permitindo as diversas formas de aproximação entre os diferentes segmentos populares, tanto locais como internacionais, criando-se, assim, um novo campo político-cultural, de difícil localização e denominação, por parte das atuais ciências

do homem, abrindo-se o espaço para novos paradigmas, dentro dos quais o cultural passa a ter maior importância a ao qual se sujeitam os demais, como é o caso, neste trabalho, em que a ênfase que possa ter a criatividade do comum reside nas possibilidades da ingerência criativa popular no político.

## I.8 POLÍTICA E COTIDIANIDADE

Desta maneira, o político faz sua inserção na cotidianidade, não como arte exclusiva de um gênero seletivo de seres humanos (Weber) e sim como expressão da cotidianidade social -no cotidiano de cada um dos sujeitos sociais- mas com a condicionante de uma adequação dada pela educação que, em vez de dar informação, procure o desenvolvimento de aptidões críticas e criativas, desenvolvidas mediante processos e métodos sobre os quais tentaremos falar no capítulo IV deste trabalho.

Este fato se deve, em boa parte, à política que se desenvolveu como a forma específica de gestão dos negócios públicos, de maneira alheia à cultura da sociedade que se pretendia governar. Vale dizer que as duas, uma de cada lado, agem de uma maneira independente; a política, sem atender aos apelos que vinham do comum e da cotidianidade, apelos em última instância da ordem do político-cultural dentro da especificidade de cada sociedade e desconhecendo a natureza cultural do político e a ingerência real do político no cultural.

Estamos dizendo que, agora, as novas formas do político, dadas através das ingerências dos movimentos populares, devem ser expressão da dinâmica cultural. Veja-se bem, não dizemos da cultura, pois esta tende, por um lado, à tradição e ao conservadorismo e, por outro, à evolução, às novidades, ao permitido por proibido. Por isso referimo-nos, aqui, à dinâmica da cultura; isto é,

ao seu aspecto de prospeção e desenvolvimento no tempo próprio a cada agrupamento diferenciado culturalmente.

Se dentro da política tradicional o sentido político estava dirigido para o interior de cada partido, para o benefício e crescimento da burocracia e para os interesses de cada líder político, agora, nas novas formas do político, deverão ser incorporados, além dos valores próprios da cultura, os valores propriamente humanos. Ou seja: que a criatividade, o crescimento da razão, a cooperação, o afeto, a consideração para com os menos favorecidos e para com os diferentes e a permissividade relativa, serão o gosto e a alegria da vida, na harmonia com a natureza, como acreditava Spinoza.

O exercício da Democracia Real é o exercício da crítica e do controle, que não deve ser feito apenas por alguns especialistas - por suas tendências burocratizantes - senão pelo todo do corpo social, longe dos interesses partidários e em função dos interesses de toda a sociedade e dos indivíduos, prática esta que, por sua natureza, deve inserir-se na cotidianidade e que vem a preencher o vazio de poder e da legitimidade em que se debatem as instituições políticas. Vazio de autoridade, vazio que não só é produto da burocratização, mas também dos processos de globalização econômica, de mercados e capitais, que têm deslocado os centros de poder real para os pólos da economia transnacional, na qual se decide a sorte dos povos e das nações.

A criticidade, inserida desta maneira na cotidianidade, lhe permitirá uma ruptura epistemológica, levando-a aos estratos do pensamento crítico. Desta maneira, também o conceito tradicional de cotidianidade se fratura, dando-lhe passagem para novas posturas epistemológicas que permitam, ao ser humano comum, a convivência harmoniosa com todas as acelerações que a tecnologia está inserindo em nossa relação diária com o mundo, em patamares próprios da

praxes humana, a qual contraria.

"O pensamento cotidiano orienta-se para a realização de atividades cotidianas e, nessa medida, é possível falar de unidade imediata de pensamento e ação na cotidianidade. As idéias necessárias à cotidianidade jamais se elevam ao plano da teoria, do mesmo modo como a atividade cotidiana não é práxis. A atividade prática do indivíduo só se eleva ao nível da praxis quanto é atividade humana genérica consciente; unidade viva e mda de particularidade e genericidade, ou seja, na cotidianidade, a atividade individual não é mais que uma parte da praxis, da ação total da humanidade que, construindo a praxis do dado, produz algo novo, sem com isso transformar em novo o já dado". (HELLER: 1992, p. 62)

Aqui, Agnes Heller faz um paralelo entre cotidiano e teoria, implicitamente entre intuição e razão, sem descentrar a discussão, como o requer a natureza nova do paradigma da cotidianidade em sua relação com a práxis, dando-lhe um status superior à razão e à teoria, o tradicional status que esta tem tido, e cuja refutação é parte importante deste trabalho.

Temos pretendido fazer essa descentralização, levando esta discussão ao longo de todo o texto da tese para o terreno da criatividade, em que a razão tem um lugar de preferência, entre todas as outras possibilidades humanas de aproximação à realidade.

Voltando ao nosso tema anterior, temos que as crises do Estado estão delimitadas, por um lado, pela inoperância das instituições do poder, encarregadas de propiciar, gerenciar, alimentar e proteger a satisfação social, na qual baseia sua legitimidade o regime e, por outro lado, por sua incapacidade de inovação e de mudança, frente aos problemas novos que o surgimento da globalização levou para dentro de todas as fronteiras.

O desmoronamento da autoridade estatal e da base de sua legitimação o consenso social, trazem como resultado o surgimento de grupos que, por fora do monopólio oficial da violência, procuram levar a cabo seus projetos, por meio

das armas: guerrilhas, grupos paramilitares de "higiene" social, grupos armados de segurança particular, crime organizado, grupos de pressão, cárceres, e as manifestações violentas dos corpos armados oficiais, por fora dos estatutos e das leis que regem a sociedade como um todo.

Além do mais, de todas estas manifestações explicitamente violentas temos aquelas dos insatisfeitos tradicionais na saúde, moradia e educação, ao que devemos somar os novos grupos, com suas novas necessidades no econômico, no cultural, no político, no tecnológico e em suas novas relações com o trabalho e a robotização.

A música, a poesia, os folhetins de teatro popular continuam a ser os veículos preferidos pelo povo para a contestação e o protesto, neste momento tão diversificado e unificado somente pelo seu caráter urbano, já que não se encontra, como nos anos sessenta, com a geração hippie, um acúmulo de gestos, de sonhos e de expressões gerais que identifiquem uma época. Para o caso atual, a identidade do tempo se centra na diversidade de gestos e símbolos, linguagens, e ansiedades e, por outro lado, em que este fenômeno é global.

No entanto, hoje como ontem, todas estas novas formas que surgem são colocadas ao lado da marginalidade, como aconteceu com os hippies e seus anseios de paz, amor e do não à violência e à guerra, ideais que subvertiam uma ordem oficial bélica e expansionista, e que o consumismo depois retomaria para sua comercialização, especialmente pelos meios nos quais o símbolo é a matéria da compra e da venda.

Esta é a labor de neutralização das formas e dos apelos subversivos - lembremos a figura e o ideário de Ché Guevara e a sua veiculação consumista -.

Esta neutralização se realiza pela compra direta de líderes populares e especialmente através do clientelismo, que é o produto das tendências burocratizantes dentro do poder, seja do Estado, dos partidos ou qualquer instituição em que exista a possibilidade de incidir na vontade alheia e se abra a possibilidade de exercitar o déspota que jaz na interioridade de todo homem.

No caso do poder do Estado e de sua máquina burocrática e política, a tendência a ter como próprio e pessoal o poder público gera todo tipo de aberração, como é o caso do nepotismo - Napoleão e a colocação de pessoas de sua família à cabeça de cada um dos estados conquistados - e da impunidade e da tomada abusiva de funções por parte dos burocratas que, colocados em lugares chaves, interferem no fluxo de informação, ou manipulam segundo seu bom entender e seus desejos, ou simplesmente agilizam aquilo que vai em função de seu interesse, ou exercem a lentidão e o trâmite repetido nos casos em que isto não ocorre.

Assim, o emprego público passa a ser vivido como propriedade do burocrata e o erário público como um capital à mão, usado na compra clientelista de opinião e de consenso; dentro dessas formas exclusas de exercício do poder também o povo tem sua parte de culpa, porque ele compartilha essa situação de corrupção, como a maneira única do exercício da política.

O povo, vendendo aqui e lá o seu voto, em função de migalhas econômicas, burocráticas, ou em função de benefícios e prioridades na prestação dos serviços do Estado, empregos em escolas e colégios, prioridade na prestação de auxílio à saúde, exclusão no serviço militar etc., permitiu o crescimento de uma pseudo-cultura política, em que a prioridade é o lucro e os benefícios pessoais ou dos grupos, eixos do trabalho político dentro dos partidos e dentro do poder.

Isto permitiu a criação de maquinarias eleitorais e de um capital de votos pressos, que funcionavam tanto na estruturação dos poderes locais como dos nacionais e que começam a ser obsoletos.

Na dinâmica cultural-política que se apresenta, o trabalhador do político, dinamizador político ou potencializador social, como queira que se lhe chame, terá que levar a cabo o seu trabalho, atendendo à interrelação entre os movimentos locais entre si e, a nível internacional, seu labor será, essencialmente, o de servir de agente de enlace entre os movimentos sociais e também com as agências governamentais e os representantes das organizações governamentais; terá que ser a voz das exigências desta nova cidadania, que não acaba de tomar forma. Terá que ter a capacidade de ser objeto da crítica e dos mecanismos de controle, que os povoadores exerçam sobre ele, sobre a sua conduta e sobre o seu discurso, que ao fim e ao cabo, será o discurso, a palavra dos que nunca a tiveram.

"Ya que el discurso, como ha escrito Foucault, "no es simplemente aquello que traduce las luchas o los sistemas de dominación, sino aquello por lo que y por medio de lo cual se lucha, aquel poder del que quiere uno adueñarse", quizá solo entonces podamos comenzar a comprender en profundidad, el proceso de dominación que viene del monopolio de la palabra, la gestación de esa "cultura del silencio" que ya Martí denunciaba en Nuestra América. Esta misma cultura que Paulo Freire en su Pedagogía del Oprimido articula explícitamente al discurso del poder, "poder de los señores de la tierra, de los gobernadores, de los capitanes, de los virreyes, vivimos nuestro período colonial casi siempre impedidos de crecer, impedidos de hablar". (BARBERO, 1982, p. 104)

De tal maneira, a construção desse discurso será produto de uma nova cultura, de uma nova simbolização democrática, que não está somente na palavra, senão em todas as formas nas quais a cotidianidade se expressa, para lhe dar forma e sentido a essas generalidades que ali subjazem e, assim, elevar o nível da conscientização e da luta, já que o próprio processo pode ser considerado como parte importante desta educação; o manejo de formas alternativas de poder, o desconhecimento das instâncias oficiais, a não

obediência, a conformação e reforço de autoridades próprias e de formas próprias de controle social, a tomada de decisões no concreto e imediato, o exercício constante da crítica aos apelos discursivos do status, e à imposição de estereótipos comportamentais, e o crescimento nas respostas criativas e do desenvolvimento cultural próprio e, naturalmente, o controle sobre as lideranças e as burocracias populares, tudo isto, conforma uma maneira, a mais importante para chegar à democracia real.

Como se vê, a esfera tradicional política, se tem deslocado à rua do vilarejo, do povoado, do bairro, da vizinhança, adquirindo importância o local, onde é impossível tratar dos problemas humanos abstraído-se de sua relação imediata com o todo que o contextualiza, ligando indefectivelmente a este o indivíduo inscrito em sua cotidianidade; dos anseios e ideais políticos e de partido à concretude das necessidades imediatas do agora e do aqui de grandes setores sociais, os quais são ideologicamente denominados minorias.

As donas de casa, os artesãos, os vendedores ambulantes, os chamados trabalhadores informais, os micro empresários, as etnias citadinas, os indígenas, os moradores da rua, as prostitutas, os diversos tipos da sexualidade organizada, os mendicantes, os não organizados, os anciãos, os menores, os desvalidos de toda ordem e de todo tipo de carências, os desempregados, os subempregados e todos os grupos conformados por diversos interesses e interseções grupais momentâneas, cambiantes, conformam essa areia movediça do social-atual, que o status perplexo pretende ainda ignorar, e que às vezes qualifica como marginalidade, mas que - como se tem dito - tende a compreender a totalidade das classes populares e alcançar segmentos significativos da chamada classe média.

Apesar da evidência da necessidade de uma transformação social

verdadeiramente democrática, vemos que atitudes reivindicatórias dos direitos populares são tidas ainda como crimes e as suas vozes como responsáveis ante a lei e a ordem vigente.

"Entre as melhores corporações e as mais criminosas há uma outra similitude. Tanto umas como as outras são formas dessa famosa "luta pela vida" de que tanto se falou, fórmula que deve grande parte de seu sucesso à sua mera flexibilidade. Com efeito, consideramos as mais fecundas corporações da Idade Média: "Tomemos" diz Prins, "as mais antigas e as mais simples, as quildas de Sbbotsburg, de Exter ou de Cambridge, fundadas no século XI na Inglaterra; as de Le Maus ou de Cambrai, na França, fundadas em 1070 e 1076; a de Amicita na cidade de Aire, em Flandres, cujos estatutos foram confirmados pelo conde Felipe em 1188; ou então, estudemos as mais poderosas corporações na época de seu esplendor; os pisoeiros de Garral, os especieros de Londres, os peleiros de Ausburgo no século XIV. É sempre a aplicação de um mesmo princípio: os homens, incertos quanto ao futuro e ameaçados em seus interesses, buscam o remédio na solidariedade. Sua história, aliás, é muito simples, é a luta dos pequenos contra os grandes." Diríamos o mesmo das universidades de outrora, grandes corporações intelectuais, e mesmo das corporações artísticas, da mesma época, por exemplo a dos pintores, constituída em Gand, em 1337, sob o patronato de São Lucas. Mas um grupo de bandidos, igualmente, não é senão isto: uma luta contra a Sociedade Superior". (TARDE , 1992, .p. 189)

Lembremos que esse pensamento, muito seguramente, não é original de Gabriel Tarde, é uma forma de pensar que vem da mesma conformação de nossa sociedade de classes.

## **I.9 SOCIEDADE CIVIL E GLOBALIZAÇÃO**

Os setores da sociedade civil organizada, alcançados pelos avanços nefastos da globalização e da transnacionalização, começam a dar sinais de sua inconformidade frente às instituições do Estado: os sindicatos de empresários, de agricultores, de vaqueiros, os sindicatos operários em geral, frente aos novos enquadramentos da economia globalizada, começam a sentir, na própria carne, os efeitos dos princípios da qualidade total, da máxima competitividade e das leis do mercado e do lucro transnacional, em função dos quais se pede toda sorte de sacrifícios às populações locais do mundo inteiro.

Os acordos sindicais, por exemplo, são ignorados ante os novos princípios da robotização, da qualidade, dos menores custos em matéria primas e mão de obra, na reingenharia industrial mundial na qual os processos industriais se atomizam, se deslocam aos lugares com mais vantagem por custos, leis, mão de obra, etc., descartando qualquer outro valor que não seja o das vantagens econômicas.

O cômodo lugar do regaço estatal no qual os empresários e os sindicatos corporativizados se mantinham, desaparece ante as pressões do capital global, surgindo uma nova institucionalidade ligada aos preceitos da globalização, ante a qual, e para garantia de sua própria existência, os capitais nacionais buscam atar novas alianças ao interior do Estado e com as forças transnacionais do imperialismo neo-liberal, entregando a pouca dignidade nacional que resta.

Pela sua parte, os sindicatos operários, absortos frente aos novos fatos, e especialmente espantados frente ao pior deles, o do desemprego, começam a ceder incondicionalmente no mais apreciado que tinha, a folha de petições, a qual se reduz, hoje, à pretensão de assegurar o direito ao trabalho e, assim, este se dá dentro da sub-utilização e do barateamento das forças de trabalho, agora em disputa com as máquinas inteligentes e com os robôs.

Os direitos operários, fruto de décadas de luta, começam a ser renegociados em função da redução de custos nos processos da indústria e da sobrevivência desta no âmbito mundial; bem diz o refrão que: "em rio revolto, ganho de pescadores" e aqui, bem que isto se cumpre. Os capitalistas nacionais aproveitam para que a classe operária ceda todos os seus direitos e entre na mentalidade global, na qual a natureza sindical é desconhecida pelo simples fato de que se o sindicato é produto direto da revolução industrial, numa sociedade

pós industrial como a que começamos a viver, são novas posturas as que exigem as novas formas de produção, e aqui, eles, os industriais, não deixam de ter razão- uma consciência nova deve ser construída a partir do rompimento definitivo com as formas culturais que o capital impôs nas relações de trabalho à sociedade moderna como um todo.

Se antes, na sociedade industrial, que começamos a abandonar, as lutas operárias centravam-se, em boa parte, na diminuição das horas diárias de trabalho, hoje, na sociedade pós-industrial, a luta operária centra-se, especificamente, na ampliação do tempo de trabalho, no aumento de horas-trabalhador, para poder repartir entre os trabalhadores sindicalizados essa possibilidade, agora ansiada, de algumas horas de trabalho. Desta maneira, o tradicional contrato de trabalho, fundador do capital, deixa de sê-lo para dar passagem a novas formas da relação com o capital, relações que permitam o anseio humano de se saber útil para si e para os seus, no justo emprego de suas capacidades.

Frente às necessidades do presente e às incertezas do futuro, cresce a manifestação popular numa tentativa de sensibilizar a máquina oficial: à ordem do dia estão as tomadas de terra por parte dos sem-terra, a tomada e a invasão de prédios, edifícios, residências e lotes urbanos, por parte dos sem-teto. O protesto urbano também é sentido pela tomada e invasão de supermercados e na desapropriação de alimentos que as populações mais necessitadas realizam, criando fatos de desobediência civil, no levantamento de barricadas em vias terrestres estratégicas, nos apelos desesperados que fazem as populações dos cárceres, homens, mulheres e crianças pedindo trato digno, nas marchas agrárias de protesto, pedindo crédito sem usura - por parte das agências estatais - mercados e proteção, frente aos monopólios nacionais e transnacionais dos insumos agrícolas; surgem também formas de cooperação como as "panelas"

comunitárias, e as tecnologias de uso das sucatas de todo tipo, do aproveitamento e reciclagem do lixo e desperdícios da indústria e do consumo, até o da utilização de novos alimentos feitos a partir das tradicionais sobras da cozinha e que, por circunstâncias culturais, não eram utilizadas; a recursividade popular cresce, como resposta instintiva à fome.

As seitas religiosas também fazem sua ingerência massiva neste horizonte, trazendo uma poderosa carga problemática sócio-cultural, dando origem a novos grupos, sub-grupos e associações.

As associações femininas são outro fenômeno digno de mencionar, já que elas, as mulheres, por sua condição cultural, são diretas gestoras da cotidianidade social, assim surgem associações de educação, de higiene, de saúde, de nutrição, de educação sexual, de esportes, de luta contra as drogas, de ensino de artes e artesanato, de tecnologias culinárias, agrupações de leitura do futuro, do artesanato da beleza e do corte de cabelo etc., onde a mulher marca sua presença, sem que seus papéis se reduzam a estes campos, já que também são gestoras das diferentes formas de contestação.

As mulheres, neste surgimento do popular, têm um papel principal, que não somente se dá nas lutas que desde os anos sessenta se vêm dando, pelas reivindicações de gênero, mas que se dão também em outras formas do político, em que elas estão presentes, não apenas como depositárias milenares dos labores de reprodução da espécie, de seu cuidado, saúde e sustento, como também dentro dos movimentos populares, tomando decisões, elegendo e sendo eleitas como representantes e líderes, criando a nova institucionalidade, novas formas associativas, gestando novas formas da desobediência, formando brigadas de vigilância, de propaganda, de finanças, de segurança, de gestão de pequenas empresas comunais, de abastecimentos comunitários, de cooperação,

criando mecanismos de controle e de boicote aos preços abusivos dos artigos de primeira necessidade, introduzindo à rudeza da luta a alegria e o afeto, fazendo com que o discurso político mude seu pragmatismo racional, sendo dirigido para a área dos afetos.

Mobilização, solidariedade, cooperação e alegria permeiam a expressão da luta; as festas comunais, os bazares, as festas religiosas e profanas, convertem-se, assim, em espaço político, no qual o discurso popular se manifesta, convertendo-se este espaço no lugar das trocas, dos intercâmbios entre os diferentes grupos e segmentos da sociedade.

"Do que falam as festas? Não falam de Grande Tempo sagrado, nem dos mistérios religiosos, mas do plantio, da colheita e das chuvas, das necessidades comuns da alimentação e da saúde, da ordem que organiza os seus hábitos e das suas esperanças. Para que elas são feitas? Para manter essa ordem, restaurá-la ou para resituarem-se no interior de uma ordem nova conforme a descobrem - primeiramente - em suas práticas econômicas: o artesanato, o desemprego, a migração. Fazem-nas também para consolidar as relações afetivas comunitárias, o pertencimento à comunidade dos que partiram regressaram para celebrar. Reinversão interna obrigatória do excedente econômico, catarse controlada daquilo que não pode vir à tona no trabalho que é realizado em condições de opressão, mas que é também regulado na sua irrupção festiva para que não prejudique a coesão permanente: a festa não é a liberação desregrada dos instintos... mas um lugar e um tempo delimitados no qual os ricos devem financiar o prazer de todos e o prazer de todos é moderado pelo "interesse social".(GARCIA CANCLINI, 1983, p. 54).

O processo educativo que se dá na própria luta deve ser continuado com uma educação baseada na criatividade e no desenvolvimento crítico, em que a participação ativa dos alunos é a condição necessária para o desenvolvimento de espírito democrático dentro da aula, gerador por sua vez da futura hegemonia popular, sem deixar de lado as possibilidades que o aparato neo-liberal brinda; dentro das estratégias populares para a conquista e a ampliação dos espaços populares, o povo sempre tem sabido tomar o que é útil e reprovar o imprestável, daí a contestação e a revolta.

A educação para a democracia não se baseia, como ingenuamente acreditam alguns educadores, no exercício da votação, na sala de aula, com a encenação de eleitores, eleitos, urna e votos, com o intuito de introduzir na mente desses futuros eleitores seu direito ao voto e a ser eleito; isso é suficiente tão só para a perpetuação de uma democracia aparente, a qual na atualidade o povo pretende mudar, com suas manifestações.

Uma educação para a democracia deve partir da consciência dos educadores sobre a necessidade de uma transformação total, tanto nas estruturas de nossa interioridade como nas estruturas sociais, dos fins e dos meios da educação tradicional.

A educação para a democracia tem que partir das mudanças necessárias à atitude crítica e criativa, na qual o exercício do confronto está delimitado pelo respeito ao outro; e um e outro são geradores da auto-confiança e, mais ainda, da confiança no avanço do grupo; avanço crítico gerado, por sua vez, do avanço cultural.

Estas são as verdadeiras bases da liberdade e, por sua vez, o exercício da liberdade possível que os indivíduos podem gozar, já que criar implica optar, escolher, o que por sua vez é o exercício do livre arbítrio.

Quando Marx colocava a liberdade como uma parte da essência humana, não o fazia no sentido abstrato de uma liberdade hegeliana e sim no de uma liberdade limitada pelos grupos sociais, pela cultura e, em última instância, pelos modos de produção, que é como na realidade podemos realizar nossos níveis de liberdade, e que é como na criatividade se exerce a liberdade; mas se de um lado estão estas determinações verticais, de outro temos que somente o desenvolvimento crítico permite-nos chegar a algum nível de liberdade real.

Falando Spinoza da noção cartesiana de liberdade, segundo a qual as decisões correspondem aos movimentos do corpo, às ações condizentes com a vontade da alma, exercida, esta, por meio da glândula pineal diz:

"Por certo, eu não posso admirar-me suficientemente que um filósofo, que tinha determinado firmemente nada deduzia senão de princípios evidentes, e de nada afirmar senão aquilo que percebesse clara e distintamente e que tantas vezes censurara nos escolásticos, por eles terem querido explicar as coisas obscuras por qualidades ocultas, não posso admirar-me suficientemente que ele admita uma hipótese mais oculta que todas as qualidades ocultas. Que entende ele - por favor - pela união da alma e do corpo? Que conceito claro e distinto tem ele - pergunto - de um pensamento estreitissimamente unido a uma determinada parcelinha de Quantidade? Queria muito que ele tivesse expulsado pela sua causa próxima esta união. (SPINOZA, 1965, p. 37)

A auto-confiança, baseada na criatividade e sua produção cultural, implica logicamente no desenvolvimento da comunidade, um desenvolvimento dentro de seus próprios limites da cultura e que se expressa nas formas do político e, para o caso, nas formas que se estão construindo para a democracia real.

Esta auto-confiança, desenvolvida no exercício das formas alternativas do poder, corresponde ao que seria para o artista os anos de escola e de experimentação com as técnicas e com os modelos; este espaço da criatividade popular representa a luta e a construção da própria vida do grupo e é dele, do espaço da criatividade, que devemos partir para a construção da democracia e do desenvolvimento social.

Esse desenvolvimento deve ser visto como o avanço para novas formas de vida, de autogestão, da criação de espaços e de atitudes para o desenvolvimento criativo e crítico, bases de um novo humanismo assinalado pela gratuidade; essas aptidões, se bem que podem surgir e crescer espontaneamente no homem, dados os atrasos culturais propiciados pelos processos de exploração

capitalista, é necessário cultivá-las e fazer com que se desenvolvam. A fé em si mesmo e a auto-confiança somente podem se desenvolver dentro da cooperação e do respeito pelo outro, e a partir do auto-conhecimento e do amor por nós mesmos, amor e respeito pelo que cada indivíduo tem como próprio sob sua pele.

Nesse amor do indivíduo por si próprio e por seu semelhante está baseado o desenvolvimento de uma cultura que tenha como finalidade o próprio homem, que pense na qualidade de vida a partir das relações entre os indivíduos, entre os diferentes povos e nas relações sadias com a natureza.

Vista assim, a criatividade deverá ser a total valorização da sensualidade, da percepção e do amor pelo próprio corpo, de nos conhecermos para nos amarmos e assim podermos conhecer e amar os seres que nos acompanham na viagem pelo cosmos.

Isto, logicamente, não se obtém por meio de decretos ou de boa vontade por parte dos indivíduos. É necessária uma revolução interna dentro do corpo social e dentro dos indivíduos; é necessária uma revolução cultural, a partir da gratuidade que emana de tudo o que foi criado e à qual não escapa o ser humano, em sua dupla qualidade de criatura e criador.

O auto-conhecimento, por sua vez, implica na construção de nossa identidade e do reconhecimento do contexto sócio-geográfico do qual fazemos parte, e para o qual devemos ir criativamente em função da projeção individual, através da qual realizamos nossa função de ser no mundo.

O desenvolvimento das culturas, na particularidade de cada uma, e no respeito à cotidianidade dos indivíduos, será, sem dúvida, a saída deste túnel obscuro no qual o capitalismo situou-nos. A produção sem medida, o consumismo

e o desgaste dos recursos naturais têm levado povos inteiros à miséria, à fome, trazendo para a grande maioria dos lares, aqui incluídos também os da burguesia, as seqüelas irreversíveis dos danos causados ao meio ambiente, neste festim de uns poucos, em que se desperdiçam estupidamente os recursos da natureza.

## I.10 CONCIENCIA POLÍTICA POPULAR

É realmente um momento de transição o que estamos vivendo, e esta procura do lugar adequado para os diferentes atores políticos que surgem apenas está começando; as novas formas do político ainda não estão claras. Assim, saibamos de antemão quais são alguns dos caminhos que não devemos trilhar. Do reciclamento das experiências populares, possivelmente surgirão possibilidades dignas para ser adotadas e utilizadas, em atenção a suas particularidades.

Este retorno à história dos que não tem história está se realizando através de diversas leituras que se procuram do historiado oficialmente e por meio das diferentes tendências atuais da história, que baseiam suas preocupações nos componentes da cotidianidade e no homem comum, como gestor da história.

As organizações não governamentais, por sua vez, estão desenvolvendo um trabalho de especial significado para o desenvolvimento da consciência política popular, fazendo às vezes de ponte, não somente com os diferentes estamentos e agências do poder, mas com os movimentos populares e as diferentes formas de conhecimento, no caso, o conhecimento histórico.

As ONGs são os elementos de enlace entre os diferentes estamentos inscritos na problemática da política e da cultura emergentes; governos, agências

estatais, agências internacionais, grupos de estudo, movimentos populares, movimentos organizados, instituições tradicionais da sociedade civil etc., que permitem assim uma globalização coerente com os tempos, mas não necessariamente agressiva à maioria.

Este tipo de globalização, muitos filósofos a pressentiram. Spinoza, por exemplo, considerava o ser humano total como um organismo único, com um só coração, com um só cérebro e uma única razão, como pareceria ser se nos sujeitássemos às tendências que a comunicação eletrônica acelerou e que condizem com as noções das demonstrações matemáticas de Spinoza, no caso, o movimento dos corpos.

"O corpo humano é composto de um grande número de indivíduos (de naturezas diversas), cada um dos quais é também muito composto. (.....)Os indivíduos que compõem o corpo humano são afetados de numerosas maneiras pelos corpos exteriores" (SPINOZA pag. 33) Ética parte I e III.

Para o sociólogo Gabriel Tarde, o corpo social humano é um organismo único e a opinião pública não é senão um acúmulo de idéias existentes e descobertas em uma determinada época histórica pelo próprio cérebro humano.

Quando Tarde fala da "opinião planetária", prevendo a globalização atual, nos diz:

"A opinião que não consegue se impor como opinião comum não poderá subsistir sequer em estado minoritário, porque não há opinião minoritária no interior de um cérebro individual"(TARDE, 1992, p. 15)

O ideal tardiano da humanidade como um grande cérebro, em que a comunicação intercelular é instantânea, já é uma realidade nestes momentos da globalização acelerada pela tecnologia eletrônica na qual, mais do que nunca, se tem evidenciado a unidade dicotomizada de cultura e política, unidade homogeneizada no respeito à diferença.

Assim, as diferenças não serão mais que um enriquecedor das possibilidades do conhecimento, do crescimento de uma racionalidade crítica, e do bem estar humano. Este componente das diferenças é vital para as lutas populares, dado que esta parte das necessidades cotidianas, cria de passagem um eixo entre a práxis do cotidiano e o apoio e comunicação entre os diferentes movimentos populares regionais e do mundo, eixo este de especial interesse para as metas estratégicas do político, transnacional e global, se assim se quiser.

Mas este ideal - devemos levar isto em conta - é produto de uma negociação intergrupala das próprias diferenças, posto que o são pelo fato de se relacionarem entre si, e competirem ou compartilharem espaços e interesses e, é claro, tenderem cada uma delas à expansão e à homogeneização a partir de suas próprias particularidades. A convivência requer, pois, uma negociação ao interior do popular, entre os diferentes grupos sociais. Este passo é o primeiro a se dar na verdadeira transformação democrática de nossa sociedade atual.

Esta negociação, necessária para as novas conformações sociais e políticas, passa pelas negações e afirmações da parte de nossa identidade e de nosso projeto social e individual. Neste momento de surgimento de tendências culturais, que dão prioridade ao indivíduo, crescem as possibilidades de que essa negociação seja realizada no micro-social e cara a cara, dando-se uma inusitada importância, também, ao discurso não mediado, digamos: à conversação direta dentro das formas individuais de comunicação.

"O projeto, creio, deve ser uma tentativa consciente de dar um sentido ou uma coerência a essa experiência fragmentadora. Como já foi dito antes, o individualismo é uma possível solução diante da diversidade de domínios e áreas. Outra seria o mergulho radical em um tipo de experiência que, a partir de certo momento, pelo fato de ser "totalizadora", prescindiria de maiores explicações - ela se justifica por si mesma -. Você ou não é um "cientista louco", uma "beata", um "burocrata ritualista" ou uma "mãe de família". Gluckman admite que mesmo nas sociedades urbanas modernas podem ser encontrados pockets of social relations em que papéis múltiplos possam ser

encontrados."(VELHO, pag. 31)

"Em uma sociedade complexa moderna os mapas de orientação para a vida social são particularmente ambíguos, tortuosos e contraditórios. A construção da identidade e elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um contexto em que diferentes "mundos" ou esferas da vida social se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito." (VELHO, 1987, p. 33)

## **I.11 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SÍMBOLO**

A construção do discurso popular implica a construção da história popular, esta, por ser um processo de produção simbólica, necessariamente é produto da intuição, da imaginação e da criatividade; isto é, a construção simbólica é a base da construção histórica e da participação política popular.

Esta simbolização não é tarefa do indivíduo isolado, é uma tarefa conjunta social, e por si mesma a própria construção do ser social humano, daí que a criatividade social seja a mais alta das manifestações humanas, prioritária e primária e que, assim sendo, se procure seu desenvolvimento como base de uma nova democracia.

Agnes Heller encontra que a primeira etapa na construção da consciência histórica é a da consciência "não refletida", cujo produto é o mito; acrescentamos que este mito é gerado pelo trabalho simbólico, e pelas atitudes simbolizantes da humanidade, encontrando-se, desta maneira, o símbolo como significante da criatividade inicial social, posto que o discurso mítico, explica inicialmente uma história que se reflete em cada um dos indivíduos, tem sua base na sociedade, tanto por sua construção como por seus objetivos, morais, éticos, de afirmação social, étnica, política e religiosa.

Desta maneira, o choque entre projetos sociais e entre formas diferentes de ver o mundo passa necessariamente pela construção simbólica das áreas de interesse comum; seu confronto e sua negociação, são também, primariamente, de natureza simbólica, ou seja, que as trocas necessárias a toda negociação social e entre grupos e sociedades diferentes se leva a cabo desde a construção simbólica.

Esta negociação das diferenças e seu manejo estratégico conforma o fato político próprio da luta democrática ao interior das modernas sociedades urbanas; os níveis dessa luta serão dados dentro dos processos da criatividade, geradores - como já se falou - do aprofundamento nos valores próprios e da autoconfiança e auto-estima do grupo, assim como também de atitudes atentas e críticas com respeito às diferenças de outros grupos sociais.

O verdadeiro enriquecimento dos movimentos populares se dá no confronto, dentro da superação crítica das diferenças e dentro da valorização do outro; é que estes não poderão subsistir sem crescer, aproveitando o que, para o projeto social, seja aproveitável dos outros, e permitindo que a própria maneira de enfrentar o mundo também enriqueça aos demais.

Esta troca de valores, acelerada pela tecnologia da comunicação eletrônica, é a base real de uma globalização ou homogeneização dentro da diferença. Desta maneira, o intercâmbio das experiências populares é fundamental para a cultura que venha a se dar, já que assim se ampliam as possibilidades de vias a serem escolhidas e em conseqüência cresçam também as formas de exercício da liberdade, e não no abstrato ideal de poetas e idealistas, construtores da utopia da liberdade total.

O desenvolvimento do micro-cultural se dá nestes momentos da globalização acelerada, com estas condições de confronto-respeito-comunicação entre os grupos conformando, necessariamente, os conteúdos dos diferentes projetos sociais ou culturais.

Por outro lado, os fenômenos transnacionais, as relações comunicacionais cibernéticas, a conformação de redes de interesse por computador, a criação de espaços cibernéticos, a utilização, por parte de segmentos populares através das ONGs, da mídia transnacional e a interação de todos estes elementos com o político-popular, com o imaginário popular, são fatores que criam e ampliam as possibilidades da simbolização do povo.

"Desde el concepto de efecto las relaciones tecnología-cultura nos devuelven al fetiche: toda la actividad de un lado y mera pasividad del otro. Y lo que desde ahí se nos impide pensar, como en el análisis de los procesos de comunicación masiva, es la especificidad y la complejidad histórica de esos procesos. Desplazaremos entonces la mirada, o mejor el punto de vista, para interrogar la tecnología desde ese lugar otro: el de los modos de apreciación y uso de las clases populares. Porque lo popular en América Latina se configura cada día con más fuerza como "ese lugar desde el que se hace posible comprender históricamente el sentido que adquieren los procesos culturales, tanto los que desbordan lo nacional" "por arriba", esto es los procesos macro que involucran la puesta en funcionamiento de los satélites y las tecnologías de informatización, como los que lo desbordan "por abajo" desde la multiplicidad de formas de protesta "regionales", locales, ligadas a la existencia negada pero viva de heterogeneidad cultural" (BARBERO, 1987, 118)

Esta apropriação que o povo faz pode ser vista claramente no caso do Exército Zapatista do México; por fora do tempo convencional, a informação sobre as reivindicações das lutas, os triunfos e derrotas do grupo guerrilheiro, chegam ao mundo por meio da internet, constituindo este meio de informação global uma das armas dessa agrupação política; a informação, assim veiculada, rompe com o monopólio da notícia e com sua manipulação unilateral.

Isto faz parte da presença e da manifestação da força popular, pela qual se dão acordos e pactos entre pares aparentemente irreconciliáveis; o

Estado e os grupos insurgentes ou subversivos de diferentes países latino-americanos (Salvador, Guatemala, Colômbia, México) estabelecem diálogos tendentes à negociação, estabelecendo-se dois espaços claramente definidos, um o de enfrentamento e da demonstração significativa de força e violência e outro - paralelo - o do diálogo político, sujeito ao anterior, contrariando o princípio de Karl von Clausewitz, de que a guerra é a continuação do político, posto que, em nosso caso, são as demonstrações reais de força as que impulsionam as posturas políticas; a força permite o reconhecimento de um adversário, de um par para a negociação, par digno de respeito, por sua potencialidade de ação violenta; outro caso foi de Mahama Ghandi, na Índia, que derrota o inimigo com idéias, com a desobediência civil, e com seu carisma pessoal.

Os movimentos populares da América Latina têm conquistado seus espaços em franca luta com a burguesia e com seu representante - o Estado; a violência, o confronto e a desclassificação têm sido tradicionais; os espaços políticos e os palcos populares têm sido alcançados com luta, mas - obviamente - sua legitimidade é produto não apenas dessa luta mas também, agora, da globalização que, ante a emergência mundial do popular, impõe modalidades "políticas", com as quais o Status neoliberal pretende enquadrar e canalizar as forças sociais emergentes.

Esta legitimação, estereotipada e global, abarca possibilidades de negociação entre os segmentos populares, os agentes do Estado e as instituições da burguesia local, enriquecendo assim o horizonte de possibilidades, no qual o pluralismo se conforma com a principal característica atual do conflito entre as classes, e no qual se dá, às vezes, a ilusão da perda da fronteira entre os de cima e os de baixo.

Esta percepção ilusória, a do fim da luta de classes no pluralismo atual

é um véu que cai sobre a realidade social atual, na qual as diferenças sociais aumentam e na qual a formação de guetos, que sugerem a raiz da desconfiança pelo outro - diferente - marginaliza tanto ricos como pobres.

Os ricos vivem à margem da vida popular que passa pelas ruas, e os pobres vivem à margem dessas próprias limitações dos ricos, saudosos de uma varanda para ver passar o desfile da vida. As classes ricas, vivendo entre as barras de suas gaiolas, fugindo dos pobres, temendo todas as suas potencialidades, e os pobres povoando ruas, praças e avenidas por falta de moradia, exercendo pressões e temores, dos quais não têm - ainda - consciência.

Toda a explicação anterior tem permitido a ampliação do espaço de atuação popular, dando-se uma aproximação aos fios e condutos do poder, forçando-se aproximações, por parte dos políticos tradicionais, ao popular e aos movimentos populares. Isto acontece também por parte das camadas sensíveis da burocracia, os políticos de carreira, os partidos políticos e atores tradicionais da democracia formal; pareceriam estar na expectativa e com atenção especialmente voltada para o a nova situação social, que começa a ensaiar novos gestos e novos discursos, casos nos quais o comum é o rapto da linguagem popular; rapto que não acontece dentro de um puro oportunismo político.

A cotidianidade passa a ser prioritária no discurso dos políticos, deslocando o discurso abstrato das generalidades e permitindo um novo convidado ignorado, até o momento, pelos políticos: o Cultural. O Cultural sempre foi tido pelos políticos como um divertimento, como uma diversão em seu conceito ingênuo do ditado romano de "pão e circo", acrescentando algumas bibliotecas de bairro e algum ação de promoção artesanal, isto dentro de uma definição da cultura herdada da Ilustração, e com a qual têm trabalhado tanto os políticos em campanha eleitoral, como os políticos em exercício de poder.

Estas formas populares atuais, do político, são mostras de um processo social que está terminando; as velhas culturas políticas ou maquinarias do político - voto, eleições, partidos, processos eleitorais, legislação eleitoral, processos de seleção de líderes, processos para seu reconhecimento social, conformação de burocracias - são obsoletas e devem ser redesenhadas segundo as necessidades e a natureza da democracia direta e real, para que atenda às novas formas do poder e do desenvolvimento cultural, do qual estas novas formas devem ser sua expressão.

## I.12 O GLOBAL POPULAR E A CULTURA POPULAR

Se o desenvolvimento cultural, por si mesmo, precisa da construção da identidade do grupo, da liberdade - na possibilidade de seus níveis - e da autonomia, hoje, com a ingerência da tecnologia eletrônica, da informática e da comunicação, a articulação necessária no conflito é a negociação permanente do discurso do grupo social em questão, no espaço global popular.

Esta interação, que a globalização permite, acontece tanto no imediato local, regional, nacional, como mundial, dando-se assim a possibilidade de uso estratégico destes diferentes níveis de presença, segundo seja o caso e o momento.

As lutas indígenas pela demarcação de terra, no caso do Brasil, é um exemplo do traslado de interlocutores dentro da globalização e de uso de táticas e tecnologias por parte dos industriais; permitindo-se a conquista das reivindicações desde que os apelos pelo respeito às terras e a negociação dos direitos indígenas passem necessariamente por Paris, Londres, Tokio, Nova York - deixando de lado globalismos locais - os centros de controle financeiro, dos empréstimos, e da

legitimação global.

Como podemos ver, a autonomia e a articulação dos movimentos populares a nível global, implicam a legitimação desses novos interlocutores globais, em detrimento das noções de soberania, Nação, simbologia própria, pátria e fronteiras geo-políticas. Essa tendência de legitimação-deslegitimação deve ser trabalhada criticamente no interior dos movimentos populares, pois os diferentes imperialismos estão sempre atentos para tirar proveito para si destas contradições.

O desconhecimento da soberania e da identidade dos povos é próprio da ideologia imperialista, que historicamente vem dando mostras de sua natureza, e que com a globalização e a transnacionalização de capitais e de mercados toma cada dia mais força.

No âmbito da política internacional, o conceito de Soberania está dado e hierarquizado pela situação de cada país na escala de valores neo-liberal; um primeiro corte representa a nomeação dos países centrais e países periféricos, que são os dois pólos do trânsito de capitais. Os países centrais, aqueles nos quais o capital itinerante pode, mais ou menos, ser localizado junto com os sujeitos de sua gestão - japoneses, norte americanos, franceses, ingleses, etc - estes países se distinguem dos periféricos por serem gestores das modas, dos estereótipos, e dos paradigmas intelectuais e tecnológicos. Os países periféricos seriam aqueles onde a legislação tributária, a mão de obra barata, a não presença de conflitos sociais, a desestruturação da sociedade civil e o manejo autoritário do Estado, permitem a instalação de fábricas, que seriam inviáveis em países centrais, por serem poluidoras, caras, inoperantes. Estes países, periféricos ao desenvolvimento dos países centrais, são os países em vias de desenvolvimento.

Em um escalão mais baixo, nesta classificação dos países, em função do imaginário internacional do lucro, estão os países cujo aporte ao capital internacional está representado pelas matérias primas, carvão, ferro, petróleo, minerais radioativos, carnes, frutas, madeiras, minerais preciosos e alguns tipos de serviços e certos níveis de consumo dos artigos produzidos pela indústria transnacional.

No nível seguinte, estão os países cujo aporte ao capital neo-liberal consiste tão somente no consumo de produtos industriais, trocados por serviços e bens de produtos da indústria local e artesanal.

No último nível desta escala neo-liberal estão os países que nada aportam ao capital internacional e cuja existência representa um problema real para os fins da transnacionalização e globalização neo-liberal, e nos quais os conflitos sociais só expressam a luta pela imediata sobrevivência. Já nos acostumamos com as notícias de milhares de mortos por fome na África e na Ásia, por desnutrição, subalimentação e todas as regressões físicas e mentais causadas pela fome.

Temos que ficar - pelo visto anteriormente - atentos aos aspectos positivos e negativos dos processos globalizantes da atualidade, pois se estes podem permitir em um momento, o trânsito pelo espaço cibernético das lutas populares, também essa globalização reforça as tradicionais posturas imperialistas, homogeneizantes de natureza perigosa aos aspectos da existência humana.

A educação para a democracia, dentro do desenvolvimento criativo, passa pela consideração crítica destas categorias novas da realidade global, posto que estas já fazem parte da realidade imediata e da cotidianidade.

As lutas populares, nestes momentos de pós modernidade, têm que considerar estas relações entre o macro-social e o micro-social, amadurecendo as atitudes frente às contradições mais marcantes: identidade e globalização, nacionalidade e globalização, cidadania e globalização e, em particular, na relação entre Estado Nacional e a globalização.

Isto, porque a debilitação do Estado está em convergência com os interesses da transnacionalização, e devemos estar atentos para ir contra determinadas ações do Estado e seus agentes, mas também devemos estar atentos para legitimar por meio do consenso, as ações e as instituições do Estado, quando assim convier, dentro do jogo internacional, aos interesses da sociedade à qual pertencemos.

Uma interrogação em relação aos propósitos do poder, em direção aos pólos do poder econômico, consiste em saber que tipo de instituições se apresentarão na globalização e no desenvolvimento de suas tendências homogêneas, e quais serão as derivações no poder do Estado.

Se para o capitalismo da modernidade, o Estado foi sócio irrestrito das classes economicamente poderosas, agora, seu papel minimizado ao estritamente necessário, será o de veiculador dos desígnios trans-nacionais, e em cujos gestos políticos estará presente - como legitimador - o projeto neo-liberal.

Assim, as lutas populares da atualidade têm que passar, obrigatoriamente, pelo fortalecimento de uma cidadania que transforme, desde o cultural, as instituições oficiais e o próprio Estado nacional; essa construção institucional deverá ser feita a partir dos espaços institucionais locais, mais sensíveis, por sua colocação, às necessidades populares mais urgentes. As lutas

populares devem ter várias frentes: a da construção cultural, a da construção institucional, e a da articulação global.

Trata-se de construir sobre as estruturas do poder, existentes e aproveitáveis, um Estado cuja forma e funções estejam em função da cultura e da cotidianidade. Esta visão política considera o Estado, de todas as maneiras, como um ente necessário às manifestações da política e da cultura, e não como antagonico, como tem sido visto por alguns.

Esta construção do Estado, partindo do cultural, deve ser produto das transformações que os indivíduos realizam na interioridade própria, refletida nas mudanças da construção cotidiana, da vida cotidiana, da criatividade colocada nas mudanças do exercício do micro-poder na família e na localidade.

Novos foros e novas arenas para a luta popular terão que ser abertas pela criatividade popular; novas soluções e maneiras de seleção e de controle de líderes e atores políticos terão que surgir; novos direitos e deveres surgirão para afrontar os principais perigos desta contemporaneidade: a despolitização pública e civil e a atomização do conflito social, os quais produzem, em parte, a divergência irreconciliável entre os diferentes projetos populares, a desigualdade personalista no mundo do trabalho, o desemprego estrutural, a incerteza na identidade e na cultura própria e, por último, a anulação total da criatividade e da estruturação de um projeto de vida.

Com a desculpa da modernidade da civilização e do progresso, os povos foram despojados da razão de seu ser social, da identidade, igualando modernidade com acultramento, criando uma escala cultural, na qual o primitivo é o estado do inculto, no qual o máximo valor e estado de desenvolvimento cultural estão representados pela sociedade consumista-urbana-ocidental, topo ao

qual todas as comunidades e sociedades devem chegar como meta final de desenvolvimento.

Esta modernidade, que não é que não é senão a expressão do processo capitalista e do imperialismo colonialista, baseia-se na desigualdade econômica; desta e não de outra maneira se explica que grupos e comunidades sejam mais ou menos "primitivos", dentro de países exemplos de cultura e civilização ocidental, sendo estes, apenas, manifestações do desenvolvimento industrial e da exploração operária.

Estas formas de enfoque da modernidade, como um avanço nos níveis da cultura, implicam posturas ideologizantes burguesas, de corte elitizante, que nega por exemplo a vocação das massas e dos estratos populares pelo bem estar e o usufruto de melhores níveis de vida, dado pelo uso dos espaços, da higiene, do avanço na alquimia dos sabores, cheiros e visões estéticas, apropriados unicamente para os espíritos delicados, que não são, para o caso, os da classe popular. Vejamos:

"Las ciencias, el arte, la técnica y todo lo demás viven de la atmósfera tónica que crea la conciencia de mundo. Si esta falta, el europeo se va envileciendo. Ya no tendrán las mentes esa fé radical en sí mismas que las lanza enérgicas, audaces, tenaces, a la captura de grandes ideas, nuevas en todo orden.

El europeo se hará definitivamente cotidiano. Incapaz de esfuerzo creador y lujoso, recaerá siempre en el ayer, en el hábito, en la rutina. Se hará una criatura chabacana, formulista, hueca, como los griegos de la decadencia y como los de toda la historia bizantina.

La vida creadora supone un régimen de alta higiene, de gran decoro, de constantes estímulos, que excitan la conciencia de la dignidad. La vida creadora es vida enérgica, y esta solo es posible en una de estas dos situaciones: o siendo uno el que manda o hallándose alojado en un mundo donde manda alguien a quien reconocemos plenos derechos para tal función; o mando yo u obedezco." (ORTEGA E GASSET, 19 )

Toda prática criativa leva necessariamente implícito o exercício da crítica nos diferente níveis, é nela que a crítica cresce e se faz necessária em particular, nos aspectos do popular, já que não se trata da expressão estética e do uso dos pincéis, cores, texturas e materiais, embora, não se pode negar que a luta mesma tem muito

de estético enquanto expressão lúdica da construção da vida.

Uma das razões de ser da crítica é o seu caráter realista, pragmático - se se quer - que, situada ao outro extremo da audácia, da imaginação e do arrojo, permite, ao sujeito social, dar os passos necessários para conseguir levar adiante suas pretensões criativas, de uma maneira medida, negociada e realista.

Outro motivo de sua importância na luta política, radica nos exercícios que ela realiza como autocrítica, permitindo ao sujeito social o ajustamento interno da ação com os recursos e aptidões próprias.

Estas duas formas de atividade crítica, feita não somente para o fora dos movimentos populares, e dentro dos movimentos mesmos, se não para o espaço contextualizado do conflito: permite as articulações políticas com segmentos sensíveis do Status, com os demais movimentos populares e com a criação de redes de interesse comuns.

Não devemos confundir o papel da crítica com ação da censura, que chega desde as profundidades psíquicas com seu rigor conservador e inibidor, tradicional, e que aflora tanto nas mentes dos indivíduos como na psique coletiva, e da qual suas manifestações são os tradicionais códigos da ética, da moral, da estética, do comportamento político burocratizado, e, que se encontram fisicamente encarnados em segmentos sociais determinados, dentro de todo grupo social, e, com os quais, em primeira instância se manifesta o conflito, ao se intentar uma mudança, uma transformação.

Estes segmentos conservadores contra os quais se tem que lutar no grupo social, no momento da mudança social, política e cultural, representam as estruturas sociais que se pretendem mudar e que, de uma ou outra maneira, se encontram

introjetadas em todos e cada um dos indivíduos, como efeito primário da hegemonia das classes no poder.

O domínio de uma classe por outra se tem levado a cabo mediante a imposição cultural, a supressão dos processos próprios de resposta cultural e a inibição da criatividade, a proibição de discursos próprios e a negação da escala de valores sociais próprios.

Historicamente, os processos de dominação de um povo sobre outro, ou de uma classe social sobre outra, não se cumpriram na totalidade ideal do domínio, pela imperfeição nos meios de controle, de comunicação e de sanção. Hoje, com os avanços tecnológicos, a luta dos poderosos pelo domínio das maiorias, pôr conseguir seu consenso e sua obediência compulsiva se está conseguindo aparentemente; durante o processo de domínio tipicamente capitalista, com o qual se inaugura a modernidade, a criatividade localizada alcança graus nunca imaginados, centrando-se no melhoramento do uso das forças mecânicas das máquinas industriais e dos processos de produção, inibindo necessariamente a criatividade da classe operária, situando-a na alienação, como parte integrante da mesma mecânica capitalista da produção e do lucro.

O que não quer dizer que os efeitos do domínio de classe tenham sido exercidos somente sobre os operários das fábricas, e que o lugar do dito domínio seja unicamente o das relações entre operários e patrão, já que se tem visto que o sistema capitalista de produção mudou a cultura dos povos que se viram levados a este tipo de produção, alterando desde os relacionamentos da família até os relacionamentos entre os povos.

E voltando ao tema dos segmentos conservadores no seio dos grupos populares, é preciso nomear as atitudes conservadora de certas tendências de

esquerda dentro dos grupos populares, que centram toda possibilidade de mudança na consciência de classe da classe operária - hoje, esta classe, em francas vias de extinção - negando a dinâmica social que existe na luta diária pela existência, que levam adiante todos os estamentos populares.

Este processo de resolução das contradições, dentro do grupo social, está mais evidente no interior dos Movimentos populares, sendo eles, de todas as maneiras, um recorte da sociedade, da qual eles são manifestação, e na qual se explicitam as formas de conflito ao interior e com o exterior, ou seja com as forças sociais no poder.

O sucesso popular e sua perpetuação hegemônica serão produto direto da formação de consciência que se dá no interior popular, no confronto das diversas tendências que ali se encontram, com seus vícios e suas virtudes, e na erradicação dos fatores - dentro do grupo social popular - que permitiram a alienação, a exploração de uns pelos outros, o desperdício dos recursos naturais e, em última instância, a construção de um projeto social contra os interesses humanos.

Mas a mudança não se logra pelo simples desejo de levá-la a cabo, ou através de discussões teórico-políticas; esta mudança deve ser feita a partir de um outro eixo, o da construção simbólica que parta de uma nova percepção do mundo e da realidade, dentro de novos códigos e de novas linguagens, sobre as quais se levante uma teoria que contemple as novas emergências éticas, estéticas, sociais e políticas; para uma cotidianidade criativa e crítica. Hoje, mais que nunca, o vetor que vai da teoria à prática deve de ser posto de lado, para desenvolver um outro, - que de fato serviu para o desenvolvimento deste por não demonstrar uma eficiência imediata - , este novo eixo é o formado pela imaginação e a crítica e cujo desenvolvimento somente se dá dentro da criatividade.

No campo da construção simbólica convergem os interesses também do afã

de domínio, daí, que o primeiro a impor aos povos dominados ou para ser sojulgados seja a língua pois esta leva implícito um modo de ver e de sentir o mundo; ao impor a língua, o dominante esta procurando a homogeneização cultural é dizer a anulação do outro como diferente e seu ingresso ao cosmos simbólico do dominador.

Isto leva-nos diretamente ao nó da questão da luta política e cultural e a qual se deflagra realmente no interior do indivíduo no psicológico e no interior dos grupos sociais, no campo da produção simbólica.

A produção simbólica, como exercício da criatividade implica na imersão gratuita e lúdica na experimentação da realidade, - experimentação sensual sinestésica como diz Baudelaire - assim, como da expressão sinestésica, intertextuada, por fora das simples explicação lógica e racional das técnicas e das gramáticas como tem sido dado na cultura que priorizou a palavra, o discurso falado e escrito, negando a importância e presença à todas as outras possibilidades expressivas e seus inter-relacionamentos.

Esta emergência do poder popular manifesto nas novas formas da significação e da simbolização grupal, coincide com a valorização específica que fazem as classes no poder da criatividade, como geradora de uma nova "inteligência" como elite ao serviço destas minorias, como produtores de idéias produtos e necessidades novas, para ampliar os níveis de conforto, segurança, refinamento, prazer e controle social, por parte dos possuidores do poder econômico; desse jeito, as classes no poder, inibem sua própria possibilidade de simbolização e desenvolvimento cultural, auto alienando-se terminando com os restos culturais próprios que possam ter, imersos no paraíso da cultura global e da homogeneização consumista.

Voltando ao caso da América Latina não podemos esquecer que a ruptura cultural que se deu com a industrialização e o capitalismo, somente chegou a nós de

uma certa maneira, que permitiu a persistência cultural de formas que dentro da cotidianidade - tida a menos pelas elites - conservaram seus enraizamentos com as formas aborígenes e com as maneiras de enfrentar a realidade dentro de uma mistura de magia e religião.

A racionalidade da cultura ocidental, não conseguiu tirar de América Latina estas formas de explicação do mundo e sua poesia e ainda mais quando a mesma exuberança e riqueza de natureza que entra por todos os poros da pele acorda a todos os demônios da sensualidade e a polivalência das linguagens, o aparecimento das meta-linguagens populares que desprazam a rigidez da palavra e o discurso racional.

Aqui, na nossa América, os processos de relacionamento com a natureza e com o outro, não tem tido como fim o domínio, ainda depois da terrível experiência da conquista européia e da posterior depredação que protagonizam os afãs capitalistas em tudo o continente.

O distanciamento entre a prática política e o cultural popular que hoje se tem feito evidente, vinha-se dando desde a natureza mesma do discurso político europeio e de sua racionalidade ficando longe do aspecto afetivo das populações, posto que é desde o afeto e das trocas quotidianas que se pode efetivar a mobilização das populações e não desde a frieza objetiva partidista com sua linguagem e gestualidade distante e afetada.

Este divorcio entre política e cultura, não somente se deu na prática dos relacionamentos entre povo e classe política posto que também os tratadista e teóricos da sociologia e da política contribuíram para isto da sua própria maneira, imaginando a política como um fenômeno estranho à cultura, o considerando desde a antropologia, a política como um fenômeno não próprio do cultural e de impossível generalização, especialmente em tratándose das sociedades chamadas "primitivas".

Dentro deste marco, surge a movimentação popular como um novo espaço da convergência do cultural e do político, sendo um a expressão do outro, dentro das novas possibilidades culturais que surgem, se convertendo o popular-cotidiano-político em objeto de uma nova postura sociológica e antropológica, motivo da ação de certas agências do Estado e de entidades não governamentais ou ONGs.

Assim, o multiculturalismo aparece como antíteses da tendência homogeneizante que procura a formação de uma cultura popular única que facilite o trânsito de bens serviços e valores dentro do crescimento consumista e da ditadura do livre mercado.

## **CAPITULO II**

### **A CRIATIVIDADE E A HISTORIA**

No anterior capítulo, tentamos definir a criatividade, a criatividade do comum e as categoria que intervém nela, e também tentamos definir outras formas do exercício criativo, como seria o caso da criatividade em grupo ou em equipo.

Neste capítulo nosso principal motivo será o da relação da criatividade do comum com a história em dois cortes diferentes, um o do acompanhamento da história como tal frente à problemática da criatividade do comum e, outro, o do paralelismo entre a expressão subversiva da criatividade e os fatos historiados.

Esta dupla análise se inicia no momento no qual o espírito da espécie, graças a sua natureza criativa, desdobra-se sobre si mesmo na reflexão,

permitindo o surgimento do conhecimento e da razão. Junto com a razão e como seu corolário nasce também a linguagem, a palavra e sua ambigüidade, a verdade e também a mentira, primeira convergência geradora de novas coincidências e de novos problemas.

No horizonte humano se dão cita o acima e o abaixo infinito do espaço celeste e a finitude imediata do chão terrestre; o acima e o abaixo: pólos de uma cosmologia que determina o modo de pensar inventado pêlos gregos. O lugar dessa convergência, o homem, espaço do conflito seria jogado de lado por vários séculos para dar prioridade, algumas vezes, ao acima teologizado e, outras ao acima paradisíaco das idéias, ou à lama experimental das coisas da realidade, longe da contemplação especialmente convergente da natureza humana.

Exceções marcantes encontram-se; a primeira, a do movimento sofista, preocupado com os problemas do conhecimento e a percepção, a natureza da verdade, a relação entre linguagem, pensamento e realidade, o ser real dos Deuses, a natureza imaginada do Deus criado pelo mesmo homem, os problemas da vida em sociedade, a democracia, a justiça a educação e em especial sobre o papel do professor na sociedade, e prioritariamente sobre o relativismo dos valores e a importância do sujeito nos processos do conhecimento.

Este movimento que muitos - desde Platão - tem querido deslindar do digno ofício da filosofia como tal, volta-se hoje como ponto de referência para qualquer trabalho sobre a cotidianidade e, especificamente, sobre a criatividade comum, posto que já na sua época, por circunstâncias próprias da necessidade política, abre-se, pela primeira vez, para o comum do povo grego a possibilidade de desenvolver e exercitar aptidões próprias dos populares.

Ainda que, para o caso, fosse em função da expansão grega, naquele

momento de auge e de crescimento em mãos de Péricles, que chama para Atenas educadores e filósofos de todos os cantos do império, para assumir a tarefa da educação dos cidadãos atenienses, para a gestão política; alguns dos principais expoentes desta leva extraordinária de professores foram: Protágoras, Prodicus, Hippias, Gorgias, Antiphon, Diagoras, Critias, Eurípides, Euhemerus, Theodorus, muitos deles processados pelo seu ateísmo e impiedade como conhecedores que eram de uma dinâmica até então desconhecida da razão que ia contra as razões do dogma religioso e possuidores de um modo novo de olhar o mundo, desde as próprias janelas relativizantes da humanidade. Este movimento dos sofistas é de longínqua tradição reconhecida pelos mesmos filósofos, que surgiram a partir de Platão. E que os mesmos filósofos que surgiram a partir de Platão reconhecem como sua possível origem o mesmo Homero. Esta consideração e priorização dos negócios puramente humanos, por cima das idealizações teológicas levou ao exílio e à morte a muitos dos já citados sofistas, e também ao esquecimento de muitas de suas obras; lembremo-nos como a obra de Protágoras sobre os Deuses foi queimada em praça pública e que o mesmo Protágoras junto com Sócrates, Phidias, Anaxágoras, Eurípides, Theodorous e outros foram enjuizados por impiedade.<sup>1</sup>

Dizia Protágoras (Kerferd):

“Concerning the gods y am not in a position to know either that (or how) they are or that (or how) they are not, or what they are like in appearance; for there are many things that are preventing knowledge, the obscurity of the matter and the brevity of humam life”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Protágoras est né à Abdere vers 492. Philostrate pretend que Protágoras fut initié aus doctrines secrètes des mages perses (.....). Le conténue de l'enseignement reçu expliquerait l'agnosticisme de Protágoras (...). Or l'accusateur de Protágoras était un nommé Pythodore um de Quatre - Cents. c'est-a - dire un partisan de oligarchie; l'agnosticisme ne fut saus doute qu'un prétexte. Le sophiste fut invité à quitter Athènes, et lon se borna à brûler ses oubrages sur la place publique (...) Protágoras fut l'iniçiateur du mouvement sophistique, il inaugura en effet les leçons publiques payées et codifie même l'estimation de ses honoraries.” (pag. 10 de “Les Sophistes”)

<sup>2</sup> Kerferd G.B. “The Sophistic Movement”, Cambridge University Press, 1981.  
Romeyer-Dherbey Gilbert, “Les Sophistes”, Presses Universitaires de France, Paris, 1985.

Outros casos de abertura ao conhecimento da condição humana e ao desenvolvimento do conhecimento comum, os encontramos no começo do Renascimento e depois com a Revolução Francesa, para aparecer mais tarde nos momentos da remodelização nas posturas dos anarquistas (Bakunin, Kropotkin outros) e em poetas como Charles Baudelaire, produtos eles de uma inquietude social que se vinha gestando há muito tempo e que se manifestou também em filósofos como Husserl, Heidegger, Sartre, Paul Ricoeur, Merleau Ponty, Lukács e seus discípulos, para os quais a historicidade do ser comum, sua cotidianidade, sua corporeidade e sua percepção sensual, são problemas básicos da filosofia e da mesma sócio-política, por serem estes problemas centradores de toda e de qualquer construção que tenha que ver com o projeto humano.

Estas duas formas - enunciadas no começo - de pensar o mundo e de senti-lo, esta cosmologia humana determinou o desenvolvimento e também o surgimento de duas formas diferentes de exercitar o pensamento: uma, priorizando o Que fundador da filosofia como tal e companheiro "sine quanon" do verbo ser, o qual implica uma contradição necessária entre o Ser como propriedade de todas as coisas que existem, seja no mundo físico e real, seja no

mundo das idéias, dos sonhos, da imaginação ou simplesmente da espiritualidade.<sup>3</sup>

Assim necessariamente a pergunta básica Que É, converte-se na pergunta fundamental da metafísica sobre o ser: Que é o ser? A resposta a essa pergunta somente pode ser respondida ao começo, levantando os olhos para acima, para o infinito inexplicável, poderoso e imutável do espaço, para desta maneira criar um ser cuja essência mesma fosse o ser, cuja natureza fosse a ação pura e total, o ato puro; este fato permitiu a criação e o desenvolvimento de uma ontologia na qual a participação do ato, desdobra-se no ser dos homens e as coisas em seu continuado movimento, participação do ser, participação também da potencialidade de ser, de chegar a ser, de passar da potencialidade de ser ao ser, do ato ao devir.

O cristianismo através de filósofos como Sto. Tomás de Aquino construiu sua própria ontologia fundando nela seu próprio dogma; calcada na ontologia grega, desdobrando-a numa teologia que bate exatamente com as noções gregas sobre ser e sobre movimento, revelando a noção de um deus onipresente, sustentador de todas as formas de ser, dador amoroso da existência e pelo qual chega até nós a filosofia grega.

Importante, neste contexto que estamos trabalhando, é ver como esse jogo, que se iniciou com os gregos na invenção do pensamento, é um processo

---

<sup>3</sup> Em Spinoza o homem esta rigorosamente inserido na sociedade como ser objetivo, realizando na prática a sua própria história. Esta sociedade, da qual ele faz parte com mais ênfase a sociedade política, é uma "realidade viva", criando condições favoráveis não somente à vida material, mas também à vida espiritual dos indivíduos, comportão de uma só vez esses dois aspectos. Em Spinoza, a realidade social não se estruturou sob o signo da razão, mesmo que esta possa compor como, necessariamente, compões o ser humano. Na verdade, o homem está imediatamente relacionado ao seu semelhante, nada havendo que lhe seja mais útil do que o próprio homem.

de desenvolvimento criativo que se inicia propriamente com a aparição do homem como tal, e que se tem seu ponto de início na segunda metade do século V a.de C., conta para seu crescimento com a invenção da escrita, sem a qual teria sido impossível o desenvolvimento da reflexão, como elemento conformador da mesma condição humana; e bom ter em conta que tudo isto é produto de um processo criativo sempre presente na interioridade humana.

Voltando à questão do ser, lembremos que a metafísica dedicou-se a desvendar a noção fundamental do ser, e a física ao ser específico das coisas da realidade; os filósofos sofistas preocuparam-se com o exercício mesmo da filosofia como tal, criando assim uma terceira possibilidade ao centrar sua preocupação na possibilidade da verdade e da relação do homem com as coisas no modo humano de perceber o mundo e, especialmente, na relação entre mundo, percepção, linguagem e verdade. fundando o que poderia ser chamado de teoria do conhecimento, mais propriamente o que hoje nós denominamos epistemologia.

De outra parte, é preciso ter em conta, para entender o movimento sofista, que seu objeto era o homem e sobretudo o homem situado em sua condição unívoca, sua condição social e política, daí que como educadores, centraram sua tarefa no desenvolvimento de aptidões oratórias e de argumentação em público e no desenvolvimento do poder representado na capacidade de expor as idéias claramente. Como se pode observar, eles também foram fundadores da retórica, da oratória e de uma educação para a democracia, para o exercício democrático popular, tendo-se em conta, obviamente, tudo isto

---

Assim, seria impossível que a razão humana se unificasse de tal modo que a relação social dela dependesse.

dentro dos parâmetros políticos, de uma igualdade apregoada pôr Péricles, em um momento de auge imperialista.<sup>4</sup> .

Como já foi dito, os sofistas educavam para a intervenção política, daí a importância de seus planteamentos dentro do contexto de desenvolvimento da criatividade popular, como é o que pretendemos desenvolver e trabalhar dentro desta teses, já que educar para a democracia real, hoje, deve passar pelo crescimento crítico e criativo, como era - sem especificar - o objetivo final dos sofistas.<sup>5</sup>

É importante ter em conta uma outra coincidência, é a existente entre as proposições sofistas do desenvolvimento da razão através do exercício do discurso, com as estruturações feitas pelo filósofo Baruch de Spinoza, quem

---

<sup>4</sup> O movimento sofista, se distinguiu pelo seu método empírico, baseado na experiência, em assumir princípios elementais para o mundo físico, a mais de um espírito escéptico e que ia em contra do idealismo de Platão. A educação que impartiram à juventude de Atenas sob o auspício de Pericles o imperador, era de uma educação basicamente remunerada e cujo objeto imediato era educar para a intervenção política. Este fato e não propriamente sua impiedade, atraiu todo tipo de enemidade, por quanto eles, os sofistas, estavam capacitando os atenienses que não pertenciam a uma oligarquia, para o exercício do poder político, o que os situava em um lugar de privilegio em quanto ao poder mesmo, fazendo-lhos dobramente suspeitos pela sua condição de estrangeiros, já que em sua maioria os sofistas não eram naturais de Atenas.

<sup>5</sup> Antiphon (470 - 411 a.c.), pregava um igualitarismo em função da natureza mesma. Fué contemporâneo de Sócrates e Protágoras, ele escreveu "A Verdade", "Política" e "Sobre a Interpretação dos Sonos", foi também astrónomo, físico e geómetra e de certa forma iniciador da psicoterapia o melhor da terapia pela palavra cujo exercício oferecia Antifon mesmo na praça de Corinto.

" Paralelling the treatment given by physicians to those who are ill, he was said to have set up a Kind of citizens advice bureau or modern style Samaritan service in a room near the market place of Korinth, claiming to be able to treat those who were in distress bay questions and finding out the causes and so by his words encouraging those in trouble". (Kerfer, Op. Cit., pag 51)

Antiphon foi também o primeiro em intuir, que os sonos não deveriam ser interpretados literalmente e sim no lado oposto que se diz aparecer em eles; esta racionalização dos sonos é parte da luta do movimento sofista contra a superstição.

chegou a explicitar o desenvolvimento criativo gratuito e lúdico da razão como o motivo central de uma ética única e de uma razão de ser do ser humano.

A teoria crítica (Walter Benjamín, Adorno, Horkheimer, Habermas), nos aproximam aos motivos de uma desilusão humana, própria do rapto das razões de ser, do ser humano, da liberdade e do sentido da vida, perdidos; são o pagamento doloroso que a humanidade fez em função do progresso; um progresso produto da razão instrumental, que não é outra coisa que o eclipse da razão em função do poder.

A transformação do saber em poder, (no Iluminismo) não liberou a humanidade, escravizou-a, em quanto a idealização civilizatória do modernismo, não é outra coisa que a construção mítica, erigida acima das ruínas da utopia do crescimento humano e da harmonia da espécie com e na natureza.

A partir da escola de Frankfurt, a racionalização modernista terá o estigma pessimista da dominação, antepondo-se á visão positiva de uma razão esclarecedora, intenção gestora de progresso e ponto de vista dos defensores do modo de produção capitalista e que hoje vemos renascer com inusitada força, depois da desintegração do mundo comunista, e que tem sua expressão no chamado mercado global, e na globalização dos modos culturais de ser.

Se a cultura é a expressão das soluções criativas frente às necessidades vitais e não vitais, temos que entender, que nessa suposta globalização, todas as necessidades, todos os meios, uniformizados, terão suas soluções programadas e convincentemente expressadas e comunicadas, criando-se, assim, uma supra-cultura, o cultura global, inibidora por si mesma, da natureza mediática do homem e de sua capacidade crítica, uma cultura por fora da razão de ser da cultura mesma, ( a natureza criativa da humanidade) e contra a razão

de ser do ser humano, a mediação.

Já nos sofistas, estas preocupações do crescimento de uma razão por fora da natureza mesma do ser humano, ao igual que no filósofo Spinoza e em Charles Baudelaire, estavam presentes.

Retornando agora novamente à questão do ser, temos que certificar que no Que filosófico, está implícito o Como, ainda que se viu que a priorização deste, somente viria depois com o fortalecimento no imaginário social, da figura autônoma do homem, produto de muitos anos de contestação popular e cujas raízes vem de atrás (sofistas), especialmente nas idéias independentes e na luta contra os deuses e contra a religião.

No Renascimento, esta autonomia humana, teve sua gênese imediata nos processos que deram início a essa mesma época, através dos movimentos de senhores, servos e de certos clérigos de mente esclarecida, contra a inoperância, o luxo e o afã de poder, de uma igreja esclerosada pela sua própria grandiosidade.

Elemento importante deste processo, foi (como é sabido) a livre interpretação da Bíblia e de uma vulgarização da Palavra, o qual entre muitas outras coisas, permitiu que o homem olhasse para o abaixo da realidade quotidiana, da qual ele mesmo é produto; realidade que ele pretende dominar, desta vez sem ajuda dos Deuses.

O homem abandona a pergunta sobre o ser das coisas e de si, para enfrentar o Como da realidade, centrando-se nos modos e nas maneiras do inter-relacionamento das coisas, baseando o avanço do conhecimento do mundo em três fatos: a fé em suas próprias forças humanas, a utilidade do conhecimento e a

metodização necessária desse conhecimento; conforma-se, desta maneira, uma segunda maneira de filosofar.

Nesta nova situação histórica, a pergunta sobre o ser deixa de ser prioritária e necessária à filosofia, fechando-se este ciclo do pensamento idealista e iniciando-se um outro, que como sabemos foi preparado por Descartes - entre outros - mas que teve sua real expressão em Kant, pois se Descartes tenta fundar um conhecimento verdadeiro baseando-se na dúvida universal, dúvida sobre tudo e todas as coisas até então tidas como certas, para deste limbo deduzir a certeza da existência da mesma dúvida e, por conclusão, chegar à certeza da existência do ser pensante, Kant, por sua parte, frente ao avanço da física da geometria e em geral do conhecimento metodizado do mundo - ao que o próprio Descartes tinha contribuído - faz um giro malabarístico e audacioso antepondo ao trabalho dos empiristas da física, da geometria e da química uma matéria inusitada impossível de ser disputada à filosofia, por esta matéria ser, própria, única e adequada à filosofia mesma e da qual nenhuma outra ciência poderia ocupar-se com propriedade, a não ser a ciência que o próprio Kant tentava fundar, esta nova matéria era a Razão e seus produtos os aprioris puros.

Mas esta ciência nova, "A Crítica da Razão", se bem se volta sobre si, ela o faz com o intuito de estabelecer sobre esse seu objeto (a razão) as leis que o regulam de uma maneira similar à que estavam levando a cabo os cientistas e pensadores empíricos com seus objetos próprios, estabelecendo ela mesma um lugar por fora da condição humana comum, considerando também a razão, de uma maneira pura, incontaminada, longe da condição própria da razão humana, como se a considerava Hume, ao refutar a pureza dos aprioris da realidade do mundo do modo Kantiano, tempo, espaço e causalidade, produtos da experimentação humana, costumes produto da repetição, simples fatores psicológicos e que sistematicamente reuía Kant, tanto, que ele mesmo chegou a

desconhecer o mais importante dos aprioris fundador da possibilidade mesma do pensamento, conformador da psique, -contaminante da razão Kantiana: o ego, conformador da pessoa, do indivíduo pensante.

“Trata-se nada menos do que explicar como uma das categorias do espírito humano - uma dessas idéias que julgamos inatas - nascem e muito lentamente crescem no curso de muitos séculos a través de muitas vicissitudes, a ponto de, ainda hoje, ser flutuante, delicada, preciosa e estar por ser elaborada. É a idéia de “pessoa”, a idéia do “eu”. Toda gente a encontra natural e nítida no fundo da consciência, completamente equipada no fundo da moral que dela se deduz” (Mauss:1974, p. 209)

Esta objetivação da razão, levou à filosofia a seu lugar próprio, se bem que de fato a filosofia situava-se no mundo ideal de uma nova metafísica não contaminada humanamente, uma metafísica da razão pura, agora de igual a igual com as ciências empíricas, estas tendo como objeto instrumental a razão objetiva e a crítica da razão objetivando a Razão como instrumento mesmo e também como a matéria de sua especulação.

Ao nos determos em Kant tentamos mostrar o momento da história da filosofia assinalado pelo giro criativo tanto dos cientistas e técnicos como dos filósofos que, como Kant, de uma maneira oportuna abriram o espaço definitivo de nossa atual maneira de pensar, pois perguntemo-nos que seria de nossa cultura, sem o trabalho de Kant em frente aos avanços ilimitados das ciências empíricas?.

Do homem como tal, de sua relação humana com o mundo se ocuparam as correntes existencialistas que partiram de Husserl, e de seu método fenomenológico elas preencheriam o vazio da presença humana no mapa da filosofia, posto que no social e no político a irrupção humana e do popular dava-se há tempo; Maquiavel com seu “O Príncipe” só registra um fato latente: a presença e a influência do povo.

## II. 1 O SER-AÍ E SUA POSSIBILIDADE DE MEDIAÇÃO

A presença do homem na filosofia é, em parte, resultado da importância que teve o discurso e sua interpretação a partir da hermenêutica religiosa, que levou à hermenêutica filosófica e, pela qual, Heidegger chega a compreensão do ser e do ser-aí, cuja essência é a mediação criativa no mundo. Esse desenvolvimento filosófico - no sentido de uma maior presença do homem no direcionamento de seu próprio destino - somente foi possível pela presença de Maquiavel, e de sua crítica à igreja.

Heidegger, discípulo de Husserl, indo pelos caminhos da interpretação hermenêutica, se defronta com o ser, desta vez situado no espaço e no tempo do mundo dado, do mundo mediado e à espera de novas mediações, das mediações únicas e próprias do homem, e por meio das quais a espécie humana irá abrindo caminho no seu devir histórico.

Desta maneira, Heidegger situa, dentro da filosofia, o lugar prioritário da criatividade humana, no seu papel frente aos desafios da espécie e especialmente quanto ao espaço da projeção individual, espaço que é único e indisputável pela natureza, pois se coloca dentro da noção própria do ser; a orfandade do ser humano nasce do raptó que o homem tem feito consigo mesmo dessas possibilidades criativas.

Todas as potencialidades do humano estão contidas no “anteprojetar o poder ser”, Heideggeriano, que surge mesmo antes da própria percepção do mundo dado, antes mesmo da linguagem, porque esta é a exteriorização de um processo interior íntimo, da relação do homem com o mundo, de um processo eminentemente criativo mediador desde seu começo.

A realização cultural do indivíduo dentro da sociedade é dada, na potencialidade da mediação que o momento e o espaço históricos permitam, já que esta “permissividade” não é constante; através de uma análise histórica sumária poderíamos dar-nos conta, como as vezes por circunstâncias que estão por fora de nossa vontade, fecha-se a possibilidade criativa e crítica da mediação. Também é possível ver como em esta época em que vivemos, ainda existindo os espaços para a projeção criativa, estes são tomados pela mediação dos meios de comunicação e pela sua parafernália técnica, que é refinada cada vez mais em função dos lucros e do consumo, fechando a possibilidade criativa do comum.

Também, pela soma das contradições do momento, paradoxalmente vemos que se a sociedade se encontra na orgia consumista, também é possível ver, como esta pretende, se-despojar do jugo cada vez mais escravizante, unificante, estereotipante, abrindo o espaço da permissividade social, deixando que condutas e proposições sobre a ética e sobre a estética somente admitidos por mentes como a do poeta Charles Baudelaire, passem a converter-se nos novos parâmetros sociais.<sup>6</sup>

A aceleração que foi dada pelo convívio entre técnica e ciência tem criado situações de oscilação social nunca jamais previstas; na comunicação, por exemplo, passa-se da euforia da guerra transmitida com os esquemas geométricos do computador, sem sangue, sem lágrimas, sem mortos ou viúvas,

---

<sup>6</sup> Foi Baudelaire, o primeiro que explicitou o valor da imaginação criadora na construção do mundo humano: “ Ela é a análise, ela é a síntese: e contudo homens hábeis na análise e suficientemente aptos para fazer um resumo podem ser privados de imaginação. Ela é isso, e ela não é exatamente isso. Ela é sensibilidade, e no entanto, há pessoas muito sensíveis, demasiado sensíveis tal vez, que são privadas dela. Foi a imaginação que ensinou ao homem o sentido moral da cor, do contorno, do som e do perfume. Ela criou, no início do mundo, a analogia e a metáfora. Ela descompõe toda criação, e, com os materiais acumulados e dispostos conforme regras das quais não podemos encontrar a origem sem não no mais profundo da alma, ela cria um mundo novo, produz a sensação do novo”. (pag. 94)

sem dor, a informações sobre o domínio bio-genético; de notícias sobre povos morrendo de fome na África, para em instantes passar à notícias deprimentes de crianças mortas por forças policiais, a pesquisas científicas sobre o surgimento de sub-raças humanas produzidas pela falta de nutrientes, para em instantes seguir com imagens da copa mundial de futebol, e de lá, de novo aos números angustiantes sobre o crescimento da AIDS no mundo para voltar de novo a imagens sobre greves mobilizações de desempregados contra a automatização industrial e de lá, às predições sobre a globalização econômica e logo a predições apocalípticas sobre o século XXI ; essa oscilação não é outra coisa que a manifestação explícita da falta de um projeto social determinado, em cuja procura e para o seu encontro será determinante a criatividade primeva do homem.

Essa criatividade fundadora do mundo humano, é a projeção do ser, que se dá na cotidianidade e na contingência do ser-aí, situado no tempo, no presente; o interesse que a filosofia heideggeriana tem para qualquer trabalho sobre criatividade, está precisamente na transcendência do ser que somente é possível vive-lha na situação imediata do homem, no seu enfrentamento e na sua projeção humana ao mundo, dada somente na criatividade do indivíduo, posto que o atuar servil não é uma condição propriamente humana.

Estas condutas, não são outra coisa que o desdobramento alheio de uma outra possibilidade de ser-aí, de onde desprende-se a necessidade de uma educação centrada no desenvolvimento criativo e portanto no desenvolvimento de possibilidades de expressão livre, de respeito pelas demais opções, e principalmente do desenvolvimento de uma consciência clara sobre a contribuição que cada um de nós possa dar ao grupo social específico em que nascemos e a seu projeto social, com nossa singular, pessoal e única maneira de ser, de ver e de nos projetarmos no mundo.

É de grande importância entender que, se desde a filosofia, Heidegger nos mostra a importância da criatividade ou projeção do poder ser, como possibilidade única de entender-se, também é de nosso interesse ver que ali está implícita a integridade do ser humano. Pois se do entendimento do homem ocuparam-se ciências como a psicologia, a antropologia, a sociologia a ecologia humana e a fisiologia humana, cada uma com sua parte do homem como objeto centrado, periodizando os eixos de cada ciência, independente disto, da natureza integral do homem, do ser humano, Heidegger ocupou-se desta integridade, desenvolvendo uma ontologia do ser-aí, cujas raízes nós encontramos nos filósofos Sofistas preocupados com o homem e sua possibilidade de acercamento à verdade, com os problemas da linguagem, da percepção, com a realidade do mundo, com a sociedade, com as condicionantes sociais e étnicas do conhecimento (Kerfed) e do desenvolvimento cultural; os filósofos Sofistas se propunham questões de interesse existencial, que somente muito tempo depois a filosofia iria a desenvolver, e que nos chegam através dos escritos de Platão, de Sócrates e de outros filósofos, os quais eram contrários a seus ensinamentos e ao modo remunerado como os filósofos presocráticos exerciam seu ofício pedagógico.

O principal interesse dos sofistas, porém, não era nem o dinheiro nem o poder, e sim a educação para o exercício da democracia, lembremo-nos de que por este meio Péricles tentou fazer frente ao perigo da dissolução do império, produzido pela guerra do Peloponeso, ou seja: que é através da capacitação política dos cidadãos comuns que ele pretende salvar o império, o Estado e também expandi-lo, porque, assim, cada um dos cidadãos convertera-se em agente político ao serviço dos interesses do Estado.

Uma democracia real baseada na educação dos estamentos populares foi também o ideal perseguido p<sup>7</sup>elos Anarquistas, coincidindo com os ideais dos sofistas, tais como fazer as mudanças sociais por meio da educação popular, para eles a educação é parte integrante de qualquer projeto de mudança social e essa educação deve ser prioritariamente repartida às classes populares por elas serem o motor de qualquer passagem para uma democracia real.

Voltando a Heidegger, vemos como a realização do homem está no exercício de sua criatividade e que isto está possibilitado, pela natureza, ele é o ser criativo irremediavelmente, e a sua grande frustração é justamente não poder exercer essa sua capacidade mediadora, posto que a projeção criativa da humanidade, é a única forma do ser- aí. Essa forma do ser, do ser humano, exercitando a dinâmica criativa da sua mente, é a mesma que Spinoza prega como a razão de ser da humanidade, falando-nos que a única fonte da harmonia é o exercício da razão, a única harmonia possível, consigo mesmo e com as forças que compõem a natureza.

## II 2 A RAZÃO DE SER DO SER HUMANO

O exercício da razão, fundamental para a construção espinocista, passa necessariamente pela comunicação e pelo diálogo; esse crescimento é

---

<sup>7</sup> Diz Bakunin: " Pode ser completa a emancipação das massas operárias, quando a educação que estas massas recebem é inferior à que se dá aos burgueses, ou quando há em geral uma classe qualquer, numerosa ou não, que, pela origem está destinada aos privilégios de uma educação superior e de um ensino mais completo? Levantar este problema significa resolvê-lo ? Não é evidente que entre dois homens dotados de inteligência normal mais ou menos iguais aquele cuja inteligência está mais desenvolvida que a ciência, e que , compreendendo melhor o encadenamento dos fatos naturais e sociais, ou o que se chama de leis da natureza e da sociedade capta mais fácil e amplamente o caráter do meio em que vive, não é evidente que este se sentirá mais livre e será também praticamente mais hábil e poderoso do que o outro? O que sabe mais naturalmente dominará o que sabe menos, e se antes de tudo só existesse entre duas classes esta única diferença de ensino e de educação, esta diferença originária em pouco tempo todas as outras( Moriyón, 1989, pag.34)

possível, na confrontação argumentativa, na exposição clara das idéias, à maneira de uma retórica sofista - retomada por Jürgen Habermas na sua “Ação Comunicativa” para o logro consensual de novas contradições, iniciadoras de um novo ciclo de desenvolvimento racional.

A construção da espécie, em função de um crescimento da razão (Spinoza) e do desenvolvimento e da tomada de consciência cidadã e democrática, no exercício político da razão e da palavra (Sofistas), implicam ambos; o diálogo, a argumentação, a comunicação, como prioridade metodológica dentro de um projeto de crescimento humano, em busca de sua autonomia consigo e com a natureza (Spinoza) e em procura de seu lugar na participação igualitária e livre da democracia (Sofistas).

A racionalidade comunicativa de Habermas, é necessariamente de natureza Espinociana e Sofista, porquanto, para todos eles, a razão é basicamente intersubjetiva, construída socialmente e desenvolvida também socialmente; o entendimento das coisas do mundo e da realidade requer consenso, explicitado no discurso (aberto), não definitivo, próprio da razão intersubjetiva, oposta à razão monológica e instrumental, aberto a novos processos dialógicos e a novos entendimentos.

O plano ético, tanto em Spinoza quanto em Habermas, repousa nas categorias de uma comunicação em função do crescimento racional, crítico, ou seja liberador; o discurso - necessário é tê-lo em conta - nasce das profundidades sub-conscientes do indivíduo, de onde vem a palavra, sendo a expressão aberta de uma construção criativa do mundo, no interior subjetivo.

Não querendo forçar uma coincidência, temos que aceitar que Heidegger e Spinoza, em diferentes construções filosóficas, em diferentes

momentos e em diferentes contextos, os dois adobam pelo exercício criativo da razão, o exercício da crítica, em função do crescimento da razão; Heidegger, sob o discurso de ser-aí, ser situado no mundo, projetando sua única maneira de ser e Spinoza centrando-se no exercício criativo da razão, para fundamentar sua ética, quanto à própria razão de ser, do ser individual explicado no ser social; Spinoza preocupado metodologicamente com a paz interior, a liberação do homem, com a harmonia do homem com a natureza em uma relação fundamentada na lógica, na física e na matemática.<sup>9</sup>

“Em Spinoza, verdadeiramente, na construção e no emprego de seu método ou mesmo no processo de formulá-lo, dois aspectos afloram em alternativas que completam ou complementam o objeto do pensamento: primeiro, o método procura definir-se sob o signo da razão, ou seja, está é a tônica que conduz o raciocínio (...) e é uma razão possuidora de certo dinamismo e que, por isso mesmo, não age como realidade exclusiva fundamentando por si só, todo o sistema. (...) A primeira afirma que nesse método a condição para defini-lo se encontra na razão e, como tal impõe-se a condição de uma suficiência para que sejam atingidos determinados objetivos gnossológicos; a segunda, diz que a razão se encontra dotada de certo dinamismo criador e, assim, a realidade que aquele procura alcançar não se define em si mesma, uma vez que se trata de um valor em contínua evolução para aperfeiçoar-se” NOGUEIRA, 1976, p.138)

Spinoza extrapola assim, os parâmetros comuns ao racionalismo como tal, abrindo espaço para uma conceitualização sobre a criatividade do comum, pois sua razão está em função de um progresso que somente pode ser dado pelo exercício da crítica, na criatividade, crescimento este que é possível, na dinâmica própria da vida, na solução da cotidianidade, na solução criativa e crítica da problemática cotidiana.

É pelo anterior, que a filosofia de Spinoza é uma filosofia para a vida, para a alegria de viver, para a harmonia do homem com a natureza, no desenvolvimento crítico, gratuito, que somente um processo criativo permite, convertendo esta filosofia, ao mesmo tempo, em um credo ou forma de vida, do

---

<sup>9</sup> Nogueira, Alcántara. “O Método Racionalista-Histórico em Spinoza”, São Paulo: Edit. Mestre Jon, 1976. p. 138.

qual, o mesmo Spinoza não conseguiu fugir, já que não existe a possibilidade, a condição de estar sempre em processo de aperfeiçoamento da razão humana comum, así tida, é o único destino dos homens.

É necessário que seja tido em conta, que nesta esta curta história da relação entre filosofia e criatividade do comum, que desde as proposições dos sofistas, passando por Heidegger, Spinoza, Husserl, dos anarquistas e dos existencialistas, até os mais recentes expositores sobre o tema da corporeidade (Paul Ricoeur, Merleau Ponty), esta, a criatividade foi tida como um produto humano, de origem incerta e perigosa e a seus defensores como elementos da marginalidade social, permitida e até propiciada socialmente, por quanto na dinâmica social, o permitido somente existe, somente é possível, em função do proibido, já que do proibido nascerá, no futuro próximo, a norma futura e as rupturas da mesma.

Em um outro corte desta história, vemos que a criatividade, - processo de simbolização e de mediação - é anterior à linguagem, já que a simbolização, como processo interno da mente, está primeiro como criador de um meio para a saída, em função da expressão do processo mesmo e de seu resultado, os símbolos, esse meio, não é outro que a linguagem; assim, vemos como esse meio adquire vida própria, convertendo-se em um elemento por cuja magia própria, se transforma a realidade, se nutre o processo criativo, ou simplesmente se estabelece um nexu lúdico com o discurso , sem outro fim que o próprio discurso.

Pierre Clastres em seu livro "A Sociedade contra o Estado" nos da um belo exemplo, no capítulo intitulado, "O Arco e o Cesto", a respeito do mencionado anteriormente:

"Quase sem transição, a noite conquistou a floresta, e a massa das grandes árvores parece estar mais próxima. Com a escuridão instala-se também o silêncio: pássaros e macacos calaram-se e só se escutam as seis notas

desesperadas do urutau. E, como por acordo tácito com o recolhimento geral em que se dispõem os seres e as coisas, nenhum barulho surge mais desse espaço furtivamente habitado onde acampa um pequeno grupo de homens. Lá um bando de índios guaiáquis acampa. Animado de quando em quando por um sopro de vento, o reflexo avermelhado de cinco ou seis fogos familiares tira da sombra o círculo vago dos abrigos de folha de palmeira, cada um dos quais, frágil e passageira morada dos nômades, protege o repouso de uma família. As conversas murmuradas que se seguiram à refeição cessaram pouco a pouco; as mulheres, abraçando ainda seus filhos encolhidos dormem. Poder-se-ia julgar também estarem adormecidos os homens que, sentados junto ao fogo montam uma guarda muda e rigorosamente imóvel. Entretanto eles não dormem, ou seu olhar pensativo, preso às trevas próximas, mostra uma espera sonhadora. Pois os homens se preparam para cantar, e essa noite como por vezes nessa hora propícia, vão entoar, cada um por si, o canto dos caçadores: sua meditação prepara o acordo sutil de uma alma e de um instante com as palavras que vão dizê-lo, uma voz logo se eleva, quase imperceptível a princípio, brotando do interior, murmúrio prudente que nada traz ainda de busca paciente de um tom de um discurso exatos" ( CLASTRES, 1990, p. 71)

Aqui, os homens entoam o seu discurso, alheios a que este chegue a um interlocutor que não seja eles mesmos, que o estão cantando; na sua solidão, cada indivíduo estabelece um jogo com seus próprios símbolos e com sua linguagem, utilizando a palavra em si, como meio de sentir o domínio sobre sua vida e sobre sua liberdade, quiçás como faz a criança em seus jogos monologados, cuja finalidade é o som e o movimento.

Este é o caminho que a mente percorre de forma natural, em que o sujeito tem toda a importância, opõe-se a outro caminho, oposto, aberto pelo Como filosófico e sua conseqüência, a razão instrumental fundamentada em fins, que se inicia com Bacon e Descartes, e que é produto também de uma cultura baseada em interesses e utilidades, e na discriminação de outras formas de pensar e de sentir o mundo, e que converge com a dupla revolução, a revolução filosófica cartesiana e a revolução dada pelo pensamento científico metodizado, de uma apoiando e dando bases para a outra se sustentar, conformando mutuamente o que se chama o pensamento moderno.

## II. 3 NÍVEIS DE CERTEZA DE UMA RAZÃO OBJETIVA

Kant, como já temos dito, pretendeu com sua filosofia, acompanhar a modernização civilizadora das ciências físicas, criando uma outra ciência, com o pleno conhecimento de que estava inaugurando um novo período da filosofia, que contrastava amplamente com os filósofos contemporâneos seus, chamados de dogmáticos, os quais não davam nenhuma possibilidade de subsistência a uma metafísica; enquanto que as ciências positivas cresciam, ela decrescia pela falta de matéria, pois as ciências físicas se estavam ocupando e dando conta das leis do mundo, da realidade, de uma maneira incontestável.

Mas havia uma parte da realidade, incansável às medições e às repetições do laboratório, que Kant soube encontrar e mostrar com seu trabalho, a Filosofia Crítica, este elemento novo são os “aprioris”: tempo, espaço e o princípio da causalidade, como intuições primeiras do espírito.

“Pero si es verdad que todos nuestros conocimientos comienzan con la experiencia, todos sin embargo, no proceden de ella, pues bien podría suceder que nuestro conocimiento empírico fuera una composición de lo que recibimos por las impresiones y de lo que aplicamos por nuestra propia facultad de conocer (simplemente excitada por la impresión sensible), y que no podamos distinguir este hecho hasta que una larga práctica nos habilite para separar esos dos elementos.

Es, por tanto, a lo menos, una de las primeras y mas necesitadas cuestiones y que no puede resolverse a la simple vista, la de saber si hay algún conocimiento independiente de la experiencia y también de toda impresión sensible. Llámase a este conocimiento a priori y distínguese del empírico en que las fuentes del último son a posteriori, es decir, que las tiene en la experiencia.”<sup>12</sup> ( KANT, 1938, p.147 )

Kant contrapõe à objetividade das ciências a subjetividade dos “aprioris”, especialmente o do espaço, intuição esta própria da razão e com cuja

---

---

<sup>12</sup> Kant, Emmanuelle. “Crítica de la razón pura”. Buenos Aires: Editorial Losada, 1938, p.147.

estruturação ele defende de uma vez por todas, o lugar filosófico, espaço que os filósofos dogmáticos não acertaram defender, munidos de um tomismo tardio.

Como bem se vê, este momento da história é marcado pelo explodir criativo do engenho humano desta vez dedicado totalmente a encontrar as leis que regem a natureza, sendo a visão Kantiana, a de que as leis eram construções da mente e de que o cientista vai à natureza para encontrar com sua experimentação a sua validade; dá-lhe uma redobrada força ao processo da construção científica que se afixava nesse momento.

E se nos laboratórios, experimentalmente se achavam as leis universais sobre a expansão dos gases, sobre a queda livre dos corpos, as leis gravitacionais, as leis da física mecânica e da probabilística, que junto com os desenvolvimentos técnicos iriam certificar a validade definitiva do método científico no conhecimento, na filosofia, Kant, pretendia encontrar as leis que regem a razão e seu comportamento, à maneira da nova ciência fundada por ele, a ciência da crítica da razão.

Assim, Kant marcava também a estruturação de uma razão instrumental, desta vez a partir do sujeito e não do objeto, como se estava levando a cabo no método científico experimental ou empírico, no qual a verdade está no objeto e do qual o cientista pretende sacar, a través da repetição de experiências, as leis que regem a realidade; este método, é para Kant um método até certo ponto passivo, posto que as verdades repousam no objeto e é este o que vai permitir ao sujeito o grau de verdade dedutível, em quanto Kant propõe o contrario: é o sujeito que vai ao objeto a impor e a provar leis por ele concebidas idealmente.

“La crítica no se opone al procedimiento dogmático de la razón en su conocimiento puro, como ciencia ( pues tiene siempre que ser dogmático, es decir tiene

que ser rigurosamente demonstrativa por medio de principios fijos a priori ), sino al dogmatismo, es decir, a la pretensión de avanzar solo con un conocimiento puro formado de conceptos ( el conocimiento filosófico ), y con el auxilio de principios como los que la razón emplea desde ha largo tiempo, sin saber de que manera y con que derechos los ha adquirido. “ (Ibid, p.143) <sup>13</sup>

O discurso filosófico se torna descritivo e até prescritivo com Kant, que argumenta que tanto a metafísica quanto a experiência são objetos mais imediatos, situando-se, assim, dentro do paradigma histórico do crescimento empírico.

Kant nos diz:

“La obra de la Crítica de la Razón Pura especulativa consiste en la tentativa de cambiar el método hasta aquí seguido en la metafísica y de realizar de ese modo un tratado del método y no un sistema de la ciencia misma.”(Ibid, p. 143)<sup>14</sup>

Isso, enquanto se refere ao conhecimento filosófico de fato, fazendo parte da cultura das elites. No entanto, por outro caminho diferente aos anteriormente descritos, dando-lhe importância ao etéreo, divinizando-o e ao embaixo terreno da cotidianidade com seus eflúvios mágicos, as populações continuavam exercitando a vida, espaço de oscilação entre o Que da transcendência e o Como da utilidade, da eficiência.

Essa realidade, essa cotidianidade, vivida na sub-realidade da imagem, carregada de valores e de magia, se contrapõe nesse momento ao conhecimento metodizado, científico e assim explicitado, sendo de todas as maneiras, por sua vez, a fonte desse mesmo conhecimento, ainda que, desde antes dessa revolução que iria acabar com a vivência mágica ( no capitalismo) se tivesse o conhecimento comum ou do comum, como uma forma de pensar não confiável, cheia de superstição e de crenças e não possível de certeza e verdade.

---

<sup>13</sup> Ibid. pag. 143

<sup>14</sup> Ibid. pag. 165

Este espaço mágico e real, no qual o dia a dia se desenvolve, sem desenvolver-se, se repete, sem repetir-se, chega, como se fosse a sombra de uma borboleta que está alheia ao tempo, por constituir-se o tempo mesmo, longe de si, da tragicomédia humana da transcendência, porque sua própria transcendência está nessa leveza que lida com o real e com o imaginado.

As disputas “cultas” entre filósofos e cientistas, certamente até bem tarde, - com a popularização do livro - chegam ao povo incidindo pouco em sua cotidianidade sub-real dada entre os esforços do trabalho, das doenças e das guerras pelo poder entre políticos, militares e religiosos; este foi seu pão do dia a dia, como hoje. Octavio Ianni, falando do Realismo Mágico Latinoamericano nos diz:

“O fato de que o mágico esteja presente na literatura e na realidade, na arte e na história sugere a possibilidade de que corresponda a um modo de olhar, a um estilo de pensamento e não somente a um estilo de criação artística. Não se trata de indagar apenas sobre os nexos entre literatura e realidade, a propósito da aura mágica que emana da escritura e da cultura. Cabe indagar-se se essa aura não só emana como também constitui o todo da cultura”. (Ibid. p. 165)

“ Sob vários aspectos, o realismo mágico se constitui em uma fina visão crítica da cultura, realidade social, histórica. Implica uma quebra das noções e práticas de tempo e espaço prevaletentes na sociedade burguesa de mercado. Desconhece ou nega o imaginário liberal, positivista, sistemático, racional, predominante nas esferas públicas e privadas da vida dos indivíduos. ( IANNI, 1991, p. 31 )

O conhecimento, desde a entrada da antigüidade, foi atesourado pelo povo, através da tradição, dos costumes, dos usos, das lendas, dos mitos, da transmissão oral, dos ritos e das festas e, enfim, todas as expressões culturais; parte desse conhecimento - com a aparição da palavra escrita - é raptado, guardado e utilizado como fonte de poder, criando-se desde então um lugar social para o conhecimento vulgar e outro para o chamado conhecimento culto; se bem, o conhecimento assim elitizado em continuo desenvolvimento e em certa dependência do conhecimento comum, este por sua parte seguiu também seu desenvolvimento lento e sem os afãs da competência entre idéias, entre os

autores e até entre grupos ou escolas, como foi visto nos começos do desenvolvimento filosófico, entre sofistas e socráticos.

A função prioritária deste conhecimento, desta maneira separado do comum e dos interesses populares, foi o poder, pois assim as elites justificavam sua superioridade e legitimavam também seu domínio, como também doavam-lhe ao poder em si, o carisma da origem divina; hoje se tem dado um deslocamento, na relação entre poder e conhecimento; a informação, sua acumulação e sua rápida manipulação, deslocaram o poder que acompanhava ao conhecimento científico. Este, tem passado a ser mais um meio de produção, acelerado pela técnica e pelos interesses do capital.

Na atualidade, está-se chegando a topos na utilização desta tecnologia da microeletrônica, -desafio à criatividade- disparando-se ela, de uma maneira independente, abrindo espaços inusitados para as aplicações futuras nas relações novas entre o poder e a criatividade, já que este fator, será o eixo das relações entre os homens e entre as nações.

Com o anterior, queremos dizer que a história do conhecimento é paralela à história do poder, já que, desde os começos, a especialização do conhecimento sobre o conhecimento e sua manifestação, demarcaram espaços de poder, no micro do egoísmo individual e também no macro das sociedades, das classes e das castas.

O historiador G. H. Welles, ilustra-nos bem a este respeito, ao se referir às subclasses humanas que se deram com a metodização inicial do conhecimento escrito:

“E a sabedoria evadiu-se de Alexandria deixando atrás de si o pedantismo. O uso dos livros foi substituído pelo culto dos livros. Depressa os sabedores se tornaram uma esdrúxula classe especializada com desagradáveis características próprias.

O Museu não havia existido por meia dúzia de gerações e já se tornara familiar em Alexandria, um novo tipo de ser humano: tímido, excêntrico, alheio à realidade prática, incapaz de perceber o essencial, estranhamente feroz a respeito de trivialidades, de minúcia literária e tão acerbamente invejoso do colega de dentro quanto do iletrado de fora. - O homem de erudição - .

Era tão intolerante quanto um padre, embora não tivesse altar; tão obscurantista quanto um feiticeiro, embora não tivesse nenhuma caverna.

Para ele nenhum método de cópia era suficientemente fatigante, nenhum livro raro suficientemente inacessível. Era uma espécie de subproduto do processo intelectual da humanidade. Por muitas preciosas gerações as novas luzes da inteligência humana iam ser seriamente abafadas ou apagadas por esse subproduto".<sup>16</sup>

## II. 4 O PODER E A PALAVRA

Tentaremos necessariamente, nesta breve análise da história do conhecimento comum, fazer uma análise das diferentes etapas de nossa civilização com o ânimo de situar o lugar que a criatividade ocupou ao longo da mesma e em especial, da criatividade do comum, que é a que nos ocupa.

No início, a criatividade, era a característica essencial de todas as ações tidas como humanas, já que era essa práxis, o exercício mesmo da condição humana, uma criatividade que tinha suas raízes na alma instintiva de nossos antepassados. O mundo era o mundo da natureza, ao qual tinha que se ir necessariamente com uma intenção mediadora, quiçás primeiramente classificatória, de ordenamento, sem os pretensos fins utilitaristas e mais com um sentido lúdico, de exercitar a nascente capacidade crítica da razão, procurando organizar o caos circundante e também na busca do lugar próprio nesse caos, na desordem de um mundo não mediado.

A arte de fazer existir o que não existe, através da simples nomeação, de sua atividade classificatória, tem a ver com a magia implícita na palavra, com

---

<sup>16</sup> G.H., Wells: "História Universal", s/c, s/d.

a arte de fazer existir, o que por implícito, na realidade não mediada, não existe, e, também com fazer existir o inexistente nesse mesmo caos; por efeitos da magia inerente na palavra, o homem foi capaz de construir uma outra realidade, o mundo inexistente até então das idéias no qual foram pipocando novas realidades tais como a relação social, a cooperação, a linguagem, o método e em especial o método desenvolvido pela magia da palavra para o domínio do denominado. Neste processo da simbolização do mundo, a magia, por efeitos de seus conteúdos simpáticos e com o passar do tempo, vai se deslocando para o desenvolvimento técnico, um desenvolvimento igualmente efetivo para o domínio do mundo e que implicava em um outro nível do mágico, do criado pelo homem, conhecimento este que tinha seus especialistas e que de uma certa maneira estava ao alcance de todos e ao qual todos podiam aportar no sentido de seu aperfeiçoamento.

“A magia teria existido outrora em estado puro e o homem, originalmente, só teria sabido pensar em termos mágicos. O predomínio dos ritos mágico nos cultos primitivos e no folclore é, pensar-se, forte prova a apoiar esta hipótese. Ademais afirma-se que em tal estado, a magia ainda é praticada em algumas tribos da Austrália Central, onde os ritos totêmicos teriam um caráter exclusivamente mágico. A magia constitui, assim, a um tempo, toda a vida mística e toda a vida científica do primitivo. É o primeiro estágio da evolução mental que se pode supor ou constatar. A religião emergiu dos reveses e dos erros da magia. O homem, que, de início, sem hesitação, havia objetivado suas idéias e as suas maneiras de associá-las, que imaginava criar as coisas como lhe sugeria seus pensamentos, que se acreditava dono das forças naturais como era dono de seus gestos; terminou por perceber que o mundo lhe oferecia resistência; imeditamente, dotou-se das forças misteriosas que se havia arrogado; depois de ter sido deus, povo ou o mundo de deuses - deuses que ele não mais coage, mas aos que se liga pela adoração, isto é, pelo sacrifício e pela adoração, isto é, pelo sacrifício e pela prece. ( MAUSS, 1974 p. 63 )

Este centro de interesse social que a magia havia conformado ao seu redor passa a ser compartilhado pela religião que, pouco a pouco, tirara dela a sua legitimidade para mudá-la definitivamente, em função do surgimento das castas sacerdotais e seus interesses de poder; a magia e seus oficiadores foram colocados por fora da legalidade fundada na religião e, eles, qualificados como nefastos para a sociedade. A ética, a moral, a estética deste momento, estão

marcadas por estes dois instantes, o da magia e o da religião que inicia sua hegemonia, ambos dando-se dentro de um mesmo princípio totalizador do homem, a magia desde a práxis da simpatia, do convívio do homem com o mundo e a religião, na explicação do homem e do mundo desde suas construções teológicas.

Com a hegemonia da religião se fecha esse primeiro período, no qual a criatividade do comum era a norma. É de se-supor que, nos milênios que seguem, deram-se grandes revoluções, a mais das mudanças propiciadas pela aparição impositiva da religião e de seus especialistas.

Uma delas é, o passo do matriarcado ao patriarcado, produto dos avanços na acumulação de bens e riquezas por parte da população masculina, que da condição de caçadores passam à de ser exploradores de gados e terras, acumulando um poder até então desconhecido, o poder da riqueza, colocando em um segundo plano o poder mais importante até então, o da reprodução da espécie, poder centrado no ventre materno, das até então fêmeas livres.

O poder originado na quantidade de bens, gado, terras e riquezas acumuladas, permite ao homem subjugar à mulher, com a clara intenção de assegurar a paternidade sobre seus filhos e, assim, poder traspassar essas riquezas acumuladas e seu poderio aos filhos pretensamente seus, cuja legitimidade se baseava-se precisamente na propriedade da mulher como um bem útil, desta vez de utilidade reprodutiva privada.

O momento seguinte corresponde ao desenvolvimento e implantação do poder religioso, no qual todas as atividades humanas vieram a girar em torno da religião: a ética, a moral a estética, o conhecimento científico, a conformação familiar, o desenvolvimento social foram determinados pela intenção religiosa - no

nosso caso de origem greco-romana - e pela interpretação de tradições, de discursos orais ou de textos escritos.

A cotidianidade, o exercício da vida, se formalmente estavam abaixo do controle da norma religiosa, também é certo que, do mesmo jeito, independente do poder, continuava seu desenrolar em função da irrealidade mágica da própria realidade - esta, paralela à realidade contemplada pelas normas - pois nas festas profanas e nos ritos de antiga origem e em áreas onde os sábios e a sabedoria oficial não alcançava, especialmente na medicina, continuaram a ser senhores, os magos, feiticeiros, parteiras e curandeiros, agora fazendo parte da classe dos hereges, produto da desclassificação religiosa

De outra parte, o uso das coisas, a experimentação e a solução das trivialidades da vida, originaram a produção de novas coisas, não só para suprir as necessidades vitais de abrigo, cozinha, vestuário, senão também para o conforto, o adorno de corpos e moradias, utensílios, objetos, e tanto para os ofícios próprios da magia quanto para os da religião; assim, técnica, artesanato e arte, produtos do povo, serviam ao conservadorismo eclesial e às castas no poder e também às necessidades populares e a seus interesses tão pertos à fantasia, à imaginação e à aplicação imaginária de que fazia gala essa marginalidade, conformada por hereges, magos, feiticeiros, sábios populares, estrangeiros e demais personagens diferentes; esta ubiquação da criatividade no mapa social, como produto espúreo da sociedade nos vêm desta época, persistindo pelos séculos vindouros, ainda que a sociedade como um todo tenha que, obrigatoriamente, usar dois criativos e de suas produções para seu lazer e conforto e, principalmente, para marcar o rumo futuro do projeto social.

"Não há, aliás, um único fim que nossas artes e indústrias tenham penosamente perseguido, que a magia julgue não ter atingido. Tendendo às mesmas finalidades elas associam-se naturalmente e sua mistura é um jato constante".

"Não só o ato médico, encantamentos, precauções astrológicas, como ainda as drogas, as dietas do médico, dos ritos e a da arte não são distinguidas e sim pensadas juntamente. (Ibid. p. 170)"

Vemos esta complementaridade também expressa em outros aspectos: sociedade e indivíduos se completam e complementam-se; a formalidade, o estabelecido se explica pelo negado ou seja que norma e desobediência conformam uma unidade dialética básica para a dinâmica social; é por isso que a criatividade, ainda que perigosa por marcar caminhos até então desconhecidos, é incentivada de uma ou outra maneira pela permissividade social, como desafio e como espaço aberto para a expressão dos inconformes, por cuja ação, em último caso, pode dar-se a conformidade e o consenso.

O que hoje, na nossa sociedade, é tido como imoral e ilícito, potencialmente, é a norma de amanhã; esta é a história do processo cultural, isto, enquanto essas condutas não sejam explicitamente perigosas para a subsistência imediata do grupo, pois estas são reprimidas de maneira imediata com a cadeia, o hospital psiquiátrico ou a morte. Referimo-nos aqui, às condutas tais como a do assassino, a do esturador, ou à do ladrão, para o caso de nossa cultura baseada na propriedade privada, posto que, provavelmente, em outras culturas existem condutas individuais, mais perigosas para a subsistência da sociedade, tal como podemos ver no exemplo dado por Pierre Clastres em "A Sociedade Contra o Estado"; baseadas em outros princípios éticos e morais.

"Os guaiáqui, apreendem essa grande oposição, segundo a qual funciona sua sociedade, por meio de um sistema de proibições recíprocas: uma proíbe às mulheres de tocarem o arco dos caçadores; outra impede os homens de manipularem o cesto. De um modo geral, os utensílios e instrumentos são sexualmente neutros, se se pode dizer: o homem e a mulher podem utilizá-los indiferentemente; só o arco e o cesto escapam a essa neutralidade. Esse tabu sobre o contato físico com as insígnias mais evidentes do sexo oposto permite evitar assim toda transgressão da ordem sócio-sexual que regulamenta a vida do grupo. Ele é escrupulosamente respeitado e nunca se assiste à estranha conjunção de uma mulher e de um arco nem àqueia, mais ridícula, de um caçador e um cesto. Os sentimentos que cada sexo experimenta com relação ao objetivo privilegiado do outro são muito diferentes: um caçador não suportaria a vergonha

de transportar um cesto, ao passo que sua esposa temeria de tocar seu arco. É que o contato da mulher e do arco é muito mais grave que o do homem e o cesto. Se uma mulher pensasse em pegar um arco, ela atrairia, certamente, sobre seu proprietário o pané, quer dizer o azar na caça, o que seria desastroso para a economia dos guaiaquí." ( CLASTRES, 1975, p. 75 )<sup>19</sup>

Enquanto a filosofia e os filósofos, estes, nessa etapa da história, centraram seu ofício na sistematização do conhecimento culto, incluindo , aqui, a matemática, a física e a geometria, ainda que em uma tentativa crítica, eles pretenderam situar-se por fora dos poderes religiosos, os quais regulamentaram a filosofia mesma através do tomismo e de sua ontologia.

O trabalho de artistas, artesãos e arquitetos era dirigido para a solução das necessidades e dos desejos clericais; a criatividade social toda dava-se ao redor da igreja, que de maneira alguma consultava a imagem ou o espaço humanos, e sim os da concepção imaginária do divino e do mundo celestial, assim, as atitudes da imaginação copiavam somente os supostos padrões da bíblia e de seus intérpretes eclesiais.

Porém com o passar do tempo, a filosofia e as artes que se gestaram no ventre religioso e que haviam herdado dos gregos o exercício da razão, da estética e da ética, através do exercício filosófico tomista, logra uma certa independência e disputam com a igreja seu domínio sobre a estética, a ética, a política e também a ciência, estabelecendo-se uma marcada rivalidade com a igreja, que dependendo do país e do poder da igreja nesse país, permitiria ou não o crescimento do lugar social dado a esses filósofos e artistas dentro da marginalidade de hereges e perigosos.

---

<sup>19</sup> Clastres, Pierre, Op. Cit. p. 75.

No entanto a técnica como tal, e seus especialistas, cresciam lentamente dentro do seio popular como parte integrante da cultura do mundo vulgar, desenvolvendo-se de acordo com o ritmo lento do evoluir social.

Esta, a técnica, pela necessidade simplesmente, conseguiu ser a gestora de seu próprio desenvolvimento e por sua vez do desenvolvimento do conhecimento popular, ambos provavelmente eficientes enquanto à solução dos problemas da vida diária e também da morte, - lembremo-nos que a guerra faz parte da vida e da paz - e que o desenrolar dessa tecnologia é parte importante da história humana.

A técnica e o conhecimento popular que a sustenta são as fontes do conhecimento científico, posto que as ciências, agora regulamentadas pela filosofia tinham na técnica, nos artificios e também na problemática da cotidianidade, suas fontes próprias, agora à margem da bíblia.

Se olharmos bem o panorama histórico deste momento, vemos que nele existem três centros de interesse social, pretendendo de uma ou outra maneira anular-se entre si, um é a religião, outro a filosofia e, outro, o conhecimento popular expresso na cotidianidade; a religião e a filosofia disputando seu espaço no campo da natureza da realidade e à justeza no ético, no estético, no moral e no político; a cotidianidade como centro conformador de técnica e artesanato, com ingerência direta nas ciências, estas também disputadas do senso comum pela filosofia.

É este o momento no qual o homem do comum teve a oportunidade de demonstrar seus talentos, em todos as ordens do saber priorizadas pelas elites, - a arte, a filosofia, a guerra e suas especializações, a geometria, a química, a arquitetura: barcos, casas, fortes, castelos, armas, jóias e iguarias de mesa,

máquinas para tortura, móveis de todo tipo, roupagens, elementos para a montaria e carga de bestas, músicas, danças, atitudes, gestos, palavreado para a nova situação, eram os desafios que cada cidade, que cada senhor colocava aos seus habitantes em função do poder e brilho de cada um destes burgos.

Aqui, a cotidianidade sofreu mudanças revolucionárias que vinham da mesma cotidianidade; se pelo lado popular havia um afã integralizador, o chamemos-lo de conservador; de outro lado estavam os interesses diversos de cada um, cada qual lutando para si, desintegrando o cosmos humano, em função de um ideal de progresso civilizatório.

Em um princípio, esse cotidiano - realização integral do indivíduo no espaço da vida diária, dentro da vivência mágica da natureza e da simpatia misturada com o religioso - encontra-se longe das discussões transcendentais entre filosofia e religião, discussão esta em cujo seio surgem as leis do social, do ético e do moral, e que por via direta passaram às classes cultas e das quais, por cujas práticas, o vulgo iria apropriar-se lentamente, fazendo seu o que, dentro de seu nível crítico, é viável culturalmente; desta maneira a normatividade chega ao vulgo através de seu próprio filtro consensual.

Dentro de sua própria conformação, o povo tenta, de todo jeito, conservar sua integridade primitiva neste cosmos desintegrado, guardando para si as práticas mágicas e uma certa feitiçaria dirigida à prevenção de males e à cura de doenças, e que não era outra coisa senão a expressão da sabedoria acumulada no uso de ervas, animais e substâncias minerais, produto da experimentação que, certamente, custou muita dor e até mortes, pois foi uma experimentação feita na própria carne; práticas simpáticas mescladas às práticas da feitiçaria que se transmitiram principalmente através dos relacionamentos femininos, posto que às mulheres foi dado, desde um princípio, o cuidado da

saúde de crianças, feridos, e enfim dos doentes.

Muitas dessas práticas chegam até nosso presente automatizado, em especial aquelas que têm a ver com a chamada magia simpática, diremos que executivos de toda índole, secretárias, governantes, operários e donas de casa são a freguesia assídua de especialistas informatizados da sorte, do futuro e de solução de muitos dos problemas que formam o cotidiano que vivemos, e que vão desde os desajustes no posto de trabalho, a solidão, a sexualidade ineficiente, a pobreza, a falta de um projeto de vida, doenças e até supostos feitiços para melhorar o marketing, isso, no mundo atual das grandes metrópoles, da comunicação global e instantânea e da automatização.

Muita é a literatura sobre a espiritualidade, hoje, seja sob a direção das diferentes igrejas, seja sob as vestes da informalidade, seja sob o visual modernista de vídeos, revistas e vídeos, sob astrologia, numerologia, iriologia, tarô, cristialogia, yoga, I ching, Nova Era, geopatias, essências florais, atlantas, meditação radiestesia, runas, cristaloterapia, parapsicologia, esoterismo, mística, zen, holismo, cabala, exitologia, quartzos, magia branca, astro psicologia, anjos, rituais e talismãs, astro-grafologia, cromoterapia, búzios, etc.

De novo magia e religião, desta vez com ajuda da informática e tentando delimitar seus espaços próprios e à espera dos tempos futuros, pois são eles que resolverão o lugar não só da magia e da religião, mas eles também darão carta de legitimidade a estas e a outras formas da expressão informal, da busca da verdade neste momento.

De todas as maneiras, se por um lado a religião e a filosofia entrelaçadas em disputas transcendentais, minimizavam estrategicamente - em função do legítimo exercício do poder - tanto a natureza do povo, quanto a sua

forma de elaborar o conhecimento, de um outro lado, o povo tomava consciência do seu poder e também de seus direitos.

Lembremo-nos, como depois desse açoite, que foi para a humanidade a peste negra, os clérigos ricos e os senhores da terra e governantes, acocados pelo abandono que suas terras e gados estavam sofrendo, em função da grande quantidade de camponeses mortos, centram seu poder nos escassos sobreviventes, para obter deles o máximo de seu esforço e dedicação, para assim tratar de salvar-se da ruína, para isto, mostram extrema crueldade e seu desinteresse pela vida humana. (G.H. Wells)

Este fato cruel, faz com que o povo se rebele e comece a se perguntar - como criaturas sob o sol - pelo seu direito à vida e a um espaço qualquer na terra, como tem o mais inútil dos animais, sem o acuo de amos e patrões, como havia-se estabelecido através da costume e das leis da hereditariedade, legitimadas pela igreja, dando-lhe, esta, o caráter divino ao direito dos amos, sobre a vida, a honra, os bens e sobre parte de seu trabalho.

## **II. 6 MODERNISMO E COTIDIANIDADE**

Passando a um outro momento de nossa análise histórica, nós encontramos que, com o avanço do conhecimento metodizado, do conhecimento científico, e melhor ainda com a aparição do método empírico ,a filosofia é deslocada como centro regulamentador do conhecimento e demais interesses humanos; substituída esta pela técnica e pelas ciências naturais, em especial a física, a geometria, a química e a biologia.



Temos pois, neste momento, uma situação na qual a religião absorva permanece no seu canto, lugar ao qual a filosofia a relegou, acatando os assuntos próprios a seu magistério e tratando de defender seus logros materiais frente ao poder do Estado, desta vez independente do poder eclesial; a filosofia, pela sua parte, nesse momento, obsoleta e ineficaz frente ao avanço incontestável da ciência e de suas explicações sobre o mundo e o cosmos; Kant, pela sua parte, para estar às alturas da situação, se volta sobre a razão, tentando explicar o ser dela, e dizer, especificando as leis pelas quais a razão se rege, como um elemento a mais para ser explicado, com o intuito de uma correta e também uma incorreta forma de utilizar a razão, como anteriormente se viu.

No que diz respeito ao conhecimento comum e à sua expressão no cotidiano, é preciso dizer que este havia chegado ao amadurecimento, produto de todas as lutas anteriores pelos seus direitos frente aos senhores da terra, amadurecimento que vinha dando-se, gessando-se séculos atrás e que explode na Revolução Francesa, desta vez contra a realeza e o poder dos nobres.

Esta cotidianidade, já não era a mesma da passada época (feudal), pois são muitos os fatores que originam uma mudança - ainda que lenta - e estes são novos em sua maioria, ainda que existam aqueles, constantes em sua dinâmica, como seria o caso da intranscendência do dia a dia, vivido sem os afãs de ir mais para lá, ou de incidir no texto da história mas, ironicamente, esta cotidianidade é o único lugar, o único jeito de viver esta transcendência; isto é tanto válido para a cotidianidade popular, quanto para a cotidianidade das elites, estas em contínuo estado de transcendência pela sua proximidade aos poderes divinos e terrenos, proximidade que marca a maneira de fazer a história.

Neste momento da história, aos anseios do comum pela mudança nas relações sociais, somava-se o interesse da burguesia pela mudança de ventos,

que foram favoráveis ao projeto de classe e, assim, somados, mas não fundidos; os dois anseios, tão dispares, se expressam na Revolução Francesa, primando, como depois se viu, o projeto burguês democrático-liberal.

Enquanto à técnica, neste período, inicia sua aliança com as ciências como tais, liberando-se de sua origem popular, permitiu o avanço inusitado destas, que de sua parte, e em função da produção, foram -se convertendo em ciências aplicadas.

Surgem neste momento e em função dos processos da produção industrial, categorias novas: o consumo, o consumidor, o capital, o proletariado; e pela primeira vez, um processo de produção faz girar em torno de si a atividade social toda, incluído aqui o relacionamento familiar; se anteriormente este havia sido tentado pela metodização do conhecimento, agora com a produção massiva e seriada a sociedade toda, incluindo o Estado, se entregava à orgia nova de três atores mutuamente necessários: o capital, o empresário e o operário, tendo implícito na sua dynamis a produção, a mecânica, o lucro, o “contrato livre”, a livre empresa, e uma mudança drástica na cotidianidade popular, uma vez que, - como já foi dito - o processo capitalista de produção encampou tudo, rompendo com as relações da família operária; as crianças e as mulheres foram o material humano preferido para o trabalho nas minas de carvão, pela fragilidade de seu protesto e pelos escassos salários que lhes eram era dado paga-lhes pela sua condição de indefensão social.

“Sobre que fundamento repousa a família atual, a família burguesa? No capital, no ganho individual. A família na sua plenitude, só existe para a burguesia, mas encontra seu complemento na supressão forçada da família para o proletariado e na substituição pública. ( MARX, 1984, p.32)

Tem-se um giro de toda a sociedade, em função da produção, do salário, das vendas do consumo; o dinheiro entra desta maneira como um

determinante cultural de inusitada força, - Marx, na sua análise do Capital, faz girar em torno da economia e ao modo de produção, especificamente, toda a atividade humana, como nesse momento se viu; esse foi seu momento e sua análise é justa, ainda que alguns a qualifiquem como economista - .

A cotidianidade, que até esse momento fora trocada, de uma maneira indireta e tangencial, por uma ideologia dominante, por causa do desprezo das classes no poder para com as classes populares, nesta nova situação, é alcançada plenamente e pela base, pela classe burguesa, pois o capitalismo, ao introduzir, obrigatoriamente, as massas ao seu processo produtivo, despoja-as de qualquer outro meio de subsistência. Assim houve resistência da parte do povo à integração a que era levado pelos poderosos do dinheiro e pelo mesmo Estado conseguem com que o proletariado nascente passe a viver e a pensar em função de seu salário, o qual o distância de sua cultura, de uma maneira catastrófica, no que o mais próprio de sua natureza humana lhe é raptado, sua liberdade, sua criatividade, e sua possibilidade de crescimento como ser humano através do trabalho, pois este, se em um começo alcançava uma parte significativa do processo de fabricação, pouco a pouco esse mesmo processo se foi fracionando e especializando, convertendo-se o trabalho, em uma mera operação mecânica e repetitiva, abstrata, e afastada de sua totalização, do produto industrial; nesse fato, é quiçás tão grave como o roubo sobre o qual se funda o capitalismo, o roubo da capacidade criadora popular; sobre estes raptos se funda o capitalismo.

Se bem o capitalismo constuiu a nível social a cultura do trabalho, como uma necessidade da espécie, e como expressão da natureza, o trabalho ha entrado em um processo de subtração social, devido à automatização; as massas, assim aculturadas terão que começar a construir, como já o estavam fazendo - exemplo é a chamada economia informal - uma outra cultura, já não baseada nos

tempos e espaços, que gerou o salário e a ocupação fabril, cultura marcada de sentido por categorias como a realização profissional, meta de todo indivíduo, dentro das categorias e estratificações das ocupações ligadas de uma ou outra forma com o capital.

A ética da produção, expressão da docilidade, obediência e eficiência, tendo como base o mínimo de investimento de capital, levou a sociedade ao taylorismo e ao fordismo que se encontram agora também obsoletos, porque agora, se trata não de contratar mais operários para alcançar maiores níveis de produção; o problema atual do capitalista é como produzir mais, com mais lucros, eliminando ao trabalhador com suas molestas cargas humanas, substituindo-o por máquinas inteligentes, como já se está fazendo nos países altamente industrializados.

Os desafios populares também mudam; as lutas agora são para diminuir o horário de trabalho, com o objetivo de ampliar as possibilidades de ocupação operária; segundo Adam Shaff, se chegaria a extremos e limites além dos quais não há possibilidade para trabalho assalariado; grandes massas de desocupados fazem sua aparição histórica, isto a nível global - utilizando o termo de moda - pois a tecnologia da produção automatizada não somente começa a circular nos países desenvolvidos, mas também em países como os nossos, onde a produção agrária está sendo automatizada também, acabando com o trabalho dos operários da roça, uma vez que o latifúndio com suas seqüelas, parecera instalar-se definitivamente; a característica capitalista da expansão, no caso do latifúndio é duplamente agressiva, já que se corta o equilíbrio das diferentes espécies vegetais e animais e vai contra o que se poderia chamar de ecologia humana; até que uma ou outra não são mais que o desequilíbrio que a exploração irracional causa contra a vida em geral, assim se diga que esta é a maneira única de atacar a fome e a desnutrição que açoita já à maioria dos países.

O processo de formação capitalista neo-liberal é produto de vários roubos altamente significativos para a espécie humana; um é o roubo dos ganhos que o trabalho humano produz, não contabilizado no “contrato de trabalho” e que gerou a “legitimidade” da acumulação inicial do capital; outro roubo foi o da criatividade inerente aos processos de transformação de materiais e à produção lúdica de formas através do trabalho criativo; esse roubo se concretiza na imposição de um modo de produção que irrompe na cultura trocando -a irreversivelmente por outra, ou seja, este terceiro roubo, seria o roubo cultural, que implica a determinação econômica de cima para baixo, da sociedade e do indivíduo, acabando com a liberdade, é o da robotização nos processos industriais, o roubo - da anteriormente imposta - condição de operário.

De qualquer maneira, seja nos processos automatizados, seja em um trabalho mais rudimentar, mais manual, o trabalho do homem como ethos, como razão e veículo para a razão de sua existência, como forma de relacionamento com o “outro” seu próximo em espécie, se vê minimizado à condição de mera mercadoria, algo que é intercambiado por um pagamento, por um dinheiro, e esse pagamento sempre tem um excedente que fica a favor do possuidor dos meios de produção. O “excedente” que fica para o trabalhador é a alienação (perda da criatividade e do lúdico no processo de transformação da natureza, da matéria), e o desgaste psico-físico que não é restituível.

“O preço médio que se paga pelo trabalho assalariado é o mínimo de salário, isto é, a soma dos meios de subsistência necessários para que o operário viva como operário. Por conseguinte, o que operário obtém com o seu trabalho é o estritamente necessário para mera conservação e reprodução de sua vida (...) O que não queremos é o caráter miserável desta apropriação que faz que o operário somente **Como Marx diz:** viva para aumentar o capital e só viva na medida que o exigem os interesses da classe dominante.” (MARX, 1978, P. 23 )

A alienação, que é como geralmente se conhece o rapto da liberdade,

da criatividade, da capacidade e do direito à crítica e à ingerência do trabalhador no processo mesmo de seu trabalho, é somente um subproduto do processo capitalista, que com o tempo passa a ser procurado sistematicamente pela inteligência burguesa, já que assim se pode exercitar, de uma maneira mais fácil, a disciplina e a obediência necessárias à produção mecânica da indústria.

Este ideal capitalista, como temos visto, não se conseguiu concretizar pois o mesmo processo e sua otimização implicavam possibilidades de crescimento crítico para as massas proletárias, massas que, reunidas, poderiam conhecer e experimentar seu próprio poder, o poder de sua força de trabalho, e do consenso ou não na sua participação nos processos da fábrica.

“O proletariado passa por diferentes fases de desenvolvimento. Logo que nasce começa sua luta contra a burguesia. A princípio empenham-se na luta operários isolados, mais tarde, operários de uma localidade, contra o burguês que o explora diretamente. Não se limitam a atacar as relações burguesas de produção, atacam os instrumentos de produção; destroem e queimam as fábricas e esforçam-se para reconquistar a posição perdida do artesão da Idade Média ( MARX, 1978, pag. 23 )

Esta primeira revolução industrial, com suas verdades provadas e comprovadas no lucro, certificadas pela técnica cada vez mais elevada na produção de bens industriais, fará as vezes de uma centrífuga, fazendo girar todas as expectativas humanas em seu método e em a sua eficácia; a criatividade não seria uma exceção, a novidade e a necessidade de novos produtos e melhor tecnologia ocupam suas possibilidades saindo do âmbito das classes populares, agora ocupadas em refazer uma cotidianidade sob os novos parâmetros da produção; a religião e a igreja, situando-se em um outro lugar, contrárias à modernização que se dava, e às suas conseqüências de liberdade nos costumes; e os marginais de sempre, os loucos, os artistas e os delinqüentes viam engrossar suas fileiras por aqueles que, pela sua idade ou por qualquer outra circunstância, não estavam nas linhas de produção.

Nesta etapa histórica, a criatividade popular é reprimida pelo processo mesmo, surge como uma expressão da dor, da incapacidade frente à mecanização do ser humano, primeiramente nos poetas chamados de “malditos” e particularmente com Charles Baudelaire na França e Edgar Allan Poe nos Estados Unidos; o primeiro iria a mostrar os retalhos de uma cotidianidade de exploração valorizando as coisas elementares da vida comum, dando-nos uma nova possibilidade da beleza, por fora dos cânones renascentistas, até esse momento em voga, de passagem, assentando as bases para uma fenomenologia Husserliana, depois aproveitada pelo movimento cubista, Braque, Picasso, etc., para a estruturação multidimensional dos objetos, das coisas, das pessoas e da paisagem, para a que foi denominada arte moderna, na qual, confluem também, as idéias Baudelerianas sobre o valor estético da materialidade, por si mesma, dos elementos constituintes da obra de arte; sem estas propostas Vasili Kandinsky não teria podido construir sua teoria dos elementos abstratos ( ponto, linha, plano) nem o movimento chamado de Bahuaus teria podido estabelecer sua metodologia interdisciplinária (arquitetura, escultura, pintura, design puro e aplicado), este parêntese, somente para mostrar os rumos que a criatividade tomou nesse momento histórico.

## **II. 6 O LUGAR DA CRIATIVIDADE COMUM NA POST-INDUSTRIA**

Entramos assim em outro período marcado pelo que Adam Shaff denominou de segunda Revolução Industrial, na qual, o binômio ciência-técnica passa a sofrer uma aceleração produzida por uma tecnologia nova, a informática e a cibernética; na realidade, este fato marca a aparição de novas relações de produção e também de novas relações sociais, dela resultantes.

Os paradigmas da produção industrial, vigentes até o momento, começam a ser trasladados para outro lugar pêlos ditados da informatização, mostrando, desde o começo, sua potencialidade não somente no crescimento e afinamento dos processos produtivos, mas também sua parte lesiva para a classe trabalhadora, por quanto o crescimento da automatização implica também nas massas de desempregados, “o desemprego institucional” (Shaff).

É um momento de grandes mudanças no ético, no moral, no estético e no religioso, momento de incertezas, apesar do crescimento e da rapidez da comunicação, dos transportes e apesar do fluir da informática como elemento que começa a mostrar -se, em seu crescimento e independência, como categoria integralizadora e possivelmente centro e eixo histórico do futuro, - pelo menos, para os anos vindouros -, sem que isto implique uma afirmação, pois dada a celeridade com que se operam as mudanças em todas as ordens, é atrevido aventurar hipóteses sobre o futuro.

Se continuamos o fio da reflexão de Shaff, acerca dos componentes desta segunda revolução industrial, temos que uma das principais novidades consiste na mudança que deram às ciências e o conhecimento científico, primando interesses por fora da natureza anterior deste tipo de conhecimento, ao estilo dos descritos por Tomás Khun, mas ultrapassando qualquer dos desenvolvimentos compromissados da ciência e de seu desenvolvimento, chegando ao estado atual que as ciências se tem convertido em meios cada vez mais longe das idealizações Popperianas sobre o dever ser da ciência e dos científicos.

Esta mudança somada a outras, como o desemprego, a automatização, a orfandade do projeto de vida frente à impossibilidade humana de projeção no trabalho, a imposição do tempo sem ocupação, a fome, a miséria, a urgência da

intervenção estatal na repartição da riqueza, da possível anulação do direito de propriedade privada como única chave de fazer frente ao enriquecimento agressivo, por desestabilizador da ecologia humana, a ingerência massiva da mulher nos negócios da produção, da ciência e da política, tudo isto somado aos avanços da engenharia fito-animal e da biologia genética, dão como resultado, uma nova sociedade, novas relações de produção, novos valores, novas formas de conformação familiar, novos papéis, novas ameaças e também grandes esperanças.

Os desafios para a espécie humana, no social, no político, e no cultural, voltam a passar pela abertura ao comum de possibilidades de expressão de sua criatividade, já que, os instrumentos tecnológicos crescem dia a dia, eles por si não bastam, é preciso a visão criativa do ser humano e sua criatividade, para poder dar sentido ao que, sem elas, seria a ação loca de brinquedos em mãos de débeis mentais.

As mudanças que estamos vivendo, e que incidem na estrutura social - por serem vividas, sentidas e não criticadas - permeiam certamente toda a natureza humana, porquanto somos um sistema que, se mexida uma só de suas partes incide em todo ele, mudando-o.

Com a incidência da aceleração dada pela informática e a cibernética ao binômio técnica-ciência - na mudança de sentido que até esse momento trazia na sua natureza a ciência como tal, -aquele princípio de conhecimento metodizado, em função do aprimoramento das leis, da certeza e da verdade, passa a ser trocado pela busca de leis e princípios eficazes em função de fins não próprios da ciência, e sim dos princípios capitalistas de produção e do lucro; assim, vemos como o altruísmo e a gratuidade da busca científica são retirados das universidades onde cada vez mais, em função de interesses especificamente

empresariais, localizados, se exerce a investigação científica dirigida às custas dos interesses da sociedade e contra a mesma, já que raras vezes são coincidentes os interesses dos empresários, e os interesses das populações, da sociedade.

Passa, assim, a ciência a ser mais um meio que incide na produção que até o momento se vinha dando e que, com a automatização e a robotização, deslancha para novos planos, jamais considerados pelos tratadistas políticos clássicos, da direita ou da esquerda e cujo principal produto social é o desemprego.

Essa automatização já era vista como algo urgente para o crescimento necessário à produção industrial - antes mesmo da aparição da informática - lembremos os anseios Tayloristas, os quais consideravam ao trabalhador tão somente em suas possibilidades físicas de movimento, ao estilo robô; esta imagem de um proletariado, sem a capacidade crítica, sem possibilidades valorativas, impedido por natureza a reclamar, povoou, com certeza, os sonhos dos empresários, sonho que hoje vemos realizar-se, para sua satisfação é alegria.

Este Sono empresarial, hoje realizando-se, implica um pesadelo para os trabalhadores, já que a indústria em geral se encontra atarefada nos processos de desproletarização e que vivem, já, países do chamado primeiro mundo; o desemprego estrutural (Shaff) e suas seqüelas se instalam nas sociedades impossibilitando a vida produtiva humana, iniciando-se uma Meta-Cultura ou, se podemos assim dizer-lo, uma Endo-Cultura, baseada na impossibilidade de projeção individual; se antes a juventude se formava para sua projeção dentro do projeto social, hoje teria que formar-se para sua conformidade com a impotência.

A “realização profissional”, categoria criada pelo processo capitalista, é um substantivo composto, por parte de um derivado verbal (realizar) e de um substantivo adjetivado (profissão), que tem a ver com o projeto de vida do indivíduo inserido no processo capitalista e também com seu comportamento dentro do sistema. A realização profissional nos fala do indivíduo que chegou a um determinado estado social, a uma meta através de seu trabalho, e esse topo onde ele chegou determina seu lugar dentro da sociedade. Esta categoria pertence já ao passado; no presente, a causa do desemprego, esta realização será de uma outra ordem, quicas menos individualista.

Shaff, nos fala desse ser humano, nosso futuro irmão inibido desde seu nascimento à possibilidade de trabalho, sem projeto individual, sem projeto social, alheio ao processo cultural e a sua riqueza e cujo principal mal, além da fome - também estrutural - é o tempo no mono-ritmo da desocupação.

Este processo des-proletarizador começa a criar mudanças radicais entre os mesmos segmentos populacionais proletários, novas relações entre as classes sociais e também novas possibilidades políticas a ser consideradas pelos partidos.

A democracia e a natureza mesma da democracia como se tinha, como se conhecia, dentro da idealização da igualdade, a eletividade e a representação, começa a ser questionada pelas possibilidades em si mesmas da informática e de sua popularização, já que em um futuro de democracia e de participações reais a representatividade passará a um segundo plano, por quanto a presença popular será uma realidade através de redes de computadores por interesses, que passando também pelas favelas, pediram contas, darão sua opinião, exigiram dos governantes e estos a sua vez, de maneira personalizada - no que um computador possa ter de pessoa - se comunicarão dando conta de entradas e

saídas de recursos, etc.

A natureza mesma do partido político será dada pelo uso do computador e das redes atendidas pelos supostos partidários e, como falávamos, a representatividade, estará dada pela natureza mesma da informática, atendendo necessidades reais dos movimentos populares e dos grupos minoritários.

Este parênteses, futurista, dentro de uma análise histórica, era necessário, por quanto os sintomas, que vivenciamos, pareceriam conduzir indefectivelmente ao caos primitivo, ou às coordenadas de uma sociedade marcada pela informatização.

Neste panorama histórico, a religião se apresenta como um fenômeno atomizado pela proliferação de seitas, de credos, de gurus e de profetas; isto é tão só a expressão da procura por explicações, frente às incertezas presentes. Como setor de interesse popular, vemos que este cresce como a “necessidade” do exercício de práticas mágicas, para enfrentar - como no começo - o caos do mundo circundante- desta vez um caos criado pelo mesmo homem.

Segundo este raciocínio a religião como centro do interesse humano no futuro será parte do núcleo que rege as atividades do homem, constituindo-se como um desafio para a atividade proselitista dos diferentes credos, os quais - como se vê - tem retomado velhas alianças com a magia. Seu papel, dentro desta situação histórica tão nova, é preponderante, compartilha o desafio com saberes como o da filosofia e a física. Fazendo referência a Spinoza; enquanto a noção de uma divindade onipotente, que só poderá ser explicada dentro do inexplicável dos níveis de energia da matéria, por uma física-metafísica, lugar também próprio para a religião e para a filosofia atuais.

Vemos como vai se conformando, nestes momentos, um centro integralizador, conformado pela religião, pela filosofia, pela ciência - técnica-informática-cibernética, pelo cotidiano e pela magia, em um nível primário semelhante ao primitivo e do qual virão os futuros crescimentos, tendo em conta, que para este desenvolvimento, é necessária a criatividade e a criticidade das populações.

Nestes momentos, tanto a cotidianidade do vulgo, quanto a das elites, tende à des-preconceitualização de drogados, loucos, dos delinqüentes comuns e dos diferentes; grupos estes, nos quais a criatividade é marcante, como nos indivíduos das artes e das ciências.

Esta cotidianidade está marcada - como é possível observar - pela dinâmica do momento, o consumismo, não somente em produtos industriais, de álcool, de drogas, de imagens tele-transmitidas por satélite, de mensagens individuais imediatas, em qualquer parte do mundo, via computador, de crenças ritualizadas em estádios e transmissores de T.V. - novos canais da magia - de notícias filtradas pelo novo imaginário das coordenadas das telas do cinema e da tv ; a imagem e suas possibilidades tridimensionais na chamada realidade virtual fascinam com seu poder ao homem, os espaços arquitetônicos ganharam nova magnitude e beleza pela tecnologia moderna em materiais e estruturas, o transporte e seus veículos, de terra, de mar e de ar, sua velocidade, sua beleza e seu conforto, não foram pressentidos.

A linguagem é a testemunha viva das mudanças; mídia intensiva, CD ROM, multimídia, realidade virtual, video-clip pop, mudanças, que estruturam também o modo de perceber o mundo, de vivê-lo, numa nova consciência de estrutura, o homem cotidiano atual, a mais de suas cargas individuais, leva as cargas do mundo imediatizado a través de todos os meios de comunicação, seu

tempo já não é o do ritmo seu, o tempo é o ritmo em que palpita o mundo, como um pequeno coração perdido na infinidade cósmica.

É nessa individualidade em vias de nova integridade, que se dão as batalhas históricas da espécie, nelas e em seu crescimento é que estão as esperanças da espécie, num momento em que o futuro pareceria não existir pela rapidez vertiginosa das mudança é desse microcosmos que se gesta a linha que direcionará a mudança histórica e os fatores essenciais da individualidade humana: a criatividade e a criticidade terão que ser os parâmetros da educação construtiva e contínua, é dizer, dentro e fora dos programas e das escolas.

A valoração que a modernidade lhe deu às coisas materiais, começa a ceder-lhe passagem a novos valores mais significativos para o projeto humano, e que coincidem com a ingerência do mundo feminino e de suas qualidades, no mundo objetivo dos machos; a valoração da imaginação, da cotidianidade, da solidariedade, da qualidade de vida centrada na intercomunicação, a participação de todos, o respeito e compreensão dos diferentes até o momento marginalizados socialmente, a importância para a humanidade das artes e do desenvolvimento espiritual, são entre outros os aspectos sobre os quais uma nova subjetividade se funda, e com a qual pretende a humanidade iniciar o século XXI.

Neste renascer da sociedade humana se libera essa que, por muitos anos, esteve limitada, presa: A imaginação, “a louca da casa”, como tem sido chamada, e por cuja repressão cresceu a razão metodológica, e por cujos frutos a civilização está no que está, seja isto bom ou mau; a imaginação teve um atuar limitado ao mundo dos sonhos noturnos e ao dos outros sonhos. Os sonhos de nossos projetos e desejos, assim: O divã, os monólogos, ou os estrados judiciais, se converteram em espaços de manifestação de nossa reprimida imaginação. Esta situação da imaginação e da criatividade se introjetou tanto na nossa cultura

e em nossas mentes, que se acredita ainda, que a única maneira de pensar é a racional, mas esse paradigma da razão parece fenecer ante outro; o da prioridade da imaginação e da criatividade, enfim, de uma sensibilidade intertextuada, e de todos os sentidos, a mais de uma crítica, que permitirá o crescimento da razão.

Charles Baudelaire antepõe à estética racionalista uma estética baseada na imaginação criadora, da qual foram os primeiros paladinos os chamados poetas malditos: Verlaine, Rimbaud, Mallarmé e Verbaeren, antepondo-se ao Iluminismo e à razão moderna uma outra razão - se se quer pseudomoderna - baseada na imaginação e nas suas possibilidades, mas dentro dos parâmetros rígidos do trabalho contínuo e metódico, da disciplina.

Referindo-se a Edgar Allan Poe, o poeta que tanto admirou, diz Baudelaire:

"Poe é sempre correto. É um fato muito notável que um homem de uma imaginação tão andarilha e tão ambiciosa seja ao mesmo tempo tão amoroso das regras e capaz de estudiosas análises e de pacientes pesquisas"

"A imaginação não é fantasia. A imaginação não é tampouco a sensibilidade, embora difícil conceber um homem de imaginação que não seja sensível. A imaginação é uma faculdade quase que divina que percebe antes de tudo e fora de métodos filosóficos, as relações, íntimas e secretas das coisas ". ( BAUDELAIRE, 1939, p. 53)<sup>23</sup>

Esse é o método que prioriza a imaginação, e que permitiu dar-lhe à percepção do mundo e a sua expressão uma vida nova e totalmente diferente, da que até o momento se dava, permitiu a possibilidade de conceber um objeto -

---

---

por exemplo - de todos os ângulos possíveis - com o intuito de resgatar sua essência existencial, leva não somente à arte moderna que se deu a partir de Baudelaire - cubismo, impressionismo, expressionismo, dadaísmo - , e também ao método fenomenológico de Husserl, um e outro são congruentes com uma nova maneira de se aproximar ao mundo.

Uma outra possibilidade que se deu, a partir dos princípios estéticos Baudelerianos, foi a dos artistas abstratos, esta corrente pictórica não se encontrava centrada na essência fenomenológica, e si na luz e o color como elementos puros que se combinam e ordenam na imaginação, no interior da mente, em uma festa que o artista verte em suas obras, permitindo ao espectador resgatar e criar uma nova maneira de olhar e de ordenar as coisas, não já desde um afora formal da natureza e sem desde um interior lúdico da mente criativa, da imaginação, da cor que prioriza, da textura que luta contra a forma que a continua.

De passagem, esta forma da arte abre o espaço a toda a técnica que em esse momento nascia junto com a fotografia, a da impressão fotolítica, já que sem a concepção da mescla visual das cores primárias, para o logro de cores secundárias e terceiras a impressão a cores teria sido uma tarefa muito difícil.

Muitas são as portas e janelas que se abriram e deixaram arejar novos espaços, e então as salas iluministas, de uma maneira definitiva, não voltaram a ser as mesmas, a materialidade da arte passa a um primeiro plano, priorizando-se por cima da temática e da mesma forma, e configurando-se como uma forma em si, a linha, o ponto, o plano e a textura, a tecitura, a matéria física da pintura; me chega à memória Cezanne com suas naturezas mortas, seus retratos, nos que a pincelada transmite por um lado a maestria no manejo inconsulto de grandes quantidades de pintura, e por outro, uma sensualidade da matéria que em um jogo antigravitacional não pinga, e para falar dessa dinâmica de pingar, de surgir

uma cor sobre o outro, de desfumarse uma matéria no contato com a outra, na maravilha da casualidade - outra grande escola da arte moderna abstrata - , a arte brut, da que foi teórico B. Dubuffe tem esse, seu espaço, graças às idéias de Baudelaire.

Um outro aspecto que deve muito a Baudelaire, que incidiu também na maneira de enfocar o problema da arte, da percepção e da expressão é o da gestalt, sobre o que se fundou toda uma escola psicológica da percepção e também um intento interdisciplinário das artes em geral; a Bauhaus, que à maneira de uma escola, incidiu na arquitetura, na pintura, na escultura, nas chamadas artes aplicadas e que deu a vida a uma outra área, hoje indispensável na codificação e simbolização, produção e comunicação a través de imagens e formas: o design puro, o design para a comunicação e o design industrial, sem os quais não poderíamos conceber o mundo que habitamos; a escola Bauhaus também é devedora das idéias de Charles Baudelaire.

Muitas das idéias do poeta Charles Baudelaire, aparecem em comentários que faz sobre personagens da época e sobre eventos artísticos, ou literários, área esta sobre a que teve grande influência, em críticas ao pedantismo da época:

Falando da América do Norte e do caso de Edgar Allan Poe:

"A América tagarela e diz disparates com uma volúpia espantadora. Quem poderia contar seus poetas? Eles são inumeráveis. Seus literatos pedantes. Eles sobrecarregam as revistas. Suas críticas? Acreditam que ela possui pedantes que valem os nossos para mobilizar sempre o artista para a beleza antiga, para questionar um poeta ou um romancista sobre a moralidade de seu objetivo e a qualidade de suas intenções.

Há lá como aqui, mas mais ainda do que aqui, literatos que não sabem ortografia; uma atividade pueril, inútil; compiladores em profusão, repetidores, plagiadores de plágios e críticos de críticas. Nesse fervilhar de mediocridade, nesse mundo cativo dos aperfeiçoamentos materiais, - escândalo de um novo gênero que faz com que se compreenda a grandeza dos povos vadios -, nessa sociedade ávida de surpresas, apaixonada pela vida, mais sobretudo de um vida cheia de excitações, aparece um homem, (Poe), que foi grande, não apenas por sua sutileza metafísica, pela beleza sinistra ou arrebatadora de suas concepções, pelo rigor de sua análise, mas grande também e não menos grande como caricatura. (.....) Ele foi portanto um admirável protesto; ele foi e o fez a sua maneira, in his ower way....(.....) mostra em abundância seu desprezo e seu desgosto sobre a democracia, o progresso e a civilização, esse autor é o mesmo que, para eliminar a credulidade, para arrebatara a babaquice dos seus, foi o que mais energicamente colocou a soberania humana..." (Ibid. p.46 )"<sup>24</sup>

A herança Baudeleriana, de contestação ao pragmatismo capitalista, à mecanização do homem, à valorização da vida, ao desprezo pelos valores do espírito, do verdadeiro arte, mais além das meras formas da natureza, da realidade, permitiram o começo histórico da chamada arte moderna; como já falamos, ele incidiu nas novas posturas sociais, que depois da segunda guerra mundial se deram e com as quais se inaugura a modernidade.

A ingerência da mulher em áreas de atividade de exclusividade masculina, na cotidianidade do trabalho, na ciência, na arte e na política, a conquista de direitos civis por parte de elas, direitos até o momento inalcançáveis, a igualdade civil com o homem, os direitos de potestade materna, o voto, o divórcio, o controle da natalidade, entre outros; a tomada de atitudes gestuais e

corporais contra a codificação social estabelecida até o momento, a aparição da cultura do amor, da maconha e da não-guerra, dos hippies, o surgimento de uma literatura latino-americana (o boom latino-americano), determinada pelo realismo mágico, ao protesto estudantil parisiense de maio de 68 que influenciou e fez parte do despertar juvenil da época (50 - 60), a aparição no continente de um país socialista (Cuba), a influência das idéias e imagens revolucionárias dos guerrilheiros da Serra Maestra, a proliferação dos movimentos populares armados, de variadas tendências: Maoísta, Marxistas, Leninistas, de um socialismo não declaradamente marxista, etc., tudo isto somado à aparição que fazia a informática - com suas máquinas de grande porte engolidoras de cartões perfurados, avôs dos micros domésticos - , permite situar-nos, um pouco atrás, no tempo histórico, a semelhança de Shaff, no começo real do século XXI, nos sucessos da história, que determinaram os anos 50 e 60 e determinantes, por sua vez, do que hoje estamos vivendo: igualdade feminina, automatização, desemprego, saudades de gestos, vestuário, da música e do espírito dos anos sessenta, da liberdade sexual condicionada pela ameaça da AIDS, ameaça global, tempo de incertezas e de desorientação, de crises.

O futuro imediato - é mostrado nesta análise das relações entre criatividade e política -, como uma época promissora, e cheia de realizações, e que descansa sobre a possibilidade de uma democracia de novo cunho, não baseada na representatividade e sim no exercício das responsabilidades individuais, como conformadoras da gestão do Estado. Nesta construção do político, a partir da estruturação crítica do cotidiano, se encontra também o eixo do devir, a dinâmica da ciência-tecnologia e da produção de bens e serviços - determinada pela necessidade da cotidianidade- conforma-se na prática, a antíteses da teoria marxista da prioridade do econômico sobre o social, em uma situação histórica não previsível desde o enfoque marxista de crítica ao capitalismo e a suas formas elementais.

**CAPITULO III**  
**DESCONSTRUÇÃO DA DUALIDADE**  
**SUJEITO- OBJETO**

Neste capítulo, trataremos de mostrar como a dualidade, conformada pelo sujeito do conhecimento e pelo objeto, é operante apenas em alguma das formas de conhecer e das quais o Método Empírico, colocado como absoluto, pela sua eficiência no manejo das coisas, através do saber de domínio, será excluído, precisamente, por marcar metodologicamente as fronteiras entre o sujeito e o objeto, de uma maneira arbitrária sem consultar a natureza explicitamente inalienável do ser humano, de sua forma de percepção e de suas diferentes maneiras de expressar-se.

Esta crítica à polarização entre o sujeito e o objeto, é necessário fazê-la, porquanto é pôr fora dela justamente que a criatividade pode dares, mesmo que a criatividade que se apresente nos laboratórios e fábricas pareça proveniente do mesmo método empírico.

É sabido pelos tratadistas da criatividade que a criatividade é uma só, ainda que ela se manifeste na arte, na ciência, ou na cotidianidade, e que, nela não primam nem a objetividade, nem a certeza e sim a subjetividade e o casual interacionar do sujeito e do objeto, na perda e dissolução de suas características, o melhor, das características e limites impostos pelo método empírico.

A magia mesma da existência humana radica na possibilidade de diluir-se no ser das coisas e no ser semelhante dos outros, a verdadeira riqueza consiste nesse jogo implícito na existência, de se saber, às vezes parte da natureza e às vezes sentir-se alheio a ela, de se ver no papel do outro e de

saber que nós, também, estamos embaixo da pele do outro, jogo do qual nos temos afastado, em função de um suposto progresso ascendente, no vetor também ascendente - para o infinito - da produção e do consumo.

A perda da vocação instintiva, própria do atuar animal, fez do atuar humano, um atuar livre, mas também censurado pela razão, na qual, a mais de uma nova fé nas possibilidades nascentes, surgiu a possibilidade crítica e da oposição mesma ao mundo, esta última como um logro, do qual somente veio a ter consciência o homem, com a reflexão, no momento que nasce a filosofia.

Desde então o homem já nunca mais iria a viver a idílica inocência que permitia-lhe ser um com a natureza; daí para a frente, ainda sabendo-se parte da natureza, objetará esse parentesco, assimilando-se - pela mesma reflexão - às deidades criadas e recriadas pelo homem, à sua imagem, e saídas da sua própria imaginação e de sua capacidade criativa.

Do lado de cá estariam, para sempre, os deuses e o homem, do lado de lá, nessa região estranhada, estão as coisas, os animais, a realidade não humana, o mundo da natureza.

Estabelece-se, nesta oposição, a esfera do conhecimento, na qual atuam somente dois atores, um produzindo o outro e excluindo-se mutuamente; o sujeito que conhece e o objeto sobre o qual se exerce a ação mesma do conhecimento, inclusive o conhecimento sobre o conhecimento mesmo, e também a pretensão da verdade e da certeza, já seja que as vezes prime o sujeito, já que a prioridade seja para o objeto.

A construção da dualidade sujeito-objeto representa para a humanidade um avanço muito grande, impossível de comparar com qualquer outro dos

inventos humanos; a razão situou o homem em contraposição ao mundo, à natureza permitindo desta maneira o encontro com seu próprio ser, o ser do sujeito e de passagem, o ser do objeto e a construção de uma ontologia que perdura hoje, com o mesmo interesse primitivo, tenta explicar a existência, o ser.

Implícito já estava o dilema do conhecimento sobre o homem mesmo, no qual sujeito e objeto se fundem e donde qualquer enunciado fica longe da possibilidade universalizante, no entanto fica mais evidente o interesse particular, que valoriza o sujeito, explicitando também, uma certeza possível sobre a verdade objetiva, a da própria incerteza.

Daí que a objetividade das ciências humanas tenha que ser de uma natureza específica, que considere esta especial disposição do sujeito com respeito ao objeto, na qual os enunciados mesmos podem ser falseados pela incidência valorativa, do juízo, sobre a conduta do ser humano.

Com respeito às ciências naturais, essa objetividade, pretendida desde sempre, tem sido também poluída pela natureza valorativa do sujeito, pois o sujeito do conhecimento, não é outro, que o ser humano concreto, inscrito no seu próprio meio social e geográfico, produto desses - em certa medida - e da afetividade mesma, com suas cargas culturais, de tendências e de interesses.

Caio Prado Jr. Fala claro a este respeito:

“ Essa distinção entre as ciências sociais e físicas é muito importante e precisa ser levada em conta, o que geralmente não se faz, derivando daí muitas confusões e apreciações dos fatos sociais. Para se compreender e explicar adequadamente êsses fatos, é preciso ter sempre em mente que eles não são, como os fatos físicos, independentes do homem e de seu pensamento, pois é êsse pensamento que determina a ação humana da qual resultam os fatos sociais”,

Mas adiante o autor agrega: “ Ora, as ciências sociais, que em sua feição moderna se constituíram depois das físicas, procuram modelar-se por estas últimas. È sabido

como ordinariamente se resolve a dificuldade ou antes ladeia, para o fim de conformá-las com o modelo escolhido e obter nelas uma igual separação entre a esfera subjetiva e objetiva, condição necessária, segundo geralmente se crê, para a devida elaboração científica. Isso se consegue distinguindo arbitrariamente no homem duas qualidades ou personalidades separadas uma da outra entre si alheadas: de um lado o indivíduo pensante que se ocupa da elaboração científica, e é como o puro espírito que paira acima das contingências da vida concreta e não faz mais que observar e analisar, do exterior, os fatos humanos e sociais com que nada tem a ver se não naquela simples qualidade de observador e analista de ocorrências que lhe são totalmente estranhas. De outro lado distingue - se desse indivíduo pensante e elaborador do conhecimento ou ciência social, o indivíduo agente que participa da vida concreta, configura pela sua ação os fatos sociais, e constitui assim o objeto da elaboração científica de tais fatos." 26

Esta dicotomia do sujeito-objeto, que funda o conhecimento como tal, leva o imaginário filosófico aos extremos, em que o mundo se apresenta, como uma ordem que se impõe à mente do sujeito, ou ao extremo de crer, que é o sujeito pensante, o qual vai ao caos cósmico a impor suas construções ordenadoras, e as leis que conforma hipoteticamente.

Da filosofia antiga e de sua ontologia, até Heidegger, Kirkegaard e Sartre, uma linha comum chega até nós; o mundo tenta se expressar como objeto, pretende encher o vazio que levamos dentro, criando outra dicotomia, a da matéria e o nada, a do ser e não ser, e mais ainda, a da alma e o corpo, lugar este onde o pensamento se suscita e se encarna por meio da palavra, que surge como uma interrogação, como uma existência impossibilitada de ser, por ser o lugar e o espaço da transcendência possível e da intrascendência, expressão da finitude, ponto de convergência, área de intercessão e de definições, sujeito e objetos primários fundidos, confundidos.

---

Prado Junior, Caio, " Esboço dos Fundamentos da Teoría Económica"

Pela sua parte, o sujeito, enfrentando ao mundo das coisas, passa por situações que vão desde aquela em que este não podia distinguir-se, sentindo o mundo como uma prolongação de seu ser, sendo uma coisa a mais no fluir, no movimento cósmico; seria esta a situação primária, na qual, se interava com o mundo; ainda não se havia concebido a possibilidade de estar por fora dele, e muito menos de estar em oposição.

Uma segunda postura humana, frente ao mundo, foi a da distinção; o homem, na sua atitude reflexiva, racional, situa-se, agora, como ser pensante, por fora do mundo; assombrado, ele observa suas próprias pegadas, e se sente um ser inerte, órfão, fora do ventre da natureza.

Esta orfandade o impele a seu próprio crescimento, ao desenvolvimento de sua principal arma, a mente; se antes formava um todo com o mundo, seu ser se rompe, se fratura, passa a se sentir incompleto, ambíguo, insatisfeito, ser em cujo interior o conflito se gesta; desta primeira dualidade, e como seu produto está a angústia, de saber-se oposto ao mundo, mas de sentir em sua visceralidade a presença do mundo e também do nada.

Diferentes tem sido as atitudes frente ao nada, elas vão desde a angústia existencial até o misticismo religioso e desde o afã de explicação do ser e de sua razão, até a despreocupação pragmática por este tipo de questões, por irrelevantes, já que suas respostas nada trazem de utilidade prática imediata.

Estas duas linhas de pensamento tem marcado a história da filosofia, por uma parte, os que dentro das contemplações filosóficas de índole metafísica, tem plantado os grandes interrogantes do ser e os que se tem dedicado a elocubrar e a construir um saber de domínio e de utilidade. Charles S. Peirce e Jhon Dewey foram os filósofos que, mais explicitamente, trabalharam a categoria da utilidade como centro, e eixo de todo e qualquer pensamento, tanto de índole puramente filosófica, como do pensamento do comum, criando, de passagem,

uma ética pragmática, que pela prédica de Dewey esteve a ponto de se converter em uma outra religião.

Nas duas correntes, a relação do sujeito com o objeto é conflitiva, por quanto, ambas, depositam no sujeito características próprias do sujeito humano, poluídas de uma aproximação à verdade, objetivo este que baseia sua legitimidade na aproximação à verdade, uma verdade que supostamente se encontra na sua totalidade, no objeto, e de que, de uma maneira passiva, o sujeito receberá do mesmo objeto; agora vejamos, como é esse sujeito abstrato do conhecimento, e em que momento deixa de ser o sujeito humano concreto, que conhece, através de suas próprias possibilidades corporais, exercendo um conhecimento alheio às valorações próprias do sujeito humano encarnado?

Esse conflito da relação entre sujeito e o objeto, na busca da verdade, somente veio a resolver-se, especialmente para aqueles dedicados ao saber de domínio, com a invenção do método empírico, do chamado Conhecimento Científico, já que se a verdade, necessária para conhecer e dominar o mundo, está no objeto, todo o problema radica em sacar, do objeto, o conhecimento necessário.

O êxito nesta priorização do objeto sobre o sujeito, marcado pelo avanço tecnológico, marcou todas as outras áreas do saber, incluída a filosofia, tornando-se referência necessária para todas as atividades, incluídas as da cotidianidade, pois frente ao fato incontestável do avanço tecnológico, até as atividades pueris, se viram imbuídas pelo afã da ordem produtiva e dos lucros.

O método objetivo tirou, ao sujeito, até das ciências nas que o objeto de estudo é o mesmo homem; deixou-se de considerar sua condição valorativa própria, como parte constitutiva do objeto humano, priorizando os referentes que

vinham da física e da química. Durkheim, por exemplo fundamenta, a sociologia no princípio metodológico de que todo fato social, objeto de estudo, deve ser considerado como uma coisa de natureza física e comparado, estudado, e medido dessa maneira, pois está seria a base da ciência social como tal.

Esta nova relação do homem consigo mesmo e com o mundo, na objetividade e no pragmatismo, assinalam a entrada ao modernismo liberal. A industrialização e seu êxito, baseado no utilitarismo e na objetividade, levaram a marcar como razão de ser o êxito, o dinheiro e o lucro não somente ao nível do indivíduo, se não também ao nível das instituições, como foi o caso da Inglaterra liberal, para a qual a razão de ser do Estado era o ganho, dentro da livre competição e da livre iniciativa.

De igual maneira, o conhecimento objetivo, imposto como única possibilidade de chegar à verdade e ao conhecimento verdadeiro, descarta as outras maneiras de aproximação ao mundo, por subjetivas, por estar carregadas de valorações, sentimentos, e em última instância de imprecisões.

Desde o começo, a certeza iluminista de lograr, junto com o avanço tecnológico o bem estar social, era a expressão ideológica das classes dominantes; a medida em que o êxito tecnológico cresce, em sentido contrário, aumenta a miséria e diminui a qualidade da vida humana; se dirá que, hoje, a informática, a cibernética, os avanços dos meios de comunicação, a rapidez nos meios de transporte, os meios de processamento e conservação de alimentos, estão ao alcance de todos e de qualquer humano, teoricamente, isto é verdade, ainda que, na realidade, a distância crescente de indivíduos e de massas das possibilidades de levar uma vida medianamente cômoda e a marginalização de populações e até de países, seja a norma.

As atuais formas de expressão ideológica das classes exploradas, estão conformes aos avanços na mídia e na comunicação, assim, a mensagem se dilue nos meios mesmos, diluindo também qualquer possibilidade popular de análise e de resposta, sem embargo, em seu trabalho pelo logro consensual, a mídia, as classes poderosas e o governo definem um todo expressivo, com características próprias, ao que intuitivamente as classes populares opõem condutas contestatórias e, às vezes, também sincronizam-se a elas mesmas, em uma aparente unidade de conformidade.

Isto, da objetividade e do pragmatismo no tratamento da realidade e das relações humanas, é sem dúvida uma situação errada, mas é por isso mesmo superável; dela a humanidade guardará lembranças, porque ao priorizar a objetividade e o objetivismo, sob o impulso da utilidade prática, da aplicação imediata, por cima de outras formas de conhecer, e por cima de outros objetivos que não sejam os do lucro, se leva a cabo o maior dos despropósitos, por meio dos quais, a razão, o conhecimento, a ciência e a técnica, se têm afastado de seu último fim, o ser humano.

A separação - que desde a antigüidade o homem primitivo iniciou - da natureza, passa a ser signo destes tempos, nos quais a distância e o fraturamento do interior humano contrasta com as tendências unificantes, universalizantes, globalizantes; parecera que a sociedade atual, em sua desestruturação e atomização, propendera por uma volta à solidariedade grupal, aos afetos, e aos sentimentos próprios de nossos ancestrais.

Michel Maffesoli nos fala de um retorno a novas condições tribais, fazendo a análise da tendência atual, do surgimento de grupos micro sociais, que aparecem abaixo das bandeiras mais insólitas, e abaixo das quais novas formas de solidariedade parecem surgir.

### III. 1 CRÍTICA DO RELACIONAMENTO COM A RAZÃO

Hoje, se nos coloca a urgência, mais que de um retorno a uma racionalidade não especificada, à elaboração de uma crítica da relação com a razão; abrir um espaço, uma distância crítica da relação histórica com a razão para com novos parâmetros poder construir um novo relacionamento e uma nova racionalidade.

Agora a prioridade está colocada na elaboração de uma crítica da relação com a razão, mais que com o raciocínio em si mesmo. Esta crítica somente pode ser construída a partir da desconstrução das determinantes utilitárias da dualidade sujeito-objeto, dando-lhe uma prioridade à relação mesma entre o sujeito e o objeto, já que não se trata de negar a existência e a validade tanto do sujeito como do objeto, trata-se de ver que é na relação destes dois fatores que poderemos encontrar possibilidades para entender a fluidez da vida e poder fazer parte dela mesma.

Havemos de entender, por uma parte, que em toda relação com o mundo, estão presentes o sujeito e o objeto, primando as vezes o sujeito e outras primando o objeto, mudando também o um pelo outro, perdendo-se a fronteira entre o um e o outro; isto o vemos no trabalho de elaboração artística, onde o artista (sujeito) intenta impor à obra (objeto) sua valoração, ainda que se veja que a obra impõe (objetivando ao artista) maneiras, modos e tempos de execução técnica e temática.

Este exemplo nos dá a possibilidade de ver como o tecido da vida, também e como na obra de arte, se desenvolve dialéticamente, no entrecruzamento de muitos sujeitos e objetos, que conformam a mobilidade, a dinâmica da própria vida. Daí a importância da criatividade resumida aqui, na agilidade para passar de um papel para outro, ser sujeito, ser objeto de si próprio e do mundo.

Vista desde este ângulo, a criatividade é basicamente um processo inacabado do ajustamento do homem com a realidade, processo que o indivíduo inicia com o nascimento e no qual irá aprimorando os instrumentos, tanto para a análise do mundo como para o conhecimento mesmo e para a reflexão sobre o conhecimento cognitivo, seu atuar individual e seu desempenho social, o qual lhe permitirá alcançar novos níveis superiores, tanto da percepção, como da própria interação com a realidade.

Este interagir criativo tem permitido ao homem dar soluções, segundo seus próprios interesses - não exclusivamente utilitaristas (Levi-Strauss) - a seus projetos e criar distintos sistemas classificatórios e, portanto, criar formas próprias de domínio do meio e das relações humanas, incluídas, aqui, as relações com o mundo das idéias e dos espíritos.

Daí, o próprio de cada cultura, na infinidade de problemas apresentados pela realidade, o homem situado na frente dele prioriza somente alguns deles, para dar soluções criativas, singulares, as que mais acreditou convenientes, prioritárias, iniciando, assim, a construção cultural e o específico de cada cultura.

Esta problemática fundamental da criatividade, a filosofia passou por alto, a ignorou; houve muitos filósofos que desde a antigüidade, em seus

discursos, tem tocado o tema da criatividade, na ordem metafísica da criação divina do universo e posteriormente nas contemplações teológico-filosóficas da relação de Deus com a matéria, de Deus com o homem, do espírito e da extensão. Nesta última relação, se encontra o problema até agora insolúvel, o da articulação do espírito e da matéria.

Como a imagem do mundo chega à mente, o se acaso é essa imagem, uma criação mental, sobre algo inexistente, ou por fortuna, uma reprodução mais ou menos próxima da objetualidade, e até onde essa reprodução corresponde à natureza do objeto. E se, por esse meio da percepção, chega o objeto as nossas mentes, e será que esse objeto corresponde ou não àquilo que expressamos sobre ele? Ao objeto mesmo?, já que aquilo que se sabe sobre o objeto é aquilo que se diga sobre ele mesmo, e se toda essa mediação, que vai do objeto ao sujeito e do sujeito ao objeto - por meio da simbolização -, polui toda a conceitualização sobre o mundo, inibindo a busca da verdade e da certeza do discurso.

Ou será que o que importa é justamente o exercício simbolizante, que vai do sujeito ao objeto e que marca o crescimento mediático da humanidade, isto é, e em últimas, se o que interessa é o ser humano e seu desenvolvimento criativo, ou pelo contrário, o crescimento de uma lógica e de uma razão para si.

O homem, neste processo mediador, que vai do sujeito ao objeto e do objeto ao sujeito, misturando-se o um com o outro, desenvolve o processo de sua própria cultura, pois todo ser humano é participante da construção cultural, desde as possibilidades criativas próprias da sua natureza humana, com a condição de que a sociedade permita essa projeção do indivíduo, que deste modo assegura um espaço existencial ante si próprio, e frente à sociedade, de outra maneira, ou seja negando o espaço para a projeção individual criativa, tanto a

sociedade como o indivíduo perderiam sua razão de ser.

A saúde e a harmonia social do indivíduo dependem dessa possibilidade, que também permitirá o crescimento crítico, já que a criatividade sem seu complemento crítico, não é outra coisa que a própria loucura, já que esta se reduz a um atuar e a um pensar divergente, e à busca da divergência pela divergência mesma.

Desta abertura social à criatividade dos indivíduos comuns depende o futuro da sociedade, já que somente com a iniciativa dos indivíduos, exteriorizada principalmente nas manifestações dos movimentos sociais, se irão dando as soluções novadoras aos problemas que vão surgindo dentro do horizonte de cada cultura - este último - para as sociedades ou grupos sociais não assimilados, não colonizados, se assim queremos qualifica-los, e que propendem pelo desenvolvimento próprio, dentro do afeto e do respeito pelas suas próprias raízes e pela sua cultura; para os outros fácil é esperar quais serão os estereótipos que virão pêlos caminhos rutilantes da mídia, para consumi-los, repeti-los, copiá-los e esperar de novo, nesse inacabável drama da espera infantil frente ao adulto.

### **III. 2 A CRIATIVIDADE COMO OBJETO DA CIÊNCIA**

A criatividade como área específica de investigação científica, até somente faz pouco tempo obteve este status, e mais especificamente dentro da psicologia, já que dentro da filosofia não tem encontrado propriamente seu espaço, ainda que se saiba que é esta o motor de toda reflexão e ainda que se pensasse, como ainda se pensa que a criatividade é somente produto exclusivo da intuição e de uma maneira de alienação individual, ou da mesma loucura.

A Psicologia, a partir destes e de outros preconceitos, tem trabalhado a criatividade, delimitando estudos sobre a personalidade criativa, construindo testes de medição da criatividade ( Torrence, Yamamoto ), priorizando sempre os chamados produtos da criatividade, e outras vezes, dando-lhe ênfase a alguns dos condicionantes da criatividade ou a todos eles juntos; de todo este labor em volta aos supostos sujeitos criativos, - desconhecendo sistematicamente a natureza criativa de todos os homens - a educação tem derivado seus próprios princípios.

Outro aspecto digno de se refletir, é que a Psicologia tem tratado a criatividade, desde o ângulo da expressão escrita, gráfica, ou de imagens e formas próprias das artes plásticas, desconhecendo todas as demais formas da criatividade humana, por exemplo a criatividade que se produz nos estádios de esportes, nas olimpíadas, nas danças, nas provas atléticas, em equilibristas, lutadores, dramaturgos, nos competidores de toda ordem ou no simples viver doméstico, onde os malabares da cotidianidade com o dinheiro, com os problemas da criação dos filhos, com os problemas dos relacionamentos dentro e fora dos atuais níveis do caos familiar e social, implica um grau elevado de criatividade da parte de seus atores e longe das possibilidades das medições psicológicas.

A Psicologia, à saga da Neurofisiologia tem dedicado ultimamente seus esforços, nisto da ubiquação de personalidades criativas, ao estudo das diferenças optativas da lobulação cerebral, das características das pessoas criativas, da priorização de determinado lóbulo, etc.,destes estudos se tem concluído uma verdade de peso tautológico: que na criatividade, os dois lados do cérebro trabalham e que o processo criativo, vai do lado divergente ao lado convergente e vice-versa, coisa que é bem sabida pêlos artistas.

De qualquer modo, é importante, observar como através dos estudos sobre a criatividade, surge uma outra verdade: que existem níveis de criatividade e que estes níveis de criatividade tem como causas a interação social, que se dá pelo consenso, ou pela censura, pelo julgamento do valor atribuído ao produto criativo em função da valoração de todo tipo.

A Psicologia tem dedicado boa parte de sua atenção aos níveis mais altos da criatividade e a uma criatividade já dada e comprovada consensualmente, para a elaboração de seus teorias, das quais, repetimos, a educação tem tomado e construído seus princípios.

A Psicologia Industrial é a que, de outro lado, e pêlos aprêmios do mercado, tem desenvolvido com maior rapidez, alguma conceitualização sobre o desenvolvimento da criatividade, e a que tem criado certos mecanismos para desenvolver a criatividade aplicada. Isto não podemos chama-lo de método por não estar inscrito num sistema coerente, sendo apenas uma soma de exercícios determinados à solução de problemas imediatos como são a indução de novos produtos, a solução de problemas de produção, a resolução de travas nas vendas, ou na produção, ou a ubiquação da razão de uma nova campanha publicitária, etc.

Um aspecto interessante desse tipo de criatividade aplicada é o que apresenta o trabalho criativo de grupos, que rompe com a noção individualizada da criatividade e que abre novos espaços a serem trabalhados e teorizados pela educação e pêlos dinamizadores sociais.

No que respeita à Filosofia, como já falamos, somente tangencialmente ela tem tocado o tema da criatividade humana, priorizando o produto de uma criatividade que desde então se tem assinalado como única, a dos gênios da arte, e é assim como a estética, todas as estéticas filosóficas, tem

se preocupado com a criação das categorias da beleza, do prazer estético, da relação com o artista e sua obra, do artista com a sociedade, da arte com a cultura e com a história, etc.; cada sistema filosófico tem produzido sua própria e adequada estética, sem alcançar o ordenamento das categorias que intervêm na criatividade e de sua relação com a criticidade, com a ecologia, com o político social, com o educativo, e - para estar a par dos tempos - com a construção da democracia real e com a razão do ser humano.

### III. 3 BASES ÉTICAS DA CRIATIVIDADE

Já Spinoza (1632-1677), com a sua doutrina da simplicidade do universo, fazia do conhecimento em si o máximo ganho da humanidade e da sua felicidade, sendo o sentido objetivo, o crescimento do sujeito através do exercício criativo da razão.

Spinoza acreditava em um racionalismo sem a dualidade sujeito-objeto, que conduz para um existencialismo racional ou, melhor, para um racionalismo existencial derivado do método racionalista-histórico que, ao criar a unidade indissolúvel entre pensamento e extensão, resolve de vez o problema da relação entre mente e pensamento e entre mente e extensão.

Essa unidade explica também a natureza de Deus e do universo, comunicados, imediata e necessariamente, em todo momento e em todas as coisas como atributo da divindade. Assim, os atributos de Deus seriam o infinito pensante e também o infinito extenso, existindo em uma unidade na que cada um deles existe em si mesmo e em relação com o outro. No homem, como parte da natureza participante da natureza própria de Deus, resolve-se também desse jeito a relação entre mente pensante e o pensado, entre espírito e matéria.

Dessas considerações, Spinoza deriva a sua ética, cuja finalidade assenta-se na condução dos homens, no sentido de atingir a paz interior e a verdadeira liberação, em uma praxes da razão por fora dos dogmas e os conceitos definitivos. Como pode-se observar, essa ética opõe-se a outra baseada nas definições e leis positivas.

Para Spinoza, a razão encontra-se dotada de uma dinâmica criativa fundamental que explica a contínua evolução da mente até a sua perfeição,

unindo a essência à existência. Daí a importância dessa construção para uma educação contínua e integral, tanto como para qualquer possibilidade teórica sobre a criatividade.

Limitando-se à análise metafísica, Spinoza chegou na praxe da razão criativa. É das análises de universais (movimento-repouso) na natureza que o filósofo chega as análises da forma de vida dos indivíduos, da coexistência dinâmica entre sujeito e objeto, em suma, da importância dessa relação para a razão e do projeto da natureza no que diz respeito ao homem, que se baseia, como já foi dito, no crescimento contínuo da razão.

Em suma, através da metafísica Spinoza atinge o descobrimento das leis naturais, expressão da natureza divina, cuja regra é a harmonia do homem com a natureza e cuja obrigação ética consiste em se preparar para viver e para a alegria de viver.

Essa alegria de viver não se pode conceber sem a projeção pessoal na criatividade, embora a mesma, por óbvia, por estar presente necessariamente em tudo, tenha sido desconsiderada como tal. Falamos aqui da criatividade humana comum, muitas vezes confundida com a razão reta e outras vezes com o próprio conhecimento subjetivo, sendo assim desligada da sua verdadeira origem e da sua razão última.

No Renascimento, com a explosão criativa em todos os aspectos, a criatividade começa ser considerada apenas como fazer artístico e como qualidade suposta e própria do artista, do gênio. Dessa conceitualização e os seus efeitos, especialmente sobre a educação, não temos podido nos desligar. Tem sido esse um pré-conceito que comodamente a sociedade sustenta, visando que a educação conduza e controle a criatividade e suas naturais tendências

subversivas, na pretensão de canalizar para a arte e artistas a expressão da inconformidade, a rebeldia e, também, das condutas agressivas, por serem diferentes.

“A sociedade tenta definir as formas de se canalizar a criatividade e estabelece as áreas específicas consideradas mais relevantes para o desenvolvimento criativo. Observe-se que as oportunidades para a expressão criativa não estão igualmente distribuídas entre as camadas populacionais pertencentes aos diversos estratos socio-econômicos, nem entre os sexos ou as faixas etárias.” ( MUGLIA W. 1993, p. 21 )<sup>27</sup>

Muito tem-se escrito desde então sobre a produção genial, sobre a Criatividade, chegando-se inclusive a afirmar que essa qualidade apenas é possuída por homens que Deus tem iluminado, reduzindo a categoria a alguns poucos seres humanos que podem ser contados em várias dezenas, negando assim essa possibilidade para o resto da humanidade.

Continuamente tem-se falado para o povo sobre a sua impossibilidade para a criatividade. É por isso comum escutar das pessoas,- incluindo aquelas pertencentes à classe média, universitários e até profissionais - a negação no que diz respeito às coisas da arte ou da criatividade quando enfrentadas ao simples problema de ter que se expressar por meios diferentes da palavra, como são os desenhos, grafias ou outros tipos de linguagens.

Há pessoas que acham a resposta para essa negação culpando à educação, que desde a infância freou tais possibilidades. Outros, observando a triste realidade da pobre qualidade dos seus desenhos, o infantilismo e estereotipação, confirmam a sua negação achando que ela, assim como a criatividade, são hereditárias e fazendo uma verdade irredutível do preconceito

sobre a criatividade inata dos gênios, verdade própria, também, da psicologia e, portanto, da educação.

Do fato da genialidade, panegiristas de todos os tipos têm produzido os seus respectivos libelos, defendendo a superioridade de uma determinada classe, casta, elite, raça ou nação, visando justificar o seu poder e domínio. Grande parte das teorias fascistas, liberais e racistas têm como uma das suas bases teóricas a superioridade, evidenciada na manipulação criativa da tecnologia, das artes e das ciências para o ganho de certos níveis conceituais e de vida; Desconhecendo ou minimizando outras possibilidades e avanços humanos diferentes. Esse tem sido, também, o caso dos espanhóis, os ingleses, os alemães, os portugueses e os holandeses que, quando no encontro com outros povos alguns deles com níveis culturais similares com os europeus (caso os Incas, Aztecas, Mayas, Chibchas em América, e os povos de origem islâmica na África), optaram por negar-lhes igualdade ou superioridade nenhuma, tendo até que definir, em complicadas discussões teológico-jurídicas, se esses seres diferentes podiam ser considerados como racionais e se tinham ou não alma.

Esses conquistadores, evidentemente, exibiram uma capacidade criativa que poderíamos chamar de "genial", como é o uso de regras maquiavélicas para a divisão e o submetimento dos povos conquistados. A esse respeito, uma peça digna de estudo é o diário de Hernán Cortés sobre a conquista do México.

O conceito da superioridade historicamente tem sido a justificação implícita nas lutas pela imposição de Deuses, de modos de vida e de maneiras de ver o mundo. Foi assim, pela supostas superioridade espiritual, que a Igreja, por exemplo, tem conduzido as suas guerras contra os infiéis, as Cruzadas no Oriente e contra os hereges da Boêmia e tem participado impassível no genocídio dos

povos nativos da América toda.

Uma justificativa, contra a tese marxista da origem do capital, é a superioridade e genialidade das classes dirigentes, por cujos atributos o capital nasce e cresce, provando, também, a escassa vocação popular pelas prebendas da riqueza, os gozos da arte e as delicadezas da vida, pela própria condição de pobreza.

Uma outra amostra da utilização espúria da chamada “genialidade” e dos seus produtos é a realizada na sociedade capitalista, onde o capital apropria-se tanto do produto artístico como do artista, afastado eles do contato popular para o seu exclusivo benefício e mercantilização.

Parece, assim, que essa utilização da arte, ou melhor da produção criativa em geral em função do poder, tem sido uma constante histórica, seja o parâmetro mesmo da produção artística a religião, a guerra, o amor, o sexo, a cotidianidade, a pobreza ou a riqueza, a fealdade, a monstrosidade, o pavor, a dor, ou a própria materialidade da obra de arte, como no caso da chamada de “arte moderna” que, como já foi dito, parte da estética de Charles Baudelaire e chega aos nossos dias através das formas - também comercializáveis - da arte-participação, da arte conceitual e outras formas, contra os esforços dos próprios artistas por impedir a compra e venda dos seus produtos e em favor de uma arte que não seja objeto da especulação capitalista.

### **III. 4 PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE.**

Da Psicologia, como foi dito, a educação herdou os preconceitos com que construiu a sua condição educativa. A psicologia tenta medir os níveis da

criatividade com parâmetros trazidos seja da genialidade, seja da novidade, do êxito social, do ego, escurecendo assim as origens mesmas da criatividade. Estas origens estariam situadas nas relações humanas entre si e com o mundo e do homem consigo mesmo, na produção da cultura em geral, negando toda a engrenagem de técnicas, objetos, utensílios, armas, ferramentas, modos de cooperação, modos de produção, costumes familiares, sexuais, ritos, farmacologia, estratégias frente à natureza, que foram produto de experimentação e acumulação de conhecimentos e que são o produto precioso da criatividade popular, criatividade que é a gestora da ciência e do conhecimento explicitamente metodizado e também da chamada genialidade.

Destes e de outros aspectos desenvolvidos pela psicologia - que por sua própria impotência no método não toca os mecanismos íntimos da criatividade, quais seriam a imaginação, a fantasia, a imagem sensorial e sua sinestesia, a relação entre a memória, imaginação e expressão, a relação entre mente e objeto, as relações entre memória e sentido crítico e a relação de todas elas com a potencialidade expressiva do sujeito - a educação construiu suas políticas, acreditando, entre outras coisas em poder determinar quem é o sujeito criativo, o elegido ou elegidos, para exercer sobre eles ações diferentes.

Estas ações, se reduzem, na maioria das vezes, à transmissão de técnicas e ao desenvolvimento de destrezas manuais - de pouca incidência no desenvolvimento da criatividade é até inibidoras da mesma - e também em exercícios que aguçam a memória, dando-se-lhe a esta uma prioridade. Todo este equívoco, parte de equiparar a criatividade com a produção de artesanato, e cujas receitas simplórias passam de professores para alunos e destes para novas gerações, na solução de necessidades não vitais, ainda que importantes como seriam as de enfeite, e celebrações cotidianas; ainda que não esteemos negando o valor afetivo destes momentos e a incidência desta "criatividade" em relação

com a Criatividade, queremos, sim, assinalar é a escassa qualidade na solução efetiva, crítica e criativa desta problemática, que de todo jeito é parte importante da solução da cotidianidade comum, e queremos também mostrar a inexistência nas aulas de processos criativos que não priorizem o produto, e sim o processo, para o desenvolvimento das potencialidades de professores e alunos.

Este erro de crer que a criatividade somente pode desenvolver-se dentro do conceito da arte, leva a um outro erro de pior índole, o qual é o de determinar que os indivíduos que não mostrem as procuradas aptidões artísticas, deverão se submeter a um tratamento adequado à sua natureza, e neles desenvolver capacidades de repetição, de cópia, de obediência, de disciplina e de concentração, posto que seu destino será alguma linha de produção dentro da indústria, no melhor dos casos.

Estas qualidades são muito bem apreciadas pelos donos do capital, e pelas entidades encarregadas da capacitação obreira; elas são a manifestação da ordem necessária para a produção, no sentido estrito da exploração do homem pelo homem.

Ao respeito se encontram a tese da Doutora Uhle Agueda Bernardete, intitulada “O exercício da docilidade, estudo da formação profissional no Senac” (UNICAMP, Faculdade de Educação, 1982), como a tese do Doutor Bryan, Newton Antônio Paciulli, intitulada “Educação e processo de trabalho - contribuição ao estudo da formação da força de trabalho no Brasil” (UNICAMP, Faculdade de Educação, 1983). Estes autores nos mostram, criticamente, como o Estado, em acordo com os empresários, cria mecanismos de formação das classes operárias, com o único intuito da exploração e ajuste dos trabalhadores às novas formas da administração, que nesse momento analisado, estava na atualidade: o Taylorismo.

E é tão grande a capacidade de desacerto - dependendo do ângulo que se mire, - que nas mesmas escolas de arte ou nas chamadas escolas infantis e até escolares, se procura o desenvolvimento de técnicas que recolorem a necessidade da expressão autêntica, tirando para sempre a possibilidade criativa e predispondo o espírito infantil à cópia, não somente na expressão plástica, mas também no seu futuro comportamento como adulto e em todas suas condutas, que se bem determinadas pela cópia dos papéis que a sociedade impõe, algo de liberdade é possível de encontrar nos modos particulares como esses papéis se realizem ou não, e dentro das possibilidades da inconformidade.

Hoje a indústria paga bem uma nova forma do trabalho, o trabalho criativo, ao qual chegam só escaças pessoas, conformadoras das novas elites operárias, os técnicos criativos da propaganda, da manipulação de público, em função do consumo e das vendas, os técnicos criativos na manipulação de obreiros, nas chamadas relações industriais, os designers de novas formas de administração e gerenciamento e, em especial, os criadores de novos protótipos, de novos produtos que atendam também à profusão de novas necessidades criadas também pelos correspondentes expertos do mercado, manipuladores da conduta e da informação.

O sociólogo italiano Domenico de Masi, estudioso da criatividade e do papel da criatividade na indústria e na geopolítica mundial, no seu livro "La Emoción y la Regla", nos fala da importância da criatividade nos atuais momentos de relação de mercado, dando-lhe um especialíssimo lugar à chamada criatividade aplicada, como fonte de poder e de riqueza, muito mais que à mesma produção de objetos de consumo como carros, geladeiras e outros bens. Para de Masi, no tempo presente, a qualidade das idéias contam mais que qualquer outra coisa, no que se refere à estratificação dos países na globalização; assim, com a

criatividade na sua condição crítica, - ordenadora de recursos, industriais, informáticos, microeletrônicos, naturais, humanos -, laboratórios de investigação científica e tecnológica, qualquer país poderá situar-se nos primeiros níveis da geopolítica mundial .

Se o poder estava antes nas mãos das classes sociais donas da terra e dos meios de produção agrária, hoje esse poder tem ido - na chamada revolução industrial- para os donos das fábricas e da maquinaria mesma, sendo o efeito da transição de uma produção de bens agrícolas a uma produção de bens industrializados.

Na atualidade, a sustentação do poder tende a ficar em mãos dos donos das cadeias de televisão, e dos processadores de informação, cujos produtos não são bens tangíveis, isto é, são de uma tangibilidade especial própria dos símbolos, da estética e da informação como veículos, em últimas, das idéias.

Uma das idéias importantes de de Masi consiste na estratificação da criatividade comum que vai da criatividade do indivíduo à criatividade em grupo, isto dentro do conceito da criatividade aplicada, isto é, de uma criatividade eficiente no sentido da produção de idéias do desenvolvimento cultural e do desenvolvimento econômico, de Masi afirma que é pela quantidade de inteligência e de cultura que um país se diferenciará na escala internacional da riqueza.

Ele prioriza a criatividade, a afetividade e a estética como as bases para uma sociedade post-industrial, qualidades estas a se desenvolver no comum, no povo; criatividade esta, não condizente com a noção singular da genialidade, pois no âmbito da luta pelo poder é pela realização democrática esta será entre a democracia conservadora e tecnocrata do corpo estatal e os criativos de todas as ordens e estratos sociais.

A realização do ideal democrático somente será possível dentro da criatividade coletiva, organizada em função dos interesses coletivos, da sociedade ou grupo de que se trate e que até o momento, na história, tem sido dada nos primórdios pré-históricos, durante o Renascimento, e na mais recente formação de grupos criativos como o da Bauhaus, o grupo de físicos criadores da bomba atômica, os cientistas do instituto Pasteur, os grupos de investigadores da navegação interestelar e, na atualidade, inúmeros núcleos de criatividade que trabalham em função do consumo, da produção industrial e dos lucros.

Esta etapa pela que estamos passando, é apenas uma etapa de abertura para as possibilidades da criatividade comum, onde a criatividade será coletiva e em função dos interesses da comunidade.

A capacidade crítica do grupo criativo que trabalha em função dos interesses do capital e que tem tanta importância para nossa cotidianidade tem sido comprada e silenciada; estes técnicos conformam um exército de bem pagos funcionários, mercenários com os quais se exerce o domínio do consenso e o logro de condutas compulsivas, acordes com as políticas estatais e com os interesses da classe capitalista hegemônica e também - como é de se supor - com as diretrizes dos interesses do capital internacional.

Esta compra e venda tem sua história, que é a mesma história da humanidade, e que no fundo é a história da luta ideológica, lembremos-nos das hostes romanas levando a mensagem das armas, da religião, da língua e de sua cultura, em suma impondo a sua ideologia. Por enquanto acreditamos que a objetividade histórica é um mito a mais - produto da compra e venda - sobre o qual descansa a mesma construção mítica que é a história, pois como trazer a fronteira entre o sujeito da história e aquele sujeito que a escreve? Como tirar

essa personagem que é o historiador da própria história que o permeia? Como colocá-lo longe de seus interesses e dos interesses de seu grupo e de sua classe? Como trazer uma linha divisória entre o historiador e o fato historiado, como fazer essa divisão objetiva, neutra, limpa?

### III.5 HISTORIA OBJETIVIDADE E PODER

É impossível escapar às determinações do horizonte cultural próprio e às urgências ideológicas do momento, do grupo hegemônico e para cujo benefício e auspícios a história humana - real e indescritível - cai abaixo a espada de dois fios, que é a palavra.

O referir-nos à história, no contexto de um discurso sobre a criatividade e sobre a relação sujeito-objeto, é necessário para falar da criatividade popular, esta tem que se contextualizar historicamente, posto que o ser mesmo do popular está conformado pela confrontação, e o dito confronto é produto direto da inconformidade e a expressão criativa desta, e de outro lado, a relação entre história e criatividade é pelo menos provocante.

A história é o discurso do poder, e ela corresponde à versão, que dos fatos fazem os vencedores, tudo isto sob o tamis do bem e do mal, reduzindo-se. ela, à descrição da luta entre os bons e os maus na qual, logicamente - para satisfação de todos - o bem triunfa.

Esta tradição no fazer da história, vem de tempos remotos, na qual aqueles que através da guerra, do roubo ou de subterfúgios se faziam donos do temor alheio e detentores do poder e da riqueza e pelo qual tinham a

possibilidade de pagar seus incondicionais, que fazendo as vezes de historiadores, recriaram os fatos em função do déspota e de seus desejos. Assim a história que chega até nós não é a historia dos vencidos e, sim, a dos vencedores; esta é a triste história da história, que ainda hoje sob nossos olhos se realiza ainda que as tendências da chamada história nova pretendam dar um basta aos profundos compromissos existentes entre a história, a ideologia e o poder.

A história dos vencidos tem que ser desvendada hermenêuticamente do discurso oficial. Na história, a linha ascendente do bem para a perfeição em direção a Deus é a linha clara do progresso espiritual, econômico, tecnológico, científico, moral, político e estético e também da objetividade, produtos estes da luta contra o mal, mal que é representado pela linha histórica daqueles que não têm tido o direito à palavra escrita e à sua sacralidade, veracidade e beatitude - desconhecendo-se assim a dupla natureza da palavra -, na qual se encontram a verdade e também a mentira, a certeza, mas também a incerteza, a virtude e a poesia, mas também a iniquidade.

A construção do mito histórico - na história escrita que nós conhecemos - até agora tem priorizado, em função da objetividade e da razão direcionada a fins, a tendência ideológica de uma maneira clara e evidente, nos brindando um discurso eminentemente educativo no sentido de fins e objetivos de um determinado projeto social, sem que este fato implique numa desclassificação a este tipo de discursos históricos, posto que esta história da qual falamos, resume o ponto de vista sobre fatos assim historiados, de uma classe social assim determinada e até ubíquada historicamente por sua vez, assim este discurso histórico deve ser lido e estudado criticamente, ali entre os bastidores encontraremos o discurso histórico não evidenciado na palavra escrita que nos fala de outras lutas e de outros anseios; devemos de ter a história oficial, como

um subproduto de uma história científica, que esta por fazer-se, e que tenta abarcar o homem na sua integralidade, considerando tanto sua natureza psíquica e social como a incidência de um dado discurso histórico no mesmo projeto social, no qual irá inserir-se o dito discurso.

É dizer que o texto histórico-científico deverá buscar a análise crítica de fatos que passaram e que, de uma ou outra maneira, se inserem na realidade cotidiana presente da sociedade; a natureza deste discurso crítico, será a de uma história libertadora e não a de escusos interesses, que procuram a continuação de situações de privilégio e de exploração, esse e não outro é o sentido que a história como ciência deve ter, posto que a análise baldia do passado, pelo simples prazer da especulação, não passa de ficção pura e simples passatempo.

Como podemos ver, estamos por uma história similar á história oficial

- para chama-la de algum modo - só que mudando seu rumo analítico, passando de ser uma história para a opressão para uma história para a liberação e o crescimento críticos, uma história que eduque para o futuro.

Nesta possibilidade do uso dos fatos do passado como matéria prima direcionados para a cotidianidade, o tempo passará a ter outros conteúdos que não são os do relógio ou, da linearidade do calendário. Posto que a transcendência assim vivida lhe permitirá, ao ser humano, um retorno à magia e à riqueza do imediato, ao surrealismo no qual esteve imerso e do qual foi tirado pela razão objetiva e pelo uso irracional da razão.

Nesta ordem de coisas, a imaginação, a estética, a ética se confundem com o histórico e com o filosófico, na fertilidade da imediatez cotidiana, onde nos é possível viver a transcendência, na riqueza de sua própria

irrealidade, por fora dos padrões e razões da objetividade e da certeza, dentro de uma criatividade plena e conscientemente vivida e assumida.

É preciso entender que a objetividade própria da história a encontramos na sua possibilidade poética, porque desde sempre, a palavra que narra é também a palavra que inspira, a palavra que mostra e que descobre e também a palavra que esconde.

A respeito das limitações próprias da história Ortega e Gasset nos fala:

“ La pura verdad, es que en el mundo pasa en todo instante, y, portanto, ahora, infinidad de cosas. La pretensión de decir que es lo que ahora pasa en el mundo ha de entenderse, pues, como ironizándose a sí misma. Mas por lo mismo que es imposible conocer directamente la plenitud de lo real, no tenemos mas remedio, que construir arbitrariamente una realidad, suponer que las cosas son de una cierta manera. Esto nos proporciona un esquema, es decir, un concepto, o enrejado de conceptos. Con el, como al través de una cuadrícula miramos luego la efectiva realidad, y entonces, solo entonces, conseguimos una visión aproximada de ella. En esto consiste el método científico.” (ORTEGA y G. 1956 p.139)<sup>28</sup>

Claude Lefort, explica bem isto da prioridade na história quando nos fala da linearidade, que encadeia fatos entre si com uma conceitualização de causalidade, como nas ciências físicas nas quais um fato é explicado pelo fato anterior, e observa que esta forma de conceitualizar, é apenas uma forma complementar do trabalho histórico, um corte que ajuda a explicar um outro de

maior importância, o qual consiste na análise do fenômeno histórico, produto de muitas interações, e tido e visto como uma totalidade.

Refirindo-se a Mauss ele nos diz: "Su preocupación constante no es explicar un fenómeno social partiendo de un otro fenómeno considerado com causa, mas ligar todos los trazos económicos, jurídicos, religiosos, artísticos de una sociedad y de comprender como conspiran en un mismo sentido." <sup>29</sup> pag. 21 La troca y la lucha de los hombre articulo publicado em Les Temps Modernes, No. 64 de 1951.

Aqui surge de passagem um outro problema básico para o entendimento da história, qual é o do Sentido, categoria esta de difícil ubiquação e definição, pois como antes tínhamos falado, a história oficial tem uma intenção clara, um sentido estrito, mas será que os fatos como tais têm também um sentido? É dizer: o fato historiado, vivido como cotidianidade, que sentido pode ter, a não ser aquele que o mesmo historiador dê a ele? Ainda que no seu momento o fato surgido no espaço e no tempo humanos e com o nível de transcendência do cotidiano, marcado possivelmente pelo sentido e direção, dados pelo projeto social, no qual se encontra imerso, seu sentido, estará dado unicamente pelo projeto social mesmo.

Mas este sentido histórico do fato historiado, só pode ser resgatado pelo historiador, pôr exemplo: o fato das "tens" dos anos cinquenta e sessenta saírem pelas ruas luzindo jeans, montadas em bicicletas, ante os olhos atônitos de tias e avôs, e cujos desejos eram possivelmente o de experimentar o prazer da velocidade e uma certa liberdade inerente ao veículo de rodas e até mostrar a sensualidade de sua natureza, ou quiças simplesmente gozar da autonomia de um transporte novo; sem-embargo, este fato pode ser historiado no sentido da

luta pela liberação feminina e inscrito na história dos movimentos feministas do presente século, e assim, aquelas moças de jeans, passariam à história como heroínas da libertação e da formação do gênero feminino; colocando-se, assim, o problema do sentido do fato historiado, teve ou não teve este sentido que agora se lhe coloca quando ao melhor este teve um outro sentido, quiçás até oposto, não seria que o sentido mesmo de usar as estreitas e novosos vestidos, e subir às bicicletas fosse o de insistir na sensualidade de seus corpos femininos, reforçando assim seu atrativo e suas próprias ataduras com o sexo masculino?

O que aparece claro nesta questão do sentido na história e na trajetória da espécie humana no espaço e no tempo, é o fato de que indivíduo e sociedade entrelaçam sua natureza dialéticamente, negando-se e se afirmando um ao outro, abrindo a permissividade social às expressões dos anseios individuais, assim recobrando novo sentido, através da validação de condutas antes proibidas e agora aceitas.

Tudo o anteriormente dito sobre a história e o sentido, nos traz problemas que aqui somente serão enumerados pelas mesmas possibilidades deste trabalho: o fato historiado é portador de vários sentidos que se entrecruzam, se excluem e se incluem, se afirmam e se negam, tudo isto de uma maneira dialética, conformando um todo, falamos aqui do sentido ético e estético do mesmo fato historiado, do sentido ético e estético do discurso histórico, de seu sentido político, religioso e de classe, do sentido objetivo do discurso, de sua "neutralidade", e do sentido de construção histórica linear e por último, do sentido pedagógico do discurso através do qual endeusamos ou desclassificamos homens ou fatos.

Até o terrível século XIII, o povo não tinha o conhecimento de seus

direitos, direitos comuns a qualquer criatura viva abaixo do sol; este conhecimento foi uma conquista decisiva, contra os ditados hegemônicos do momento; a partir daí, a presença do povo na história é marcante, também na história oficial, pois o avanço da humanidade como um todo é um fato impossível de se esconder.

O materialismo histórico tentou resgatar para a porção mais dinâmica do povo - o proletariado- a construção histórica; Marx em sua obra o capital estrutura um novo imaginário do social e do político, a partir da constatação de que a produção dos meios de vida, isto é, que as relações entre os homens e entre as classes sociais estão determinadas pelo econômico, assim sendo Marx prioriza dentro do capitalismo o papel dos trabalhadores, do proletariado, depositando neles o principal papel dentro da construção histórica.

Marx, dado o momento em que ele viveu, marcado pelo surgimento da indústria, não conseguiu subtrair-se à ideologia imperante, conservando o esquema - que vinha de muito antes - sobre o conhecimento do comum; ao priorizar o proletariado e depositar nele e somente nele a real ingerência na construção histórica, na ciência e na consciência próprias, esquece todos os demais estamentos populares, depositários de uma sabedoria e experiência das quais é um produto direto a indústria, a tecnologia e o mesmo conhecimento empírico.

Rosa Luxemburgo, Gramsci, Luckacs, Agnes Heller e outros ampliaram posteriormente à cotidianidade do homem do comum, a gestão histórica, subsanando este lapsos de um autor que não ficou nos planejamentos políticos e teóricos da revolução, senão que se expressou na coerência de seu atuar sendo perseguido e exilado pôr suas convicções políticas, tendo que viver, junto com os seus, uma vida de extrema modéstia

Hoje o marxismo, frente aos desafios históricos tais como a globalização, a transnacionalização da economia e as tendências unificadas da cultura e dos desajustes ecológicos - cuja causa é a ação de domínio - constata as teses marxistas sobre o auge e a crise definitiva do capitalismo e, hoje mais do que nunca, as lutas populares estão chamadas a abrir os espaços definitivos para sua liberação, daí a importância de trabalhar em função do crescimento criativo e crítico das massas.

Parodiando o discurso inflamado dos políticos, hoje poderíamos dizer com muita propriedade: libertação ou morte. Hoje a globalização fala descarnadamente de países produtores, de países consumidores e países que ocupam espaços e recursos sem dar um retorno ao capital mundial, é dizer, países que sob essa lógica não merecem existir, são descartáveis.

De tal jeito, a solução definitiva à morte por fome, a miséria de grandes massas são fatos que já se estão cumprindo, o desemprego massivo e isto também dentro do próprio âmbito dos países, como Alemanha, França e os Estados Unidos, gestores da globalização.

### **III. 6 O MITO DA OBJETIVIDADE**

Neste contexto da luta pelo poder, as formas em que se apresenta o conhecimento popular são apropriadas pelas elites para sua comercialização, e o que nós vemos no chamado pós-modernismo, no qual muitas das maneiras características do pensar e do sentir popular e do conhecimento não objetivos são retomados e mostrados como logros novos da humanidade, este retomar é posto aqui como exemplo, sem tratar de invalidá-lo, pois no ser humano tudo é um eterno retomar.

Muitas têm sido as manifestações ao longo da história contra o luxo e o consumo e o desmedido gasto das coisas da natureza, o poder, a autoridade e a obediência. No século XIII, Roger Bacon - inventor do método empírico do conhecimento científico pregava desamor pela adoração platônica da época, desobediência a todo tipo de autoridade e, principalmente, a importância de perder o respeito à tradição e ao costume para poder desenvolver a razão; Francisco de Assis, pela sua parte, causava a perplexidade pela sua alegria frente às coisas humildes, sãs e sábias na sua simplicidade; Charles Baudelaire iria mais tarde construir sua poesia sobre esses mesmos princípios na cidade industrial, e no amor não à pobreza como tal senão à suficiência do necessário, do justo confrontado com a riqueza, com a ostentação, com o exagero do gasto do mundo, dos homens e das coisas.

Um outro exemplo é Baruch de Spinoza quem nos fala da união cósmica da inteligência com a natureza, e cujo exercício e perfeição é o fim último do homem na terra, sendo assim a construção de uma ética, a única, seria uma conduta apropriada com este fim, eminentemente bom de acordo com a natureza e com Deus, unidade esta, que resolve também o problema tradicional da filosofia, ou da relação entre pensamento e extensão, resolvendo também a dicotomia sujeito-objeto no processo da busca da verdade, isto é, no conhecimento objetivo, pois, se a sabedoria necessária está na harmonia com a natureza, também ali se encontra o crescimento natural da razão e da consciência, pelo seu simples exercício sem os afãs da objetividade.

Esta dicotomia sujeito objeto marca a suposta diferença entre o pensamento científico ou pensamento culto e o pensamento vulgar, popular ou comum, isto em função da verdade depositada no objeto, e o sistema para sua busca e aproximação, dando-lhe, como é de se supor, a total certeza ao conhecimento objetivo.

O conhecimento objetivo é de passagem a marca do conhecimento de poder, não somente sobre a natureza, senão em especial sobre o homem mesmo, na procura de maior poder, mais riqueza e mais glória. Em função da objetividade, da certeza e da verdade muitos crimes se seguiram, pelo conhecimento objetivo se chega irrestritamente à utilidade, ao taylorismo, ao fordismo e às proposições da atual globalização, em que povos inteiros e até países são tidos como supérfluos e descartáveis (O. Ianni).

Não se pretende negar a importância da objetividade, pois ela é necessária sendo que sempre teremos que nos enfrentar com um mundo objetual, ela é tão importante como a subjetividade, o que, sim, é preciso marcar aqui é o valor que tem a relação entre estas duas entidades ou fatores, posto que a importância tanto do sujeito como do objeto radica, essencialmente nessa relação construtora do homem e do mundo; é de anotar que os filósofos que de uma ou outra maneira se identificaram com as posturas populares e propenderam por diminuir a importância à objetividade como tal, doando-lhe mais espaço ao sujeito cognocente, com todas suas cargas humanas, vistas assim positivamente e não como deficiências, à maneira dos post-modernistas.

Uma desconstrutora natural da dicotomia sujeito-objeto - como já se falou - é a palavra e sua natureza própria, nela tanto está a verdade, como a mentira; no seio da palavra germina tanto a certeza como a dúvida, assim toda objetividade nasce de fato poluída e continuará seu rumo do mesmo jeito.

Um desconstrutor significativo da eterna dicotomia é o francês Jean Piaget, quem com sua teoria da formação das estruturas da inteligência desbarata de vez a pureza do conhecimento objetivo, por ser este tipo de conhecimento essencialmente passivo.

Piaget nos mostra como é na interação viva entre sujeito e mundo, que as estruturas mentais se constroem, para conhecer os objetos o sujeito deve atuar sobre eles e transformá-los para, de passagem, ele se transformar também, pelo qual o limite entre sujeito e objeto não pode ser fixado; ele não é estável nem predeterminado.

Para a ação o ser humano precisa da informação objetiva - isto até para os animais - para tomar consciência de si e de sua ação, sendo este conhecimento pertencente à ordem da subjetividade; deste interacionar se constroe o mundo e daí mesmo surgem as estruturas do conhecimento mesmo e do homem como tal.

Para Piaget, a objetividade é apenas um processo de aproximação ao objeto e a qualidade da certeza e os níveis da verdade são relativos e determinados pela qualidade da aproximação objetual.

Carl Michel, referindo-se à teoria piagetiana sob as condutas matematizadas, nos fala de como não pode haver descontinuidade entre a epistemologia genética e as formas como o pensamento aparece na criança. Referindo-se, especificamente, às estruturas matemáticas, inclusão, ordem e correspondência, mostra-nos como elas já se encontram geneticamente no DNA e nas formas do próprio comportamento infantil, sendo portadoras de condutas posteriores no campo do pensamento espontâneo e na reflexão. A lógica e a matemática encontram-se sustentadas por estas estruturas.

Onde fica pois a pureza da razão, a objetividade empírica e onde a eterna dicotomia? Onde a superioridade de um modo de pensar e de raciocinar que fez história como a única possibilidade de alcançar o conhecimento

verdadeiro?

Hume em sua crítica a Kant e à pureza dos aprioris kantianos tira toda possibilidade à pureza da razão e de passagem abre também possibilidades para a crítica à objetividade e à certeza própria do método empírico.

Karl Popper na sua crítica à indução acaba de vez com a objetividade do método empírico nas ciências ao mostrar a impossibilidade de encontrar uma lei universal e necessária pela impotência humana para repetir todas as experiências necessárias que certifiquem o cumprimento da dita lei.

Esta desconstrução da dicotomia sujeito-objeto é de importância radical para a construção de uma metodologia para o desenvolvimento da criatividade e da criticidade comum, pela seguinte razão: a criatividade como a maneira humana de transformar o mundo e também de se transformar a humanidade, passa por uma objetivação de ordem não empírica - assim em diferentes momentos de seu processo, se utilize este sistema para se aproximar ao objeto - e, sim, pelo explicitado no método da fenomenologia Husserliana, quanto às essências dos fenômenos e à intencionalidade do mundo e do mesmo homem como objeto.

As noções que o método fenomenológico de Husserl nos brinda coincidem com aquelas próprias da criatividade, pelo que a partir delas poderemos estruturar uma metodologia que alcance tanto a natureza do objeto naquilo que é possível e que, assim, com essas limitações chega ao cérebro humano como noção abstrata do mesmo e como produto e soma dos diferentes modos de acercamento sensorial a essa objetualidade, para o logro de sua essência, que representa ao objeto e em cujo processo, o sujeito da ação se reconhece como tal, valorizando, essa mediação e se valorizando a si mesmo,

realizando-se os dois em seu relacionamento dinâmico, no processo de conhecimento, no caminho da verdade.

O logro das essências, dado dentro do horizonte próprio ao sujeito cultural e psicológico, permite a transformação do mundo dado e o avanço cultural e individual, pelo que é muito mais importante o sentido da vida que o sentido do progresso. Mais importante é o crescimento crítico da humanidade, que o crescimento a-crítico das ciências.

## CAPITULO IV UMA POSSÍVEL METODOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO CRIATIVO

Neste capítulo tentaremos mostrar um dos caminhos para o desenvolvimento da criatividade e criticidade comuns - tidas estas como categorias ultimas sobre as quais se construiu toda e qualquer humanidade e com as quais, continua a se dar o desenvolvimento cultural, através de processos que tem a ver com a relação mesma entre ser humano e realidade e especificamente com a mútua transformação que ocorre entre o indivíduo social e a realidade nos processos da transformação da realidade.

Poderá se dizer então - com alto grau de razão- que se estas categorias formadoras da substancialidade humana, estão presentes na humanidade toda, gerando as transformações culturais de todas as agrupações humanas presentes, passadas e futuras, não é necessária ação alguma que tenda ao desenvolvimento das mesmas, posto que se a criatividade e a criticidade são em última instância o motor da história, esta continuará a se dar nos seus desenvolvimentos sem condição nenhuma.

Esta observação é válida em parte, dado que ainda que todo homem é criativo e critico, também é bom lembrar que as possibilidades do seu crescimento, nos marcam o fato dos níveis e hierarquias que aqui, se trata é de elevar esses níveis metodologicamente, especialmente nos seus grupos sociais que por circunstâncias políticas, económicas, de imposição cultural ou ideológica ou de inibição metódica da criatividade e da criticidade, por parte de outros grupos sociais, se encontram sem possibilidades imediatas de construir respostas apropriadas a sua problemática dentro dos níveis de resposta que a complexidade actual requer.

A transformação da realidade, entendida como a concatenação e entrelaçamento de eventos, processos e relações, sendo e deixando de ser continuamente em movimento, aberta e inacabada por parte da ação de um sujeito imerso nessa dinâmica e que por sua vez também mutável no seu devenir humano, requer de instrumentos conceituais que estão para lá da razão instrumental, do discurso lógico e da conceitualização própria do sentido comum, assim no modo requerido nesta tarefa de transformação criativa todas elas se encontram de uma ou outra forma incluídas.

Por exemplo, a luta por projetos de justiça, de democracia e soberania - expresso este último no direito a uma cultura própria, a um espaço físico próprio e ao direito à construção simbólica, é dizer, à livre criatividade - resume o sentido das transformações da realidade desde o ponto de vista popular, onde a experiência quotidiana, plena de intuição e de ludismo, passando por aspectos práticos e de utilidade, chega à transformação de projetos de auto consciência e à estruturação de projetos e propostas políticas e ao avance mais alto nos níveis de luta. Isso é o que temos visto em situações nas que o povo tem se decidido a exercer seu poder imediato em função da transformação de uma dada realidade.

A tarefa da transformação criativa da realidade requer de um distanciamento epistemológico da tradicional relação entre objeto e sujeito, em direção à construção de uma razão que não priorisse ao objeto nem ao sujeito, senão à relação entre os dois fatores, é dizer, que é preciso criar uma consciência relacional que permita ao ser humano se situar dentro da natureza para desde ali construir uma nova cosmologia, um novo modo de sentir e de pensar a realidade e por conseguinte a construção de uma nova epistemologia.

Outro aspecto que marca a renovação do sentido das lutas populares e de um momento histórico de ruptura, é o fenómeno atual da aparição de todo tipo

de agrupações e de projetos que com a mesma velocidade que aparecem, desaparecem do instável horizonte social.

Eles são o indicio de uma criatividade popular que assim se expressa por fora dos limites tradicionais da cultura, que neste caso tende a se definir dentro do marco da globalização da cultura, possibilitando assim essa efervescência: A vida efêmera de esses corpúsculos sociais. Sua rápida aparição e desaparecimento são clara mostra de essa orfandade cultural, já que não correspondem a manifestações inscritas dentro de um projeto social e seus limitantes e sim a sua ausência.

Mas, por outra parte, este fato assinala também a presença de possibilidades de realização das ilusões frustradas do povo, de oportunidades de projeção do ser individual e social e de certa liberdade nos modos de ser. Podemos dizer com propriedade então que a permissividade social do momento convida à participação criativa de todos os indivíduos e grupos sociais, em direção à estruturação criativa de um projeto social que seja expressão do momento histórico, fugindo do conceito tradicional de hegemonia de classe.

É neste espaço, que os níveis da criatividade popular podem levar a crescimentos tais que permitam os níveis críticos próprios da construção de consciência para si e às posteriores tomadas de posição frente ao poder, frente à participação democrática e frente à construção de um projeto de vida por fora dos parâmetros do modo de produção capitalista.

Partimos então de duas necessidades básicas a suprir, para que a transformação criativa e crítica da realidade seja um fato: Uma a necessidade de estrutura, um modo diferente de ver e de pensar a realidade, outra a da necessidade de desenvolver aptidões conceituais diferentes as tradicionalmente usadas.

A Priorização da razão objetiva ao depositar no objeto as possibilidades de verdade, congelou a realidade para poder analisá-la, fazendo caso omissivo do seu dinamismo, restando-lhe à própria razão humana sua polivalência, sua riqueza e a sua mobilidade, fixando como prioritária a imediatez entre sujeito e objeto, rejeitando outras possibilidades de ver, de pensar e de se relacionar com a realidade e que de outro modo se faziam presentes nos processos do conhecimento objetivo, formando parte - não evidente - do mesmo.

A priorização não do sujeito pensante, nem do objeto percebido e sim dos processos internos que se dão ao interior da mente na apropriação da realidade percebida, seu ordenamento, memorização, seu relacionamento dinâmico com imagens, com intuição, razão, crítica e com processos inconscientes de afirmação ou de negação na censura, de simbolização, de repressão e de saída na expressão, através das linguagens e das suas gramáticas, é de especial importância, para a estruturação de um caminho para o desenvolvimento criativo e crítico.

Esses processos internos são produto de construções decantadas dos relacionamentos puramente animais, pré-humanos, com a realidade. Realidade que foi transformando ao ser que se atreveu transformá-la e que criou por sua vez outra realidade; A realidade da cultura e outro cosmos o da sua própria humanidade, sendo por isto, o homem criador de si próprio, nunca acabado sempre em devenir, o ente histórico.

## **VI.1 CONSCIÊNCIA PARA SI E IMAGINAÇÃO**

Cave-lhe a Baudelaire a honra de ter intuído e aberto a possibilidade da contemplação do mundo das janelas puramente humanas, onde é senhora a imaginação e onde a intuição e os processos inconscientes modelam ao sujeito da modernidade e a realidade, pois que realidade pode sê-lo mais que aquela que se gera nas interioridades do cérebro?.

Baudelaire criou as condições para a compreensão de uma realidade enquadrada e limitada pelas possibilidades humanas, uma realidade à medida humana, produto dos processos de percepção. Entendendo por percepção, o processo de ordenamento criativo da imaginação e a imaginação como produtora última da realidade, já que ainda que é evidente e certo que existe uma realidade por fora do sujeito humano, a forma e as modalidades de nosso relacionamento com o mundo, não estão nessa realidade e sim na dinâmica de nossas mentes e com a qual devemos de nos relacionar com o mundo e transforma-lo critica e criativamente.

Este laboratório que todos levamos sobre os ombros, permite que o homem possa compreender a realidade, somente através da experimentação e da práxis, mas estas referidas à dinâmica mental tipicamente humana e não à razão pura e objetiva.

Tanto na entrada do mundo a nossa interioridade como na saída de este, a realidade é transformada; percepção e expressão são os pólos de um mesmo processo criativo, assim ainda que algumas vezes exista supremacia critica, o objetivo ou o subjetivo, de qualquer modo - como o demonstrou Piaget - até no cosmos puro das matemáticas, a subjetividade genética esta presente, análoga a uma noção biológica.

A postura epistemológica que Baudelaire assume, permite a valoração

dos modos de percepção-expressão do mundo, dentro das limitações próprias do ser humano, em outras palavras, aqui o homem faz consciência da sua complexidade, das suas limitações e também das possibilidades da sua imaginação criadora.

No perceptivo encontra-se sempre presente o mundo dado culturalmente, a imediatez dos fenómenos, a precariedade instrumental própria do ser humano e a potencialidade criativa da imaginação.

Formando o expressivo: as limitações gramaticais da materialidade e das técnicas, as fronteiras dadas do cultural e de novo as infinitas possibilidades criativas, como renovadoras e revolucionárias dos códigos tradicionais e mais ainda; se nos detemos num conceito que considera a percepção e a expressão como fenómenos nos que se entrecruzam, interligam e relacionam dinamicamente as diferentes gramáticas da percepção, despertando imagens dormidas, perdidas nos reconvos do cérebro, que aparecem para enriquecer todavia mais, a complexidade do processo.

Quem por exemplo, frente a um certo perfume não enche sua mente de lembranças e de imagens que desaparecem ou permanecem e até incidem no nosso accionar imediato. Quem não tem sentido um sabor que tira das nossas profundidades cheiros, imagens, lembranças, temperaturas, texturas esquecidas, cores que se misturam com sons, sons que dançam no tempo sem espaço da mente.

Baudelaire chama a este fenómeno de sinestesia, o qual permeia tanto os processos da percepção como os da expressão, possibilitando uma realidade a mais; A realidade das relaciones sinestésicas no expressivo, é dizer, a expressão de estes processos mentais, dentro de novas gramáticas e sintaxes das que a

chamada arte moderna é uma síntese.

Com Baudelaire o mundo, a realidade passa a ser a realidade fenoménica, é dizer, que a realidade como tal passa a ser a realidade como se apresenta frente ao sujeito de uma parte e de outra ao processo de percepção intra-cerebral de essa realidade, de este modo a realidade a considerar é a realidade que aparece ante o sujeito da percepção e não outra.

Husserl, partindo destas possibilidades epistemológicas construiu sua fenomenologia que para os efeitos de um desenvolvimento criativo metodológico é de especial importância, por quanto estrutura filosoficamente a realidade que aparece - fenómeno - e permite através do seu método e de categorias como a da essência, desenvolvimentos que tem haver com a estruturação de novas formas de ver a realidade, estruturadoras da criatividade e da criticidade populares, posto que estas deveram ser produto do relacionamento quotidiano com a realidade.

#### **IV.2 OS CAMINOS PARA A MUDANÇA**

Com respeito ao dever ser da criatividade popular para a mudança da realidade e a conquista das expectativas e projetos sociais de um povo, são muitas as posições que vão desde as de Marx, que pus o proletariado como a classe por excelência, revolucionaria que é a chamada a fazer as mudanças de uma realidade de opressão, exploração e injustiça até as de Ortega e Gasset, para quem a estrutura social em classes e hierarquias é própria do ser humano e pelo tanto permanecerá assim.

Dentro de estas duas posições encontramos uma ampla gama que vá desde:

- Os que a partir da psicologia do comportamento e das suas investigações sobre a inteligência e criatividade (Yamamoto, Torrence) elaboram testes para determinar a existência e os graus da criatividade inata, para assim poder incentiva-la através de formas apropriadas de educação. Estes, logicamente ignoram metodicamente a possibilidade da criatividade popular, dado que é com objetivos claros de competitividade individual, de aproveitamento dentro da indústria e mercado e do cooptamento de talentos que desenvolvem seus níveis científicos. Aqui se prioriza uma criatividade individual cuja característica é a da docilidade.

- Existem os que acreditam que através da explicitação das necessidades populares via o discurso lógico, a criatividade irá surgir para transformar a realidade. Acreditam que a conscientização é um estado ao que se chega pela via exclusiva da comunicação. A comunicação com o povo, ocorrerá então, unidirecionalmente, se convertendo num monólogo através do qual a consciência do povo surgirá e por conseguinte a adequada transformação da realidade. Aqui se dá especial relevância ao discurso e a comunicação, dentro desse grupo podemos situar ao mesmo tempo neste lugar aos políticos de direita e aos da esquerda que são conscientes da necessidade da criatividade popular.

- Na linha do desenvolvimento da razão, como meio para alcançar níveis críticos e criativos, encontramos aos que acreditam que através da acumulação de informação sobre a realidade e através dos processos tradicionais da educação se chega à transformação criativa da realidade. Não vêm a necessidade de uma ruptura epistemológica, pelo contrario acreditam que o homem comum pode chegar a criticar a realidade quotidiana e a transforma-la

dentro do paradigma da razão e do discurso teórico.

Dão especial importância à verdade e a sua transmissão. Dentro deste grupo podemos situar também a aqueles que pensam que o homem comum poderá alcançar os níveis de criatividade necessários, si situado frente à realidade, mostrando-lhe logicamente sua natureza dialéctica, permitindo assim o crescimento da sua auto consciência.

Para esta corrente, a auto consciência assim adquirida permitirá ver e sentir a realidade como sujeita a mudanças e assim o sujeito histórico, se encontrará em situação de mudar a realidade em função do seu próprio devenir.

Aqui à transformação acumulada, típica da educação tradicional, se soma a formação de auto consciência mediante a situação do sujeito frente a dialéctica total da realidade, se dando - supostamente - como fruto o procurado ser humano crítico e criativo, capaz de transformar a realidade, distanciado de si, da realidade e da teoria, pronto para exercer a crítica e com a sua ação criativa efetuar as mudanças. Aqui se prioriza o distanciamento e a autoconsciência.

- Há os que acreditam que o “caminho se faz ao andar”, é dizer que a mesma dureza da realidade e a sua brutalidade, o inquantável das formas do exercício do poder, da repressão e da exploração, fará com que a luta popular eleve seus níveis críticos criativos e de consciência para si. Esta linha de pensamento, assegura que ante a necessidade, o povo cresce inventivamente, produzindo as respostas adequadas. Um exemplo à mão, entre muitos, é o caso do povo vietnamita, o qual na guerra contra os Estados Unidos de Norte América, vence o poder esmagador da tecnologia bélica americana, graças a sua criatividade, com meios de ordem artesanal, se comparados com toda a parafernália de aviões, barcos, gases, vírus e defoliantes com que o povo foi

atacado.

Esta posição conta com o testemunho da própria história, pois, como dissera Marx ;“A violência é a parteira da história”, esta se fez aos golpes dos quebres históricos e neles, além da insatisfação e do profundo desejo de mudança, certamente encontra-se a criatividade como fonte de todas as formas de revolta, crescendo dentro da luta mesma.

A história de América latina, esta cheia de exemplos nos que a inventiva e a criatividade permitiram a vitória, frente a inimigos numerosos e donos de provada tecnologia bélica. A audácia momentânea companheira da intuição foi muitas vezes a gestora dos triunfos, isto, desde os tempos da Conquista até os atuais momentos. Esta tem sido uma criatividade espontânea marcada por sua ligeira evidência e pelo seu estado de latência; Que para o nosso caso (Latino - América) pela complexidade das contradições entre os grupos sociais, entre os projetos em conflito e a falta de identidades nacionais claras e os pouco claros manejos do poder político, só sai à luz, em função de lutas pela vida mesma, foi o caso de Contestado e de Canudos.

Deste modo aqui se prioriza a necessidade, a intuição e o crescimento dentro da luta e se esquecem situações perenizadas de exploração nas quais não se apresenta um acosso necessariamente extremo, permitindo-se sua conversão, numa forma de vida ou de cultura, é preciso lembrar a “cultura da pobreza”, a “cultura da violência” etc. dentro das quais de um modo mórbido se introjetam na sociedade como valores, estes anti-valores, pois eles vão em contra da realização da humanidade e de sua essência.

- Em fim, estão os que acreditam que o caminho para o desenvolvimento criativo e critico dos indivíduos e dos grupos populares pode-se

levar a efeito pela via da Arte, da aproximação as obras de arte, pela degustação da música e a literatura, com o fim de lograr uma sensibilização necessária para o desenvolvimento da criatividade, especialmente dentro de aula na educação tradicional e através dos arte-educadores, os que se dividem em dois grupos, o primeiro que dá importância à transmissão de técnicas expressivas dentro das diferentes linguagens, com a tradição académica como parâmetro e o segundo que possui tendências mais “modernas”, tomando a liberdade como instrumento da sua preferência, deixando soltos aos alunos inexperos em usos de técnicas, de linguagens e de temas, dando ao traste com as possibilidades do crescimento criativo.

Os primeiros tem como eixo a transmissão de técnicas e disciplinas e o outro grupo coloca em primeiro plano uma suposta liberdade, inexistente, por quanto a possibilidade acritica de todos os caminhos, é o pior dos grilhões.

- Por último, encontra-se o grupo dos que acreditam que o exercício da criatividade e da critica, em função da transformação da realidade, requer da estruturação de aptidões inatas ao ser humano e que são possíveis de desenvolver e que estes desenvolvimentos não podem ser realizados dentro do paradigma epistemológico da razão objetiva, senão precisamente por fora dela, mas incluindo-a, dado que a razão e sua tendência à verdade e a certeza é uma das partes do sistema cognitivo humano dentro da dinâmica do processo percepção-ação transformadora.

Esta postura epistemológica, que si bem pode se chamar de genética por quanto aponta às raízes da criatividade e da simbolização - estas últimas gestoras do humano - prioriza o relacionamento entre o sujeito e o objeto, considerando a realidade como a rede viva de todos os relacionamentos entre as coisas e de elas com o homem como ser social, dos homens entre si e das

identidades que compõem ao sujeito na sua interioridade.

Este relacionamento dinâmico, para efeitos de uma metodologia para o desenvolvimento criativo, não é tocado em quanto uma nova modalidade de pensamento científico, pois este não é nosso interesse e sim o do exercício das aptidões do desenvolvimento gradual; Criatividade, imaginação, capacidade crítica, manejo de técnicas expressivas, espontaneidade sinestésica, que em o seu crescimento permitirão aos indivíduos e a sociedade o planteamento dos inesperados caminhos que haveremos de percorrer em todas as ordens.

Pois, se o ato da criatividade é em si mesmo gratuito, seus produtos levam dentro de si, todas as possibilidades: Utilidade, inutilidade, perigo, dos que o ato criativo em si não é culpado. Graça e desgraça só são duas faces, as duas necessárias, do ato criador. Lembremos a modo de exemplo o trabalho sobre a decomposição da matéria, que ocorreu a partir de Einstein e que culminou com os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki; somente o crescimento crítico inerente à criatividade fará possível que a humanidade use este magnífico instrumento da criatividade, próprio da espécie, de uma maneira que redunde em benefício. Daí que sem sua capacidade crítica o ser humano seja apenas como uma criança brincando com explosivos, como tem sido o caso do desenvolvimento pelo desenvolvimento e do consumo pelo consumo e da exploração da natureza sem outra consideração que o aumento do capital.

Este grupo, no qual estamos incluídos, lhe dá importância à ruptura epistemológica, como possibilidade construtiva de um caminho para o desenvolvimento da criatividade.

#### **IV. 3 PRINCIPIOS METODOLÓGICOS**

Dizer método, é falar de um caminho a percorrer para atingir certo objetivo, uma meta, é claro então que existam alguns pressupostos necessários:

O sujeito ou os sujeitos que vão a percorrer este caminho, o caminho mesmo e o motivo pelo qual vai se fazer essa caminhada, é dizer o objetivo ou meta proposta.

Outro aspecto relevante e mais tratando-se de aspectos afetivos como o da criatividade, é o do ordenamento destes três fatores, sujeito, caminho e objetivo, si bem podem ser ordenados pela lógica racional, a intuição joga um papel preponderante, pois se bem a razão permite-nos a concatenação de cada um dos passos a dar na procura de uma meta, a intuição por sua vez alheia a esta mecânica imediata projeta em direção a outros horizontes o seu olhar, enriquecendo tanto os passos a dar quanto a mesma possibilidade de alcançar o objetivo colocando-o por fora de uma linearidade puramente lógica e racional.

No caso de um método para o desenvolvimento criativo, o anterior é mais evidente que em métodos para atingir objetivos dentro das ciências da natureza, onde esta interação entre intuição, imaginação e razão é menos evidente, ou pelo menos se a situa no campo das casualidades, tratando de minimizar a ação de essas faculdades na construção das verdades científicas, na atualidade, a ciência está sendo consciente de esta realidade e dentro do campo da probalilística da visão holística do mundo e das teorias do caos, a intuição e a imaginação adquirem espaço e importância próprios.

Na visão holística do mundo e da realidade, as fronteiras e as diversas divisões entre as formas de ser, tendem a se homogeneizar, assim para o caso que nos ocupa, tanto o sujeito é parte do caminho, quanto o caminho é parte do

objetivo e este do sujeito, é dizer, que em cada um dos passos a dar, encontram-se fundidos o sujeito, o objeto e o caminho.

Esta visão de encontrar em cada uma das partes, uma presença real do todo, vemos se realizar mas facilmente no análise dos elementos que conformam a criatividade e os seus relacionamentos, posto que em todo momento na interioridade do sujeito - por ser ele o fator de mudança - está a realidade do mundo, concretizada nas imagens que ali se transformam continuamente; no seu movimento a realidade está presente em nossas mentes, também em movimento.

A ingerência do sujeito na dinâmica da realidade, encontra um espaço adequado, posto que realidade e sujeito não são alheios ao movimento universal; a tendência de congelar a realidade para analisa-la é de recente data e para isso tiveram que se fazer grandes esforços de inibição do movimento interno da mente analisadora, reprimindo a presença da imaginação e da intuição, em função de um logro de verdades objetivas.

Esta congelamento da realidade, é de qualquer forma uma conquista da humanidade da qual se utiliza para efeitos de contrastação uma boa parte, posto que esta forma de ver e de sentir a realidade tem conformado o que hoje somos na nossa qualidade de civilizados, esta contrastação, na auto consciência, frente ao movimento, é uma das descentrações necessárias, que irão contribuir a desacelerar a realidade em direção a um movimento do mundo de acordo com nossa própria natureza e contra os efeitos da aceleração da realidade, como G. Simmel assinalava nos habitantes das cidades com a sua atitude "Blasé", de indiferença mórbida para com a vida que passa como um trem veloz, por traz do qual é impossível correr, ficando tão só a impotência e a imagem imprecisa na sua rapidez, nos olhos absortos do indivíduo urbano.

O princípio da indeterminação de Heisenberg, de exclusividade para o comportamento da matéria, hoje é aplicável ao ser humano e ao seu comportamento, quem graças à imaginação, à intuição e aos níveis de liberdade e de criatividade que permeiam tudo o seu atuar - dentro dos níveis do seu desenvolvimento - é impossível de demarcação determinista, isto é evidente nas múltiplas e diversas saídas culturais que os grupos humanos dão, enfrentados a procurar soluções para problemas comuns e dentro de um entorno comum.

Esta indeterminação também a encontramos em áreas do saber e do conhecimento metódico, onde parecesse mais difícil que saíssem exemplos de isto último, encontramos em todas as ciências, por exemplo na semiologia, em três países diferentes e sem conhecimentos entre si, se desenvolvem planteamentos diferentes sobre uma mesma matéria - criando uma ciência - , na França (Saussure), na Rússia e nos Estados Unidos (Pierce), todos confluindo num mesmo interesse, assinalado pelas urgências do momento histórico.

Esta indeterminação humana, encontrasse acompanhada de tendências determinantes dentro da sociedade, a formação do caráter social (Benedict), a colocação de papéis por classe, idade, gênero, as normas da ética e da moral, os parâmetros culturais para a classificação e a divergência, para a criatividade e para a crítica, os mecanismos do controle social e em fim toda sorte de fronteiras dadas pela origem de classe, pela riqueza ou pela pobreza.

Na atualidade dentro dos paradigmas da pós-modernidade, a importância que se dá à indeterminação humana, assinala um momento de abertura social e a necessidade social pela construção de novos caminhos, numa dimensão diferente dos até aqui percorridos, nos que numa volta aos processos primários da criatividade - postos de lado momentaneamente pela priorização que

foi lhe dada dentro do pragmatismo da razão prática - Nos níveis atuais de consciência e de uso tecnológico, se integra essa razão prática, como um elemento a mais no cosmos da interioridade humana.

A interação do homem com a realidade, levou dentro da nossa sociedade ocidental e por razões históricas, do individualismo ao pragmatismo e a sentir - por seus efeitos de êxito - que o conhecimento de domínio era o conhecimento aggrandando-se a distância entre o objeto e o sujeito do conhecimento, redundando num esquecimento das fontes naturais de consciência e de criatividade; A relação lúdica do homem com o mundo, da natureza e com o próprio mundo humanamente criado.

#### **IV. 4 O ESPIRITO LÚDICO**

O resgate da validade do espírito lúdico, deverá ser um motivo a mais de uma metodologia para o desenvolvimento da criatividade, pois é dentro desse espírito que a incerteza e os níveis de certeza e de verdade, permitirão a construção de caracteres abertos, permissivos, respeitosos das opções e idéias alheias, tolerantes e especialmente críticos nas relações entre homem e natureza; Posturas críticas, surgem daqui - que ajudarão resolver os desafios sociais do momento - e que do análise teórico, do discurso político, ou social, ou de problemática imediata da cotidianeidade, não irão surgir, como supõem alguns teóricos da política.

A consciência para si, emerge em momentos de luta extremos, ou em situações lúdicas e de criatividade gratuita, isto em quanto aos grupos sociais, posto que no indivíduo dão-se outras situações, frente ao Ego, à corporeidade e a transcendência e a consciência, que os devaneios puramente filosóficos

possam vir trazer.

Más este espaço lúdico, presente na conformação cultural, gerador de consciência interna grupal, - de incentivação permanente em situações excepcionais de ameaça à existência - é gerador de soluções para enfrentar e transformar a realidade. Efetivamente assim o jogo situado nos lindes entre a vida e a morte, é um jogo por excelência, gerador das respostas necessárias.

Este aspecto lúdico da luta, gera de este modo, formas culturais de luta e uma cultura que também se expressa de outras formas, na transformação de costumes e de tradições, nos usos de recursos nas relações de gênero e na reestruturação da ética, moral e normas em geral.

À luta se chega com o espírito infantil da aventura, e com ele continuam-se a subir os degraus da violência; na confrontação cresce a vontade lúdica frente ao prazer de ver ao vivo a fragilidade do poder e das instituições e de se sentir espectador - ator frente à luta de forças sociais enfrentadas pela legitimidade, esta descentração criadora de consciência para si, nos grupos sociais, si utilizada adequadamente dentro do processo de desenvolvimento criativo, pode dar como resultado a elevação inusitada da capacidade crítica e criativa.

Esta utilização refere-se concretamente à vivência, experimentação racional e intuitividade e a teorização dos aspectos envolvidos na luta, como um todo dialeticamente dinâmico.

Toda confrontação guarda dentro de si, esta potencialidade de elevação crítica e criativa, dentro dos diferentes níveis de confronto, daí que na atualidade o crescimento de ações populares através dos múltiplos movimentos

sociais e manifestações de grupos, marca simplesmente um momento histórico particular, no qual o crescimento criativo e crítico popular será o determinante histórico.

O avance político que isto implica não chega, nem do análise teórico da realidade e da confrontação, nem da transmissão de discursos bem ou mal intencionados e sim da conformação de atitudes de análises críticas desenvolvidas através do exercício lúdico e criativo, onde intuição, imaginação e razão na relação com o concreto e abstrato, com essências, com contrastações definitivas e com graus de contrastação, com nomeações e definições de realidade, vem constituir o instrumento integralmente humano.

Daí que um método para o desenvolvimento criativo deva ser realmente lúdico, aberto e incerto em quanto a níveis de certeza metódica, posto que realidade e sujeito são dinâmicos, mutáveis, num retorno crítico das formas elementares do relacionamento entre homem e realidade, numa volta à magia das relações não objetivas com a natureza, mediadas, se quer, com a parafernália da tecnologia atual.

Esta volta à magia, que leva o mesmo fato da vida, leva ao acercamento entre sujeito e objeto, - separados pelo pragmatismo positivista - e que interagem constantemente no devenir da realidade, ainda que em momentos parecesse que um prevaleça sobre o outro; esta separação própria da nossa cultura ocidental, também acontece na interioridade do indivíduo, dado que - como na atualidade é possível ver - o humano é um sistema que faz parte de um que é maior e como tal todas as suas partes são interdependentes, podendo, agora, chegar a abandonar a idéia de interioridade e exterioridade, dado que em qualquer lugar de este tudo único, encontra-se o todo representado.

É de se esperar, que nas aplicações metodológicas - neste contexto - e devido às precariedades próprias do ente humano, umas vezes o sujeito, outras o objeto, deva de ter preeminência para efeito das descentrações, que estão-se sugerendo como elementos próprios do método proposto, com o objeto ultimo de percorrer o caminho da integração de ambos - sujeito e objeto -, dado que em última instância esta proposta procura a integração total.

Esta integração, proposta como meta deste método, abre portas em direção ao desenvolvimento criativo de cada um dos indivíduos e dos grupo, permitindo a contemplação crítica do entorno físico, ecológico e social, dando-se nesse marco, a possibilidade de um novo desenvolvimento cultural. A convergência do sujeito e do objeto, dentro da contemplação e recriação lúdica do mundo, na gratuidade, vai permitir outras convergências nos aspectos mais significantes das diferenças tradicionais; Gênero, raça, classes e culturas, o qual não quer dizer a desapareição da identidade e sim da consideração e o respeito das formas de ser como tais.

Se, através do método proposto, procuramos a integração do ser social e da sociedade, é por que pressupomos um sujeito histórico fracionado, fragmentado, dividido na sua interioridade, imerso numa sociedade igualmente atomizada, e onde indivíduo e sociedade produtos da cultura ocidental, marcada por inúmeros distanciamentos e pertitudes, por oscilações pendulares no espaço e no tempo, encontram-se sem a possibilidade do seu convívio.

Este indivíduo, sujeito da história, distanciado do divino e do humano, esceptico com respeito ao seu próprio ser, alheio à natureza que o rodeia, absorto frente ao cosmos, interrogação viva pela consciência das suas potencialidades e das suas determinações, esse ser da contradição é o sujeito, que na atualidade urbana e dentro dos seus relacionamentos próprios realiza sua cotidianeidade

e cuja complexidade aumenta com o crescimento da tecnologia microeletrônica - acelerador por excelência - , é o sujeito em direção ao qual vá dirigida a ação possível da metodologia proposta.

#### IV. 5 OS FRACIONAMENTOS HISTÓRICOS

Na antigüidade, o desequilíbrio que hoje experimentamos, esta incerteza ante o nada, e ante a verdade, só era vivida por alguns filósofos (Sofistas), por visionários e por poetas, dado que o fato de se saber um com o resto dos seres criados, lhe permitiria ao homem comum, sentir-se centrado e por sua vez centro, é dizer que a consciência da sua existência foi o eixo da sua cosmologia, fazendo do homem o eixo de tudo o criado.

Deste modo, o cosmos real se expressava na mais perfeita das formas, o círculo e os seus desdobramentos espaciais, expressando-se assim, seja de passo, a perfeição do ser na sua unidade de beleza e de bondade.

Outro aspecto de esta cosmologia centrada no ser humano, é a do seu carácter simétrico, que a periodicidade climática das estaciones, acentuava e confirmava.

Estes dois determinantes, o antropocentrismo e a simetria, refletiam nas culturas da antigüidade Européia, onde os rituais da caça, de pesca, do manejo de cultivos e colheitas e de animais domésticos, a conservação de alimentos, de hábitos alimentares, o planejamento utilitarista da vida e dos recursos estavam centrados em duas coisas: A abundância dos recursos na primavera e no verão e na escassez desses recursos no outono e no inverno.

Deste contraste dado pela natureza emerge o espírito da objetividade pragmática própria da cultura ocidental e para o caso das regiões como as do trópico não haveria de conformar-se, dado que esse espírito provisor e planejador não era o adequado para estas regiões de verão eterno, onde a época das chuvas tão só marcava outros aspectos, propiciadores da indolência.

A abundância de recursos e a falta de rigor do inverno, contribuíram - para o caso das culturas do trópico - para marcar o desinterés cultural pelo desenvolvimento do saber de domínio e a preferência pelo exercício de outras formas de relacionamento humano com a realidade, dentro de uma assimetria aberta, como a que a própria vida mostra.

Num simplismo extremo e perigoso, poderíamos dizer que aqui nascem as diferenças que se manifestam na atualidade entre o norte e o sul, num mapeamento do chamado progresso. Logicamente, outra seria a história, si a cultura ocidental - da qual de uma ou outra forma somos herdeiros os latino-americanos - tivesse sido marcada pelos determinantes da geografia tropical e por uma cosmologia alheia as normas da simetria, uma simetria da qual, é produto Descartes e a modernidade. Nesta antigüidade ocidental, o cosmos real, coincidia com o cosmos simbólico, ciência e religião se fundiam como a única forma possível de conhecer; o devenir cultural, centrava-se e equilibrava no ser humano criado como o centro do universo, a terra, em cujo redor giravam os demais corpos celestes.

Ao antropocentrismo soma-se o geocentrismo, num todo coerente, que nesse momento explicava e dava conta, tanto das expectativas científicas, como as da quotidianidade, pode-se dizer que neste momento está marcado pelo crescimento da egolatria, refletida na construção mitológica a semelhança do homem, e que por sua vez era produto da auto imagem tanto social como

individual, integrada assim harmônicamente aos outros centrismos. Neste estado idílico de equilíbrio, deveria ir culturalmente em direção a formas de ver o mundo revolucionárias que com Copérnico finalmente tomam corpo, nas suas hipóteses comprovadas sobre a rotação da terra em volta do sol, e este último como centro do universo conhecido. Copérnico demonstra que o homem, não é o centro do universo e que o antropocentrismo e o geocentrismo são paradigmas do passado, que o espaço da religião não é precisamente o mesmo das ciências, que o alinhamento entre o cosmos real e o cosmos simbólico é uma necessidade dos tempos.

As idéias de Copérnico, são na verdade, a grande conflagração da humanidade, elas realizam elas a primeira ruptura do homem, com o cosmos, com a natureza, com as deidades e com sua própria interioridade egocentrista. Copérnico situa ao homem frente ao universo, como uma interrogante.

Um novo e incomodo mapa, começa ali a se estruturar, tanto no cósmico, como no religioso, quanto no que se refere à existência e ao ser. A ruptura da unidade cosmos-ser humano realizada por Copérnico, será a ferida que jamais sarará e que necessariamente incidirá nos posteriores desenvolvimentos culturais e nas fragmentações do ego psíquico. Divisão que toma corpo no distanciamento entre sujeito e objeto dentro do conhecimento que ali começava a se gerar, o conhecimento propriamente científico. Com o advenimento do equilíbrio gravitacional universal, por fora das considerações puramente humanas instalam-se no homem cargas de incerteza e desorientação, acuciadoras criativas que fazem crescer a produção simbólica, o desenvolvimento da arte e da filosofia, que acontecem paralelas ao crescimento das ciências, por fora dos marcos religiosos.

As leis gravitacionais, inerentes à natureza da matéria, mostravam que

a terra - e pelo tanto a humanidade - gira ao redor do sol e que mantém em equilíbrio um sistema de corpos celestes, graças a sua mútua atração, em função da sua massa e distância. Estas leis descobertas por Copérnico, assinalam implicitamente que o homem ali colocado, é apenas um convidado casual de presença não necessária, a não ser para dar fé da existência de uma ordem ao alcance da sua própria razão, mais por fora da sua ação, da sua vontade e da sua presença.

Ditas leis universais, geraram uma realidade, por fora da especificidade científica da astrofísica, a realidade de uma humanidade ao margem do criado, a realidade humana. Dentro desta realidade humana se reúnem todas as interrogantes e as incertezas do momento, dado que se o homem não se encontrava explicado dentro do cosmos e das suas leis, qual era então o espaço para a humanidade?, Qual o lugar em que o homem por propriedade ia-se localizar?.

Estas perguntas tácitas as descobertas do Copérnico, permearam o imaginário do trabalho intelectual, preparando os espíritos para outro momento revolucionário da humanidade, para outra descentração e para outro momento oscilatório da história. Se bem, até aqui - fazendo caso omissivo das conseqüências da esiação que estava se dando entre religião e ciência - recorria-se a Deus como última explicação da "causa sem causa".

É Descartes, quem canaliza as inquietudes do seu tempo e encontra a possibilidade de um espaço próprio à humanidade, quem com os seus próprios meios pudesse construir o seu próprio cosmos, dentro da certeza da verdade, afanes também próprios da natureza especificamente humana, produtos últimos da razão.

Este espaço, é de uma realidade construída sobre oscilamentos da dúvida, como método para chegar à verdade. Este método Cartesiano, realiza a construção do espaço humano e situa de novo ao homem no centro do criado, não nos níveis idealizadores da antiguidade, senão como construtor do cosmos humano do conhecimento e como tal, construtor na interioridade do cérebro, do universo mesmo. Descartes, com isto corta de vez os fios da dependência humana com a divindade, lhe dando autonomia ao homem na frente do universo.

Descartes concebe a lógica e a razão como elementos construtores da realidade, é dizer, que o universo só existe como tal porque é verificado pela razão humana, dentro do espaço infinito das idéias espaço próprio do ser humano. Com Descartes, a divisão que vinha-se dando entre ciências da natureza e ciências filosóficas, acentua-se com o fato de que os limites que acontecem no interior das ciências naturais, - entre física, química, geometria, óptica, astronomia e matemática - se repartindo desde os diferentes ângulos científicos, a explicação da realidade, acabam por lhe restar materialidade às ciências filosóficas.

Isto porque o crescimento do conhecimento de poder que Bacon e Descartes contribuíram a construir, fez que se priorizasse a utilidade e se pusesse de lado ao mundo Cartesiano de produção intelectual e o desenvolvimento do instrumento humano; a razão. Kant, numa volta ao espaço próprio do ser humano, o espaço das idéias, espaço que frente ao empurre do êxito no manejo imediato da realidade teria perdido sua possibilidade de desenvolvimento - constrói com a sua obra "A crítica da razão pura", o motivo suficiente para situar a razão por fora da ação utilitarista do método científico e do conhecimento científico. Os a-prioris puros, matéria própria e única da sua crítica, indisputável e fundadora de uma filosofia que se afogava nas águas do pragmatismo e do conhecimento metodizado e ordenado segundo os seus fins.

Estas disputas entre ciência e filosofia - ao igual que hoje - não tiveram uma imediata conseqüência na quotidianidade e no povo, que não obstante na sua interioridade e ante o indiscutível poder de transformação da realidade do ser humano, começava viver a orfandade do divino que vinha a se somar aos anteriores fracionamentos e dê-s-centrações com a acotação de que estes momentos de crescimento civilizatório, o ego e suas tendências voltam de novo a crescer dentro das formas antropocênticas do pensamento Cartesiano.

As aclarações que fazemos sobre as oscilações formadoras ou não do caráter atual da sociedade e do indivíduo vão dirigidas ao entendimento do momento histórico atual e dos seus atores. Momentos de frenéticas oscilações em todas as ordens do humano e do social, entendimento que é de esperar- permita a conformação de clareza metodológica para o desenvolvimento criativo que aqui estamos propondo. Seguindo com esta análise, vemos que é aqui com Descartes que a condição ativa do sujeito na procura da verdade, transforma-se na passividade objetiva do sujeito, dando-lhe ao objeto, como depositário ultimo das leis naturais, toda a importância e relegando as características do sujeito humano ao plano do deslencível.

As perguntas tradicionais sobre o ser, o não ser, a nada são postas também de lado, para lhe dar espaço a questões sobre o como do comportamento da matéria e ao para que utilitarista do crescimento tecnológico.

Do homem cartesiano inicial, centro de todas as coordenadas, ordenador dos espaços, da matéria e da realidade do universo, chegamos ao homem da modernidade, vitimado pela sua própria criação; ao conhecimento metodizado, pondo de lado a sua própria humanidade pela pureza de uma razão alheia a sua própria gênese e por um conhecimento de grande utilidade em tanto

que objetivo.

Esta elevação do homem por cima da natureza e da sua própria especificidade, si bem, é certo que brindou os elementos que muitos julgam ser a maioria de idade da cultura ocidental, trouxe também consigo, o desencanto frente ao mundo, permitindo um olhar realmente novo e formas também novas de expressão (Cervantes, Shakespeare, Goethe). Ao mesmo tempo, esta festa antropocentrista que o mesmo desenvolvimento tecnológico e científico inaugura e por sua vez interrompida pelo crescimento dentro do qual não tem cabida as formas de quotidianidade, nem outras possibilidades de pertitude à realidade que as formas da objetividade, preparando assim, o espaço para um novo descentramento, para novos desencantos e para novos desenvolvimentos. Nesta oportunidade, é a biologia a chamada tirar uma vez mais ao homem do seu lugar privilegiado; si com Descartes o homem é o ordenador racional do universo, agora nesta oportunidade com Darwin, o ser humano é apenas uma parte a mais na seqüência da vida e na evolução das espécies.

Aos anteriores fracionamentos e descentrações, à orfandade divina, soma-se agora a evidência científica da sua própria natureza eminentemente animal; ao homem criado por Deus, como espécie única, sua imagem e semelhança, antepõe-se agora, um homem natural, produto da evolução da vida; Darwin faz herdeiro ao homem de uma linhagem de símios, que por circunstâncias e determinantes climáticas e geográficas perdeu sua natural e instintiva forma de se articular com a ordem da natureza, para desenvolver outras formas de supervivência que com o tempo iriam ser as formas da inteligência propriamente humana.

Este, é um dos momentos mais altos do desencanto do homem moderno, causador de uma grande incomodidade e com a qual não temos sabido

conviver; na nossa tendência humana à egolatria, nada poderá causar tanto desgosto, com a certeza de que entre os nossos antepassados poderia haver um símio como avô necessário. A grande decepção, produzida pelas teorias da evolução, trouxe consigo a dissolução definitiva dos laços que ainda uniam a ciência e a religião, situando a palavra sob o ordenamento da hermenêutica histórica, de origem protestante, relativizando assim as verdades eternas da religião, colocando estas, dentro da sua própria margem. Este encontro traumático com a natureza, de qualquer modo, leva ao homem ao topo da pirâmide da evolução animal, como o máximo expoente do gênero animal. Lugar que hoje alguns tratadistas contestam frente as desordens ambientais irreversíveis que a espécie causa à natureza e que continua a causar de modo cada vez mais acelerado, situando assim à espécie humana não mais neste lugar privilegiado senão fora dele dado que sua pratica situa-a como inimiga do próprio ambiente que a sustenta.

Posiciona-se assim o homem - irmão do resto das outras espécies animais no comum origem da vida - vivendo o síndrome de Caín, explorando até o esgotamento animais, plantas, seres humanos e recursos da terra. Esta série de rupturas que até aqui temos visto, são geradoras de rupturas epistemológicas incidentes na conformação mesma da humanidade pois temos que admitir, que o homem centrado na serenidade do universo, não é o mesmo dos tempos de Copérnico e este não é igual ao dos tempos da revolução cartesiana ou a da posterior época de Darwin. Sendo como é, o ser humano parte de um todo sistêmico no que os elementos culturais e psíquicos encontram-se intimamente ligados, incidindo na própria biologia humana, é apenas lógico que o homem mude, permanecendo sim constantes traços essenciais, entre os quais, esta a criatividade originadora da ordem, das idéias, da cultura e da historia propriamente dita e das suas diferenças no tempo e no espaço. Neste aspecto da unidade básica da humanidade diz Geertz se referindo aos dois pólos da

concepção do homem através da história:

" Tivemos, e de alguma maneira ainda temos, ambas essas aberrações nas ciências sociais uma marchando sob a bandeira do relativismo cultural e outra sob a bandeira da evolução cultural. Mas também, e mais comumente, tentativas de evitar, a ambas, procurando nos próprios padrões culturais os elementos definidores de uma existência humana a qual embora não constante na expressão, é ainda diferente no caráter". (Geertz 1989, p. 49)

#### **IV. 6 ACELERAÇÃO E RITMO HUMANO**

No caso desta pós-modernidade que vivemos, o tempo entre ruptura e repercussão social, tem ido diminuindo de tal modo que a superfície da sociedade humana total vive no contínuo estremecimento dado que no tempo não se alcançam os ajustamentos e os condicionamentos sociais frente aos fatos que abalam à humanidade, pela superposição e emergência de novas circunstâncias e de novos fenômenos igualmente transcendentais.

À saga de G. Simmel poderíamos dizer que se no indivíduo urbano ocorre pelo excesso da motivação urbana a patologia expressa na situação blasé, no social o movimento oscilatório da história humana acelerado - pela tecnologia eletrônica e pelos meios da comunicação - tem dado no surgimento do micro-social e de um novo ordenamento por ele fundamentado, se convertendo assim este fenômeno, no motivador por sua vez de uma ruptura a mais da história.

É por isto, que o conhecimento comum, a consciência da quotidianidade e da consciência para si dos grupos sociais - aos quais os

processos da criatividade levam - é de especial significação para o devenir social e político, dado que é dentro desta nova margem que o ser humano terá que construir seu ser social e seus relacionamentos com o poder entre os indivíduos e entre os grupos.

Por outro lado, o conhecimento como tal e as ciências no seu atual desenvolvimento abrem-se em direção à possibilidade holística integrando a análise probabilística a tendência à conformação de um todo coerente, na explicação do universo, da matéria e da inteligência, e da unidade razão-pulsão do ser humano, como uma dinâmica nova das ciências.

No epistemológico o lugar da dicotomia sujeito-objeto tende ser reempazada pela unidade sujeito-objeto, dando-lhe prioridade à dinâmica interna dessa relação, é dizer, à percepção, à imaginação e aos aspectos de gratuidade, de ludismo, de interesse e desejo, com os que o ser humano transforma a realidade.

A vocação humana pela verdade, converte-se exclusivamente num considerando da moral, referindo-se deste modo só à verdade possível de alcançar pelo sujeito, sua própria verdade. O horizonte, agora assumido é o das incertezas e as probabilidades, da grande potencialidade para o exercício da razão e da imaginação criativa, por fora da monolinearidade objetiva.

Esta posição representa real madurez, já que redundando no reconhecimento por um lado da incapacidade e a falta do ser humano de vocação - dada sua natureza ambígua - para atingir à verdade e por outro lado pela inexistência de verdades puras, necessárias, universais e eternas e sim de níveis de verdade, de necessidade, de realidade e de tempo.

Se abre assim, o espaço para a recuperação do espírito de cooperação entre grupos e entre indivíduos, dentro do respeito pelos níveis de verdade alheios e pelas formas diferentes de ser.

Desta maneira, mostramos aqui como se abrem possibilidades para a projeção da criatividade comum, dentro do que lhe é mais próprio: A cooperação, o respeito pelas idéias dos outros e a discussão crítica para avançar a novos níveis criativos.

Este fato, é na verdade uma porta de saída para a situação insustentável de individualismo e de competência que se instalou nas sociedades civilizadas e que por sua vez é uma porta de entrada a situações opostas, do renascimento humanista, única saída viável para esta cultura ocidental, produto em certa medida de rupturas historicamente constatadas.

## IV. 7 LATINOAMÉRICA

Para o caso Latinoamérica, temos de levar em conta, que as rupturas que marcaram à cultura europeia, não tem ocorrido e possivelmente não aconteceram, dado que com a conquista se inicia entre nós, um processo diferente ao europeio, o de o aniquilamento cultural e físico e a imposição das formas de ver o mundo propriamente europeias, abrindo caminho a formas de sentir e de pensar diferentes das de Europa e diferentes também das indígenas.<sup>16</sup>

O fenómeno da mestiçagem latino-americana, representa a aparição de uma diferencia nos modos de ser, pensar e sentir, de culturas que emergiram com motivo da presença europeia na América, desde a Patagônia no sul, ate a chamada pelos espanhóis Nova Espanha do norte.

Culturas marcadas em diferentes graus pela presença indígena ou espanhola, mais que no seu conjunto emergiam com a força suficiente para desde cedo romper com a vassalagem e exploração com que Espanha mantinha América.

---

<sup>16</sup> “Cortéz compreende relativamente bem o mundo Azteca que se descobre diante de seus olhos, certamente melhor do que Moctezuma compreende as realidades espanholas. E, contudo, essa compreensão superior não impede os conquistadores de destruir a civilização e a sociedade mexicanas; muito pelo contrario, tem-se a impressão de que é justamente graças a ela que a destruição se torna possível. Existe aí um encadeamento terrível, onde compreender leva a tomar, e tomar a destruir, encadeamento cujo caráter inelutável gostaríamos de colocar em questão. A compreensão não deveria vir junto com a simpatia? E ainda, o desejo de tomar, de enriquecer às costas do outro, fonte potencial de riqueza?”.

Através, da crueldade e do extermínio que se viveu primeiro na conquista\_e logo nas guerras de independência, América viveu em carne própria - e como objeto de exploração e de avaricia - os valores civilizatorios de ocidente, entre os quais, destacavam-se o individualismo, as concepções políticas de Maquiavello e a consciência de si, que como grupo desenvolveram os espanhóis frente as diferenças étnicas nas que se viram imersos ao chegar na América.

Ao anterior soma-se, o espírito intolerante e excluente dos europeus e da mesma religião cristã, sob cujo domínio matam e cristianizam na conquista.

Esta condição da cultura dominada, passou exercer-se dentro da civilização americana de um modo intencionalmente escondido ou abertamente assumido, mas adquirindo o caráter de infâmia, de inferior, de indígena.

A superposição cultural, desde ali, marca a história americana, dentro de uma espécie de complexo social, no que o próprio é tido como o menor, permitindo que o transito de estereótipos comportamentais seja uma constante de nossa forma de ser.

À cultura hispana, se sucede a inglesa, à inglesa se sucedem os estereótipos franceses e a estes os norte-americanos nas novas formas de colonização. Dentro de este jogo de máscaras com tudo salvaguardadas e permanentes, as potencialidades da mestiçagem Latino Americana, temo-nos acostumado a transitar pelas diferentes culturas sem perder um equilíbrio interno que se sustem, só pela esperança de se expressar, de se manifestar.

Essa possibilidade de expressão do próprio, se apresenta agora dentro da emergência do micro-social e do cotidiano, onde a permanência social será assegurada pela estruturação cultural que admita ao outro como elemento necessário e para isto precisamente, é que encontra-se apta a região.

Por exemplo: muitos dos movimentos políticos armados, mais que tratar de impor projetos de grupo, pretendem ser escutados por fora da intransigência do poder, ser tidos e vistos como interlocutores, pelo menos é isto o que mostra o interesse pela estruturação de diálogos entre subversão e poder estatal nas últimas décadas.

Ao instaurar na América, as formas do conhecimento de domínio, os espanhóis impõem também as hierarquias da exploração, inicialmente depredatória e de saqueio irracional, depois a ação hispana da coroa passa a ser de controle de alfândega, de arrecadadora de impostos e de policiamento sob os manejos do poder que se exercem no seu nome, sem chegar a estruturação de indústrias e de outras formas racionais de exploração como se deu em outras regiões, como o Brasil, onde a exploração da cana orientou as relações entre senhores da terra, que chegaram com a vontade de ficar, de assentar-se e gerar riquezas e família e os escravos negros trabalhadores diretos da terra, ou os Estados Unidos, onde o algodão e a indústria de tecidos contribuíram à estruturação de classes próprias do capitalismo.

Para o caso da Latino-América, a burguesia que surge, traz todos os vícios do feudalismo e nenhuma das virtudes dos seus congêneres; a burguesia capitalista entre nós, essa classe temerosa do poder popular, dedica seus esforços à conservação dos seus laços com o poder, na perenização dos privilégios e das diferenças de classe e de raça, herdadas dos espanhóis e em suma à construção de maquinarias políticas que periodicamente e com a

mudança dos tempos, se auto renovam. Deste modo - em toda a pirâmide social - instala-se como forma de vida e como meta a burocratização.

Se, em outras latitudes do capitalismo os projetos dos indivíduos culminam numa linha de produção qualquer, na América Latina essa projeção encontra-se dirigida ao aparato burocrático do Estado e as suas hierarquias.

Na América Latina se fazem evidentes as profundas ligações entre cultura e política, aqui se vê de que modo, uma gera à outra, e de como ocorrem das formas de clientelismo e da violência formas culturais, que por sua vez fazem parte de um modo mórbido do político, mas que ao mesmo tempo gera respostas como as do que o auge dos movimentos populares representa.

Resumindo, vemos que esta ruptura vertical incide na interioridade psíquica dos povos e dos indivíduos Latino-americanos, como elemento religioso e fatalista do espírito indígena, onde as rupturas da interioridade europeia refletiram de modo tão brutalmente objetiva e pragmática.

Este aspecto da diferença cultural, a pesar de ser de tanta importância, especialmente para o desenvolvimento criativo do Comum, não pode ser tratado aqui, na extensão que o tema requer, dado que isto nos levaria pelos caminhos de uma metodologia específica, que esperamos depois, poder ajudar construir.

Pelo momento, dediquemos os nossos esforços na procura de princípios que contenham possibilidades universais, fazendo caso omissa da diferença cultural, assumindo dois fatos, o primeiro, aquele onde a dinâmica que ocorre na criatividade é basicamente a mesma para todos os grupos sociais e para os indivíduos dentro dos diversos níveis da mesma, e outro, de que uma metodologia para o desenvolvimento criativo deve ser por natureza aberta, é dizer

de continuo adequamento com o devenir da realidade, da sociedade e dos indivíduos.

De isto vem o olhar que tenhamos podido dar sobre a história, e especialmente sobre o sujeito histórico e a sua evolução, assim podemos com alguma firmeza refletir sobre a ação presente e sobre o horizonte do futuro, sem cair em vãs divagações premonitórias, dado que, da construção futura estão se encarregando - dentro da atomização do conhecimento e da sua contrária tendência homeogeneizante e unificadora - ciências novas como as emergentes ciências do conhecimento, as neuro-ciências, ciências do comportamento e da consciência, dentro das quais terá lugar a ciência da criatividade como espaços integradores e transdisciplinares. Surgem necessariamente também as ciências das redes, a macro-biologia, a bio-informática, as ciências da saúde-genética, as ciências bio-culturais, etc.

Temos assim, um perfil do nosso sujeito histórico, objeto da metodologia, com a sua alma e o seu corpo, divididos entre a gratuidade e o pragmatismo, fragmentado no seu interior pelas múltiplas oscilações da história e da epistemologia, senhor de um mundo que se atomiza e liquidifica entre as suas mãos também atomissadas.

#### **IV. 8 O PRIMEIRO OBJETIVO**

Agora, devemos descrever o objeto da nossa metodologia, determinada pelo sujeito mesmo - já visto - o qual conseqüentemente com o exposto este deve-se fundir.

O primeiro objetivo é o da construção de um ser humano que atenda as necessidades complexas do momento histórico, integrado com a natureza desde sua unidade psíquica e cujo accionar crítico e criativo seja a garantia do seu próprio crescimento e dos níveis da sua liberdade.<sup>17</sup>

Este objetivo geral e único, abrange todos os objetivos secundários ou particulares, norteando não só a criatividade que possa se dar, senão a totalidade da projeção humana e da forma de ser, oposta à forma de ser própria da fragmentação social e psíquica, que se vive actualmente.

Deste objetivo único, surge também uma ética de corte spinozista, que também não é o objeto deste trabalho, mas cuja importância deve ser ressaltada.

“Agir segundo a razão não é outra coisa que fazer aquilo que resulta da necessidade da natureza, considerada em si mesma” (SPINOZA, 1965, p. 72).

Uma volta à razão, dentro de um marco diferente ao marco da razão pragmática, dentro de uma epistemologia que considere como próprios da razão os demais elementos da mente humana (intuição, imaginação, desejo e interesse), considerá-los é a possibilidade de chegar a níveis de liberdade, de criticidade e de criatividade inerentes ao projeto humano.

---

17 “(...) acerca da força das afeções facilmente veremos a diferença que ha entre o homem que é conduzido só pela afeção, ou seja, pela opinião, e o homem que é conduzido pela razão. um com efeito, queira ou não queira, faz coisas das quais não compreende nada; outro ao contrario, não age senão à sua maneira o só faz aquilo que sabe ser-lhe primordial na vida, o que, por esta razão, mais deseja; chamo por isso, ao primeiro servo, e ao segundo homem livre”.

( Espinoza, Bento: 1965, pp. 81).

Deste modo considerada a razão e ação racional teremos como resultado, as possibilidades reais de uma ética universal que considere além da consciência pessoal a argumentação das comunidades, hoje facilitada mais ainda pela tecnologia e as comunicações.

Este exercício da razão, que parte da criatividade, da sua criticidade e da gratuidade e que se expressa na crescente capacidade de comunicação, entre os indivíduos e entre os grupos sociais vai permitir a coexistência dos diferentes, dentro das possibilidades de argumentação puramente lógica-racional e também dentro da confrontação simbólica que possa se dar explicitamente nas manifestações artísticas ou dentro dos telões mesmos do discurso.

"Em quanto o teatro tradicional afro-brasileiro, o único em que o negro podia encontrar sua autenticidade, era um teatro corporal que só transmitia sua mensagem por intermédio da mímica, da dança e do gesto, o teatro dos brancos se apresentava sob a forma do discurso. Ora o discurso (o período abolicionista já tinha demonstrado) possuía mais força convincente do que a linguagem puramente corporal; é isso tanto mais que, como a linguagem puramente corporal do negro se desenvolve num outro ritmo do que a linguagem corporal do branco, a comunhão das raças só dificilmente poderia acontecer. Diante dessa dificuldade de comunicação através dos sambas, dos candomblés, até mesmo da umbanda (da qual já dissemos que tragicamente só reconcilia as raças retomando a imagem estereotipada do bom escravo, não do negro revoltado) só restava aos novos intelectuais negros uma saída: retomar dos brancos "o discurso" sobre os negros para inverter seus termos e instituir assim o único diálogo que poderia si tornar autêntico; em suma era preciso criar um teatro negro do mesmo tipo que o teatro branco, quer dizer como linguagem vocal e voltado a uma praxis política." (Bastide 1983, p.146)

Este aspecto da construção simbólica, da confrontação e explicitação dos conflitos, através da linguagem simbólica, e para o povo, o que para o indivíduo- artista, os instrumentos e a materialidade próprias da sua linguagem artística, é com esta ferramenta - dentro dos atuais desenvolvimentos e conflitos- que os diferentes grupos, comunidades e sociedades poderão exercer presença e

pressão na luta pelos seus projetos, sem que isto implique na invalidade das demais formas de luta, antes pelo contrario o exercício prioritário da luta simbólica, há de redundar no manejo critico de outras possibilidades já existentes e na criação de novas.

Mas, é necessário entender, que não é somente dentro da confrontação e do conflito que o crescimento do homem comum deve acontecer, dado que a simbolização e a criatividade tem sua origem nas tendências lúdicas e gratuitas do exercício humano frente à realidade, frente a si e frente a sua própria simbolização.

A experimentação lúdica social derivou em direção à solução quotidiana e para a solução de conflitos entre indivíduos e grupos e para o crescimento tecnológico; o lúdico, o criativo, o intuitivo estavam atrelados ao lógico e ao racional, como um todo instrumental; com o surgimento da riqueza e do poder pessoal o conhecimento individual começa a se elevar por cima do conhecimento integral social e a racionalidade como tal e o conhecimento de domínio se independizam e crescem; a racionalidade deste modo passa ser junto com a riqueza, com o conhecimento e com a palavra escrita parte da esfera do privado.

As lutas populares, visto o anterior devem se centrar na recuperação do valor da sua epistemologia integral, da sua validez atual e dentro da qual tem posto preferencial a simbolização e a intuição e a imaginação criativa além de lutar pela distribuição da riqueza e por maior participação nas decisões do governo, dentro das formas novas do político e principalmente pelo direito à informação e ao conhecimento e ao usufruto dos princípios tecnológicos, científicos e do lazer, não para exercer a voracidade consumista e sim para o logro de níveis de vida dignos.

Uma vida dentro da margem puramente consumista não é uma vida digna, ao igual que uma ética baseada na ganância e na competência, não assegura a permanência humana, de natureza indiscutivelmente social.

De igual modo, uma ética baseada unicamente na razão e no exercício comunicativo, não considera as outras formas de ser do ser humano, suas tendências lúdicas, suas necessidades simbólicas, o valor que tem para o homem a criatividade, como possibilidade de exercer sua liberdade e de alcançar mais altos níveis na sua projeção ao mundo, na transformação da realidade.

Não é que estejamos pretendendo negar o valor da unidade da razão (Habermas), senão encarando o fato, de que não é dentro do paradigma da razão que podemos encontrar suas contradições é sim desde a ótica de uma razão integral produto do exercício criativo.

A “ação comunicativa” habermasiana, entendida aqui, como um processo ao que há de chegar a humanidade depois de cumprir com seu desenvolvimento crítico, sendo essa ação comunicativa uma das formas do crescimento humano para uma comunidade total da razão, entendida como a razão integralmente formada e da qual estamos aqui tratando.

Habermas, de qualquer modo abre um espaço para o comum dentro do tradicional espaço da genialidade e da criatividade individual, ao considerar, a comunicação, a argumentação e o diálogo como tarefas formadoras da humanidade, da ética e da cultura, construtora da orientação humana.

Neste contexto habermasiano, o discurso conduz ao consenso racional; assim como o exercício consensual dentro do diálogo e do respeito conduz a uma

concepção da razão atenta aos sentimentos, as vivências quotidianas e a moralidade.

Más, isto não é suficiente dado que repetimos esta libertação proposta por Habermas do sometimento à razão ordenada a fins, não pode-se realizar dentro dos mesmos parâmetros da razão, tida como tal, é independente das razões de corporeidade humana na sua qualidade genética (simbolização, percepção, imaginação) da qual em boa parte depende.

Dentro do objetivo proposto neste acercamento a uma possível metodologia para criatividade comum, a razão é considerada como o conjunto de possibilidades de ver, sentir, atuar, memorizar, sistematizar, nomear, conceituar e imaginar a realidade; assim como a ação racional terá a possibilidade de se inscrever no todo sistémico da natureza, porque vai da unidade sistémica humana até o todo sistémico do mundo e do cosmos.

Agora, o ser humano é parte integrante de um todo e do seu equilíbrio, ali sua ação inscreve-se e limita-se gerando reações nesse todo sistémico do qual ele faz parte consciente e efetiva.

O atingimento deste objetivo, é produto de processos nos quais ocorre o conhecimento da realidade circundante da natureza, da realidade interna (subjativa), da realidade humanamente criada, e das redes de relações psíquicas, culturais, sociais e ecológicas; esse conhecimento não pode-se dar de modo espontâneo, é necessário fazer uma descentração do modo racional e esta descentração deve ser tida como eixo das múltiplas possibilidades e acercamentos da realidade, dentro de intencionalidades alheias à verdade, à certeza ou à utilidade.

#### IV. 9 DESCENTRAÇÃO HUSSERLIANA

Neste ponto específico nos é de grande utilidade a descentração que executa o método fenomenológico de Husserl quando realiza a posta entre parênteses das experiências e conhecimentos da realidade, para se à realidade fenomenológica de um modo aberto, permitindo que o assunto chegue à percepção, de uma maneira nova e tal qual é em si, na sua essência.

Essa essência de qualquer modo é produto mental, soma dos diferentes maneiras do fenómeno ser experimentado, com a razão, com a visão, com o tato, com o gosto, com o ouvido ou com a referencia espacial do nosso próprio corpo e movimento e do entrecruzamento de estes sensores entre si e com outras possibilidades instrumentais; o efeito de sinestesia da que nos fala Baudelaire, é aqui parte prioritária do trabalho mental, para o atingimento das essências fenoménicas.

Más o logro essencial, não seria suficiente sem seu relacionamento com a imaginação e a memória, numa volta ao mundo do já experimentado, ao mundo problemático da realidade e do exercício crítico, ao mundo no qual devemo-nos projetar com nossa criatividade.

Este ir e vir exercendo a descentração como constante entre essência e presença, vai permitir o crescimento de aptidões tais como a percepção, a capacidade sinestésica, a capacidade de multi-relaciona-las, é dizer, de criar redes de relacionamentos; por níveis, por essências, por semelhanças, por disparidades, por similitudes, etc.

A localização de pólos a partir dos quais realizar-se á este tipo de

exercício coletivo e individual permite a formação de uma visão dinâmica da grande unidade do mundo e do qual formamos parte; dentro desta dinâmica precisamente, dentro da que não cabe a polarização total e sim a riqueza dos meios tons.

Da abstração ao concreto, da essência ao real e vice-versa; da polaridade entre positivo e negativo aos níveis da diferença, as famílias de termos e nomeações, de distanciamentos em similitudes; da nomeação própria da linguagem e da sua estreiteza tradicional e alheia a nossa vontade à análise livre, imaginativa e criativa dos ordenamentos dados, à desestruturação das ordens, dos usos, à relativização das essências, dentro do sentido novo do criado, expressado na gramática sinestésica das técnicas e dos materiais.

Isto pressupõe um trabalho anterior, consistente na experimentação elementar, com os mais simples dos fenômenos com os quais trabalha nossa percepção, pontos, linhas, texturas, cores, sabores, cheiros, sons, movimentos corporais ou de grupo, dentro da concepção sinestésica, tanto na entrada perceptiva, como na saída expressiva; aqui elementariedade quer dizer mínima complexidade dado que no curso do seu desenvolvimento, essa complexidade vai-nos levando a novos níveis de percepção crítica e criatividade.

Por exemplo, se num princípio vamos trabalhar um ponto físico no plano como fenômeno, precisamos encontrar sua essência e os seus relacionamentos sinestésicos com som, cheiro, sabor, movimento e expressão simbólica bidimensional, tridimensional, etc., para depois ir complexando esta problemática, tanto no nível do racional- conceitual como no nível do imaginativo-criativo.

A correspondência e a leitura comum do grupo a toda esta

fenomenologia da criatividade, parte de uma comunidade cultural, de um mesmo desejo críticos e de uma mesma necessidade sentida de desenvolvimento criativo; deve se dar dentro de uma ética de respeito à conceitualização do outro e também de uma abertura aos níveis de verdade que cada posição alheia possa ter, frente aos problemas propostos dentro desta metodologia; esta é propriamente a base do trabalho coletivo.

Como se vê, é preciso partir da percepção-expressão do indivíduo e da sua dinâmica psíquica, para chegar ao trabalho criativo coletivo e à dinamização da criatividade popular.

O produto principal desta criatividade comum, não são propriamente objetos de arte ou soluções novas a problemas dados, é a autoconsciência para si; esta função conscientizadora da criatividade nasce da vivência grupal com os elementos da simbolização, do ordenamento e da nomeação: com a sua práxis vem a des-mitificação do poder, das hierarquias, das verdades eternas e a valorização do próprio do grupo.

Movilidade social vertical, - a maioria das vezes no seu próprio benefício pessoal e a burocratização.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> É a partir da consciência para si, dos grupos populares que a expressão estética popular pode se dar, expressão virada para as necessidades estéticas populares e não como sua maioria tem sido dentro do capitalismo, durante o qual, o popular é tido como inepto, confuso, Naif ou ingênuo e como tal comercializado, consumido e aceito pelos "marchands" e os críticos de arte oficial e a burguesia consumidora.

A batalha entre arte erudita e arte popular, no contexto político, nos leva ao terreno da luta ideológica; a invalidação de uma forma de expressão e de consumo como artigo de segunda classe, leva por parte dos segmentos populares dedicados à expressão artística popular, na introjeção das formas de ver popular, à burguesia dos entendidos e dos críticos oficiais da arte.

Este ver e criar a partir da visão do dominador, desde o lugar do dominador, resume a castração cultural, que afanosamente as classes no poder procuram realizar com as classes populares, dado que, sim os artistas - a classe por excelência contestatária - produzem arte, com os estereótipos do popular, este arte, deixa de cumprir sua função crítica e formadora de cultura, para se reafirmar como produto comercial folclórico.

Deste modo, a ação subversiva da arte e dos artistas, é conduzida para a produção e o mercado; enquanto à obra em si, esta deixa de ser o elemento vivo da linguagem artística popular, para se converter numa múmia estereotipada, imagem congelada de si própria, repetitiva e artesanal. Exemplos sobram, estes podem ir desde o caso da cerâmica de ráquira em Boyacá, Colômbia, onde os corpos de paz se encarregaram de acabar com uma forma cultural viva da região, em função da produção e das vendas, até o carnaval do Rio de Janeiro, que de ser uma forma viva de protesto popular, através da festa, do simbolismo do disfarce e da alegoria, transformou-se numa celebração dentro do ato econômico da compra e a venda de imagens para o consumo mundial e onde o popular real tem se deslocado; assim, dentro do carnaval tem lugar prioritário o popular, tanto por ser a substância desta mercadoria carnavalesca, quanto porque ainda dentro do estereotipado encontra-se a singularidade do popular: para o caso a beleza, a alegria, a agilidade corporal dos indivíduos que conformam o desfile das escolas.

De qualquer modo, apesar da força da "mass media" e dos interesses hegemônicos da burguesia, o povo tem sabido, ao longo do tempo, exercer uma resistência dentro da obediência e a submissão, conservando - para o caso de latino-america - uma quantidade de usos de expressões culturais que se vão desenvolvendo paralelamente àquilo do projeto popular, negociável, descartável se se quer, isto é visível em casos como o do choque étnico com os pesquisadores e cientistas da antropologia e da saúde, no qual os grupos objeto desenvolvem mecanismos de defesa para preservar sua cultura, dos olhares e

das formas abusivas, de modo de intromissão que junto com a ação exploratória e de submissão exercida por particulares, por agências do governo ou por entidades religiosas ou privadas, continuam a conformar um choque cultural, especialmente no campo e nas regiões indígenas, na cidade; este mesmo fenômeno de resistência pode se encontrar na preservação que as comunidades de bairro vão fazendo de seus mais valiosos membros, dentro da conformação social que emerge para colocar pessoas presentáveis, várias funções primordiais: representar o estereótipo popular que se acople ao imaginário burguês, servir de canal de comunicação no monólogo do poder, fazer as vezes de cais nos setores sociais em conflito e, por último, servir de via de escape de pressão popular e mais ainda exercer - a maioria das vezes - no seu próprio benefício, a mobilidade social vertical e a burocratização.

Este aspecto deve ser tido em conta, não para tratar de exorcizar este fenômeno, dado que serve também, como porta de escape para aqueles indivíduos inconformes com as suas próprias raízes e com os anseios de seu grupo - lembremos à Malinche do México, e tantos e tantos outros na história da traição cultural - senão de marcar a necessidade de exercer o trabalho de desenvolvimento criativo e crítico dentro do núcleo cultural-social do grupo, dos grupos que se tratem, já que não se trata de propiciar a ascensão social, ou melhor a consciência da deslocação social e sim da auto-consciência para si, ou seja a volta aos seus próprios valores, à própria cultura, aos problemas cotidianos e suas soluções e, com certeza, à formação de conhecimento metodizado, o uso crítico da tecnologia e conformação de linguagens artísticas novas.

#### **IV. 10 PERMISSIVIDADE E LIBERDADE**

Este momento da permissividade leva, potencialmente ao perigo da dissolução social, perigo que a própria natureza da criatividade conjura, dado que abre espaços para a criação de uma nova ordem e de uma nova cultura, se é que podemos dizer; a sociedade junto ao proibido, considera de um modo não explícito certo níveis de permissividade, como saída para os excessos de repressão e de controle social a novas formas culturais. A liberdade possível ocorre neste espaço, por um lado, dentro dos moldes do dever ser social - por outro lado dentro do proibido - permitido, dado que o o rotudamente proibido, é o que dentro do projeto social é absolutamente inviável - entre nós por exemplo: o rapto, a vingança, o roubo -.

A liberdade para o caso da gente comum, dos grupos e do mesmo indivíduo encontra-se nos níveis de consciência e de criticidade que estes possam alcançar, pois só é livre quem ainda se sentindo determinado pelas ordens sociais no macro e no micro- social, tem consciência das suas próprias limitações e sabe dentro de que margem tem que atuar e quais são as estreitezas contra as que deve lutar a liberdade humana; como mostra Bastide, a liberdade só é viável, vivida e percebida como tal, pelo contraste das suas limitações.

Dentro das limitações atuais, e contra as que é necessário lutar, estão as que se exercem desde a tecnologia e a comunicação, dentro da efetiva imposição de estereótipos e modas; o crescente rapto da realidade e o intento da regulamentação disciplinar da imaginação criativa dos povo; a alienação da possibilidade simbolizante e da projeção ao mundo são, na verdade, as formas atuais de dominação.

A liberdade hoje mais que nunca refere-se ao atuar crítico e consciente com respeito aos outros e aos demais seres vivos inertes.

Esta liberdade, é produto - na horizontal- da constatação de limites e fronteiras da ação crítica e -na vertical- da concepção do crescimento da consciência e da percepção da razão tida como a soma dos modos necessários da natureza (Spinoza), colocada a natureza humana como um fator a mais dentro do conglomerado de fatores que conformam o todo universal.

A liberdade vista dentro desse contexto é produto do crescimento crítico, desenvolvido dentro do ludismo e a gratuidade; ela, como opção do acionar é geradora de uma cultura, fruto também do entorno e da tradição, inflexível vigilante frente as imposições de cunho neocolonial, mas permeável aos avanços e conquistas de outros povos.<sup>23</sup>

De outra parte, o objetivo antes proposto para o desenvolvimento criativo, assim dado, procura a construção de uma humanidade conscientemente situada dentro do sistema total da natureza e que permite, em todos seus desenvolvimentos, a estruturação de um indivíduo humano, altamente perceptivo, sensível, sensual e audacioso, enquanto que os sinais que chegam nele pelos diferentes canais de percepção vão ser decodificados, inter-textuados sinestesticamente e enriquecidos pela memória e a imaginação, como sua expressão.

A tolerância e o respeito pelo diferente, instalam-se assim dentro do projeto humano, como fatores de enriquecimento, por quanto estas atitudes são a abertura a outras possibilidades, para outros horizontes do mesmo projeto da

---

---

23 Com os avanços na globalização das comunicações, novos fatores tendem a se introduzir nos projetos individuais e grupais; da capacidade critica depende que estes se convertam em parasitas nossos e nos convertam também em seres parasitários ou de que tomemos o que melhor convenha ao nosso próprio desenvolvimento e a nossa própria especificidade.

espécie; deste modo, o discurso monológico perde sua razão de ser, a intolerância, e o outro passa ter a importância que merece como parte importante do discurso mesmo.

A valoração do discurso alheio, das opções de ser não convergentes, e do diálogo mesmo, como construtores de conhecimento, serão fruto desta metodologia, dado que, ao abalá-la, os sistemas tradicionais próprios dentro do jogo criativo, irão abrir as portas em direção ao impensável, ao impensado, onde precisamente encontram-se as opções de ser, a serem criticadas, reconstruídas, recriadas, ou rejeitadas momentânea ou definitivamente pelo grupo.

O anterior - repetimos- dentro do jogo da criatividade - porque é dentro desse caráter que se desenvolve esta metodologia, dentro do mais sério dos jogos, dado que tem a ver com a vida social e com sua projeção - desenvolve a valorização da cooperação, digamos melhor, que permite a sua recuperação, posto que a cooperação foi um dos elementos fundadores do caráter da espécie humana, que depois foi perdendo com a aparição do poder, da riqueza, da avareza e que com o tempo, dentro do capitalismo, se desloca em direção à solidariedade de classe, especialmente à solidariedade entre o poder de Estado e o poder econômico, à solidariedade do capital.

A cooperação tem mais a ver com a construção, com a soma de braços e cabeças, enquanto que a solidariedade tem a ver mais com a soma de poderes para atacar ou para se defender; as classes altas são solidárias entre si, enquanto que das classes baixas espera-se cooperação, espera-se que cooperem, que operem num mesmo sentido.

Digamos, que do homem do comum, espera-se o desenvolvimento cooperativo, construtivo; este recupera-se dentro dos processos criativos e do

trabalho em equipe e do seu espírito, eminentemente lúdico, lembremos os ritmos e cantigas grupais para remar, para semear, para lavar roupa, para recolher as redes na pesca, etc. e que ainda são comuns em algumas partes da África, da Ásia, e da América latina, como restos de cooperação e de interação que ocorre entre espírito lúdico e espírito prático nas formas elementares da cooperação ou nas festas comunais com motivo de algum trabalho grupal cooperativo, ou as panelas comunitárias dos bairros pobres, nas que todos colaboram com o que podem e nas quais a participação, em si, é o melhor dos temperos.

A recuperação do espírito cooperativo - perdido nos processos da exploração da natureza com fins individualistas - realizada dentro do ludismo do trabalho em grupo e da tolerância, permite a construção de personalidades e caracteres abertos, de discursos abertos e de certezas e verdades a serem acabadas, reconstruídas.

O tipo de personalidade criativa é incentivadora da criação - por parte dos membros do grupo todo- de novas construções e da sua crítica e enriquecimento, gerando-se deste modo a dinâmica criativa social que pretendemos poder encontrar através da metodologia proposta, apenas como um caminho possível para estes desenvolvimentos, posto que é de se esperar que com o crescimento científico sobre os processos da mente e do conhecimento, surjam possibilidades inéditas para o crescimento humano.

Uma simbolização e uma cultura novas, geradas por estes princípios, leva indefectivelmente à valoração de todos os membros da sociedade, às suas potencialidades e à riqueza humana da qual é depositário cada um dos indivíduos, em contra via das posturas elitistas, racistas ou de exclusivismo religioso - e ao respeito pelo conhecimento comum como gerador de outros níveis de conhecimento e ao gozo mesmo da cotidianeidade, por fora da rotina e da

monotonia a que esta sendo conduzido o ser humano, dentro da exacerbação do consumo.

#### **IV. 11 POLÍTICA, COTIDIANEIDADE E CULTURA**

Uma cultura, virada a cotidianeidade e ao seu enriquecimento, levará à sobriedade e à diligencia, dentro das possibilidades dos desenvolvimentos tecnológicos atuais, a uma nova civilização, na medida do ser humano, cujo desenvolvimento seja adequado à natureza participativa da humanidade ao exercício democrático real da individualidade e da cidadania.

A democracia vista, como exercício eleitoral, como representatividade política exclusivamente, é um elemento da ideologia das classes no poder e das burocracias partidárias, que tem ao poder como objetivo e que contam com os meios e mecanismos de conformação de opinião; uma democracia real só é possível desde a construção de uma mentalidade popular consciente de si e para si, livre, crítica e criativa e com poder de estabelecer controles e legitimidade.

Isto quer dizer, uma mudança radical dos valores, dos símbolos e da cultura que gerou o desenvolvimento industrial e o capitalismo, com a ruptura dos valores, da sociabilidade e da cooperação, reempresados pela desconfiança entre os indivíduos, o ódio patológico dos habitantes urbanos entre si, a competência e a estruturação de uma individualidade massificada na singularidade aparente dos sujeitos, todos, personalidade dogmatizada pelos preceptos do pragmatismo imediatista, e que instala-se nas principais cidades do mundo ocidental; para o caso latino americano temos de somar a renúncia explícita das próprias raízes

culturais, por parte da burguesia e a a opção irrestrita de modas e de estereótipos provenientes de Europa - depois de norte américa - e a tendência a um cosmopolitismo provinciano, a partir do qual se re-estrutura a face mesma das nossas cidades, por tendências, modas, localização de etnias, de origens, de raças, se sobrepondo, negando, as vezes realçando o que com olhos europeios - é digno de se mostrar, de se esconder ou de perecer definitivamente.

"Las raíces de la dependencia cultural, estan en la própria história y no fuera, encuentrase en esa cultura del silencio y de la sumision que los trabajos de P. Freire, de D. Riveiro y de F. Fanon nos ha permitido comenzar a comprender, esto es la interiorización del colonialismo y su objetivación de las relaciones sociales ." (BARBERO, 1987 p.19)

Na nossa cultura ocidental, a divisão que, desde o empirismo, iniciou Maquiavel entre o cultural e o político, redundou na formação de uma classe política, dedicada ao manejo do poder, à luta pelo poder e a conformação do conhecimento especificamente político.

As castas com interesses indiretos no poder - por questões económicas, de terras ou de comércio - passam a se converter em aliados seus ; estes novos especialistas no manejo do estado - e no monopólio da conformidade social total, conseguida pelas boas ou pelas más, conseguem legitimidade assim,dado que segundo Maquiavelo para o homem igual dão as caricias que o castigo, igual é para o poder, a obediência conseguida com o latigo, que a obediência por amor ou convicção; para a política e para o Estado o que importa são os resultados.

Nasce, aqui, a separação entre o político e o moral, entre o cultural e o político, entre o religioso e o político, entre ética e política, independizando-se deste modo a esfera política do resto das gestões humanas, mas colocando-se num lugar privilegiado do poder e tendo como emblema, imbatível, o bem da

sociedade.

Mas, este bem social - este esquema Maquiavélico que perdura na conformação do Estado moderno - só pode ser definido pelas mesmas castas políticas; nas nossas democracias restringidas latino americanas, o bem social pelo qual se legisla e pelo qual o Estado mesmo é, condensa-se nas leis sobre a propriedade privada, a livre empresa, a livre iniciativa e a igualdade cidadã, esta última apêndice das demais, produto da luta popular e de precário cumprimento, senão que o digam os índices por classe social, de qualquer dos itens de saúde, escolaridade, justiça, respeito policial, seguridade, etc.

Fazemos este preâmbulo para tentar mostrar, como a cisão que se fez desde o discurso científico social, sobre a especificidade absoluta do político, levou à conformação de um comportamento social, à aparição de uma casta política conformada pela ideologia burocratizante que Maquiavel inaugura e pelas classes economicamente poderosas.

Esta incidência do discurso no cultural, também a vemos, depois no discurso marxista e no desenvolvimento das lutas populares à tomada do poder; neste caso, a cisão entre esfera cultural e esfera política leva à burocratização das classes políticas e à falência da ideologia marxista, isto tanto para o caso da velha Rússia, como para o caso dos partidos comunistas latino-americanos e para quem a importância e prioridade do político na luta, lhes fêz dar ênfase ao discurso político e ao militar, esquecendo o cultural e os laços entre resistência e cultura, isto é, entre resposta bélica e intuição, imaginação, ludismo, criatividade, razão e razões políticas e culturais e o dinamismo constante das condições do exterior, do conflito e das suas ações imediatas.

Estamos falando aqui, de agrupamentos políticos beligerantes, para os

quais, o objetivo político da conformação do Estado foi impossibilitando já seja porque a burguesia conseguiu integrar estas forças dentro do seu próprio projeto burguês ou já porque esse objetivo político, foi-se diluindo no tempo, conformando-se a resistência num modo de vida, numa forma cultural, sem real e significativa importância para o projeto burguês neo-liberal.

Estes exemplos da distorção que tem existido a partir do pragmatismo positivista no político, vêm ao caso, dado que a intenção de criar um discurso político diferente, desde o construtivo da criatividade, nos leva à necessidade de unir definitivamente o político e o cultural, desta maneira poderemos também nos acercar à compreensão dos fenômenos sociais atuais, dado que estes saem dos formatos tradicionais das diversas ciências e das suas tradicionais fronteiras, e, para o seu entendimento, temos de ir às fontes do seu aparecimento: a criatividade popular, de um lado, e de outro, o meio impositivo, castrante e detentor do monopólio da expressão simbólica social.

A resistência popular volta-se resistência simbólica - dentro de uma globalização do popular - que por sua própria atomização fica por fora dos comuns manejos do mercado simbólico, com os que se tem neutralizado parte das lutas populares - lembremos, para o caso, a venda de cartazes, de bonés, de roupas masculinas e femininas, de estereótipos comportamentais que ocorreram com o assassinato do Che Guevara em 1969 - Esta luta dentro do campo da produção simbólica e da neutralização através do mercado dos símbolos, leva ao esquecimento do substancial para ficar no uso conformista-rebelde das imagens.

Daí, que a criatividade e desenvolvimento criativo e crítico - neste momento , no qual a superfície social apresenta uma textura de especial vivacidade - deva ir aos substratos do mesmo inconsciente coletivo e não se conformar com o fenômeno externo que se vive, conformando-se com formas

imediatistas de criatividade submissa, como a que ocorre dentro dos esquemas da “mas mídia” do mercado, do consumo e da feira capitalista de ilusões.

A construção desta utopia de uma humanidade criativa, crítica e lúdica - dentro das aulas - começa a ser uma realidade, através de formas de educação integral, que tem seus primeiros adeptos na Grécia, especialmente dentro dos filósofos sofistas e depois entre os movimentos libertários.

Paul Robin, integrante do movimento anarquista, por exemplo lutava por uma educação integral, comum a todas as crianças da sociedade, que hoje começa a ser um fato, pelo menos entre as populações de maior privilegio económico.

Por conseguinte, em nome da justiça, queremos para todos uma educação completa, integral. Só aqueles que partem do velho principio teológico podem classificar os homens em duas castas: os que trabalham e os que se divertem, os que obedecem e os que mandam. A justiça não pode legitimar a desigualdade." (ROBIN, 1989, p. 89).

Este autor resume sua proposta educativa, em duas palavras, o saber e o fazer, e para ambos a educação deve partir da vivência, da quotidianidade e dos valores que nela se exercitem.

"A necessidade de tornar a vida comum agradável e sem dúvida, certa bondade natural, apesar do que se diz, nas crianças, provocarão o mais rápido possível o intercâmbio mútuo dos serviços, darão uma primeira idéia prática do dever; assim se construirá a base prática da moral," (ROBIN, 1989, p. 92)

Este intercâmbio mútuo de serviços é a base da cooperação e da construção social, ao interior do indivíduo e ao interior do grupo ou sociedade, assim a construção dos princípios morais necessários é produto do intercâmbio lúdico social.

Aos princípios de uma educação baseada no individualismo se opõem, agora, os princípios de uma educação baseada numa individualidade construída socialmente e socialmente atuante; se antes o auge precisava de indivíduos insensíveis, indiferentes, altamente competitivos e faltos de solidariedade por princípio, agora, ante as incertezas, o desemprego estrutural ( Shaf ) e um futuro que na realidade se confunde com as imagens fantásticas do caos ou da comodidade asséptica da automatização, a educação procura a formação de indivíduos integros, nos quais prime o interrelacionamento de: sensações, emoções e conhecimento.

O desenvolvimento destes três fatores dentro do jogo social - contextualiza o desenvolvimento criativo e crítico, já que estes são produtos da imaginação, da afetividade e do uso da razão e da lógica, dentro do sentido que possam lhe dar, o interesse e o desejo.

Este sentido pode se chamar de aleatório, depende do livre arbítrio dos indivíduos e do grupo e conforma a saída em direção ao campo das possibilidades, das quais se terá que optar por uma, que represente para o grupo a maior significação na sua linha de progresso.

"O progresso em geral e em particular aquele que tende a um objetivo ou ponto determinado, já não pode ser considerado nem como característico da evolução, nem como inerente a ela. Existe progresso na história da vida, mas é de distintas classes, e cada uma destas apresenta-se de modo separado e em muitas direções diferentes; um tipo de progresso, estrutural e funcional, que se destaca pela sua notável extensão e importância, é o incremento da consciência que possui o organismo individual da situação vital e o aumento na variedade e na precisão das reações adequadas a ela. Entre as muitas linhas diferentes que mostram um progresso neste aspecto, a que conduz ao homem consegue o nível mais alto jamais alcançado." (SIMPSON, 1987, p. 297)

#### IV. 12 IMAGINAÇÃO E CONSCIÊNCIA PARA SI

A criatividade e a imaginação são para a humanidade a possibilidade de crescimento da consciência e do progresso - dentro das múltiplas possibilidades de opção - frente às necessidades em geral, e em particular, frente à necessidade de mudança, de evolução, de transformação histórica; se para os seres vivos - com exceção do homem - o progresso está representado pelos mais diversos caminhos que a sua inter-relação com os demais elementos da natureza pode abrir, no caso do ser humano, as opções não as apresenta unicamente a natureza, senão que tem que ser construída pelo homem, também dentro de uma preferência e construção de sentido, livremente criado, sim, mas determinado por fatores da realidade, do entorno ou do contexto natural e cultural dentro de uma certa margem de viabilidade.

O espaço desta transformação, o homem o encontrou no mesmo homem, na limitação que o outro representa e também nos horizontes que o outro abre na sua especificidade individual; a inter-relação social é, deste modo, construtora da inteligência humana - Piaget, nos fala deste desenvolvimento, a partir da inter-relação livre, da criança com o mundo, da tomada de decisões e da opção individual, no sentido de enriquecer, de criar conexões entre as diferentes formas da percepção, do crescimento mental, da imaginação, do espaço-temporalidade dentro de um determinado sentido - criado aleatoriamente - e que leva, à extinção de outras opções ou a colocada num segundo plano delas, no processo de maturação, sem negar explicitamente o papel decisivo da sociedade, nessa construção de estruturas da inteligência; Vigotsky, dá ênfase, ao papel decisivo da relação social, na construção da inteligência humana e das suas estruturas, esta se encontra determinada pela sociedade e pelo projeto social, no que Riessman denominaria a formação do caráter social; a teoria de Vigotsky com o seu enfoque antropológico, permite o afianzamento dos processos criativos,

como processos eminentemente sociais.

Desde o ângulo das ciências naturais, temos a comprovação do acerto de Vigotsky:

"A aparição de um novo tipo de evolução que se sobrepõe e domina amplamente a velha evolução orgânica, que sem embargo continua atuando sobre ele, é uma parte da situação única que ocupa ao homem. Esta nova forma de evolução opera no seio da estrutura social, do mesmo modo que o faz a velha evolução na estrutura de populações reprodutoras. Depende da aquisição e da transmissão do conhecimento, como aquela da herança física. É possível graças à inteligência do homem e à flexibilidade de reações que a acompanha."(SIMPSON, 1987, P. 297)

A adaptabilidade humana não é, basicamente, biológica, senão cultural e o determinismo do meio, é apenas uma margem de referência e de amplitude de opções, dado que através da criatividade o ser humano atinge a adaptação num meio hostil à vida, somente por obra do seu intelecto.

Enquanto as limitações sociais e culturais, estas são o marco determinante criado pelo homem e corresponde à abertura de opções dentro do admitido por proibido.

Já no genético vemos como atua o determinismo:

"Elas (as pesquisas psíquico-genéticas) não incitam a ver, na atividade psíquica, o produto de estruturas que, movidas por um determinismo interno, se edificarão progressivamente umas acima das outras, nessa ordem de complexidade crescente, das quais bastará não inflectir ou refrear o desenvolvimento. As funções mentais resultam de uma seleção, a qual suprime todas as espécies de capacidades latentes (LEVI - STRAUSS, 1983, p. 379)

Olhado deste modo o determinismo, temos de concluir que para o livre arbítrio e para a tomada de decisões e a eleição de opções, este é apenas o

ponto de referência para multiplicação de possibilidades; neste aspecto, é fundamental, a imaginação criativa, como instrumento e também as diferentes determinações, já que sem elas, a ação humana teria escassas possibilidades de mudança, de evolução e de progresso, como espécie e como ser cultural.<sup>19</sup>

A consciência popular sobre este aspecto dos determinantes é fundamental para a estruturação de uma consciência para si e sobre a cotidianeidade, para adquirir conhecimento, realizar seu crescimento e poder transmiti-lo.

A consciência para si, leva à estruturação de uma ética baseada na responsabilidade dos indivíduos e da ação grupal, dentro da totalidade social; Um dos princípios da consciência para si, é o da consciência de direitos, mas também das responsabilidades e de limites éticos; para o caso da procura democrática, esta carência fica evidente na relação paternalista entre dirigentes políticos e classes subalternas.

"A atribuição da autoridade sobre uma determinada base, sem um conveniente controle constante e revisões periódicas, implica inevitavelmente numa tentativa de delegar uma responsabilidade intransferível e de iludir a responsabilidade das ações ulteriores do delegado. É uma negação errônea, desde o ponto de vista ético, da responsabilidade pessoal inerente à natureza do homem. O sistema conduz, inevitavelmente, à exploração de todos por parte do dirigente autoritário e ao desenvolvimento de uma hierarquia na qual cada grupo elevado explora aos que são inferiores. Este é um desenvolvimento moralmente errôneo de alguns indivíduos à expensas de outros e não paralelamente a eles".(SIMPSON, 1987, p.269).

---

<sup>19</sup>Que não há contestação possível se não houver nada para contestar, é uma lapalissada; mas ela tem o mérito de sublinhar que a resistência e o esforço são necessários ao mesmo título. Levi Strauss, Claude; O Olhar distanciado; Ed. Martins Fontes, Sao Paulo, 1983, pp.380

A estruturação da responsabilidade a partir da construção da consciência para si do grupo, permitirá subsanar a disfunção que representou dentro do processo capitalista, o crescimento de uma classe social e a regressão de outra e a exploração de uma classe social por outra classe social. Este caminho que se iniciou com o crescimento da indústria, da tecnologia e da riqueza capitalista, contrária à harmonia entre os indivíduos da mesma espécie, tinha que ser - como é - de curta duração, isto é, o que evidenciam, os fenômenos sociais da atualidade e também as disfunções ecológicas alarmantes.

A criatividade, como conformadora de opções, ajusta-se às necessidades da espécie nos momentos em que a homogeneização, apresenta-se como o único caminho possível, sendo, de outra parte uma ameaça ao desenvolvimento mesmo do organismo humano, biológico e cultural, o qual, necessita da variedade para existir.

"Esta flexibilidade entranha o poder e a necessidade de eleger constantemente entre diversas linhas de ação. O homem planeja e tem objetivos ; planos, propósitos e objetivos, até esse ponto ausentes na evolução, aparecem com o homem e são inerentes à nova evolução restrita a ele. Com eles aparece a necessidade de possuir critérios de eleição. Os conceitos do bem e do mal, do justo e do injusto, em grande medida inaplicáveis à natureza, salvo desde o ponto de vista humano, se convertem em caracteres reais e importantes de todo o universo, tal como o vê o homem; única forma possível de considerar ao universo desde o ponto de vista moral, porque a moral só aparece com o homem". (SIMPSON, 1987, p.298)

A tendência homogeneizante, instrumentada pela tecnologia, representa o que a razão ordenada a fins para o espaço histórico que vemos terminar. Se antes todo o relacionamento social estava preparado pelo imaginário hierárquico dos processos industriais com as suas personagens necessárias, operários, chefes de obra, gerentes e pelos valores próprios do capitalismo, produção, lucro, competência, agora, na tendência homogeneizadora da globalização, a projeção cultural do homem global tende a se dar exclusivamente através dos estereótipos transmitidos pela mídia, os quais pretendem preencher o

espaço vazio que a subtração da cultura capitalista já começa a deixar.

Este vácuo do projeto social, também a globalização pretende preenchê-lo, com o espelhismo da tecnologia, dentro do consumismo internizado e da conformação de indivíduos com um caráter homogeneizado totalmente, de atuação mecânica, diferentes radicalmente aos indivíduos urbanos estudados por Riesman.

A globalização traz ao primeiro plano o símbolo e a produção simbólica, mas dentro do consumismo e como principal motivador de condutas compulsivas, inibindo ao homem comum, da produção simbólica e da criatividade, mais ainda do que estas são dentro do processo capitalista.

A construção simbólica e a criação mítica, dentro da globalização, conseqüentemente fica reduzida àquela dada pelos meios da comunicação, ao nível das imagens e de códigos diferentes aos da palavra, como experimentamos nos momentos da guerra do Iraque e dos bombardeios à região. Ela foi amplamente noticiada e ao vivo, mas a partir de códigos, de luzes e geometrias, através das quais se desenvolvia o drama da guerra.

Deste modo qualquer trabalho que tenha a ver com a defesa da vida como tal, com a liberdade humana e com a construção do projeto humano, deverá se centrar em ações que visem o desenvolvimento da imaginação criativa, da afetividade, do interesse e curiosidade, do desejo e também da razão e da lógica.

Qualquer que seja o caminho, para desenvolver atitudes críticas - implícitas na ação criativa - deverão de qualquer modo partir da compreensão do que no ser humano, três fatores estão presentes como componentes de qualquer

das produções propriamente humanas: as sensações, as emoções e o conhecimento.

Estes três fatores, devem ser considerados como componentes necessários para que qualquer um dos desenvolvimentos criativos possam se dar, tendo em conta que, por momentos, um deles parecesse prevalecer sobre os outros.

No conhecimento e na abstração de princípios e de generalidades para atingir essências, por exemplo, são fundamentais os conhecimentos prévios que nos chegam pela via dos sentidos, como igualmente necessário é o processo de relacionamento que fazemos na interioridade da nossa mente da informação fenomenológica, com a memória, com a imaginação, com o afeto e o desejo. Todo isto, evidenciado na expressão do conhecimento - para o caso - da materialidade de uma linguagem que procura o consenso.

A estes três fatores - dentro da criatividade do comum - temos de agregar a gratuidade, como fator que permite a ação lúdica, aspecto próprio da criatividade.

O retorno da gratuidade da criatividade, é, eminentemente, subversivo, dado que propõe a emergência de um Ethos diferente do atual - permeado pelo egoísmo, a materialidade, a violência, o engano e o ódio. Este Ethos é diferente do atual em dois aspectos, o primeiro, na desaceleração metódica da quotidianidade, com a intenção de exercer sobre ela uma ação de reconhecimento lúdico, através da construção valorativa de acordo com a criatividade, isto é, baseada na cooperação, na solidariedade, no respeito mútuo, na honradez, na sobriedade e no amor, valores sem os quais o desenvolvimento da criatividade comum seria impossível, já que esta se baseia no exercício da

## sociabilidade humana

"(...)pode então se oferecer uma definição de subversão que traduza a realidade atual, já que esta não se antecipa nos textos comuns ou no ensino familiar. A subversão define-se como aquela condição ou situação que reflete as inconseqüências internas de uma ordem social por membros deste, num período histórico determinado, à luz de novas metas (utopia) que uma sociedade queira alcançar." <sup>20</sup> (FALS BORDA 1968,p.15)

A desaceleração do tempo e do espaço, que implica o processo criativo, leva necessariamente ao exercício lúdico das categorias que formam nossa interioridade - sejam ou não dadas dentro do estético - porquanto aqui, o produto passa a segundo plano, sendo o próprio processo depositário de toda a importância - pelo menos, em momentos nos que não se procura necessariamente uma solução ou uma resposta imediata - por ser este processo o conformador da criatividade, da capacidade crítica e das demais aptidões que neste espaço se desenvolvem.

Se as estruturas da inteligência, completam-se - segundo Piaget - na adolescência, temos de levar em conta que muitas aptidões continuam a crescer nos seus relacionamentos com a realidade social e com o entorno e no seu inter-relacionamento ou decrescer por falta de estímulos ou por subtração metódica destes.

#### IV. 13 A LUTA PELA SIMBOLIZAÇÃO

Não importa, portanto ter uma determinada população de seres humanos com as estruturas da sua inteligência desenvolvidas normalmente, se são inibidas as possibilidades de projeção criativa; aqui radica, em boa parte, a importância que possa ter hoje a criatividade comum, como elemento de luta e de resgate das possibilidades de simbolização e de projeção ao mundo.

Esta luta pelo espaço da simbolização comum ou popular, é o lugar, ao que se tem cambiado a luta pelo poder, dado que é insuficiente para a dominação a luta bélica e o extermínio da insatisfação; é preciso acabar com os símbolos dos povos colonizados e, mais ainda, apagar do espaço-tempo a possibilidade mesma da simbolização, para isto, a eficiência da imposição lingüística e religiosa, só é superada, pelas atuais maneiras - via satélite - do consumo de estereótipos, e de ordenação homogeneizada das diferentes possibilidades de ser e de atuar.

A imposição do consumo do simbólio alheio, recoloca, assim, a possibilidade da criação simbólica própria, como resposta a esta castração, tão essencial ao totalitarismo e a sua procura de condutas servis, disciplinadas e acrílicas.

O resgate que deve se fazer do espaço da construção e da produção simbólica, por parte dos povos, em alguns casos, passa pela confrontação armada como é o caso das etnias guatemaltecas e mexicanas, ( Zapatistas), em outros casos, passará para outras formas de resistência, mas, uma coisa é clara, e é que todas estas formas de luta popular, deverão ter como elemento fundante - do mesmo discurso político em que elas se expressem - um corpo do simbólico, composto do direito e necessidade humana à criatividade simbólica e a sua

singularidade, do direito ao respeito entre os povos e a diferença entre os indivíduos, e a manifestação da necessidade da diversidade entre culturas, grupos e indivíduos; de uma práxis e de uma teoria do simbólico.

O monopólio do simbólico vai ser a prioridade procurada pelo poder e pelas classes no poder, através dos especialistas na comunicação, técnicos e cientistas e dos estudiosos da conduta humana. O foco de interesse recoloca-se às produções artísticas, aos artistas e à simbolização que ocorre por fora dos cânones oficiais e que entra -por desgraça- nos trilhos do consumismo, pelos mecanismos que estas expressões pretendem contestar; deste modo, tudo tende a ser devorado e convertido na mesma matéria ou objeto de consumo.

Dos donos de emissoras de rádio e t.v., o eixo de simbolização e do poder se movimenta, se atomiza, nas múltiplos modos da manipulação de imagens que vai desde os produtores de clips de cds , dos donos e produtores da t.v. a cabo, até os comerciantes e produtores de realidades transmitidas na navegação eletrônica, nas telas dos computadores.

No popular, o surgimento de grupos micro-sociais, com simbologia própria, conforma uma desafio a mais, para os afãs do domínio simbólico por parte do poder . A informação, neste espaço da história, começa a deixar de cumprir sua função com respeito ao conhecimento e passa a ser um símbolo a mais, de status e de poder, na sua fetichização , por sua vez converte-se num artigo a mais do consumismo e, tanto sua produção, como o seu consumo, exercem-se numa louca carreira cujo sentido é ela mesma.

O símbolo, e o exercício simbólico, depositários por excelência da informação, deste modo, se convertem em objetos do político, posto que se trata de exercício do poder, do domínio de uns por sobre os outros e da imposição de

uma vontade sobre outra; é a partir da produção simbólica criativa, que dito exercício do poder tem se dado e continuará a se dar, se o povo o permitir.

A confluência do simbólico e do político é, também, a confluência do cultural e do político; é dizer, que as novas formas do político estarão regidas pelo simbólico e pelas relações sociais que surjam do caldeirão simbólico que estamos vivendo.

A tendência homogeneizadora, tem também grandes expectativas a cumprir, para o qual, conta com o poder da mídia, do capital internacional, e das possibilidades legais ao nível dos Estados e da sua articulação global.

No popular, é a partir de um retorno vivencial à cotidianeidade, que a construção simbólica e cultural pode ser feita, é dizer que o retorno a um espaço-tempo à escada humana - por fora das acelerações impostas à cultura urbana - dentro de ritmos que permitam perceber a realidade e os fenômenos do nosso entorno, na descentração- será um dos caminhos para exercer o conhecimento e a crítica.

Este retorno vivencial à cotidianeidade humana é basicamente lúdico e gratuito, consistente na percepção do mundo de um modo primário, fenomenológico, para assim poder se sentir como perceptor do mundo e de si próprio e poder assim, recriar o mundo, criticar os ordenamentos dados e as nomeações das coisas, e também assim criar o espaço da simbolização própria.

O contraste e os seus níveis, a relativização, os níveis de verdade e da certeza, junto com os da liberdade e a sua dinâmica indivíduo-sociedade, são por sua vez os modos de acercamento ao mundo das coisas, dos fenômenos.

Neste caminho, de conformação de consciência para si e de simbolização própria, a atitude humana de abertura ao mundo, é de especial importância, dado que, através dela, estamos à disposição para permitir a concessão de essências, trate-se de fenômenos abstractos, concretos ou ideais.

Esta abertura ao mundo não é passiva - como pode chegar a ser entendida - e sim relacional - ativa, pela sua tendência a situar-se num espaço, distanciado da experiência e do conhecido, para chegar para um novo modo de forma de conhecimento.

Esta forma de percibir o mundo, por fora do foco da imediatez é para o caso o trabalho de formação de essências que consiste na experimentação fenomenológica, desde todos os ângulos possíveis, em vias ao conhecimento da coisa, não só desde a percepção, senão também da razão, da intuição e da imaginação, dando, como resultado, - na expressão- uma imagem coerente de possível decodificação em qualquer uma das linguagens e das suas intertextualizações possíveis e de claridad na leitura grupal .

Na essência, encontra-se o fenômeno e a sua natureza, dada em si e nas relações com contrários, com semelhantes, com similares; na essência, o fenômeno em si é colocado no primeiro plano, inicialmente, e logo descentrado como tal e incluído na geralidade da essência atingida.

Dita essência, conforma um critério de verdade e implica numa conceitualização não racional sobre as coisas, ainda que nela esteja implícita a racionalidade o trabalho criativo e o desenvolvimento crítico.

De outra parte, por se tratar de criatividade em grupo, o trabalho de conquista de essências, vai da interioridade psíquica do indivíduo ao consenso do grupo e vice-versa, conformando assim, parte da psiquê do corpo social.

O trabalho de conformação de essências, por ter que ver com a relação indivíduo-sociedade e indivíduo-sociedade-entorno, é essencialmente cultural; em princípio, este jogo procura tão só o desenvolvimento de aptidões criativas e críticas, no final ela poderá ser o gerador do sentido da vida, o conformador do projeto social e o crítico de estruturas e relações sociais obsoletas.

Vê-se, assim, como do consenso sobre essências, simplesmente o grupo pode chegar à concreção de essências de maior complexidade, como pode ser a essência de um determinada classe social, de uma relação social, de uma determinada instituição etc.

Para dar exemplos: Um ponto pode se expressar por um movimento corporal, por um som, por um sabor, por uma determinada forma de cor, por um discurso; um som simples, pode ser expresso por movimentos corporais, grafias cores; uma determinada mancha de cor pode ser expressa por sons, movimentos, etc.

Um objeto também pode ser expresso pelos meios já citados; um fenômeno, pode ser expresso, por movimentos, cor, sabor, cheiro ou textura ou também por meio de um discurso racional ou poético, no entanto faça-se um parênteses intencional sobre o fenômeno, é dizer que no caso de uma laranja, por exemplo, se faça um distanciamento necessário, e se a considere como um elemento novo que chega a mim e aos meus sentidos; de igual maneira em tratando -se de fenômenos sociais ou políticos

Outro aspecto digno de menção, é que as essências vêm de uma mobilidade própria da realidade - na singularidade fenomenológica - no genérico que representam, mantém uma maior estabilidade no tempo, permitindo um

ajustamento do ser humano, mais próximo aos ritmos com os quais a realidade ocorre.

Este fato, permite a estruturação de um caminho para a compreensão da realidade e a estruturação de um conhecimento sobre o mundo que, se não é propriamente racional; é um conhecimento que, pela natureza consensual da sua origem, tem dentro do grupo que surgiu toda a validade e os níveis de certeza e verdade que possam ter o conhecimento objetivo para a comunidade científica.

Mas, não se trata de estigmatizar, aqui, o conhecimento racional objetivo, e sim mostrar a emergência de outra forma de pensar e da sua eficiência em momentos de crises da anterior relação epistemológica, produto das conhecidas razões históricas.

É possível que no futuro torne a primazia do puramente racional, mas já a partir de uma certeza de verdade construída a partir do popular, do cotidiano e do afetivo, tendo o homem como meta.

Por agora, encontramos-nos num ciclo de crescimento epistemológico, por quanto se amplia para outras faculdades do cérebro, a legitimidade da conceitualização, permitindo a abertura epistemológica atual; também e como consequência do anterior abrem-se possibilidades para a saúde e a higiene psicológica e psico-social.

Para o caso do popular e contra a crença da derrota ideológica do povo, surgem possibilidades - que precisamente o incentivo à criatividade deve aproveitar - para o auto conhecimento - e o reforço da auto-imagem do povo, isto enquanto o espaço social para a diferença, vem se ampliando de tal modo, que a diferença mesma converterá-se em norma.

Quanto ao desenvolvimento de capacidades críticas no acercamento à realidade, vemos que - dentro de uma nova postura epistemológica - aparece a

realidade como um todo dinâmico e interligado e não como um todo formado por segmentos estáticos ao modo de um filme, mas como a relação presente e íntima com os processos e as relações dinâmicas que compõem a realidade e da qual o homem faz parte.

A descentralização que representa o distanciamento na fenomenologia e no trabalho de concreção de essências fenomenológicas, é apenas um ponto de partida para atingir outros níveis racionais críticos e criativos e outras descentralizações.

Esta descentralização e as sucessivas, é possível que nos levem de novo à priorização da razão, são apenas momentos do crescimento humano e correspondem a ciclos da dinâmica dialética da natureza e aos quais o homem não escapa, por mais que na sua especificidade ele queira mostrar o contrário.

Quanto a este aspecto, a criatividade faz as vezes de um harmonizador e integrador, dado que se razão e imaginação são dois polos opostos dentro da fragmentação positivista, com os processos de criatividade, se procura explicitamente a convergência de razão e imaginação, de razão e afeição, como dois aspectos do mesmo fenômeno, o do relacionamento humano com o mundo.

Outra polarização que tende a se diluir, em formas sociais novas, é a do indivíduo e sociedade e que dentro dos processos de conscientização para si do grupo humano atual - cuja natureza começa agora vislumbrar-se - levará a formas políticas não intuídas.

Em quanto, à outra dicotomia a do abstrato-real, dentro da criatividade e, especificamente, com o trabalho das essências, esta tende a convergir na consciência de se sentir e de se saber parte da natureza e da realidade fenomênica; Em princípio, a distância entre abstrato e real é necessária, mas esta

distância com o crescimento de intuição imaginação e razão, tende ao zero essencial.

Deste modo, o método fenomenológico adquire uma dinâmica, que é a dinâmica do crescimento humano e que acabará por negar e ultrapassar os mesmos aspectos fenomênicos da criatividade inicial, para entrar em níveis, sobre os quais , não temos de especular dentro das posteriores des-centralizações que ocorrem.

Na interioridade humana existem, como eixos da existência e da relação com a realidade, algumas polarizações básicas, as quais devem ser objeto também de um processo de descentralização, na criatividade, elas devem ser colocadas sob a atenção lúdica da imaginação.

Positivo - negativo, antes - depois, semelhante - dessemelhante, seco-molhado, crú, cozido, etéreo-concreto e, enfim, outras quantas dicotomias dentro da nossa cultura conformam o aparato com que tradicionalmente temos nos confrontado ao mundo para explicá-lo e, às quais, é preciso ir para, ludicamente, descentrá-las e encontrar as possibilidades escondidas no espaço que media entre os dois pólos, os níveis, as famílias de conceitos, as novas e possíveis formas e modos de conceitualização, etc.

Trazemos aqui, um exemplo, que corresponde a uma família de palavras, organizada por um aluno, a partir da decomposição de uma dada polarização positiva- negativa: amor -ódio.

AMOR	ÓDIO
Abraço	rejeição
Caminho	golpe
Doçura	surpresa
Morno	ponta
Carne	faca
Buraco	ouriço
Vento quente	frio
Mão	granizo
Abraço	pé
Cama	bisturi
Mesa	corte
Trópico	ártico
Sempre	antártico
Também	azul- sangue
Sim	sempre
Mais	jamais
Canto	mais
	pá
	bala
	morte
	lágrima

E a sua posterior organização dentro de uma forma poética:

#### DESAMOR

Com o ódio e a  
rejeição, dezenas  
de golpes e surpresas,  
pontas de faca,  
ouriços.

Frio de granizo  
nos meus pés,  
como mil bisturis

vindos do ártico  
ou da Antártida.

Desamor, no  
azul-sangue  
do meu sangue  
sempre e jamais.  
Uma pá de terra  
uma lágrima

Esta organização, bem pudesse ter sido feita dentro de outras linguagens, por dizer, a pintura, a prosa literária, a dança ou simplesmente o movimento corporal.

Este exemplo, vem aqui pelo processo de des-centração que implica e porque ele mostra, como o jogo é parte importante da simbolização e da criatividade. Este exemplo corresponde a um trabalho de criatividade individual; dentro do trabalho criativo, coletivo, as possibilidades se multiplicam dentro da dinâmica lúdica e festiva que representa o ato mesmo da criação em grupo.

Para terminar este capítulo, vale a pena lembrar que este tratou da criatividade popular e do seu possível desenvolvimento, considerando-a em três cortes diferentes.

- Um primeiro corte, corresponde a como se articula a criatividade e a criticidade com a sociedade, com o projeto social e com a cultura.

- Um segundo corte, corresponde à articulação das diferentes categorias essenciais à humanidade; razão, capacidade crítica, capacidade criativa, intuição, imaginação, percepção, expressão, realidade social e cultural

realidade da natureza.

- Outro corte, corresponde ao papel da descentralização para o processo de essência e de criatividade para fora da realidade, na ação expressiva.

Este corte é, na essência, o corte que corresponde a uma possível metodologia para o desenvolvimento criativo popular, dando por feito, de que para nós, e ao longo deste texto, criatividade não implica novidade e sim processo de transformação humana.

## CAPÍTULO V

### "CRIATIVIDADE COMUM E DEMOCRACIA"

A oscilação é uma característica da vida. Os seres vivos todos desenvolvem seu próprio ser neste ir e voltar constante entre a vida e a morte, ou melhor, entre a manifestação de sua essência e a negação dessa manifestação

No caso do ser humano, essa essência tem duas vertentes: uma natural, que até certo ponto compartilha com o resto dos seres vivos, e outra criada pelo homem mesmo e que poderíamos dizer que lhe é própria: esta é a esfera do cultural.

Além da oscilação que é própria dos seres com corporeidade física viva, o homem sofre de uma outra produto de sua criação: sofre, porquanto isto o afasta da certeza paradisíaca do divino e também do puramente animal, carregando-o de angústias, de expectativas, de anseios e esperanças; espaço este da humanidade não compartilhado.

Estas inquietudes se manifestam nos diferentes projetos humanos, pessoais, individuais ou grupais, que ao longo da história se têm suscitado e continuam a se suscitar.

É próprio do ser humano, o projeto, e dentro do projeto humano, é prioritário o projeto articulador das relações e dos diferentes projetos tanto sociais como individuais, tanto sociais, grupais, como pessoais..

Como ser eminentemente social, o homem tem se preocupado com a articulação das relações entre o grupo social e também entre os diferentes grupos

sociais; isto porque sendo uma espécie produtora deste tipo de relacionamentos sociais teve que dedicar, para sua própria sobrevivência, boa parte de sua produção cultural à solução de todos estes problemas que hoje chamamos de políticos e que têm suas raízes no puramente natural e ecológico.

A relação e a articulação das diferentes possibilidades humanas, dadas pelos papéis que o grupo impõe, priorizando aquilo que para o projeto social se precisa, é política e cultural ao mesmo tempo; política porque fala das relações sociais e também de poder, no que tem a ver com a subordinação do indivíduo à sociedade ou da formação política - de poder - e que se expressa elementarmente no caso dos chamados povos primitivos, em seus ritos, costumes, e nas sociedades chamadas complexas ou desenvolvidas, na política como tal, criando um limite para esta, do cultural; mas como produção humana, ambas, a cultura e a política são respostas aos problemas próprios do ser humano.

Esta natureza própria do ser humano cria todo tipo de polaridades, para poder mexer com a realidade (aqui incluídos os contrastes produzidos culturalmente para a percepção do mundo, isto é, para seu ordenamento primário): denominá-la, classificá-la e dominá-la.

Uma das primeiras polaridades eficientes foi a de realidade e magia, com a qual e à maneira de uma técnica primeira, o homem não somente intenta resolver seus problemas, mas também efetivamente os soluciona e isto através do poder da imagem e do imaginado e do que de fantástico isto pode ter, posto que é com a realidade virtualizada e elevada à cena que se consegue o domínio da realidade, da duríssima realidade deste momento.

Outra unidade foi a de homens e mulheres, já estas (as mulheres) como propriedade do grupo humano, ou como capital de intercâmbio (Levi-

Strauss), ou como formadores de grupo reprodutor da espécie; esta polaridade vai permear todo o inter-relacionamento grupal político - e também o inter-relacionamento dos indivíduos dentro do grupo -, permitindo a criação de todo tipo de laços familiares e de hierarquias, que também podem ser chamados de políticas, se nos baseamos no manejo dos nascentes laços do poder do homem sobre o mesmo homem, e não somente sobre a natureza.

Vemos assim, que o relacionamento social não é exclusivo de uma esfera autônoma política, e sim da convergência de múltiplos fatores, sendo um deles o cultural, de vital importância, e dentro do cultural, a imagem e o imaginado, como produto da criatividade e dos processos de criatividade.

Desta maneira, acompanhando o processo histórico vemos que imagem e política são uma bipolaridade necessária para entender a possibilidade de uma mudança na análise do social e do político tradicional, e também para entender as atuais possibilidades de mudanças sociais para o exercício democrático, se é que poderíamos seguir chamando assim a tomada de decisões, o crescimento da iniciativa popular, a apropriação tecnológica-informática por parte dos mediadores populares e, enfim o aparecimento de inúmeros corpos sociais com expectativas variadas entre-cruzadas, e até sem expectativas marcadas, contraditórias, longe da representatividade política tradicional.

Essa importância da imagem, e do imaginado, é de vários aspectos: de como a sociedade tem tratado a imagem, de como o Poder tem conduzido, tem levado ao povo um imaginário e qual é esse imaginário, e de como a criação de um imaginário artístico ou científico tem incidido na realidade, na cotidianidade dos povos e também das elites, já que estas não estão isentas das influências culturais e, principalmente, de ver como o manejo das imagens implica em, um manejo do poder, através do manejo da opinião pública no caso da modernidade.

Se na antigüidade, a imagem tinha de fato um conteúdo mágico, enquanto representação da realidade domesticada e dada, - encenada pêlos atores dos ritos mágicos através da dança, da expressão do corpo, dos disfarces, da pintura do desenho, dos efeitos de som e de palavras -, na idade media a imagem se centra na religião e dentro dos parâmetros dados pela igreja; isto como uma reação que se vinha dando há tempo frente às múltiplas possibilidades criativas que a invenção da palavra escrita trazia consigo, dentro das quais, a mais perigosa era sem dúvida a da apropriação da escritura pelo comum do povo, por várias razões entre as quais estava a da estruturação de um imaginario popular próprio e independente.

O conhecimento como vetor de poder não podia ser popularizado em função dos anseios de poder das castas sacerdotais, neste momento representadas pela Igreja, e também porque a inovação dos conhecimentos e de perspectivas, a nível do social, acarreta grandes perigos, mesmo, à desapareição do grupo social.

A Idade Média, neste sentido, é inibidora das possibilidades criativas que a invenção da palavra escrita trazia, abrindo o imaginário para a esfera do divino na qual se dão os espaços infinitos, que desde então habitam a interioridade humana, posto que paraíso, purgatório, limbo, inferno são espaços humanos de grande riqueza e de igual transcendência e infinidade, semelhantes aos espaços cibernéticos atuais e aos espaços do espaço sideral criados, imaginados, descobertos pêlos físicos, astronautas e astrônomos e também aos espaços infinitamente pequenos por onde navegam os espíritos científicos da matéria.

Estes espaços criados durante a Idade Média são à medida do homem e a semelhança dos infernos e purgatórios cotidianos próprios da época e de

suas limitações espaciais, é dizer: estreitos para o sentir espacial de hoje, reflexo também da estreiteza filosófica, científica e política do momento.

A opinião pública, centrada nas universidades, nos púlpitos e nos júris, lugares onde as idéias se expunham aos grupos seletos de letrados, centrava seu poder no fato de ser a expressão social do alinhamento com a igreja e da subordinação a seus poderes.

Este período, como é sabido, começa a terminar com a invenção da palavra impressa, com a popularização da bíblia, o livre exame dos textos sagrados, a irrupção da hermenêutica histórica nas análises bíblicas, e termina definitivamente com o descobrimento da América, a ampliação do espaço real geográfico e o surgimento da imagem humana dentro do imaginário artístico, à maneira greco-romana, o que iria permitir a aparição do ser humano comum e corrente e seu entorno e cotidiano nas representações artísticas.

A opinião pública irrompe na vida social da época, com a formação de públicos leitores, não somente da bíblia e de suas interpretações diversas, mas também o de histórias picarescas, como continuadores de jograis e menestréis, ampliando desta vez seu raio de ação, com o que se conforma o que Gabriel Tarde chamou propriamente de público, para distingui-lo da multidão.

É própria desta época a imagem objetiva, a imagem copiando a realidade, e a realidade determinando a imagem, mais ainda, com esta limitação, a ampliação do mundo e dos meios conceituais para defini-lo, redefini-lo, conduz a um crescimento das possibilidades do indivíduo como tal e frente à sociedade, como não se havia pressentido. Cada um dos sujeitos sociais tinha a possibilidade da fama, da glória e da riqueza logrados através da fortuna aberta pela

singularidade do seu gênio, na arte, na guerra, na conquista das terras e riquezas, na filosofia, no comércio ou na simples colaboração ao crescimento das cidades.

Esse individualismo do Renascimento está preparando o individualismo do momento industrial no capitalismo e mais ainda na formação de uma opinião pública, já que, se antes da palavra impressa, a opinião se reduzia ao conjunto de idéias e interesses de um grupo humano no momento passageiro das reuniões de praça ao redor de algum líder, agora, esse conjunto de idéias e interesses era mais duradouro, realizava-se sem a presença física de líderes ou incentivadores sociais, esta presença é virtual e a distância é espiritual, e através das idéias impressas nos livros e em folhas soltas de reduzida circulação, entre certas elites e universitários, que seriam as predecessoras das revistas e dos jornais.

Esta evolução no manuseio das idéias e das imagens marca a evolução cultural toda, aqui incluídas também as relações políticas; porque o Estado e a Igreja, forças confrontadas na luta pêlos seus interesses, procuram a legitimidade de seus apelos, buscando uma legitimação dada pela opinião pública, ou melhor, pelo povo, através de manifestações de rua, ou de mecanismos de adesão, tais como desfiles, procissões e ritos comunitários religiosos ou de poder, nos quais ainda jogavam uma parte importante os capelães das inúmeras corporações, os pregadores e os oradores religiosos e seculares.

O papel político destes personagens é medido pela quota de poder social que eles tinham, já que seus objetivos, mesmo que específicos, eram fruto da tradição, e a solidez de seu discurso estava dado por sua presença física e seu relacionamento direto com as multidões, multidões estas, de todas as maneiras limitadas ao raio de ação do orador ou líder, cuja influência estava na transmissão oral de seu discurso político ou religioso e no contato pessoal .

A passagem de um público receptor de palavras ditas ou emitidas oralmente para um público leitor marca a mudança de uma etapa política e de gestão política direta e pessoal, para outra na qual o poder do líder passa a ser compartilhado por outras instâncias veiculadoras das idéias, imagens, e interesses próprios do líder ou dos novos gestores da comunicação e da política.

E aqui surge uma nova questão de vital interesse, que é a da comunicação. Se antes, a conversação e a oratória veiculavam as idéias diretamente, agora essa veiculação é feita pelos meios impressos, à distância, sem a presença do emissor da mensagem ou discurso.

Os jornais têm, como medida de seu público, o próprio consumo jornalístico; os altos e baixos da opinião são medidos nos números das tiragens jornalísticas, esse é seu próprio feed-back ou resposta do receptor ou público receptor.

De passagem, esse público começa a multiplicar-se por idades, por sexo, por classe social, por níveis ideológicos, exigindo por sua vez, a aparição de novos órgãos jornalísticos mais ou menos dogmáticos, cômicos, juvenis, temáticos, religiosos, por partidos políticos ou tendências ideológicas, por mobilidade, etc.

Esta utilização da imprensa, na conformação da opinião, determina uma nova classe de autocratas que, pela imposição do poder da imprensa, passa a compartilhar espaços do poder social que até o momento era um espaço próprio dos políticos.

E assim se cria um certo equilíbrio entre os forjadores do discurso

impresso e os receptores ou consumidores, os quais, com seu nível de consumo do meio, passam a mostrar aprovação ou negatividade aos conteúdos do meio mesmo, fazendo com que suas emissões sejam ajustadas às suas exigências.

Da mesma maneira, os políticos passam a se enquadrar, não somente com respeito às idéias e expectativas de um determinado público votante, agora eles, trabalham sua imagem, dentro dos apelos das modas e mesmo dentro dos estereótipos do "político" que o povo consome.

Esta via que a palavra impressa abriu, o rádio encarregou-se de afiançar e especialmente o rádio portátil e de transistores, trazendo de novo à tona o discurso oral e as conversações monologadas dos locutores.

É grande o espaço histórico que vai desde a invenção do jornal até a aparição da rádio, no que respeita à história da opinião pública e que, em verdade, começa como tal com a revolução francesa.

Depois da revolução dos transistores, que permitiram a redução dos rádios receptores e transmissores e sua total popularização, veio a invenção da televisão em branco e preto e depois em cores, trazendo de novo o contato visual com o emissor da mensagem - para o caso da política - , com o líder partidário, ou com o chefe ou ministro de governo, que de passagem, tiveram que ter rápido aprendizado na utilização da imagem tele transmitida e criar laços fortes com os donos das emissoras de T.V., como antes o tinham feito com os donos dos jornais e das revistas, das rádio- transmissoras.

O poder dos jornalistas dos meios impressos, passa pelo mando dos donos das cadeias da T.V. e das empresas transnacionais da comunicação via satélite, dentro de novos enquadramentos e novos pactos pelo poder entre os

Estados, as empresas transnacionais e as burguesias locais, em função do direcionamento da opinião pública para o consumo da ideologia, idéias e produtos, isto, ainda dentro do esquema da produção capitalista e dentro das relações do capital mundial, dos Estados, e dos parâmetros do imperialismo.

Marcos estes, nos quais a classe operária é necessária à produção e o comum é também necessário como consumidor e como avaliador consensual do poder do Estado e da representatividade política. Até aqui se pode falar de uma história da opinião pública, e de público em contraposição à história das multidões e contraposição radical aos fenômenos da opinião pública - se assim se pode chamar - da atualidade-futuro, desencadeados pela popularização que está se dando do uso dos computadores, de espaços ciber, da realidade virtual e de realidades-reais nas diferentes linguagens eletrônicas, espaços estes de total oscilação do individual ao social, do real-virtual ao real-real, da manipulação consumista ao autocontrole individual, da finitude do espaço concreto à infinidade do espaço cibernético, da mensagem com interlocutores à mensagem pura, do fetichismo do meio ao fetichismo da mensagem.

Do sentido da mensagem à mensagem sem sentido, e tudo isto como telão de fundo da ação cada vez mais pluralizada de redes de interesses ou de interesses de toda índole e de nenhuma índole, que surgem neste cosmos novedoso, desaparecem, se transformando, se multiplicando, em sua divisão.

A fetichização da mensagem, por exemplo, seria uma disfunção que levaria este coro humano acrítico, a níveis, que sem comparados com o canto das cigarras, este, teria maior importância para o projeto total da vida, que este palavreado humano lançado ao espaço infinito-finito do ciber imaginado, similares sim, às conversações monologais dos ritos do yajé (anhaguasca) entre os barazana do rio Negro, nos quais o importante é a presença do outro como

conformador de um eixo secundário, sustentador mesmo da tensão do monólogo, que por sua vez é também ator de seu próprio discurso monologado, discursado ao mesmo tempo e no mesmo espaço físico e cultural do rito do yajé, na criação de uma textura na qual afloram atávicas linguagens.

Familiar também com os cantos monologados dos guaiáqui (Pierre Clastres), nos quais o indígena pretende na solidão individual da noite reafirmar seu projeto ante a sociedade e ante as incertezas, transmitindo, para si, forças com as quais afrontar as incertezas da sua cotidianidade.

## V. 1 REPRESENTATIVIDADE E FUTURO

Frente a esta proliferação de manifestações humana, signo apenas de uma revolução da qual apenas se começa a sentir seus efeitos, os partidos políticos, absortos em suas carapaças tradicionais, vêem diminuir sua legitimidade pela escassez de adeptos ou correligionários, vêem também o desaparecimento da possibilidade de realizar seus respectivos projetos políticos por arcaicos, ante uma tecnologia que a tudo configura, - incluído o poder político originado na representatividade - .

Esta diminuição evidente da ação política tradicional, direcionada pelo voto e pela representatividade, é produto de uma obsolência do sistema "democrático" baseado só no exercício da eleição universal, como única maneira de exercer a democracia real, colocando em segundo e terceiro plano, o exercício mesmo de direitos, de toda índole, criando-se assim o espaço para a atuação dos chamados movimentos populares, liderando a luta do que seria o exercício da democracia real e do exercício da cidadania, desta vez não excindida da natureza humana e de sua cotidianidade, fundida nela, e à especificidade dos

indivíduos, dos grupos e de seus interesses e anseios.

Daí, que destas formas novas de associação, da formação de redes cibernéticas por interesses e por necessidades, devam surgir as novas formas humanas de resolução da problemática oferecida pelo mundo assim mediado, assim dado, onde a mesma noção de sociedade e de indivíduo terão que ser mudadas.

Estas tendências conflitantes de proliferação de pequenos grupos sociais se manifesta também no interesse que estão tendo as micro regiões, os municípios, no âmbito da administração e distribuição do poder, e no imaginário político dos gestores e administradores estatais.

No mundo inteiro - de outra parte - surgem com força inusitada os conflitos inter-étnicos ao interior das nações e de nações entre si, velhas feridas se abrem para dessangrar novamente; as etnias guatemaltecas e mexicanas fazem sua aparição, pedindo o exercício de seus direitos, espaço físico e a existência mesma como povo, frente aos avanços do Neo-liberalismo, e das tendências unificantes, homogeneizadoras, universalizantes, da chamada globalização.

De um lado temos as tendências unificadoras e de outro temos as tendências atomizantes, se por um lado, por exemplo, a comunicação cibernética permite as expressões de pequenos grupos sociais, de problemas regionais e de anseios individuais, de outra parte, essa mesma comunicação cibernética, controlada pelos interesses do capital transnacional, procura a homogeneização desta individualidade e de sua expressão "ciber", tentando conduzir esta tecnologia que foge do controle, para os trilhos do consumo pelo consumo, dentro de novos estereótipos e de sua imposição. Isto, porquanto, o exercício

democrático que possa brindar esta tecnologia, está em contramão dos interesses da globalização e de seus ordenamentos de mercado, posto que as novas formas de organização, de associação na formação de redes informatizadas, faz depositárias a estas mesmas redes, do poder social.

Assim, o espaço das lutas sociais é deslocado para a tela dos computadores interligados, onde os fatores prioritários, a mais das condições da navegação cibernética, são a criatividade e a criticidade dos indivíduos assim associados. Estamos assinalando assim o núcleo da questão da democracia real, qual é, de um lado, o uso da tecnologia cibernética e, de outro, o desenvolvimento da criatividade e da criticidade, como diria Spinoza, da razão humana.

## **V.2 CIBER-ESPAÇO E DEMOCRACIA**

O uso da cibernética, e sua popularização acelerada, é apenas um dos produtos - não procurados - da globalização e que marca o avanço inusitado da humanidade a novos níveis culturais, de conceitualização e de criação imaginária cuja apropriação popular será coisa do tempo, - para o caso, onde a aceleração tudo o permeia - quicas alguns anos, como foi visto com o radio, o telefone, a T.V. em branco e preto, a T.V. em cores, e como será com os meios da comunicação eletrônica, e da cibernética em geral.

Sintomas marcantes são a proliferação de cursos de computação em todos os níveis e de todas as linguagens, a venda em supermercados populares, de produtos do hardware informático, a imposição nas escolas estatais e privadas de cursos de computação para crianças, a proliferação de manuais e de revistas, de jornais dedicados ao tema dos computadores, o barateamento das máquinas

inteligentes e da robotização das atividades não somente nas fábricas, mas também nos lares, repartições estatais, serviços tais como os de transporte, saúde, controle aeroportuário, e monitoração de pesquisas científicas, convertendo até as ciências em apêndices dessa tecnologia.

Com respeito ao desenvolvimento criativo e crítico, necessário para que os movimentos populares acompanhem estes avanços tecnológicos, que tanto incidirão no projeto humano, é preciso ter em conta estes aspectos, que nos permitirão entender a importância desse desenvolvimento na atual conjuntura.

- O primeiro é a entrada da tecnologia, da informática e da cibernética nos processos industriais e de serviços, rompendo drasticamente com o relacionamento capital-trabalho, próprio do capitalismo. Esta ingerência da automatização otimiza os processos mecânicos, barateia custos, conduz a uma melhor e maior produção industrial, e ante tudo - por eliminar ao trabalhador dentro de ditos processos - acaba com o conflito tradicional de classes, trasladando o atrito tradicional, social para formas que apenas estão em emergência.

- O contrato de trabalho, sobre o que se baseou a legitimidade do capitalismo, deixa de ser operante, porque uma das partes - os industriais - resistem a continuar o que para eles é uma incômoda relação entre os patrões e os trabalhadores e mediante a qual se constituiu boa parte da cultura urbana do século XX.

- O segundo item é o do desemprego, produto da robotização e informatização dos processos industriais e de serviços; este desemprego, ao dizer dos estudiosos, chega para se instalar na sociedade atual, como parte da

estrutura desta sociedade que emerge com as características da orfandade e da derrota, em um extremo, e, no outro, do usufruto de todas as maravilhas do progresso tecnológico.

- O desemprego estrutural (Shaft) traz consigo a construção necessária de uma outra cultura, já não baseada no trabalho e suas relações com o capital e sim em uma cultura baseada no ócio forçado, na falta de projetos de vida e primordialmente na angústia frente às necessidades vitais não saciadas: comida, abrigo, reprodução, projeção social e individual no mundo, passam a ser privilégios das classes dirigentes, melhor ainda, de certos países.

- O desenvolvimento de uma razão não objetiva, poluída, se se quer pela natureza própria do ser pensante, é outro aspecto marcante destes tempos, e por cujo crescimento se chegará à valoração do comum e de sua cotidianidade, fundadores últimos de uma ciência que se desenvolve em função do homem, e através da qual se chegue a níveis de cooperação, e de gratuidade, vistos só nos momentos das grandes tragédias da humanidade.

- Há o fechamento de um período de grandes expectativas e de oscilações transcendentais, em função do crescimento da razão do comum dos homens, e da harmonia da razão consigo mesma, em uma tendência de unidade de razão e da razão como uma parte da natureza humana.

- O motor de todas as possibilidades e das soluções necessárias será a emergência da criatividade e da capacidade crítica popular e coletiva, em resposta a uma criatividade individual, que em função dos parâmetros do capitalismo mostrou-se ineficaz para o projeto humano.

### V.3 LUTAS POPULARES E IDEOLOGIA

Com o capitalismo nasce e cresce o desprezo pelas massas populares, pelos proletários, por parte da burguesia, mas também cresce a necessidade inabalável de seu concurso na produção e também na legitimação pelo seu consenso, de sua primazia não somente nas suas relações de produção, mas também no que tem a ver com a coisa pública, o poder, o estado, a legitimação do monopólio e uso de armas e forças públicas nos conflitos externos e também nos internos, na repressão dessas mesmas forças populares.

Essa maneira de ver e de sentir ao vulgo, vinha de muito tempo atrás decantando-se, poderíamos dizer que com os gregos (Platão-República) chega-se à uma valoração do trabalho físico que irá a empapar todo o sentir social e político ocidental até nossos dias com a exceção de Marx e dos anarquistas e de alguns teóricos do socialismo e do comunismo.

Também dos gregos nos vêm as primeiras noções da democracia (com Platão), mas de uma democracia restrita aos cidadãos livres, os quais podiam exercer seu livre arbítrio nas questões do estado, por meio do voto direto e mediante discussões, mas pela natureza reduzida do grupo ou comunidade, a participação direta dos participantes era garantia dessa democracia restrita, e também do exercício real da democracia mesma.

Este tipo de democracia é realmente o apropriado para esse momento social da Grécia no qual no "pater familias" se congregavam por lei e por tradição as responsabilidades familiares que alcançavam à mulher, aos filhos e aos escravos de sua propriedade e por cujas decisões iria-se a selar a sua sorte e a da sua cotidianidade.

Esta democracia, que nos chega dos gregos, teremos que revê-la na modernidade política, dos partidos políticos, da representatividade, do voto universal, e da relação entre partido político e Estado, transformada pelas circunstâncias do momento histórico, mas não em sua essência.

Lembremos como na Inglaterra, França, e nos Estados Unidos, onde o voto representava a essência da liberdade, este se restringia metodicamente aos senhores donos dos meios de produção ou das terras; posteriormente este privilégio alcançou aos homens letrados, restringindo-se o direito ao voto por muito tempo aos iletrados e às mulheres.

Com o tempo, o direito a votar se amplia para toda a população masculina maior de idade, mas restringe-se este direito às mulheres.

Só em décadas recentes a mulher, depois de uma luta tenaz, logra o direito ao voto representativo, e até muito recentemente o direito a ser eleita, e isso em escalões não principais do poder; na Ásia e Europa, recentemente, têm-se visto mulheres como chefes de Estado, eleitas Golda Meir, Indira Gandhi, Margareth Tacher mediante voto; na América toda, só tem notícia de duas damas como chefes de Estado - Evita Perón na Argentina e Violeta Chamorro na Nicarágua -, apesar da tenacidade feminina em sua capacitação e no desenvolvimento de suas potencialidades em um meio adverso duplamente, pelo momento histórico atual e pela tradição machista.

Seguindo na frente, temos que, assim como o povo conforma a base da sustentação do capital, tanto pelo consumo das mercadorias e objetos produzidos, quanto pela produção mesma, através do esforço laborioso da classe trabalhadora, assim também esse povo é uma força, cujo consenso e legitimidade as diferentes frações políticas pretendem, buscam e logram em maior ou menor

grau.

Nesta luta, que não é outra que a luta política que conhecemos na praxes eleitoral, ou melhor: eleitoreira, tanto os partidos conservadores como os partidos liberais disfarçam sua verdadeira natureza aristocrática, sectária e classista, dizendo-se animados por projetos democráticos e de participação real do povo, vendo-se sua verdadeira natureza logo que seus representantes chegam ao poder

Na maioria dos casos, vê-se de imediato esta sua real natureza, pêlos projetos, pelas realizações e pêlos sócios com os quais compartilham os benefícios do poder, e pelo grau de participação dos representantes populares e também de seus representados, aos quais lhes chegam bem ou mal os efeitos de sua prática política.

Isto também para aqueles que se dizem socialistas ou comunistas e que pela falta de uma consciência, certamente histórica, permitiram que os efeitos da burocratização acrítica permeassem e impedissem o projeto socialista.

Marx pensava numa democracia resultante da abolição da propriedade privada e de sua conseqüente eliminação das classes sociais e de suas lutas; passou por cima de um fato crucial e que iria determinar o projeto comunista, a psico-patologia dos próprios dirigentes frente ao poder, expressa na burocratização partidária no Estado Socialista.

Isto de um homem ter enfrentado o fato concreto de exercitar sua vontade, frente ao todo e por cima das outras vontades, criando e recriando sua imagem para fora, e também no engrandecimento de sua auto-imagem no

crescimento megalomaníaco, em seu interior, eliminou o projeto popular, imaginado por Marx, porque estes homens que surgiram das lutas populares, como seus líderes - com exceções marcantes - por falta de uma crítica e de uma autocrítica histórica, dedicaram boa parte de suas energias à salvaguarda e aumento de seu poder e do poder de seus imediatos ou copartidários.

#### **V.4 DEMOCRACIA REAL E UTOPIA**

Se Marx, pôr seu lado, acreditava na possibilidade da democracia real, a partir de um determinismo econômico, e na qual a burguesia capitalista teria que ser enfrentada violentamente pelo proletariado revolucionário, dentro de um processo histórico, para o comunismo, de outro lado, estavam a gama de socialistas, reformistas que advogavam pôr uma democracia mediana, como era o caso do chamado socialismo reacionário, que havia herdado da Revolução Francesa sua ideologia e que buscava um retorno da aristocracia, tendo como inimigos principais à burguesia, mesmo pôr sua condição revolucionária nesse momento, este foi o chamado pôr Marx de socialismo feudal, e seu papel se limitou à produção de libelos populistas, com os quais pretendiam ganhar o povo; sua importância radica em que sobre este intento aristocrático, as burguesias reacionárias dos diferentes países de nossa América construíram suas posições políticas, tal é o caso dos diferentes partidos conservadores, os quais de vez em vez, renovam seus chamados revolucionários. Não é gratuito que, pôr exemplo, na Colômbia, o partido conservador, que representa a asa mais retrógrada da burguesia nacional, faça alianças com forças da esquerda e até com grupos de guerrilha, sem a mínima vergonha, assim como, quando governantes estes sejam os maiores verdugos de seus oponentes.

O que na Europa era a luta reacionária das forças feudais que

restavam, frente ao avanço da burguesia, na América é a luta reacionária da burguesia conservadora frente ao avanço das forças populares.

Esse visual esquerdista dos grupos conservadores sofre sua queda inevitavelmente quando estes sobem ao poder; suas medidas repressivas contra o proletariado e o povo em geral são extremas, pois eles sabem bem que este é o verdadeiro inimigo de seus privilégios e de suas posturas paternalistas.

Esse paternalismo dos regimes conservadores é tão só a expressão da suposta origem divina do poder e da riqueza. Bem anota Marx que a igreja sempre tem estado ao lado do "socialismo feudal"; pelo menos na América isso é o que se tem visto, com exceção da chamada Igreja da libertação.

Outro tipo de socialismo e de democracia é o do projeto liberal, chamemo-lo de Draconiano, no qual os mais aptos -individualistamente falando- conseguiram ascender socialmente e em conseqüência, receberam mais que os ineptos de baixo; o mecanismo próprio é o de "deixar fazer" pôr parte de um Estado policiador, que cuida para que todos os cidadãos associados tenham as mesmas oportunidades para lucrar.

Isto representa a luta liberal contra os restos feudais da aristocracia e, em suma representa somente os anseios da burguesia, dentro do processo capitalista de produção, ainda que o liberalismo se apresente como o aliado natural do povo e das lutas populares, pela contradição real que este tem com as forças reacionárias e conservadoras da sociedade. Este socialismo ataca às forças reacionárias provenientes do feudalismo e ataca preferencialmente ao socialismo proletário.

Outra face foi o chamado por Marx de socialismo conservador ou

burguês, e que teve Proudhon ("Filosofia da Miséria") como exemplo e que radica em acabar com os males sociais existentes na sociedade, com o objeto único de consolidar o projeto burguês.

"Nessa categoria enfileiram-se os economistas, os filantropos, os humanitários, os que se ocupam em melhorar a sorte da classe operária, os organizadores de beneficência, os protetores de animais, os fundadores de sociedades de temperança, enfim, os reformadores de gabinete de toda categoria". (MARX - ENGELS, 1984, p. 47)

É este um projeto socialista eminentemente reformista, que pretende quitar amarguras da exploração capitalista e eliminar as asperezas, os ódios, mantendo as diferenças de classe.

Pretende este projeto socialista, por mudanças e reformas administrativas na produção, sem tocar as relações entre capital e trabalho e se dirigir para um estado simplificado pela ação benéfica da burguesia que se encarregaria das incomodas tarefas do poder político.

Outro tipo de socialismo é chamado de socialismo utópico, que tem seus predecessores em Tomas Moro, em Campânella, em Bacon e em outros, e que se expressa nas obras de Saint Simon e Fourier e especialmente neste; é o sentir e pressentir de uma possibilidade diferente e oposta ao projeto desumano do capitalismo, e nele, se encontram os princípios de desenvolvimento histórico os quais são os da luta de classes e de desenvolvimento industrial.

Este projeto social não se encontra estruturado num sistema, propende pelos interesses do proletariado, como a classe mais sofrida, em seu afã de justiça, eles procuram "melhorar as condições materiais de vida para todos os membros da sociedade; mesmo dos mais privilegiados". (MARX - ENGELS, 1984). Representa este socialismo, o ideal utópico, o mundo dos sonhos

paradisíacos ao estilo do mundo de Proust.

Mas todos eles, não passam para Marx de simples reformistas, incluídos aqui, também, os anarquistas Bakunin, Kropotkin e demais.

Ademais desta posição de Marx frente aos partidos chamados socialistas, e frente à construção do partido comunista, temos os posicionamentos de Trotsky, Rosa Luxemburgo, Gramsci, para os quais a formação do partido revolucionário e seu papel divergia um tanto de Marx, e plenamente de Lênin; por exemplo Gramsci dá uma especial importância ao intelectual na conformação da consciência das classes trabalhadoras e na formação do partido. Rosa Luxemburgo por sua parte, faz um pré anúncio da burocratização e elitização do partido comunista; Trotsky dá ênfases ao papel do intelectual na conformação do socialismo, dando-lhe um especial espaço às manifestações da criatividade de artistas e intelectuais; em todos eles já encontramos uma crítica em germen ao marxismo e ao socialismo marxista burocratizado.

## **V.5 REPRESENTATIVIDADE E DEMOCRACIA**

Oposto a Marx e a sua fé na construção do partido, temos o teórico Robert Michels que, em sua obra "Os partidos políticos", um estudo sociológico das tendências oligárquicas da democracia moderna" (1915), assinala aspectos psicológicos, patológicos, dos líderes políticos e do povo ou grupo social do qual são líderes, em sua patologia mutuamente dependente e inibidora por natureza de qualquer projeto denominado democrático, dentro do sistema de representatividade, até agora conhecido.

Michels mostra a sem saída em que os diferentes projetos

democráticos se encontram, suas crises, mas, como sociólogo que é, se limita a mostrar os diferentes aspectos deste problema sem propor soluções, nem tentar mostrar caminhos; suas análises, por desgraça, são confirmadas no caso das democracias populares e de seus partidos frente à crises dos países socialistas e particularmente ante a burocratização dos partidos comunistas no poder, no caso dos países do leste europeu.

Três são as vertentes das quais provém os problemas que inibem o exercício da democracia, segundo Michels. Um proveniente da natureza, própria do indivíduo humano, é o aspecto psicológico ou melhor patológico frente ao poder, outro é o inerente à natureza própria da organização, já que o exercício democrático não se limita às relações frente ao órgão do poder estatal e, sim, em todo tipo de relações nas que a vontade humana tente ser subordinada, limitada ou negada, aqui seria o caso do partido político, sindicato, associações de todo tipo, cuja função seja a luta política; e o terceiro aspecto, tocado por Michels, é o da natureza mesma das organizações, no específico de cada uma.

Está muito longe da intenção do autor, ao fazer esta formulação, o propósito de julgar a qualquer partido político, nem a sistema algum de governo, para que responda a uma acusação de hipocrisia. Conforme a lei de Michel, a característica essencial de todo conglomerado humano que tende a constituir elites e subclasses, está como toda outra lei sociológica, além do bem e do mal.

Esta é a lei de Michels, de difícil refutação histórica, pois, se mesmo para a conformação dos partidos, qualquer que seja a sua natureza ou projeto, veremos, que dentro de si, um projeto não evidenciado é o gerador, em últimas, de toda sua dinâmica política; parecera, que esta lei, é necessária e universal e seu falseamento é impossível, se tratamos, ao estilo de Popper, de medir sua proximidade à verdade e à certeza nas análises dos exemplos que a história

parece-nos brindar.

Compreender isto, criticamente, e sobre essa realidade criar uma utopia é o objeto nosso, já que não é possível uma democracia representativa, por estar a representatividade inevitavelmente poluída pela patologia da dependência, do clientelismo e de todos os psicologismos do poder, de todas as maneiras, abertas estão as possibilidades para novas propostas sobre a democracia, neste começo de século, no qual novos paradigmas marcam a caminhada humana.

Se bem que num começo, dentro do processos capitalista de socialização, o obreiro foi tido a menos como indivíduo humano, limitada sua condição pelo poder da máquina e negada sua participação na formação da riqueza e no crescimento da técnica e do conhecimento em geral, também o povo foi valorado como sujeito social e político.

Por um lado, a condição cultural popular foi menosprezada e combatida e, pôr outro, sua condição política cresceu, enquanto que o consenso popular legitimava a gestão administrativa do Estado e o acionar dos líderes políticos.

Esse ataque cultural vinha dado pela natureza mesma do processo industrial que se deu, era parte de sua natureza que a tudo transformou, não somente no horizonte proletário, mas também na interioridade da classe burguesa, foi um processo histórico revolucionário, enquanto rompeu e acabou com o que até esse momento existia e que vinha de condições tradicionais de relacionamento entre os homens; a mesma família sofreu seus efeitos, em sua estrutura formal.

"Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas. Ela despedaçou sem piedade todos os complexos e variados laços que prendiam ao homem feudal a seus "superiores naturais", para só deixar subsistir

entre os homens, o laço frio do interesse, as cruéis exigências do "pagamento à vista". Afogam os fervores sagrados do êxtase religioso, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas com tanto esforço, pela única e implacável liberdade de comércio. Em uma palavra, em lugar de exploração velada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, cínica, direta e brutal". (MARX - ENGELS, 1984, p. 70)

Mais para a frente Marx diz: "A burguesia rasgou o véu do sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a simples relações monetárias". (pag., 7)

Este processo de desenvolvimento histórico da humanidade, em lugar de produzir melhoras na vida das maiorias, as foi levando ao estado de miséria, talvez descritos por Victor Hugo em "Os Miseráveis"; o ser humano foi levado a um estado cultural, alheio a sua condição própria, o pragmatismo permeou todos os estamentos da sociedade, a valoração do mundo, das relações humanas, os espaços da espiritualidade e dos sentimentos, tudo foi invadido pela objetividade e pelo lucro; o desenvolvimento deste tipo de cultura sujeita ao capital foi levando as massas a um estado, por um lado de total dependência, com o capitalismo mesmo e com o trabalho fabril e, por outro lado, para uma apatia pelos seus valores próprios, e pelo desenvolvimento de respostas criativas frente ao meio e aos desafios do momento.

Pode se dizer, com propriedade, que essa dependência cultural, que se inicia com o surgimento dos processos industriais, além de restringir - pela natureza mesma do processo capitalista - a criatividade do comum, e de elaborar a dependência popular ao trabalho - que à essa altura, somente o capital e a burguesia poderiam brindar-lhe -, exerce sobre as massas uma lenta e tenaz labor ideológica, de equiparar a pobreza com a inaptidão, com a falta de inteligência, e com a escassez de vocação pelo progresso e até com a moralidade.

Os frutos dessa luta ideológica são evidentes, o povo intenta não aparecer como povo, imitando os estereótipos das classes ricas, recebidos através dos meios de comunicação; aquelas por sua parte impõem estigmatizantes às populações menos ricas, nas quais é comum identificar marginais, drogados, delinqüentes, vadios e inimigos dos avanços técnicos, cuja falta de moral e de ética, passam a ser as únicas possessões verdadeiras desta classe social, do povo.

É de acordo, com estes critérios que a repressão ao uso das drogas - por exemplo - somente se realize nos morros e nas favelas, quando é de conhecimento comum, que os maiores traficantes e consumidores de drogas se encontram dentro de outros círculos sociais; é dizer, que a luta ideológica permeia também e especialmente os organismos estatais, encarregados de lidar com o relacionamento social.

A nível dos países, - e muito mais com isto da globalização - este efeito de degradação humana é comum, bem se sente hoje quais são os países da 1a., 2a., 3a. e 4a. classes, pelo seu nível de contribuição ao capital internacional e pôr seu nível de gestão no mercado global.

## **V.6 PÓS-CAPITALISMO**

A luta ideológica já está mostrando quais são os perdedores, já que mediante o avanço tecnológico e da robotização a indústria está prescindindo deste - até o momento - elemento necessário para a expansão do capital, o operário.

É evidente pela presença cada vez mais marcante de massas de

desocupados e pela pauperização cada vez mais crescente das massas, que o avanço e o êxito tecnológico da indústria, não levam ao enriquecimento, garantia de emprego e melhoria de vida para o povo e para a sociedade em geral, já que esta situação de rebaixamento do nível de vida alcança também às classes médias da sociedade, as quais se encontram em processo de empobrecimento, por não dizer de pauperização.

Logicamente, estão os otimistas, que comparam os níveis de vida de épocas passadas com os da atualidade, estabelecendo uma escala em que a saúde, a higiene, a moradia, os serviços em geral, os níveis da nutrição e de gozo do ócio, são na atualidade de qualidade superior aos de qualquer época passada.

Isto é indiscutível em certos aspectos, em que, por força, o avanço da tecnologia haja incidido no avanço da humanidade como um todo, assim, em outros aspectos, nunca se tenha chegado a degradação tal como é o uso de pesticidas, e de todo tipo de agrotóxicos, que aparentemente produzem verduras e alimentos maiores e aparentemente mais sadios, seu consumo leva à doenças de todo tipo, como os canceres que hoje são comuns, as alergias, e por último, à perda dos sabores originais.

A degradação, para não dizer do ar e das águas - lugar comum - da paisagem, por onde se olhe em campos e cidades, o apelo consumista está presente, configurando uma paisagística que alguns estetas com sangue de cordeiro denominam de moderna e da qual se servem em suas produções.

Os lixos e resíduos industriais e radiativos, e a exploração fabril são um problema crescente e insolúvel a mais, do lixo produzido pela massa de consumidores de todo tipo de produtos, que vão desde carros e maquinarias, - televisores, rádios, geladeiras, fornos, etc - até detergentes, shampoos e produtos

derivados do petróleo, que se transformam em produtos não biodegradáveis, para o empacotamento de inúmeros produtos, para todas as necessidades e gostos desenvolvidos, dentro de cada sociedade, necessidades e gostos que a indústria global precisa estandardizar em função do lucro global também e do consumo.

Mas isto da ecologia, deixemo-lo à ecologia e continuemos nos detendo um pouco no problema do desemprego, como um produto final da era industrial e como um elemento com o qual se inicia não somente o século XXI, senão a época do florescimento da informática e a cibernética e de sua real incidência no projeto da sociedade humana.

Se a luta do capitalista foi a de criar uma classe social e uma sociedade dependente das relações entre trabalho e capital, a de criar uma cultura individualista cujos valores essenciais são o lucro e a competência, hoje, essa luta, toma a direção oposta, por parte dos operários, suas expectativas se reduzem à segurança no emprego; explicamos: os sindicatos dentro de suas pautas têm como prioridade de luta que seus afiliados não sejam despedidos das linhas de produção, nas quais o robô se mostra mais competente; por parte dos empregadores, essa luta se expressa em função da competência nos mercados onde preços e qualidade são, por último, os fatores do lucro, assim, a prioridade do capitalista é a de abaixar os custos da produção e nisto a robotização ou automatização é prioritária, posto que as máquinas somente requerem o comum manutenção e uma mínima supervisão, a mais, que não reclamam pêlos salários, prestações nem seguros de saúde.

É a máquina inteligente o ideal de trabalhador, somente produzindo e rendendo o necessário para seu trabalho, podendo operar dia e noite ininterruptamente.

De outra parte, uma indústria sem os problemas trabalhistas gerados

pela relação patrão-trabalhador, com certeza aumentará sua produção, pois todas as energias à disposição, dentro da fábrica, serão dirigidas somente em função da produção.

O ideal do industrial - sem querer entrar aqui em considerações de consciência social, moral, poética - é o da plena automatização dentro de sua fábrica, sem que interesse o emprego ou desemprego que isso acarreta, posto que ao final o contrato de trabalho originário - por um lado - é uma relação contratual entre indivíduos ou sujeitos jurídicos "livres" e por outro lado a única moral aqui vigente é a do lucro.

Desta maneira, de uma cultura do emprego dentro da indústria, no capitalismo, passa-se por força a uma cultura do desemprego, do ócio não remunerado, a uma cultura da qual o homem estará órfão do projeto de vida e longe do mesmo meio no que se desenvolveu como operário e como trabalhador, a fábrica.

Os desafios deste fenômeno - próprio do momento histórico atual - são inúmeros, graves e também decisivos para o futuro da humanidade, trata-se da construção de um novo modo de ver o mundo e a vida, trata-se da urgência da construção de um novo projeto de vida, não longe de toda a parafernália tecnológica, que ao final representa bem ou mal o avanço da humanidade, e da utilização crítica e criativa dela.

Isto conseguido mediante o renascer ideológico das massas, através da consciência de seus próprios valores e das infinitas possibilidades do desenvolvimento das virtudes do comum, dentro dos novos caminhos da democracia, dentro de uma representatividade não tradicional, já que esta somente originou nos líderes sociais uma patologia de natureza megalomaniaca,

que somente procurou a perpetuação dos privilégios e das classes sociais às quais, eles, em seu afã pessoal, pretendiam chegar ou pertencer. Pelo menos esta é a parte triste do papel histórico dos partidos políticos.

A popularização da tecnologia cibernética e informática é cada dia mais um fato real, vêm-se promoções nos supermercados de computadores, impressoras a laser e demais elementos complementares, os programas de comunicação pela ciber-via, acabarão com o correio tradicional e com os demais mecanismos de comunicação interpessoal, cada vez mais a capacitação, até para os ofícios mais elementares, passa pela informatização e até pela automatização; porteiro, servente, segurança, caixa e pouco a pouco todos os outros ofícios terão que, necessariamente, passarem a ser informatizados, é assim, que esta tecnologia de maneira acelerada vai filtrando-se para o comum, se bem que em benefício da burguesia e de sua comodidade, que indefectivelmente passará também ao serviço do comum, do povo raso, na solução de seus problemas, na apropriação criativa e para uma cotidianidade informatizada.

## **V.7 MUDANÇA ESTRUTURAL DA SOCIEDADE**

Os políticos, se por um lado têm o grande desafio de encontrar soluções para o problema do desemprego massivo e galopante - estrutural - por outro, contam com a desconfiança das populações, que por muito tempo tem experimentado sua dupla natureza: uma que se manifesta antes da época eleitoral, do "exercício democrático" do voto e, outra, depois, quando já no exercício do poder surge o megalomaniaco que todos nós, os homens, temos dentro de nossa própria natureza.

Porque, isto do exercício do poder -preciso é colocar aqui - e das condutas humanas inesperadas - para chamá-las de algum modo - não é patrimônio unicamente dos políticos, vemo-las, expostas em todo tipo de pessoas, homens e mulheres, que a causa de seu ofício tem que exercitar alguma parcela de poder: policiais, porteiros, burocracia em geral, guardas de trânsito, unidades do exército, enfermeiras, médicos, curandeiros, capatazes, coordenadores de qualquer processo, professores, síndicos e não só esta gama de personagens, mas também de momentos, nos quais , por circunstâncias de momentânea superioridade, surge de nosso interior, esse competidor que se apropria de nossa natureza.

Nesses instantes da diária competição, nos quais nossos olhos brilham de satisfação, pelo fato de poder arrebatá-lo a alguém um lugar na fila diária, ofegantes e orgulhosos pelos pequenos triunfos nas peripécias diárias, fazendo as vezes de caçadores para não ser caçados, malabaristas motorizados, à espreita para evadir, para não serem batidos, para fugir de qualquer um , - que só espera, para aproveitar qualquer deslize nosso -, para buzinar, dar sinais, passar acelerando e mostrando a potência de seu carro, assinalando, de passagem, a nossa impotência e a inviabilidade, é assim que vemos a maneira pela qual o poder se exerce no micro da cotidianidade. Lembremos- nos da personagem, que sempre está ao nosso encalço, no exato momento no qual o farol passa da luz vermelha à verde, com sua buzina lembrando-nos de nossa lentidão e inoperância e destacando sua importância, vivacidade e esperteza.

Concluindo que de pretender-se uma mudança, esta não será só dos estamentos administrativos do poder e das classes no poder e sim de toda a sociedade, uma mudança estrutural, cujo sentido seja de baixo para cima, isto é, do sentido imediato do cotidiano para a construção do Projeto Social; Terá que se operar uma mudança ou cambio estrutural na nossa interioridade, já não em

função da competitividade e sim da cooperação, já não em função do lucro e sim da gratuidade, agora dentro do espírito lúdico, longe do pragmatismo, em procura do gozo do mundo da vida e não na busca de paraísos longínquos, de duvidosa existência, já não em função de uma democracia baseada no voto e na representatividade e sim no exercício direto da opinião pessoal e do controle da gestão administrativa - mediante o uso adequado da tecnologia da informática - dentro de uma representatividade vigiada, controlada e inibida de suas tendências burocráticas.

Este processo psico-político e cultural de câmbio só poderá ter início mediante o desenvolvimento da Criatividade e da Criticidade populares, tarefa a ser cumprida pelos diferentes movimentos sociais, que partam do micro-social para o nacional, e aqui o papel do intelectual é prioritário, por quanto seu papel libertador, será o de iniciar o processo criativo e crítico ao estilo da chamada Pesquisa Participativa ( Fals Borda, Rodrigues Brandão ), mas atrevendo-se a ir um pouco mais além, à base mesma do conhecimento, isto é, aos processos mesmos da construção do conhecimento, aos processos lúdicos da criatividade, pois de nada serve o conhecimento objetivo órfão da capacidade crítica que o desenvolvimento criativo traz.

Primeiro é o desenvolvimento perceptual e os níveis do desenrolar crítico inerentes, e logo o desenvolvimento das técnicas e o uso das tecnologias-para o caso, monitoradas pelo computador - gerando-se esforços à altura dos tempos, posto que se trata de acompanhar o desenvolvimento tecnológico não de nega-lo -, como de pronto pode chegar a ser entendido neste trabalho - posto que esta tecnologia eletrônica, aceleradora de todos os processos, deve ser conhecida, utilizada e desenvolvida em função do interesse popular, das maiorias.

A aparição da cibernética e da computação marcam a entrada numa

época, que bem pode ser chamada de Pós-capitalista, por quanto esta tecnologia rompe definitivamente as formas da produção capitalistas - na sua aceleração - seus processos e relações de trabalho, transformando também seus atores, o capitalista e o trabalhador, e incidindo definitivamente na forma de ver e de sentir o mundo, abrindo o espaço para uma nova cultura, que está por ser construída.

Hoje o capitalista deixou de ser o industrial nacional, atento aos altos e baixos da política nacional e passou a ser o agente de alguma transnacional, atento as diretrizes ditadas pelos seus superiores do mercado internacional, ao qual se encontra irremediavelmente atrelado; de outra parte, dentro dos processos daquilo que lhe corresponde fabricar, a mão de obra tende a ser eliminada, com o qual, sua relação com o operário, passa a ser alheia ao processo mesmo da produção; a relação do patrão com o trabalhador esta passando a ser um fato da história do capitalismo, geradora sim, das novas formas da economia e das novas caras do capital e da riqueza, assim, a ideologia burguesa tente desconhecer a importância e o papel decisivo do trabalho e do trabalhador na construção deste novo mundo, que nos surge.

Sem a riqueza produzida pelo operário - riqueza acumulada - não seria possível o avanço da técnica, e também não a construção do capital internacional, a estruturação do mercado global atual, e por desgraça também o empobrecimento crescente das massas, tudo isto produto do roubo da riqueza que Marx chamou de maisvalia.

Prescindir do operário como se prescinde de uma máquina obsoleta e também de indivíduos desnecessários dentro dos níveis meios e altos das empresas - estes também substituídos por máquinas inteligentes - é o comum dentro da reengenharia industrial, alcançando assim o desemprego, às classes médias e aos estamentos da gestão empresarial; neste último caso se fala de

recolocação, por quanto estes diretivos empresariais desempregados tem no momento, mecanismos de solidariedade de classe, os quais permitem-lhes uma certa mobilidade horizontal, em tanto que os despedidos das linhas de produção de fato descem do nível social que tinham como trabalhadores, produtores de riqueza, pessoas com algum projeto de vida e principalmente sustentadores do precário equilíbrio familiar.

## V.8 OPINIÃO E CULTURA

Na atualidade, o desafio para os governantes é o de manter para seus governados o direito ao trabalho; esta necessidade social frente à tecnologia da automatização inevitavelmente será substituída por outros direitos mais preeminentes, como serão o direito ao desenvolvimento cultural, próprio, único e inevitável, o direito à construção de um projeto social do grupo específico de que se trate, o direito ao desenvolvimento criativo, crítico e racional de todos os homens, o direito a preencher o espaço e o tempo com atividade humana em função do exercício e da solução dos interesses, ilusões e utopias tanto dos indivíduos como dos grupos sociais.

Do anterior, sem desconhecer e antes utilizando criticamente esta tecnologia eletrônica, que está acabando com o processo capitalista analisado por Marx, o povo terá que encontrar as formas para a eliminação da miséria e da fome, produtos históricos, que hoje campeiam no mundo todo, pois somente o povo, e suas pressões frente ao estado, reverterão tal fato.

A apropriação por parte do povo da informática e da cibernética levarão à elevação dos níveis comuns da elaboração da realidade, que por conseguinte trarão a possibilidade de novas formas de enfrentar a realidade.

Ao povo se lhe tem convencido de que sua pobreza material é o efeito de várias causas: sua natural preguiça, sua falta de projeção e planificação, sua falta de inteligência para desfrutar a riqueza, as comodidades e os prazeres das artes, sua escassa moralidade sua incapacidade de aprender e de se disciplinar, sua rebeldia e suas potencialidades e tendências ao crime e à imoralidade.

Este labor de convencimento está dando seus frutos, o povo mostra marcada apatia para seus valores, suas formas de expressão e o que ainda resta de sua cultura e de suas tradições, ele se encontra culpável de sua sorte e acha que as classes ricas não têm porque sacrificar sua riqueza em função das soluções dos problemas de pessoas de tão escassa valia, esta forma de sentir e de pensar é produto da desesperação, ante a qual somente a explicação divina do castigo neste mundo e a origem divina das desigualdades pode dar conta; a desestruturação desta ideologia e a tarefa da qual se deve começar para conseguir uma reconstrução moral do povo.

Uma outra coisa bem diferente destas cargas negativas que se têm colocado tradicionalmente ao povo, são as inerentes ao comportamento das massas como tais, nas quais a emotividade mais primária determina sua ação; Gabriel Tarde (1901) elabora um estudo destas condutas sociais, que sendo naturais da massa, denominadas de condutas patológicas, e que nas praças públicas os políticos se encarregam de exacerbá-las em função de seus interesses.

Gabriel Tarde dedica seu trabalho, às análises da natureza íntima das massas, partindo de pressupostos tais como o efeito da imitação, efeito que segundo a rapidez de sua difusão, como por exemplo no caso da moda, tende a difundir-se, a generalizar-se, a homogeneizar-se como tudo na natureza.

Para o caso, com a rapidez da comunicação atual pareceria que este fosse um acerto deste autor, porque hoje não só se levam estereótipos de uma ponta a outra do planeta, sem não que também se impõe o consumo de determinadas idéias, éticas e morais, à maneira da imposição consumista, desta maneira a opinião não é um produto original de ninguém, assim esta surge na cabeça de algum indivíduo, somente se está manifestando deste jeito, mas de

fato é uma idéia que cresce graças à difusão e ao efeito interativo da mídia.

Para Tarde as idéias estão no mundo da natureza e ação humana radica em descobri-las socialmente, não em inventá-las, já que para Tarde a invenção não existe.

A interioridade do indivíduo social para Tarde não existe, só existe a possibilidade do indivíduo encontrar-se com uma idéia, que, se aceita socialmente, e pelo número de possibilidades, pode se chegar a impor. Este autor é claro ao afirmar a imersão total do indivíduo humano na natureza, negando-lhe a este sua específica condição humana; a humanidade não existe para Tarde.

O papel dos "autores de opinião" é simplesmente o de ser elementos de manifestação de um elemento subjacente na natureza e que por seu meio se manifesta, para ser evidenciado na sociedade e ali competir com outras idéias igualmente válidas e igualmente tiradas para a corrente da vida social.

Para Tarde, o efeito da imitação seria o que permitiria tanto a imposição de uma idéia, quanto a formação mesma da sociedade, posto que se uma idéia se impõe num momento dado, é porque ela representa o desejo de um número majoritário socialmente, isto é que tanto o efeito de imitação quanto a proliferação da idéia, como manifestação do desejo, são os dois eixos de manifestação da hegemonia na opinião pública, dando-se assim a possibilidade da mudança de idéias e de opiniões, pois no fluir natural da vida e na tendência homogenizadora que a tudo embaça está a possibilidade do câmbio.

Essa homogeneização no caso da opinião, segundo Tarde, levará indefectivelmente à estruturação de uma opinião universal, dada a velocidade nos meios de propagação das idéias, aceleração que começou com a aparição do

processo industrial, dentro do qual a propagação das idéias e invenções se realizou com uma rapidez nunca antes lograda, começando a se dar assim o processo propriamente universalizante, globalizante, diríamos hoje.

Desta maneira a moda recoloca ao costume e à tradição começando uma outra construção cultural baseada no câmbio pelo câmbio, até chegar a situações de apatia ou atitudes "blasé" como foram chamadas por George Simmel falando-nos duma outra patologia, a do ser urbano, no qual a aceleração, as mudanças e incentivos levam a uma atitude de desdém; o fluxo da vida urbana, o fluir incessante de sinais, leva à anestesia da consciência.

Para Tarde a velocidade ideal para a difusão das mudanças, das modas e das idéias é a do cérebro humano, isto é, que Tarde pensa a humanidade como um grande elo cerebral, de cuja perfeição chegará o dia em que a comunicação tenha tal velocidade, que a mudança de opinião se dê com a mesma velocidade com que o cérebro humano realiza estas mudanças na sua interioridade.

De passagem, há que mostrar que esse ideal Tardiano já se está cumprindo de uma certa maneira, pelo menos no que tem a ver com a difusão das idéias e com a conformação de opinião, assim, de outra parte, a proliferação de corpúsculos sociais parece demonstrar o contrário, isto é a impossibilidade da homogeneização da opinião, das idéias e das culturas.

## **V. 9 NOVAS FORMAS DO POLÍTICO**

Esses autores de opinião, os políticos e seus públicos baseiam seus relacionamentos em mútuas chantagens, cuja obscuridade só vem a ser presente,

no momento no qual é impossível esconder os benefícios que o exercício da representatividade traz.

Tanto políticos da direita, como da esquerda, são claros, com respeito à incerteza que embarga a relação entre representantes e representados nos ecossistemas políticos atuais denominados de democráticos.

As patologias da dependência - no caso dos de baixo -e dos manejos do poder - no caso dos representantes eleitos pelo voto, nas democracias- têm levado à deterioração da confiança partidária, do sistema de eleição por voto e da democracia baseada no exercício eleitoral.

Uma apatia geral da sociedade frente aos apelos da classe política e ante a inoperância destes, na solução dos problemas reais da cotidianidade popular, tem tomado conta da grande massa com possibilidades de eleição.

Em países latino-americanos, nos quais a lei não obriga à participação eleitoral, esta chega a índices irrisórios, nos quais baseiam sua legitimidade os políticos que chegam ao poder; em países como o Brasil, nos quais o voto é obrigatório, registram-se fenômenos como o voto-protesto e o voto em branco, o voto nulo, estes cada vez em maior quantidade e como reação frente à obrigatoriedade do voto e a insatisfação e o desprestígio dos políticos.

Esta crise da democracia formal, agravada pelo desemprego estrutural e pela falta de possibilidade de projeção de sociedades inteiras, classes sociais, países e indivíduos, conforma um paradigma, a partir do qual, terá que a sociedade civil que emerge, com suas novas formas , projetos e lutas, replantar a democracia, uma democracia ciber- participante.

Este momento de crise está marcado e determinado pela transnacionalização, na ordem do econômico e pela globalização na ordem do cultural, fenômenos estes, intimamente ligados e com os quais temos de contar para a estruturação de qualquer projeto, sejam estes individuais, locais, municipais ou nacionais.

A crise no sistema político baseado na representatividade e de outro lado, a emergência da informática e da robotização nos processos industriais gerando o desemprego estrutural (Shaff), e a eliminação das bases culturais do capitalismo como tal - no relacionamento do ser humano com seu posto de trabalho, com o seu salário e com o seu projeto de vida, baseado nestes pressupostos - marca indelevelmente este momento da humanidade.

De outra parte, a popularização da tecnologia da informática - como já foi dito - e a incidência desta em todas as ciências e também no político, é um elemento a mais, que abre possibilidades nunca antes previstas para o exercício da vontade popular e também para o controladas gestões do poder no micro dos municípios e também no nacional e no global, através da formação de redes de computadores por interesses ou níveis de interesses, etc.

Este momento histórico está marcado pelo acercamento íntimo , entre política e cultura, uma expressão da outra, por quanto as formas do político são expressão da cultura dos povos, vista esta como o processo criativo das respostas humanas ante o mundo dado.

Novas formas do relacionamento social estão surgindo, não só na realidade - real da cotidianidade, mas também e especialmente na chamada realidade virtual e na interação cibernética.

## **.V. 10 GLOBALIZAÇÃO, CRIATIVIDADE E DEMOCRACIA REAL**

De outro lado, os governantes dos países centrais: E.U.A., Japão, Alemanha, Canadá, Itália, Grã Bretanha e França, urgidos pelo desemprego crescente dentro de suas fronteiras, por um lado, e por outro pêlos apelos dos industriais ante suas necessidades de barateamento de processos industriais frente à competitividade transnacional, optam pelo desenho de políticas de repartição da miséria dentro de seus países, abrindo para mais trabalhadores as possibilidades de trabalho, com o agravante de que, este trabalho, é apenas de horas, assim o que se consegue, é a repartição das horas de trabalho entre uma maior quantidade de operários, com o conseqüente aumento da pobreza da classe trabalhadora, menores salários, diminuição das possibilidades de negociação sindical e também menor proteção social.

Nos países periféricos, a situação não deixa de ser menos grave; em troca dos direitos obtidos pela classe operária e pela sociedade civil como um todo, os estados e as classes capitalistas locais, com vistas ao logro de sua subsistência no xadrez transnacional, entram também na moda da reengenharia industrial e dos acordos trabalhistas por fora das forças sindicais e das mesmas leis do trabalho, conformando assim um retrocesso histórico na historia da conformação da classe trabalhadora.

A classe operária, acossada pêlos fatos de natureza tão radical, se encontra na atualidade dedicada à luta pela salvaguarda de todos os direitos obtidos por meio de tenaz luta e especialmente pelo direito ao emprego, ao trabalho e à estabilidade no posto de trabalho, isto, frente às arremetidas dos capitalistas, acudados pelo mercado internacional e pela competitividade global.

Se antes o trabalhador lutava para diminuir o número de horas

trabalhadas, hoje, a luta é para ampliar, tanto as horas trabalhadas, como também ampliar o número dos empregados; da parte dos empregadores, as bandeiras são as demissões, o barateamento dos custos, a melhor qualidade dos produtos e a robotização.

Todas estas mudanças na ordem do social, e do político, não deixam de ter uma correlação com as mudanças paradigmáticas dentro do científico e do tecnológico, em seu mútuo relacionamento, dinâmico e auto-acelerado.

A transformação da ciência em meio da produção - o abandono de sua natureza analítica - a inter-relação da ciência, da técnica e da produção, a aceleração na quantidade e qualidade de informação, mediante a informática e seu desenvolvimento inusitado, a possibilidade cibernética da criação de outras realidades, a do espaço cibernético e a da realidade virtual, traz consigo novos problemas epistemológicos.

A automatização e a robotização dos processos de produção e de serviços, com sua conseqüente eliminação da mão de obra humana, trazem consigo o espectro da fome e da desesperação apocalíptica das massas de desempregados, tanto nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos, onde já aparecem massas famintas e desorientadas, órfãs de qualquer ilusão, sem possibilidade de melhorar sua situação.

Um outro aspecto, digno de menção, é a aparição em todo o globo de conflitos bélicos, com marcada inclinação racista, étnica e nacionalista

A emergência de grupos e movimentos de toda índole, nos quais parecera fragmentar-se a sociedade motivada pêlos mais insólitos e díspares

motivos, a colocação em marcha do projeto globalizante e de suas pretensões de homogeneização cultural coadjuvados pelos princípios da consolidação a nível mundial da produção, do consumo e do manejo transnacional dos mercados através do alinhamento dos países em blocos, ou clubes distinguidos pela sua capacidade na geração de idéias, de produção tecnológica de ponta, de produção de bens de consumo, ou simplesmente de países absolutamente pobres e sem peso algum na balança do lucro internacional, são os dois pólos do momento social, expressões do conflito humano de hoje.

A eliminação - procurada pelo capital desde seu começo e como algo próprio de sua natureza - das diferentes expressões culturais e de sua dinâmica conflitante, é agora mais evidente, na globalização, esta, como um produto da incidência nos processos da comunicação, dos fatores, um do uso dos satélites e outro do uso da comunicação eletrônica e dos computadores, da cibernética e sua incidência na mass-mediação e em particular pela inclinação para a homogeneização por parte da economia global.

Estas tendências atuais aparecem ao imaginário popular como as únicas possibilidades de ver o mundo e de viver nele, e suas verdades como as únicas possíveis fundadoras de um projeto sem projeção futura, marcado pelo estereótipo do tempo presente e do espaço cibernético infinito, e das realidades virtuais, tudo isto como um novo conjunto de produtos já prontos, para o consumo das massas, auto-esgotando assim as mesmas possibilidades críticas e criativas do mesmo projeto globalizante e seu desenvolvimento.

Não estamos contra de todos estes desenvolvimentos tecnológicos da humanidade e sim, por seu uso crítico e criativo, para o qual, é preciso o desenvolvimento destas aptidões comuns, desde as escolas infantis, dentro de marcos disciplinares alheios à docilidade e à obediência, priorizando aptidões de

cooperação e de muito respeito.

Desta maneira, se poderá realizar a utopia democrática; de baixo para cima, os movimentos populares poderão exercer os controles do poder no futuro, e pelo menos essa seria a utopia a construir.

É verdade que a popularização e confluência da criatividade, crítica e tecnologia eletrônica, pareceram coisa de um futuro incansável, sem embargo, dadas as acelerações de todo tipo próprias da época, é de esperar-se que essa apropriação popular seja um fato nos começos do século que se inicia.

Este fato seria, sem dúvida, o paradigma mais marcante desta época que se inicia, já que essa apropriação popular, será o começo de um progresso real da humanidade, não previsto, revolucionário, tanto nos níveis de vida, como no avanço do conhecimento não objetivo do comum e de sua aplicação não objetiva, não pragmática e construtora da utopia do gozo do mundo e da vida, do desenvolvimento da razão humana, e em últimas, do crescimento harmônico do homem na natureza, uma harmonia assim imaginada por Spinoza.

Magia e poesia serão o norte dos movimentos populares, ou simplesmente dos agrupamentos sociais, cuja presença fundamental estará dada na construção simbólica, dentro do mapa da espécie humana; desta maneira, a presença cultural e simbólica de cada grupo social será tão necessária como parte de um sistema simbólico total, digamos global.

A autogestão popular, mediante as redes de interesse, a nível de novas unidades administrativas, que agora, não determinadas por sua localização e delimitação geográfica e sim por seu interesse, pelo seu grau de interesse ou pelo objeto mesmo de sua atenção particular, a mais de permitir o exercício de uma

democracia real, teria que por força, mudar a fisionomia do Estado e sua própria natureza, atendendo pelo menos a um sentido de sobrevivência da espécie.

"Por lógica extensión, el principio ético de supervivencia se transforma en un sentido de complacencia y armonía. La supervivencia es "buena" para el individuo, para la especie y, en última instancia para todo lo viviente. Como decía Locke, en un desarrollo de esta hipótesis: "Las relaciones entre los individuos y grupos que se hallan en contacto, deben por ello, para ser "buenas", conducir a la supervivencia de todos los interesados". Nos encontramos entonces frente al principio general: la probabilidad de supervivencia individual o de grupos de seres vivientes se incrementa con el grado en que se adaptan armónicamente entre sí y el ambiente. Ésta es la posición totalmente opuesta al principio ético basado en la ley de la selva" (SIMPSON,1987, p. 236 )

## CONCLUSÕES

A primeira conclusão que podemos destacar nesta pesquisa refere-se à presença sempre necessária da criatividade, entendida como característica essencial de todos os seres humanos, nesse sentido, é impensável uma mudança da Humanidade, sem seu concurso. Essa criatividade, presente no homem comum e instrumento permanente da sua vida cotidiana traz consigo, entre outras coisas, a possibilidade de extravasar dos limites da cotidianidade individual e se tornar força construtora de uma democracia real que terá como característica principal a participação de todos os indivíduos sociais.

Uma outra conclusão refere-se a responsabilidade do indivíduo na sua qualidade consciente de ator histórico que perante os desafios das condições atuais, problemática social jamais pressentida, a necessidade premente de assumir a “Responsabilidade” junto à natureza, que junto ao “respeito pelo outro”, tornam-se categorias fundadoras de uma possível ética política, que não só tem o ser humano como objeto, senão que considera a ação do homem estreitamente vinculada à natureza.

Responsabilidade e respeito pelo semelhante, no caso da espécie humana, têm a ver com a gratuidade e com os processos próprios da Criatividade: estas opções humanas são construídas sobre as estruturas naturais características comuns dos animais e a partir das quais, o mesmo homem constrói as suas próprias estruturas; esse evento permitiu o surgimento da razão e a emergência da Verdade, da Bondade, da Beleza e da Espiritualidade.

Com o surgimento da razão objetiva, do pragmatismo e de seu êxito no crescimento tecnológico vem o desencantamento e o fracasso do paradigma da

razão; essa situação não somente abre o espaço para novas posturas frente à vida, quanto mostra a urgência pela construção de uma imagem do homem espelhada necessariamente no “outro” e na natureza.

Muitas são as pessoas que hoje se dedicam a essa busca, a maioria situam-se no horizonte da mística, onde acredita-se, ser possível, achar os rumos perdidos: iludidos com a materialidade e com o consumismo dão um salto à espiritualidade tentando, desde esse lugar, construir o novo homem; acreditamos buscar a mesma meta, embora pelos caminhos da materialidade humana concreta, da qual partimos, para, com os mesmos processos com os quais ela se formou, tentar atingir os níveis críticos que a humanidade precisa.

Somos conscientes de que a transformação da realidade social atual deve ser realizada, a partir, da estruturação de um paradigma diferente ao paradigma da razão pragmática e da dicotomia sujeito-objeto. Como resposta possível, dentre outras, surge no horizonte das idéias uma nova possibilidade epistemológica, fundada na unidade de três fatores: o sujeito, o objeto e a relação entre eles, caracterizando-se desta forma o espaço da dinâmica homem-realidade e sobre a qual, pensarmos, si possível, erigir uma metodologia para o desenvolvimento da criatividade social.

Quanto às definições específicas dessa nova metodologia, novos estudos da ciência da criatividade, poderão dar conta. A criatividade, entretanto, não poderá ser dispensada como força orientadora da futura ação do homem, que visa a sua progressiva emancipação, atrelada a sua responsabilidade ética junto a natureza e aos outros homens.

## BIBLIOGRAFIA

- ARENDDT, HANNAH, **"The Human Condition"**. Chicago: Edit. The University of Chicago Press, 1987.
- BARBERO, JESÚS MARTIN, **"De los Medios a las Mediaciones"**. México: Edit. G. Gili S. A., , 1987.
- , **"Procesos de Comunicación y Matrices de Cultura, Itinerario para salir de la razón dualista"**. México Edit. G. Gili S. A., , s.d.
- BARBOSA, ANA MÃE. **"Teoria e Prática da educação artística"**. São Paulo: Edit. Cultrix, 1984.
- BAUDELAIRE, CHARLES. **"Filosofia da imaginação criadora"**. In **"Obras Estéticas"**. trad. de Edson Darci Heldt. Petrópolis (RJ): Edit. Vozes, 1939.
- BENEDICT, RUTH. **"Padrões de Cultura"**. Lisboa: Edit., Livros do Brasil, 1986.
- BENJAMIM, WALTER. **"Um Lírico no Auge do Capitalismo"**. In **"Obras Escolhidas Vol. III"**. São Paulo: Edit. Brasiliense, 1989.
- , **"El arte en la época de la reproducción técnica"**. In **"Escritos interrumpidos"**. Madrid: Edit. Taurus, 1978.
- BERGER, P. , LUCKMANN, T. **"A construção social da realidade"**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BRANDÃO, C. **"Pesquisa participante"**. São Paulo: Edit. Brasiliense, 1987.
- , **"O que é educação"**. São Paulo: Edit. Brasiliense, 1984.
- , **"Somos as águas puras"**. Campinas (SP): Papirus, 1994.
- BRUNNER, JEROME. **"Realidad Mental y Mundos Posibles"**. Barcelona: Edit. Gedisa, 1988.
- BRYAN, NEWTON ANTONIO PACIULLI. **"Educação, trabalho e tecnologia"**. Tese de doutoramento, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1992.

- CARDOZO, OLIVEIRA, ROBERTO. **"Pós - Modernidade"**. Campinas (SP): Edit. Unicamp, 1990.
- CASA DA MOEDA. Enciclopedia Einaudi. N° 20, Lisboa: Imprensa Nacional, 1989
- CASTELLS, MANUEL. **"La Cuestión Urbana"**. México: Siglo XXI Edit., 1988.
- CASTORIADES, CORNELIUS. **"A instituição imaginaria da sociedade"**. Rio de Janeiro: Edit. Paz e Terra, 1975.
- , **"Los dominios del hombre"**. Barcelona: Edit. Gedisa. 1988.
- CESTAU, MICHEL de. **"A invenção do cotidiano"**. Petrópolis: Edit. Vozes, 1994.
- CHAUCHARD, PAUL. **"El cerebro y la mano creadora"**. Madrid: Edit. Narcea, 1963.
- CHAUÍ, MAILENA. **"Cultura e Democracia"**. São Paulo: Edit. Cortes, São Paulo, 1989.
- CLASTRES, PIERRE. **"A sociedade contra o Estado"**. trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Edit. Fco. Alves, 1978.
- DORFLES, GILLO. **"Últimas tendencias del arte hoy"**. Barcelona: Edit. Labor, 1969.
- DURANT, GILBERT. **"La Imaginación Simbólica"**. Buenos Aires: Edit. Amorrurtu, 1968.
- ETIENNE, MARCEL. **"Os mestres da verdade na Grça arcaica"**. Rio de Janeiro: Zahar Edit., 1978.
- FALS BORDA, ORLANDO. **"Conocimiento y Poder Popular"**. Bogotá: Edit. Presencia, 1985.
- , **"Las revoluciones inconclusas en América Latina 1809-1968"**. México: Edit. Siglo XXI, 1ra. edición, 1968.
- FINGERMAN, GREGORIO. **"El juego y sus proyecciones sociales"**. Buenos Aires: Edit. El Ateneo, 1970.
- FOUCAULT, MICHEL. **"Microfísica do Poder"**. Rio de Janeiro : Edit Graal, 1981.
- FREIRE, PAULO. **"Pedagogia do Oprimido"**. Rio de Janeiro: Edit. Paz e Terra,

1983.

FUNARI, PEDRO PAULO. **"Cultura popular na antiguidade clássica"**. São Paulo: Contexto, 1989.

GADAMER, H. GEORGE. **"La actualidad de lo bello"**. Barcelona: Edit. Paidós, 1991.

----- **"Verdad y Método: fundamentos de una Hermenéutica filosófica"**. Salamanca: Editorial Sigueme, 1991.

GARCÍA CANCLINI, NESTOR. **"A socialização da Arte"**. São Paulo: Edit. Cultrix, 1984.

----- **"As culturas populares no capitalismo"**, Rio de Janeiro: Edit. Brasiliense, 1983.

----- **"Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização"**. Rio de Janeiro: Edit. UFRJ, 1995.

GEERTZ, CLIFFORD. **"Interpretação das Culturas"**. Barcelona: Edit. Guanabara, 1989.

GILES, THOMAS ROMSOM. **"História do existencialismo e da fenomenologia"**. São Paulo: Edusp, .

GOFFMAN, ERWING. **"La presentación de la persona en la vida cotidiana"**. Buenos Aires: Edit. Amorrortu, s/d.

GOLDMAN, LUCIEN. **"Crítica e Dogmatismo na Cultura Moderna"**. Rio de Janeiro: Edit. Paz e Terra, 1973.

----- **"A Criação cultural na sociedade moderna"**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

----- **"A organização cultural na sociedade moderna"**. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1972.

GRAMSCI, ANTONIO. **"Os intelectuais e a organização da Cultura"**. Rio de Janeiro, Edit. Civilização Brasileira, 1979.

----- **"Concepção Dialéctica da História"**. Rio de Janeiro: Edit. Civilização Brasileira, 1978.

- GREGORI DE, WALDEMAR. **"A cibernética Social"**. São Paulo: Edit. Cortez, 1984.
- HABERMAS, JÜRGEN. **"Conhecimento e interesse"**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- , **"El discurso filosófico de la modernidad"**. Buenos Aires: Edit. Taurus, 1989.
- , **"Teoría de la acción comunicativa, complementos y estudios previos"**. Madrid: Edit. Cátedra, 1989.
- , **"La modernidad, un proyecto incompleto"**. Barcelona: Edit. Kairós, 1985.
- HALL, STUART. **"A Questão cultural"**. In **"Textos Didáticos"**, Nº 18-dezembro de 1995. IFCH/UNICAMP, Campinas (SP).
- HAUSER, ARNOLD. **"Historia social de la literatura y el arte"**. Madrid: Edit. Guadarrama, 1969.
- HEIDEGGER, MARTIN. **"Que é a Metafísica?"**. Buenos Aires: Edit. Fondo de Cultura, 1980.
- HELLER, AGNES. **"O Cotidiano e a História"**. Rio de Janeiro: Edit. Paz e Terra, 1980.
- , **"Historia y vida cotidiana (aportación a la sociología socialista)"**. Barcelona: Edit. Grijalbo, 1972.
- , **"La revolución de la vida cotidiana"**. Barcelona: Edit. Península, 1982.
- , **"Sociologia de la vida cotidiana"**. Barcelona: Edit. Península, 1982.
- HOBBSAWM, ERIC. **"Era dos extremos: o breve século XX 1914- 1991"**. tradução Marcos Santarvita. São Paulo: Edit. Companhia das Letras, 1995.
- HORKHEIMER M, ADORNO T.W., **"Dialéctica del Iluminismo"**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica: 1970.
- HUIZINGA, JOÃO. **"Homo Ludens"**. São Paulo: Edit. Perspectiva e USP, 1971.
- IANNI, OCTAVIO. **"Ensaio de Sociologia da Cultura"**. Rio de Janeiro: Edit. Civilização Brasileira, 1993.

- , **"Imperialismo e Cultura"**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1976.
- , **"Ensaio de Sociologia da Cultura"**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- , **"Revolução e Cultura"**. Rio de Janeiro: Edit. Civilização Brasileira, 1983.
- , **"La Sociedad Global"**. Rio de Janeiro: Edit. Civilização Brasileira, 1993.
- , **"O Labirinto Latino-Americano"**. Campinas (SP) : Gráfica do IFCH da UNICAMP, Cadernos Primeira Versão No. 50, 1993.
- JUNG, CARL G. **"O homem e seus símbolos"**. Rio de Janeiro: Edit. Nova Fronteira, 1968.
- KANT, EMMANUEL. **"Crítica de la Razón Pura"**. Buenos Aires: Edit. Losada, 1938.
- KERFERD, G. B. **"The Sofistic Movement"**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- KONDER, LEANDRO. **"O Futuro da Filosofia da praxis, o pensamento de Marx no século XXI"**. Rio de Janeiro: Edit. Paz e Terra, 1986
- LAKATOS, I. & MUGRAVES, A. (eds). **"Crítica y Conocimiento"**. Madrid: Edit. Grijalbo S. A., 1973.
- LANDGREBE, LUDWIG. **"El camino de la fenomenología. El problema de la experiencia originaria"**. Buenos Aires: Edit. Suramericana, 1968.
- LEACH, EDMUND. **"Un mundo en explosión"**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1967.
- LEVI STRAUSS, CLAUDE. **"O pensamento Selvagem"**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.
- , **"Antropologia Estrutural II"**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1987.
- , **"O pensamento selvagem"**. trad. Celeste da Costa e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d.
- LUKACS, GIORGY. **"História e Consciência de classe"**. Porto: Publicações

- Escorpião, 1974.
- , **“Introdução a uma Estética Marxista”**. Rio de Janeiro: Edit. Civilização Brasileira, 1970.
- LURIA, ALEXANDRE. **“Desenvolvimento Cognitivo”**, São Paulo: Edit. Icone, 1990
- MANNHEIM, KARL. **“Ideologia e utopia”**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- MARX, KARL. **“El dieciocho brumario de Luis Bonaparte”**. Buenos Aires: Editorial Anteo, 1972.
- MARX, KARL E ENGELS, FRIEDRICH, **“O manifesto Comunista”**. 5a edição. São Paulo: CHED, 1984.
- , **“A Ideologia Alemã”**. São Paulo: Edit. Grijalbo, 1980
- MAUSS, MARCEL. **“Sociologia e Antropologia”**. trad. Lamberto Pucinelli. São Paulo: Edit. Pedagógica Universitaria e Edusp, 1974.
- MERLEAU, PONTY. **“Fenomenologia da Percepção”**. Rio de Janeiro: Edit. Freita Bastos, 1971.
- MICHELS, ROBERT. **“Los partidos políticos”**. Buenos Aires: Edit. Amorrurtu, 1962.
- MORIN, EDGAR. **“O Método”**. Lisboa: Edit. Europa - América, 1980. Vol. IV.
- MORIYÓN, F.G. (org.). **“Educação Libertaria, Bakunin, Kropotkin, Melle, Robin, Faure, Pelloutier”**. Porto Alegre: Edit. Artes Médicas, 1989.
- MUGLIA WESCHLER, SOLANGE. **“Criatividade, descobrendo e encorajando”**. Campinas (SP): Edit. Psy, 1993.
- MUNIZ REZENDE, ANTONIO. **“Concepção Fenomenológica da Educação”**. São Paulo: Edit. Cortez, 1990.
- MUÑOZ, JOSÉ ADOLFO. **“La antropología fenomenológica de Merleau Ponty”**. Madrid: Edit. Fraguara, 1975.
- NOGUEIRA, ALCÁNTARA. **“O Método Racionalista - Histórico em Spinoza”**. São Paulo: Edit. Mestre Jon, 1976.

- OFFE, CLAUS. **"Capitalismo desorganizado"**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- OLIVA DE COLL, JOSEFINA. **"La resistencia indígena ante la conquista"**. México DF, Edit. Siglo XXI, 1976.
- ORTEGA Y GASSET, JOSÉ. **"La Rebelion de las Masas"**. Barcelona: Edit. Revista de Occidente, 1964.
- PAZ, OCTAVIO. **"Convergências, ensaios sobre arte e literatura"**. Rio de Janeiro; Editorial Rocco, 1991.
- PIAGET, JEAN. **"A situação das Ciências do Homem no Sistema das Ciências"**. Paris: Edit. Livraria Bertrand, 1970.
- , **"Les relations entre l'affectivité et l'intelligence dans le developpement mental de l'enfant"**. La Sorbone, Paris: Centre de documentation Universitarie, 1954.
- , **"La Formation du Symbole chez l'enfant"**. Paris: Ed. Delachaux et Niesth, 1945.
- , **"Intoduction à l'epistemologie genetique"**. Paris: Ed. Press Universitaires de France, 1950.
- , **"Les Mecanismos Perceptifs"**. Paris: Ed. Press Unversitaries de France, 1961.
- , **"Estudos de Psicologia"**. Rio de Janeiro: Edit. Forense, 1973.
- POPPER, KARL R. **"Conhecimento Objetivo"**. São Paulo: Edit. USP, 1975
- RICOEUR, PAUL. **"Hermenéutica y Acción"**. Buenos Aires: Edit. Docencia, 1985.
- , **"O conflito das interpretações, ensaios de hermenêutica"**. Rio de Janeiro: Edit. Imago, 1969.
- , **"Teoria e interpretação"**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- ROMEYER - DHERBEY GILBERT. **"Les Sophistes"**. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.
- ROJAS NIÑO, CARLOS GUILLERMO. **"Uma aproximação à criatividade e à**

- criticidade do comum**” Dissertação de Maestrado, F. E. UNICAMP, 1994
- RUSSELL, BERTRAND. **“A perspectiva científica”**. trad. João Baptista Ramos. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1956.
- , **“O poder”**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- SANDERS PIERCE, CHARLES. **“Semiótica”**. trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Edit. Perspectiva, 1977.
- , **Coleção “Os pensadores”**. São Paulo: Edit. Abril Cultural, 1980.
- SCHUTZ, ALFRED. **“Individuos e Sociedades, Fenomenologia e relações sociasis”**. s/l, s/d
- SIMMEL, GEORGE. **“Estudios sobre las formas de socialización”**. Madrid: Edit. Alianza Universidad de Madrid, 1977.
- “Sociologia”**. São Paulo: Edit. Atica, 1983
- SIMPSON, GAYLORD GEORGE. **“El Sentido de la Evolucion.”** Buenos Aires, Edit. Universitaria, 1987
- SPINOZA, BENEDICTUS. **“Seis Ethica”**. trad. Livio Xavier. Rio de Janeiro: Edit. Athenas, 1937.
- , **“Tratado Político”**. trad. José Pérez. São Paulo: Edit. Cultura Moderna, 1936.
- STEINER, G. **“En el castillo de Barba Azul. Aproximaciones a un nuevo concepto de cultura”**. Barcelona: Edit. Gedisa, 1991.
- TARDE, GABRIEL. **“A opinião e as Massas”**. São Paulo: Edit. Martins Fontes, 1992.
- TODOROV, TZVETAN. **“A Conquista da América: a questão do outro”**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1983.
- UHLE, AGUEDA BERNARDETE. **“O exercício da docilidade, estudo da formação profissional no SENAC”**. Dissertação de Mestrado, Fac. de Educação, UNICAMP, 1982.
- , **“Comunhão leiga: o Rotary Club no Brasil”**. Tese de Doutorado, Fac. de Educação, UNICAMP, 1991.

VELHO, GILBERTO. **"Individualismo e Cultura, Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea"**. Rio de Janeiro: Zahar Edit., 1987.

VIGOTSKY, LEV SEMENEVICH. **"A formação social da mente, o desenvolvimento de processos psicológicos superiores"**. São Paulo: Edit., Martins Fontes, 1984.

WEBER, MAX. **"Economia y Sociedad"**. Buenos Aires: Edit. Fondo de Cultura Económica, 1992.

----- **"Os três tipos puros de dominação legítima"**. In Gabriel Cohn (org) "Weber". São Paulo: Editoria Ática, 1991.

WELLES, G.H., **"Historia Universal"**, s/e, s/d.